

MARCIA RUBIM



Adeus à
HUMANIDADE

O AMOR TAMBÉM CORRE NAS VEIAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Adeus à Humanidade

Marcia Rubim

Dedico este livro ao meu pai, Claudio Coelho Ribeiro de Almeida (in memoriam), que me transmitiu a paixão pelos livros.

Prólogo

Não importa a eternidade que leve até que se encontre o verdadeiro amor, e sim a intensidade com que o sentimos quando ele se manifesta em nossas vidas...

Um

A vida é mesmo uma coisa muito estranha...

Até bem pouco tempo, acharia graça se alguém me dissesse que eu moraria em São Paulo numa pensão humilde, contando moedinhas para inteirar as contas do mês e juntando as sobras de comida do dia anterior para fazer um sanduíche com um aspecto esdrúxulo.

Isso seria uma verdadeira piada, e de mau gosto.

Sou carioca e sempre morei bem perto da praia. O mar era uma paisagem constante em minha vida. Gostava de passar por ele todos os dias, nem que fosse somente para contemplar o seu poderio. Era imenso, misterioso, uma verdadeira força da natureza. Aquela brisa salgada sempre trazia uma esperança a mais, um acalanto, um sopro de vida.

Não me considerava uma patricinha, embora tivesse uma condição de vida bastante confortável.

Também nunca fui rica.

Eu tinha uma casa normal num bairro tranquilo, um quarto com suíte, um computador atual e algumas coisas supérfluas. Já cheguei ao cúmulo do luxo de possuir revistas periódicas, cujos lacres de correspondência, frequentemente, nem me lembrava de abrir.

Na verdade, não sentia falta de nada material, isso não me completava. Porém existia, sim, um vazio em mim, algum tipo de buraco, uma lacuna que não conseguia preencher.

Nessa época, eu beirava os vinte anos. Já tinha prestado vestibular para Nutrição e cheguei a pensar em outras profissões, entretanto, havia sempre uma dúvida. Nunca era aquilo o que eu queria, perdia literalmente o estímulo no instante em que conseguia passar pela primeira etapa.

Vivia, então, perdida entre cursinhos, aulas de inglês, espanhol e um curso de fotografia, que era, até o presente momento, o único *hobby* que me dava algum prazer. Não tinha, dessa forma, necessidade de trabalhar, mas passava praticamente o dia todo fora de casa a ponto de, por vezes, sequer perceber que não falava com a minha mãe ou com o meu irmãozinho mais novo havia dias.

À noite, quando chegava, acabava me trancando no quarto, ora para revelar as fotografias num ambiente que preparei exclusivamente para isso, ora para falar com a minha melhor amiga Anne por horas seguidas, pelo MSN.

Anne era a única amiga que eu considerava, aquela com quem sabia que podia me abrir e que inegavelmente me conhecia. Quer dizer, talvez jamais conseguisse desnudar a minha alma de uma forma tão explícita ou direta para alguém, mas, ainda assim, ela captava os meus sinais como se estivéssemos sintonizadas numa mesma frequência de ondas. Ondas de longo alcance.

Às vezes, eu parecia um peixe fora d'água. Sentia falta de ter um objetivo, de fazer planos para o futuro. Não fazia parte de lugar algum neste mundo. A vida não passava de uma mera rotina, sem graça, aguada. Era como beber uma cerveja choca. Tudo acontecia criteriosamente da mesma maneira, e todo o santo dia.

Nada mudava, inclusive eu.

No início, a relação com a minha mãe foi um tanto difícil. Não porque ela fizesse algo de concreto para que eu me sentisse assim. Não porque ela tivesse trocado o meu pai por outro homem com uma situação financeira pouco sólida. Na verdade, isso não me afetava muito, pois papai acabava enviando proventos suficientes para arcar com os meus cursos, coisas banais, e ainda sobrava para que eu a ajudasse nas despesas de casa quando havia necessidade. Talvez a culpa estivesse emaranhada em mim mesma. Talvez eu quisesse ter nascido diferente, um pouco mais parecida com ela. Não pelo lado emocional ou sentimental — nisso até que me julgava uma pessoa estável —, mas pelo aspecto físico mesmo.

Eu não era feia, apenas... comum.

Sabia que podia atrair muitos rapazes. Bem, digamos que não os mais bonitos. Entretanto, também não era isso o que me interessava, embora não soubesse especificamente o que buscava neles, ou se realmente queria buscar algo.

Mas cá entre nós...

Bem que gostaria de ter herdado aquele cabelo louro-acinzentado e encaracolado que mais parecia vir de um comercial de xampu, ao invés dessa lisura que mal segurava algum grampo...

Também poderia ter nascido com aquela pele sedosa. Isso me teria evitado tantos constrangimentos no início da adolescência, bem como todas as idas à dermatologista. E só Deus sabe que, por mais que ingerisse uma tonelada de comida, não conseguiria ter um corpo violão como o dela.

Minha mãe era uma diva, parecia que já havia nascido perfeita. Não foi à toa que por um longo tempo trabalhou como modelo fotográfico, dessas em quem ficamos babando quando vemos as novidades no mundo da moda ou em anúncios de maquiagem. Os seus olhos castanho-dourados eram o que mais chamavam atenção no seu rosto.

Jamais senti inveja dela, pelo contrário, tinha até muito orgulho. Só que havia horas em que ouvir certas comparações costumava ser bem difícil, principalmente quando a idade ainda não permite deletar aquilo que nos incomoda sem deixar de causar algum dano no subconsciente.

Ainda me lembro de um ano em que, quando voltava da escola — eu devia ter por volta de treze anos —, acabei ouvindo um comentário nada discreto entre duas conhecidas da minha mãe:

— Olhe só, Vera. Reconhece aquela menina que acabou de atravessar a rua agora? — disse uma delas em tom de reprovação, esquecendo-se de que os adolescentes em geral possuem boa audição.

— Não. Quem é? — A outra disfarçou, observando-me pelo canto dos olhos.

— Realmente, sem uma dica fica difícil mesmo. Ela não se parece em nada com a mãe. Às vezes, fico me perguntando se não é adotada, só que nunca tive coragem de conversar com a Rachel sobre esse assunto.

— Espere aí... Aquela é a Stephanie — mamãe sempre adorou essa coisa tosca de estrangeirismos nos nomes, inclusive o dela e o do meu pai —, a filha mais velha da Rachel? — perguntou, demonstrando evidente incredulidade.

— Sabia que você iria se espantar. E não é para menos...

— É, analisando bem, acho que você pode ter razão. É até engraçadinha, mas... — Torceu o nariz. — Você conhece o pai?

Um pequeno adendo: engraçadinha é o termo que as pessoas usam para tentar definir alguém que não tem muitos atributos físicos, mas que pode suprir a falta deles com simpatia ou educação. Ou seja, o meu caso.

— Conheço. Ele aparecia sempre no início das férias escolares e levava a filha para viajar com a família. Ultimamente, não o tenho visto — emendou, pensativa.

Não quis nem esperar para ouvir o restante da conversa. Eu não sou de ferro.

Certos comentários serviam de prato cheio para que eu cada vez mais me fechasse. Mamãe, coitada, não tinha culpa disso, só que inevitavelmente me sentia melhor quando passava os dias com o meu pai. E esses pequenos momentos se restringiam a apenas alguns dias das minhas férias, já que morávamos em países opostos e o trabalho dele era bastante importante dentro da medicina.

Meu pai é hematologista.

Não um nome qualquer dentre milhares por este mundo afora, mas o famoso Dr. Allan Wernyeck, um dos melhores médicos e pesquisadores dentro de sua área, um profissional brilhante. Passava seus dias enfurnado entre laboratórios e hospitais, empenhado em descobrir a cura de diversas doenças de ordem sanguínea; com frequência, era requisitado por especialistas de outros países para dar cursos e palestras sobre a sua especialidade. Era muito comum que eu ficasse semanas ou até meses sem falar com ele, já que as viagens aconteciam constantemente. No entanto, sempre quando estávamos juntos, parecia que todo aquele intervalo havia sido anulado, tamanha a nossa afinidade.

De tempos em tempos, pensava em ir morar com ele, embora não residisse logo ali, por assim dizer.

Também nunca foi fácil encarar o olhar inquisidor de sua atual companheira. Parecia que ela tinha medo que eu o roubasse ou algo do gênero, uma coisa irracional. Janet tinha tanto ciúme dele que às vezes eu ficava a me perguntar se o problema todo estava no modo carinhoso que ele ostentava ao tratar as pessoas, na sua simpatia irradiante ou simplesmente porque a insegurança ou imaturidade dela não a deixavam raciocinar. A meu ver, isso não tinha razão de ser. Ela aparentava ser bem mais nova, bonita, e, ainda por cima, trabalhava como assistente em um Centro de Hemoterapia onde meu pai também tinha sociedade.

Resumindo: tinha a faca e o queijo na mão.

Bem, fora isso, julgava intimamente que o meu problema maior em residir no exterior fosse o fato de não conseguir ficar muito tempo longe do meu irmãozinho.

Juninho era dessas crianças que nasceram fadadas à felicidade. Embora tivesse um pequeno defeito congênito nos pés que fazia com que constantemente mudasse de botas e necessitasse de tratamento fisioterápico, o guri era muito inteligente, carinhoso e sabia conquistar qualquer pessoa com um simples sorrisinho. Era, na verdade, meu meio-irmão, filho de minha mãe com o fotógrafo por quem se apaixonou há alguns anos, durante uma dessas ridículas sessões de fotos, com chapeuzinho rosa na cabeça e mãozinha debaixo do queixo, pelas quais as mães cismam em nos fazer passar.

Também não a culpava por isso.

Meu pai, embora atencioso e amável, foi uma pessoa muito ausente, e ela, particularmente carente. A presença de Otávio a revigorou. Não havia como não deixar de comparar a minha mãe de antes — triste, descuidada, desanimada — com aquela que passou a ser depois — radiante, ativa e feliz. Eu a amava muito, não aguentava mais vê-la daquele jeito.

Quanto ao Otávio, creio até que deveria agradecê-lo pelo bem que fazia a ela. E não só por isso, mas também por ter me transferido, meio que por osmose, essa pequena aptidão para fotografar. Suponho que realmente seja boa no ramo, ou imagino que não teria vencido três concursos por clicar pessoas em momentos imprevisíveis associados a elementos da natureza, e sem fazer muito esforço.

Acho que somente nessas ocasiões conseguia me distrair ou me sentir feliz, se é que isso é o que chamam felicidade. Eu seria capaz de ficar horas e horas analisando o melhor ângulo, a direção da luz, o

foco...

E sempre voltava para casa com uma novidade, alguma coisa que me ajudasse a sair daquele marasmo que cercava a minha vida.

Dois

Nunca me esqueci do dia em que cheguei a minha casa com um jornal nas mãos que falava sobre um concurso de fotografia; nele o vencedor ganharia como prêmio uma passagem de avião para a Flórida. Foi a primeira vez em que decididamente resolvi me empenhar em conquistar algo.

Acredito que fiquei até um pouco obcecada.

Quis me convencer de que parecia ser uma chance única de mostrar algum tipo de habilidade ou talento, mas acho que, no fundo, o que verdadeiramente me motivava era o fato de ter uma razão concreta ou uma desculpa para visitar o meu pai.

É claro que se eu pedisse, ele jamais me negaria uma passagem Rio-Miami-Rio. Aliás, nunca negou. Porém, dessa vez eu não queria isso. Queria poder conquistar essa passagem, sentir-me capaz de ir fundo em alguma coisa e agarrá-la com as próprias mãos. Então, naquele dia, decidi que aquele prêmio seria meu.

Tratei de pesquisar com minúcia o tema: algo como encontrar a beleza e a felicidade dentro da mais miserável pobreza.

Esquisito.

Não parecia muito fácil compreender o assunto. Afinal, como achar a felicidade dentro da penúria, da fome, do descaso? Eu possuía tudo e, mesmo assim, nunca encontrei algo em minha vida que desse algum sentido a essa palavra. Talvez isso não tivesse a ver com a condição social das pessoas, e sim com o seu espírito ou estado da alma...

Eu bem que tive sorte ao escolher uma favela do Rio para fotografar em meio àquele caos desordenado. Analisei diversos ângulos, diferentes pessoas, e acabei achando um barraco cujas roupas puídas penduradas no varal balançavam ao vento num entardecer rosado, ladeado por uma amendoeira. Ao fundo, havia uma velha senhora com o rosto enrugado, sentada em um caixote de madeira, fumando um cigarrinho de palha e ao mesmo tempo sorrindo... um sorriso sem dentes.

O que fazia aquela pessoa sorrir?

Do modo como a vi, não tive dúvidas de que essa seria a pose que eu esperava. Essa seria a foto que me levaria ao encontro de meu pai, só que por meu mérito.

E não deu outra.

Bastou sair o resultado no jornal e eu já estava correndo toda esbaforida para casa, mais especificamente em direção ao telefone do meu quarto. Queria muito falar com ele. Queria que de alguma forma ele se orgulhasse de mim. Fiquei tão ansiosa que mal conseguia discar o número do seu telefone corretamente. Aliás, na ânsia de fazê-lo, acabei errando por duas vezes.

— Alô, pai! — esgoelei, praticamente sem fôlego.

— Stephanie, é você? O que houve? — perguntou ele, preocupado.

— Sim, pai, sou eu — falei novamente, quase engasgando, como se não tivesse tempo suficiente para isso. — Tenho uma ótima notícia para lhe dar!

— Diga, meu amor, sou todo ouvidos. — Sua voz soava bem mais aliviada.

— Eu não tinha comentado antes para não criar expectativas, mas entrei num concurso de fotografias e

acabei levando o primeiro prêmio!

— Nossa! Parabéns! Você tem talento mesmo! — elogiou.

— E adivinha qual é o prêmio? — indaguei.

— Não faço a mínima ideia, mas deve ser algo muito bom para deixar a minha filhota tão contente.

— E é mesmo. Ganhei uma passagem de ida e volta para Miami! Agora vou poder visitá-lo! — expressei minha alegria.

— Que maravilha! Mal posso esperar para lhe dar um abraço! — retribuiu. — Quando você vem?

— Ainda não sei direito, pai, apenas ouvi dizer que será em junho. Talvez consiga marcar a passagem para depois do feriado de *Corpus Christi*.

— Avise-me assim que souber para que eu possa reservar uns dias para levá-la até Fort Lauderdale. Descobri uma loja de materiais fotográficos que vai deixar você de queixo caído. Só uma seção que vi de objetivas e lentes especiais é do tamanho de uma loja inteira aí no Brasil! E ainda tem aquele restaurante japonês que você tanto adora... — falou, deixando-me com água na boca.

— Ai... Depois dessas promessas, acho que nem vou conseguir dormir até lá.

— Falei demais, não é? Devia ter ficado com a boca fechada, assim a surpresa seria maior. — Esboçou um tom de arrependimento.

— Não, pai. Não preciso de nada disso para ficar contente. Apenas ter um tempinho com o meu paizão preferido já é mais do que suficiente.

— E por acaso você tem outro pai?

Foi uma indireta. Sabia a quem ele se referia.

— Lógico que não! Você é insubstituível! Sabe que eu te amo...

— Claro, claro. Também a amo, querida. Eu... — Fez uma leve pausa e pude ouvir o som do seu celular tocando.

— Desculpa, amor, preciso desligar agora. Parece que houve alguma emergência no hospital. Ligo para você mais tarde, ok? Dê lembranças à sua mãe... — despediu-se.

— Ok! Um beijo! — finalizei.

Após desligar o telefone, lembrei, constrangida pela mancada, que não havia falado ainda com a mamãe. E pelo volume da minha voz, calculei que ela já estivesse sabendo.

Desci as escadas devagar, buscando manter a calma e a compostura, e, antes de chegar lá embaixo, avistei a figura dela parada, com um olhar perdido diante da janela da sala.

Tentando me antecipar à sua reação, já fui logo disparando:

— Mãe, você não vai acreditar, eu...

— Eu já sei — cortou ela a minha fala rispidamente, sem alterar a posição de costas para me encarar.

— E não vai nem me dar os parabéns? — murmurei, já meio que me encolhendo.

— Parabéns — respondeu em timbre de voz amargurado, virando-se de frente.

Pude perceber que tentava secar uma lágrima que escorria pelo canto direito do olho.

— Mas... por quê? Não entendi. Você não gostou? O que eu fiz de errado?

— Pergunta incorreta — disse ela, áspera. — A pergunta certa é: o que *eu* fiz de errado?

— Mãe, do que você está falando?

Podia compreender que ela estivesse chateada por não ter sido a primeira a saber, ainda mais porque morávamos juntas, só não achava que o drama era para tanto.

— Não sabe mesmo? Pois vou tentar refrescar a sua memória... A senhorita aí parece que não possui mais família, pelo menos não uma mãe. Não a vejo em hora alguma do dia. Não recebo bom-dia, boa-tarde ou ao menos um beijo de boa-noite. Sei que tenho que respeitar a sua privacidade, mas, do jeito que as coisas andam, estamos nos tornando completas estranhas! Dói saber pelos outros que a minha filha ganhou prêmios, mudou de curso, recusou namoros...

Ela disparou a falar feito uma metralhadora.

— Agora, por exemplo — continuou —, sabia que quase me derrubou quando abriu a porta e correu para o seu quarto? Subi as escadas tentando entender o que teria acontecido para que você chegasse daquele jeito e descobri, pela conversa que teve com seu pai, que ganhou aquele prêmio do jornal. Não quero dar uma de ciumenta e também não gosto de ouvir atrás das portas, mas, de uns tempos para cá, não há outra maneira de saber algo sobre você. O que foi que eu fiz? Fala! Ou foi alguma coisa com o Otávio que eu não estou sabendo? Se for, eu...

— Não, mãe, não foi nada com ninguém, juro! — interrompi. — Na verdade, nem sei dizer o que acontece comigo. Mas não é culpa sua. É... minha — admiti. — Desculpa, não tenho sido muito atenciosa ultimamente, não é? Talvez tenha algo a ver com hormônios. Talvez...

— Stephanie, já tive a sua idade. Sei que existem coisas difíceis de serem compartilhadas com a própria mãe. Sei também que já é adulta. Não estou pedindo satisfação de cada suspiro que dê durante o dia, apenas que me ofereça o direito de ser sua mãe. Quero o direito de poder abraçá-la a cada conquista sua, de me preocupar quando você estiver magoada e até mesmo de dar algum conselho, mesmo que você não siga. Quero só fazer parte da sua vida. Não é pedir muito, é? Droga, filha! Eu te amo! — declarou de uma forma tão dolorosa que comecei a me sentir um verdadeiro monstro.

Mamãe não merecia aquilo. Não mesmo.

Não fazia a mínima ideia de que ela se sentia assim, entretanto, naquele momento algo mudou. As lágrimas dela me comoveram profundamente. Fizeram-me pensar no quanto fui omissa, uma espécie de fantasma que habita o mesmo ambiente, só que numa dimensão paralela, lugar onde só eu cabia.

O fato é que sempre foi bem mais fácil lidar com os meus defeitos estando isolada do mundo, não havia como negar.

Mas o silêncio também afastava as coisas boas, podia camuflar e tirar a percepção daquilo que realmente importava. Eu sentia falta dela, muito mais até do que supunha. Apenas não tinha me dado conta disso, do tempo que havia perdido sob um regime de quarentena afetiva imposto a mim mesma.

E por essa razão, abracei-a de maneira quase que involuntária, como se as pernas obedecessem por antecipação o que o cérebro ainda não comandou.

Foi um alívio imenso quando consegui chorar. Parecia que um pequeno nó finalmente acabara de desatar. Havia tempos já me indagava se tinha me tornado insensível, e felizmente me enganei.

O coração continuava ali. Um tanto oculto, admito, mas ainda batendo.

— Mãe?! Faninha?! Por que vocês *tão* chorando? — Dava dó ver os olhinhos inocentes do meu irmãozinho com uma ruguinha de preocupação no meio da testa.

— Por nada, Juninho! Ou melhor, sua irmã ganhou um prêmio por ser a melhor fotógrafa do mundo, sabia? — disse então a minha mãe, expressando o orgulho que sentia, enfim permitido.

— Do *muuundo*? Caramba!

— Mãe, não exagera! Assim ele vai acreditar.

— Mas você é a melhor! Você é a melhor irmã do *muuuundo* inteiro... Quer brincar de boneco comigo? — propôs ele com aquela cara de cachorrinho pidão.

Isso era uma chantagem das brabas, contudo, quem resistiria aos seus apelos enquanto pedia com aquela meiguice toda?

— Ok. Pode ir subindo e separando os nossos exércitos. Só que hoje não vai ter moleza, não! — adverti. — Ah, e o exército branco é meu.

— Tá bom, tá bom, tá bom! — Saiu balançando a cabeça e reclamando como se eu tivesse descoberto o seu ponto fraco. Parecia uma miniatura masculina da mamãe, com exceção dos seus olhos verdes, que possivelmente seriam uma herança do pai, ainda que também pudessem ser um legado da minha avó.

Nem bem tinha acabado de me recompor e a campainha tocou. Era Otávio, que havia se esquecido de levar as chaves e adentrou apressado com o jornal debaixo do braço. Estava com a barba por fazer e os seus arrepiados cabelos negros respingados pela fina chuva que iniciara lá fora.

— E aí, hein! Levou o primeiro prêmio! Parabéns, garota! Acho que vou exigir participação nessa brincadeira... — falou ele com uma voz meio convencida, e ao mesmo tempo deixando claro que realmente ficara contente.

Abaixei a cabeça em agradecimento e dei um sorriso largo para a minha mãe. Ela retribuiu da mesma forma, porém, indicando com a cabeça para que eu não esquecesse de alguém que me esperava com ansiedade no andar de cima da casa.

Otávio demonstrava não entender nada quando nos viu com os olhos marejados, mas também não fez menção alguma de perguntar o que quer que fosse na minha frente. Disso eu não podia reclamar. Ele nunca interferiu na nossa relação mãe e filha. Jamais tive motivos para ter qualquer tipo de aversão a ele, pois sempre me tratou muito bem.

De certa maneira, mamãe tinha sorte: sempre foi amada intensamente por alguém que retribuiu o seu amor.

Após uma tarde de “intensas emoções” com os soldados guerrilheiros da fronteira do norte e de jogar Combate — também um jogo de guerra — com o Juninho, levei-o apagado para a cama e corri para o meu quarto, ligando imediatamente o computador. Enquanto a máquina fazia a inicialização, achei um bilhete na mesinha de cabeceira.

“Bruno ligou e pediu que você retornasse”, dizia ele, com a letra da minha mãe.

— Ugh! Esse cara não vai largar do meu pé nunca? — reclamei sozinha, revirando os olhos, praticamente clamando aos céus por esse milagre.

Amassei o papel e o joguei na lixeira displicentemente, retornando à tela principal. É claro que haveria zilhões de recados me esperando nos meus *e-mails*, principalmente da Anne, cuja paciência nunca fora uma de suas virtudes.

Abri a página do Messenger e imediatamente apareceu a sua mensagem:

— Até que enfim! Caramba, por onde você andou?

— Nas últimas horas? Digamos que eu estivesse no meio de um... confronto — digitei.

— Travando uma batalha com o César do Pré-II?

Ela se referia a um gatinho do cursinho que eu dizia paquerar ultimamente, embora, para falar a

verdade, não estivesse realmente interessada. Aliás, eu nunca estava.

— Não, *baby!* A batalha era com o Juninho mesmo. Fiquei jogando Combate com ele — expliquei.

— Combate? Isso é um jogo?

— É um jogo de estratégia militar, por quê?

— Fala sério! Mas e o cara? Ele não ficou dando mole para você a semana inteira?

— Parece que você anda precisando de óculos. Isso é que dá confiar numa amiga míope...

— Qual foi o babado?

— O babado é que esse ilustre cavalheiro praticamente engolia a Silvinha no estacionamento lateral.

— Arrumei uma justificativa, esperando que mais uma vez colasse. — Dava para ver a língua do cara encostando no cérebro dela.

— Não pode ser! Aquela desmiolada? Fiquei até decepcionada com ele agora! Como é que ele pôde gostar daquilo?

— Parece que existem chinelos para todos os tipos de pé, até para os das desmioladas. Só espero que o meu chinelo exista. Do jeito que tenho sorte, na certa ele vai esbarrar comigo na rua e me confundir com um poste!

— Quem me dera ser um poste como você! Você tem é muita sorte por poder comer de tudo. Não posso nem olhar para um pé de alface que as calorias me invadem à revelia! Argh, que ódio! — lamuriou.

Tive que fazer uma pausa para gargalhar. Ela tinha razão.

Anne era um tanto fofinha. Já perdi a conta de quantas vezes ela começou uma dieta infalível, dessas que só se iniciam na segunda-feira... e terminam na quarta. Eu reclamava de boca cheia.

— Stephanie, você vive se queixando da vida... Já parou para pensar que quase todos os rapazes se arrastam aos seus pés e a senhorita vive dando uma desculpa? Não sei nem por que agora se interessou pelo César. Ele passou um tempão na maior esperança e você, como sempre, nada.

— Não sei do que você está falando. — Tirei o corpo fora.

— Ah, não? E do Mário, do André, do Augusto...?

— Exagero seu. Eles não gostavam de mim — garanti.

— Você não gostava deles e fica fingindo que não entende. Qual é o seu problema? Parece que continua se enxergando como uma adolescente espinhuda! Não acha que chegou a hora de acabar com esse complexo? Você cresceu! Não se olha no espelho?

— Eu me enxergo muito bem, esse é que é o problema.

Instintivamente, olhei para a minha imagem refletida no pequeno espelho pendurado na frente da mesinha do computador. *Por que não removi cirurgicamente esta irritante pintinha negra de nascença do meu lábio quando tive oportunidade?* — indaguei-me em pensamentos, dando um suspiro de desânimo.

— Muitas garotas gostariam de ter a metade da beleza que você tem e, no entanto, a minha amiga aí continua se esquivando. Do que você tem medo? De ficar apaixonadinha?

Anne não tinha motivo algum para falar comigo como se eu fosse atraente e ela não. A não ser pelo pequeno sobrepeso, tinha um rosto muito bonito, corado, e o seu cabelo castanho-arruivado curtinho e moderno também atraía como ninguém os rapazes.

— Desista. — Teclei. — Pode perder as esperanças. Você nunca me verá apaixonadinha, melosinha ou qualquer um desses “inhas” com que a mocinha aí tanto sonha. A romântica aqui é você. Se eu encontrar alguém que me entenda, já está muito bom.

— Aí é você que está querendo demais. O cara pode até ficar apaixonado, mas te entender? Só se ele não fosse humano! — zombou.

— Ah, ah, ah! — digitei ironicamente.

— Posso apostar que você vai ficar gamadinha por alguém antes mesmo de mim — provocou.

— Mais fácil um burro voar.

— Valendo quanto? — perguntou, propondo um desafio.

— Peça o que quiser, vai perder mesmo...

— Um rodízio no Tanaka's.

— Feito. Já estou até com água na boca! — aceitei, convicta da vitória.

— Você não deveria querer perder essa aposta?

— Tá louca? E perder um rodízio no Tanaka's?

— É sério! Se continuar desse jeito não vai deixar de ser virgem nunca...

— Melhor virgem segura do que deflorada arrependida! — Teclei rispidamente.

Houve uma pausa de alguns segundos. Acho que fui longe demais.

Mas também, que droga! Odiava quando faziam piadinhas sobre a minha vida íntima, principalmente sobre esta parte.

Digitei então novamente:

— Foi mal, não queria dizer aquilo.

— Tudo bem, mas só perdoou porque te conheço bem.

Anne perdeu a virgindade de uma forma muito triste.

Acreditava que gostava do cara. Chegou a se consultar com uma ginecologista antes para não ficar desprevenida, fez sessões de depilação, comprou uma roupa íntima sexy para o tão esperado dia e...

E na hora H, arrependeu-se.

Só que o seu arrependimento foi em vão naquele momento, pois ele não aceitou recuar. Não teve a mínima sensibilidade de compreender que ela ainda não estava pronta e, ao invés disso, começou a investir pesado.

Inicialmente, tentou forçá-la com palavras macias, depois fisicamente, e após ter pensado momentaneamente nas consequências, jogou sujo: disse ao pé do ouvido dela que sabia quem havia sido sua mãe no passado e que poderia soltar aos quatro ventos essa notícia pela escola.

Sua mãe fora garota de programa quando mais nova e Anne, criada pela avó. Filha de pai desconhecido — ou de qualquer um, como costumava se lamentar —, ela sempre teve verdadeiro pânico de que alguém soubesse dessa história. Sendo assim, achou que não haveria outra saída, a não ser ceder.

Isso foi um erro terrível, não só pelo trauma causado nela fisicamente — ele a tratou com brutalidade —, mas psicologicamente.

Desde então, Anne começou a comer compulsivamente, perdendo sua tão invejável forma — um ato de defesa, supus —, não conseguindo mais concretizar qualquer tipo de encontro amoroso efetivo. Os

amores dela ficavam mais no plano imaginário, talvez pelo medo de que isso ocorresse outra vez. Porém, felizmente começou a fazer terapia e ela tinha melhorado sob muitos aspectos.

Eu também não podia falar muita coisa sobre esse quesito. Até ocasionalmente paquerava os rapazes e eles a mim, mas sentia algo muito estranho quando me aproximava deles.

Os beijos eram insossos, sem emoção alguma...

Diversas vezes me peguei limpando a boca sem querer, como se estivesse sentindo nojo de ser beijada. Situação bastante desconfortável, posso garantir. Creio que os homens me achavam um tanto esquisita, ou, quem sabe, até um pouco pedante por manter sempre certo distanciamento de cada relacionamento que iniciava e que, inevitavelmente, no dia seguinte, eu mesma terminava. Isso quando não encerrava de imediato para não prolongar o problema.

Ficava sempre a me perguntar o que eu estava esperando...ou quem.

Não sabia o porquê, mas o fato é que nunca conseguira me imaginar amando alguém, casando ou tendo filhos. O romantismo e o amor pareciam não fazer parte do meu dicionário; essas palavras soavam totalmente subjetivas, não tinham um significado real.

— Ainda está aí? — Digitou Anne, interrompendo meus pensamentos.

— Sim. Estava sonhando acordada, só isso — respondi.

— A pergunta é: com quem ou com o quê?

— Com o quê, Anne, com o quê... — respondi novamente, já irritada com suas perguntinhas maliciosas.

— Então diga. O quê?

— Ganhei o concurso. — Teclei com orgulho.

— D-e-m-a-i-s!

— Valeu — agradei.

— Quando?

— Junho, eu acho.

— Já? Ai, que inveja! Se eu não tivesse gastando o meu dinheiro no computador novo, talvez pudesse comprar as passagens para ir também.

— Isso seria perfeito.

— É, mas agora já era — lamentou.

— Ainda iremos para lá juntas qualquer dia — incentivei.

— Tomara. Se arrumar algum gato nos *States*, prometa me contar!

— Certo. E você, nada de deixar de ir à terapia — adverti.

— Vai ficar muito tempo?

— Acho que não.

— Vou sentir sua falta.

— Eu também, sua boba! Mas vamos nos falar todos os dias — prometi novamente. — Tenho um computador no meu quarto, em Miami.

— Vai ter tempo de ir ao Sawgrass Mills?

— Por quê? Quer que eu traga algo de lá?

Ai, não!

Agora não dava mais tempo de me arrepender. Sabia que não deveria ter dito isso. Por conta dessa pergunta, seria obrigada a trazer uma mala inteira repleta de produtos de beleza.

Já dava até para imaginar a lista...

Isso sem falar na outra mala que voltaria cheia de bonecos intergalácticos, soldados e monstros de todos os tipos, embora essa até fizesse questão de trazer para o Juninho.

Teria um pouco mais que um mês para me organizar, verificar documentos, passaporte etc.

E valeria a pena.

Disso eu tinha a mais completa certeza.

Três

A viagem até Miami foi um pouco cansativa. O voo sofreu alguns atrasos e teve bastante turbulência.

Como de costume, levei o meu remédio receitado pelo médico para dormir e apaguei literalmente, quase que o trajeto inteiro. Só fui interrompida ocasionalmente por um senhor visivelmente apavorado, desses que têm verdadeiro pânico de avião. O coitado passou mal duas ou três vezes, tendo que ser monitorado com frequência por um cardiologista que, para seu alívio, viera no mesmo voo.

Cheguei ao saguão do aeroporto por volta das dez da manhã, um atraso de quase duas horas no horário previsto.

E lá estava ele...

O meu pai se encontrava parado, extremamente impaciente, ao lado de duas senhoras de origem nipônica que tagarelavam sem parar. Continuava o mesmo. Não tinha um fio sequer de cabelo branco. Alto, magro e parecia que não envelhecia. Quem sabe não foi realmente a ele a quem puxei?

Bem, tirando o fato de possuir uma estatura que mal alcançava o seu peito — se é que eu posso chamar um pouco mais de um metro e meio de estatura —, pelo menos quanto aos cabelos achocolatados e lisos, tinha absoluta certeza, bem como aos meus olhos castanho-escuros. Quanto aos fios brancos, teria que esperar um bocado para saber...

— Meu Deus! Até que enfim! Já estava ficando preocupado! — exclamou ele, aliviado, abraçando-me em seguida.

— Nossa! Que saudade, pai! — Devolvi o seu abraço com entusiasmo.

— Você está linda! Deve arrasar o coração daqueles cariocas todos! Já estou até ficando com pena deles!

— Você nem sabe o quanto. — Dei uma resposta carregada de sarcasmo, praticamente o induzindo a pensar que isso seria algo impossível.

— Namorando, ficando ou eu sei lá como vocês dizem?

— Não. Acho que não dou muita sorte nesse departamento — comentei com ar de desânimo.

— Impossível! Se não encontraram essa gatinha ainda é porque deve haver algum surto de cegueira por lá — brincou.

— Talvez você precise trocar os seus óculos — ironizei.

— Enxergo até bem demais — insistiu, rindo.

— É, mas você não vale. É meu pai. Diria que sou bonita até mesmo se eu fosse caolha ou desdentada!

— Credo! Você nunca nasceria assim, sendo filha de quem é... — disse ele, com ares de pouca modéstia.

— Ahã — duvidei.

— É, mas também não pense que aceito isso muito fácil — alertou. — Não sabe como é complicado pensar que qualquer dia desses um marmanjo qualquer vai roubar a minha filha.

— Ninguém vai me roubar — garanti.

— Diz isso agora, mas quando encontrar alguém que ame de verdade...

— Não creio que isso vá acontecer, mas enfim... — Fiz uma ligeira pausa. — E então, como vai a Janet? — Forcei a mudança de assunto.

— O de sempre. — O desânimo na voz já dizia tudo.

— Continua ciumenta — concluí.

— Tem dado uma trégua ultimamente — revelou, um tanto aliviado.

Caminhamos até o estacionamento do aeroporto e ele me levou para fazer um passeio pela cidade antes de irmos para casa. Estava um dia muito bonito, com pouquíssimas nuvens no céu, combinando perfeitamente com todos aqueles barcos atracados nas marinas.

Miami parecia uma cidade independente dentro dos Estados Unidos. Havia tantos latinos na região que às vezes nem precisávamos falar inglês. Até a música que tocava no rádio do carro trazia sempre a sensação de proximidade com as ilhas do Caribe.

Gostava disso. Tinha um ar de festa permanente.

— Como vai a Rachel? — perguntou ele, interrompendo a minha apreciação pela paisagem.

— Bem. Um pouco preocupada com o pé do Juninho, mas acredito que a nova bota irá corrigir o problema.

— Ela está feliz?

Essa foi uma pergunta difícil de responder.

Sentia que ele ainda gostava dela, ou melhor, que amava a minha mãe. Ele mesmo tinha consciência de que o seu trabalho árduo a deixava solitária. Contudo, isso era algo muito importante em sua vida, não conseguia arrumar um jeito de conciliar as duas coisas.

É até incrível pensar que o mesmo trabalho que os separou, antes, os uniu...

Mamãe morava em São Paulo na mesma ocasião em que ele fazia seu curso de doutorado por lá. Ela precisou ficar como acompanhante da minha avó no hospital, pois a pobre possuía um tipo de doença sanguínea muitíssimo raro, doença esta que a matou em apenas alguns dias. Meu pai foi o médico responsável por ela. Lutou incessantemente, usando de todos os recursos disponíveis na época, sendo de uma dedicação fora do normal. Apesar disso, infelizmente não conseguiu curá-la. A minha mãe era filha única e já órfã de pai. Viu-se, então, perdida e sozinha.

Ele, nesse meio-tempo, havia se apaixonado por ela e, de tanto insistir, conseguiu a tão esperada chance de conquistá-la. Não demorou muito para que se casassem e fossem morar no Rio, onde ele já possuía residência.

Papai viajava muito e costumava levá-la sempre consigo para que não ficasse sozinha, porém, depois que nasci, isso se tornou uma coisa difícil de manter. À medida que essas viagens e cursos intensificaram, mamãe foi se deprimindo, e ele, já atolado pelo excesso de trabalho, não conseguia enxergar a verdade. E só veio a perceber quando ela finalmente pediu o divórcio, o que literalmente o deixou no chão.

Como não iria suportar ver a minha mãe feliz ao lado de outra pessoa, decidi fixar de vez residência nos Estados Unidos, onde se concentrava a maior parte das pesquisas que fazia.

— Não costumo ficar perguntando sobre isso, pai, mas acredito que sim — respondi, sem graça.

— Otávio está sendo bom para ela?

— Sim, ele está, pai. Não se martirize — aconselhei, ao mesmo tempo procurando consolá-lo..

— Não... Não é isso... Eu só... queria saber — disfarçou.

— Quando vai ter que voltar a trabalhar? — tentei mudar de assunto novamente.

— Temos uns três ou quatro dias. O que quer fazer? — disse ele, caindo na minha conversa.

— Primeiro, quero comer. Meu estômago está roncando!

— *Sushi*? — sugeriu, arqueando somente uma sobrancelha.

— Dez! — aprovei com louvor.

Passei os três dias seguintes fazendo passeios, compras e almoçando em restaurantes. Por aquelas bandas não era muito comum as pessoas terem empregadas domésticas como no Brasil, e Janet simplesmente não sabia cozinhar. Ou não queria. Não me importaria de fazer, eu mesma, as nossas refeições, porém, além do meu pai se incomodar com a situação, ela não demonstrava ser muito afável com a presença de estranhos na sua cozinha.

E, pelo que pude observar, também não havia mudado muito de comportamento desde a última vez que a vi.

— A sua paciente, a Samantha, ligou.. — disse Janet, fuzilando-o com os olhos.

— E...? — fingiu ele estar distraído, praticamente já esperando pelo desfecho.

— Não sei, não quis deixar recado. Ela nunca deixa — ironizou, entoando desconfiança.

— Talvez não seja tão importante assim — devolveu ele, mais uma vez se esquivando.

— Hoje é sábado. Se não é importante, por que ligou?

— Tem razão, talvez deva contatá-la agora.

— É claro — grunhiu.

— Janet, o que anda insinuando desta vez?

— Não acha que está um pouco demais?

— Sou médico, Janet. Tenho responsabilidade sobre os meus pacientes. Você sabe muito bem disso, também trabalha nessa área — justificou, começando a perder a calma.

Ela fechou a cara e se trancou no quarto como uma criancinha birrenta, nem parecia uma mulher dona do próprio nariz.

Já ele, franziu o cenho e sibilou algum tipo de palavrão para si próprio. Não foi uma cena muito agradável de se assistir.

— Tenha paciência, pai. Ela tem razão de sentir ciúme. Você é mesmo um gato! — elogiei.

— Estou ficando velho. Não tenho mais paciência para criancices. Você é bem mais nova do que ela e nunca a vi se comportando dessa maneira, nem mesmo quando a sua mãe se casou novamente — reclamou.

— Será que ela está aborrecida com a minha presença? — Detestava incomodar, daí a razão da pergunta.

— Se estiver, o problema é dela. Não me importo nem um pouco com isso. Esta casa ainda é minha... e sua.

Por mais que ele quisesse me confortar, aquela sensação de ser um peso para os outros não me saía da cabeça. Desde que me entendo por gente, sempre fui assim.

— Não quero atrapalhar a sua vida — insisti.

— Você nunca me atrapalha, filha. Não sabe como fico feliz por você estar aqui comigo. Às vezes, eu me sinto muito só... — Fechou os olhos como se estivesse confessando algo. — Sabe, o pior tipo de solidão é aquele em que nos sentimos sozinhos, mesmo estando acompanhados.

Entendia muito bem o que ele queria dizer com isso, parecia até que conseguia ler os meus pensamentos. Na maior parte das vezes, podia ficar cercada de pessoas por todos os lados, mas nunca me sentia acompanhada.

Nunca.

Eu era vazia. E esse vazio teimava em me perseguir por onde quer que eu fosse, independentemente de onde ou com quem estivesse, como um verdadeiro buraco negro no meio do universo.

— Sei o que quer dizer — concordei.

— Não acha que ainda está muito nova para se sentir assim? — estranhou.

— Hormônios — respondi fazendo uma careta.

Ele riu e acariciou a minha mão.

— É muito fácil conversar com você, pai. Você me entende. Deve ser por isso que sinto tanto a sua falta — confessei.

— Por que não fica mais um pouco comigo? Talvez consiga encontrar um curso ou uma graduação aqui que a interesse — sugeriu.

— A mamãe teria um treco.

— Suponho que ela possa suportar isso. Eu pude, então... — falou com um pouco de desdém, balançando os ombros. — E, além disso, também acho que pode ser uma experiência interessante para você.

Fiquei de estudar o assunto, a ideia soava realmente tentadora. Passar um tempo maior com ele sempre foi algo que desejei muito, mas, ao mesmo tempo, fiquei com um pouco de pena da minha mãe. Ela pensaria que eu estava fazendo isso de forma premeditada, o que não era verdade. Logo agora que nos tornávamos tão próximas...

E ainda tinha o Juninho, que já demonstrou tristeza pela minha partida e... Janet. Esta, sim, seria o meu maior problema.

No dia seguinte, ao acordar, encontrei em cima da mesinha de cabeceira do meu quarto vários panfletos e formulários de cursos e graduações disponíveis, prontos para serem iniciados.

Meu pai decidiu mesmo me convencer.

Fiquei um bom tempo fazendo uma análise e acabei optando pela graduação em Enfermagem. Minhas notas eram excelentes e ele estava disposto a pagar a faculdade; sendo assim, não deveria ser tão difícil conseguir a admissão em uma das mais próximas, ainda mais com a minha situação no país regularizada. Aliás, nem sei bem ao certo por que a escolhi, apenas supus ser o mais adequado no momento.

Sempre pensei que faria algo na área de saúde, embora tivesse um talento especial para fotografia. No entanto, já tinha a experiência dentro do meu próprio lar do quão difícil era arrumar um trabalho nessa profissão, visto que Otávio oscilava entre épocas de bonança e outras da maior penúria financeira.

O curso em Enfermagem duraria cerca de quatro anos, podendo reduzi-lo a três, caso fizesse um esforço e adiantasse o máximo de matérias. Seria bem difícil enfrentar os lamentos de minha mãe, mas um diploma qualquer nos Estados Unidos valeria muito no Brasil. Além disso, papai prometeu comprar

as passagens para que pudesse visitá-la a cada seis meses. Eu tinha que tentar alguma coisa. Era o certo a fazer.

Foi Deus que me iluminou quando fiz essa opção. Mal sabia eu o quanto seria importante essa escolha na minha vida daí por diante. Ela me direcionaria a um novo horizonte e me salvaria.

Definitiva e irremediavelmente me salvaria. Em todos os sentidos.

Quatro

Dezembro é uma época muito especial nos Estados Unidos. Quem já morou algum dia por lá deve ter percebido o quanto o Natal é importante para eles. Não só pelo aspecto financeiro, como também pela mudança de comportamento. Parecia uma euforia coletiva.

As pessoas automaticamente se tornavam mais solidárias, aprazíveis, como se houvesse uma onda de esperança pelo ar. O Natal é a festa do americano, não havia como esquecê-lo. Ele estava nas vitrines, nas roupas verdes e vermelhas, nos filmes, na música e, provavelmente, no coração de cada pessoa daquele país.

O que eu mais gostava de ver eram as paradas natalinas. Tudo parecia gigantesco: os balões, os carros enfeitados, a coreografia dos dançarinos, as fantasias e, é claro, a figura do Papai Noel. Fiz questão de tirar várias fotos dele no seu trenó com as renas, animais difíceis de serem vistos no Brasil, para mostrá-las ao Juninho.

Embora estivéssemos no outono e bem próximos do inverno, ainda não fazia frio. Dava até para curtir uma praia, ao contrário de diversos estados, que, àquela altura, estavam sendo acometidos por nevascas. Talvez fosse esse o verdadeiro motivo pelo qual a Flórida viesse a ser uma preferência natural dos brasileiros que moravam fora, pois a paisagem praiana deixava o povo um pouco mais solto, mais divertido, e também mais semelhante ao clima da nossa terra.

Eu havia acabado de terminar a graduação em Enfermagem.

Até me surpreendi, gostei de fazê-la.

Mais do que isso: fiquei interessada em aprender mais e me especializar, coisa que jamais pensei que pudesse acontecer.

Lá, eles eram muito profissionais. O curso foi bem exigente, porém tratei de executá-lo com êxito. Diria até com louvor, já que fui bastante elogiada pelo meu empenho, mesmo com toda a carga exagerada de disciplinas que andei adiantando. Em face disso, fui chamada para fazer um curso de extensão, objetivo muito desejado e não fácil de ser adquirido pelos imigrantes. Também fiz um longo estágio no Centro de Hemoterapia para auxiliar os médicos e técnicos no tratamento das doenças sanguíneas. Assim, aproveitaria para ficar mais tempo próxima ao meu pai.

Até que havia conseguido fazer alguns amigos no curso — ou melhor, colegas —, depois que o meu inglês parou de denunciar a minha inevitável condição de estrangeira e passou a ser mais fluente.

Senti diversos olhares me sondando, afinal, ali era eu a diferente, o alvo do desconhecido.

Cheguei a marcar para sair com alguns rapazes, embora, como sempre, nenhum deles me animasse a ponto de passar do primeiro encontro. Na grande maioria das vezes, acabava desfazendo o compromisso antes mesmo de ele acontecer, arrependida por tê-lo feito.

Será que eu tinha alguma coisa de errado?

Até meu pai percebia a dificuldade que eu tinha de me relacionar. Para ele, esse total desinteresse não era admissível na minha idade, já que havia passado dos vinte e três anos. Chegou a pensar que era algum trauma pelo processo de separação entre ele e minha mãe, e eu, como sempre, ficava envergonhada. Mas fazer o quê? Fingir para agradar aos outros? Não julgava ser essa a atitude mais correta.

Isso nunca.

Completando o quadro, ao lado das garotas locais eu parecia um perfeito E.T. de Varginha. A maior parte delas — independente e desencanada — aceitava numa boa a condição de ter relacionamentos ocasionais por pura curtição, só que comigo isso não funcionava. Não entendia como é que elas conseguiam terminar a noite deitadas ao lado de alguém que mal conheciam, e depois, no dia seguinte, simplesmente ouvirem algo do tipo: “Foi legal, mas...” e mudarem de vítima.

Isso me soava estranho demais, além da minha capacidade de compreensão.

E como não podia impedir que os rapazes sonhassem com o impossível, um deles passou praticamente a me seguir, deixando recados no celular e na minha secretária eletrônica todo santo dia. Já estava virando até alvo de gozações...

Tive de ser um pouco mais dura para interromper aquela perseguição:

— Stephanie, o que há de errado comigo? — perguntou Alex.

— Não há nada de errado com você, Alex. É só que... Não sei, não vai dar certo — tentei explicar sem ser indelicada.

— Não *tem* que dar certo. Só quero sair, curtir com você — insistiu ele.

Inconscientemente, a lembrança do meu primeiro beijo — um desastre ecológico, por assim dizer, desses que nos fazem pensar em algo do tipo: “Eca! Então beijar é isso?” — sempre surgia para endossar as minhas respostas.

— Alex, nós dois sabemos muito bem quais são as suas intenções, e não vou lhe dar esperanças. Não consigo pensar dessa forma.

— Vocês, brasileiras, são todas assim... frescas?

— Depende do que você chama de frescura. Se ser fresca significa que tenha que sair para dormir com um cara com quem não sinto nada, a não ser amizade, então, sim, eu sou fresca.

— Talvez a palavra certa seja *difícil* — ironizou.

— Talvez apenas seja diferente das outras, só isso.

— Está querendo valorizar o seu passe?

— Não seja ridículo, Alex. Ainda não percebeu que o mundo não gira em torno do seu umbigo?

Ele fez cara de poucos amigos.

— Você não gosta...? Quer dizer, você é... lésbica? — perguntou, com medo de ouvir a resposta.

— Não, não sou. E se fosse? Você é preconceituoso?

— Não, quer dizer, sei lá. Você me confunde. Parece até que não gosta de homens... — Apressou-se em mostrar os músculos.

— Gosto de homens que não tenham isso — apontei para o seu muque — no cérebro.

— Está me chamando de imbecil, burro ou coisa parecida? Músculo no cérebro é sinônimo de quê?

— Não, só que de vez em quando fico com a impressão de que você tem dificuldade de entender as coisas — amenizei.

— Tudo bem, não vou ficar insistindo. Agora, se quiser voltar atrás, poderá ter perdido a vez. A fila anda... — ameaçou.

— Vou correr esse risco — devolvi, já esgotada de argumentar.

Janet e meu pai não andavam numa fase boa ultimamente. Ela chegou a sair de casa por uns tempos de mala e cuia, e há dois meses retornou. As brigas viraram cada vez mais constantes, de modo que frequentemente costumava me trancar no quarto para não dar margem a parecer estar me metendo entre eles. Ficava muito aflita, com medo de atrapalhar, embora me garantissem que não era eu o problema.

Mesmo assim, sempre pairava uma desconfiança, fazendo-me sentir como uma pedra no meio do caminho deles.

Talvez pensasse assim pelo fato de observar uma mudança sutil de comportamento no meu pai. Não exatamente comigo, mas, não sei... Algo o incomodava de uns tempos para cá. Ele dizia que estava sendo pressionado nas suas pesquisas pelo governo, que lhe fornecia incentivo financeiro, e que seria obrigado a viajar para Londres para participar de um congresso e demonstrar os avanços no trabalho desenvolvido até o momento.

Estranhei.

Ele sempre fez isso. O trabalho dele sempre foi tão impecável, elogiável, louvável... Expor suas ideias sempre foi um motivo de satisfação, de orgulho... Por que cargas d'água ele transparecia não aceitar aquela imposição?

Havia algo de muito errado nessa história, disso eu tinha plena certeza.

Naquela sexta-feira mesmo, ele partiu me dando um beijo na testa e dizendo que retornaria na semana seguinte.

— Está nervoso, pai? — perguntei desconfiada.

— Não. É só que é um... projeto... importante — disse ele, parecendo escolher as palavras certas.

— Deve ser mesmo, pela sua cara...

— Não se preocupe, na próxima quarta já devo estar de volta — quis me tranquilizar.

— Já se despediu da Janet?

— Eu bem que tentei, mas ela continua lá no quarto, toda emburrada.

— Vou falar com ela — prometi.

— Se puder fazer esse grande favor... Não estou com cabeça para isso hoje, vou acabar chegando atrasado ao aeroporto.

— Vá com Deus. — Fiz a despedida.

— Amém.

E lá fui eu tentar mais uma vez enfrentar a fera, mal sabendo que depois daquele dia a minha vida mudaria totalmente.

E para sempre.

Cinco

Sábado

Esse era um dia particularmente difícil para mim, principalmente quando o meu pai não se encontrava em casa. E nesse seria bem pior, pois, além de me esquivar das investidas do Alex, ainda teria que enfrentar a fúria em ebulição que Janet havia se tornado.

Não tinha muita solução: ou ficaria trancada no meu quarto fazendo sabe-se lá o quê, ou então sairia à toa sozinha para ver alguma vitrine por aí, pois a terceira opção, que seria ficar em casa ouvindo lamúrias, já havia sido descartada completamente.

Peguei a minha amiga máquina fotográfica, que me ajudava muito nessas horas, e caminhei em direção à praia para fotografar as ondas do mar. O dia amanhecera ensolarado, com nuvens que mais se assemelhavam a pequenos flocos de algodão; o som das águas ao fundo me relaxava. Imergia completamente em pensamentos abstratos quando a música do meu celular tocou:

— Stephanie?! — Era a voz da minha mãe, aos prantos.

— Mãe? O que houve? — perguntei, assustada com o seu choro.

Só conseguia ouvir soluços do outro lado da linha.

— Pelo amor de Deus, mãe, fala alguma coisa! Está me deixando nervosa! — implorei.

— O... Otávio... — disse ela, gaguejando.

— O que aconteceu com ele? — insisti.

— Ele foi... assassinado! — E o pranto recomeçou.

— O quê?

— Mataram o meu marido! — repetiu. — Mataram...

— Não pode ser... Como? Por quê? Meu Deus! — Não encontrava as palavras para expressar o meu susto.

— Ele foi assaltado quando saía de um caixa eletrônico. Algumas testemunhas disseram que os marginais o levaram em um carro, não sei se ele reagiu... — Soluçou. — Foi achado... morto... na Estrada do Joá.

— Mãe, calma! Vou sair daqui imediatamente e comprar uma passagem no primeiro voo que tiver para o Brasil — prometi, procurando confortá-la. — Não vou deixar você sozinha, ouviu?

— O que eu vou fazer agora? — Seu choro parecia inconsolável.

— Não faça besteira alguma, ouviu? Pense no Juninho. Ele precisa de você... E eu também — adverti.

— Minha vida acabou! Acabou!

— Nunca mais diga isso, por favor! Mãe, estou indo agora ver a passagem..

E voltei para casa numa sangria desatada. Tentei ligar para o meu pai diversas vezes, mas ele não atendia ao telefone. Certamente, deveria estar em alguma dessas palestras que ele costumava presidir.

Como conseguir o dinheiro da passagem agora? — perguntei-me, angustiada.

O único jeito seria usar um cartão de crédito que ele havia me dado, embora o valor fosse limitado,

dando apenas para a passagem em si. Ainda assim, faltaria algum para as despesas do velório, que suspeitava que a mamãe não teria. Ela não tinha o costume de guardar dinheiro para o caso de um imprevisto no futuro, coisa que sempre me preocupou. Então fui obrigada a pegar uns dólares que o meu pai guardava em seu armário. Depois eu me entenderia com ele. Tinha certeza de que não iria se importar, mesmo porque não era tanto dinheiro assim.

Deixei um bilhete explicando tudo e parti para o aeroporto com a mala totalmente desarrumada.

Dessa vez, não consegui dormir na viagem, fiquei consternada demais. Gostava do Otávio, ele fora um bom companheiro para minha mãe e ela se sentia completa com a presença dele. Não dava nem para imaginar o tamanho da dor que a assolava. E ainda viriam outras consequências: o Juninho ficara órfão.

Tudo isso soava como uma história absurda, um pesadelo difícil de acreditar. Como as pessoas podiam matar um pai de família por dinheiro? Será que esse monstro assassino não teve um? E mesmo que a resposta fosse *não*, a pergunta seria: para quê? O que alguém ganharia com isso? Tirar o pai, o marido, o filho, o amigo dos outros... Isso era tão estúpido, tão sórdido, crueldade em demasia, como se a vida não valesse um tostão furado...

Deixaram um rastro de sofrimento que levaríamos para uma vida inteira!

Quando cheguei ao Rio, a situação parecia cada vez mais lamentável. Minha mãe era um ser sem vida e tinha muito pouco com quem contar. Apenas uma prima de Otávio se prestou a ajudá-la naquele momento, enquanto eu não chegava, ou nem mesmo um funeral o homem teria. Tive que disponibilizar o dinheiro que trouxe para arcar com todas as despesas subsequentes, que incluíam: enterro, velório, cartório, entre outras.

Os dias que se seguiram foram amargurantes.

Precisei ter equilíbrio suficiente para segurar o desespero, seguido pela apatia da minha mãe, as crises do Juninho, que passou a ter episódios de acesso de raiva e terror noturno, bem como administrar a casa — alguém tinha que cozinhar, lavar, passar... — e pagar as contas, que não eram poucas. Acredito que só não pirei de vez porque recebi apoio da Anne, que me visitava constantemente, oferecendo a sua companhia.

— Como andam as coisas por aqui? — perguntou Anne.

— Péssimas. Não poderiam estar piores — respondi, exausta.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Já está me ajudando. Preciso conversar com alguém que esteja equilibrado ou vou acabar ficando maluca. — Pus as mãos na cabeça, na intenção de massagear as têmporas, que doíam sem parar.

— E seu pai? Deu alguma notícia?

— Esse é outro problema. Já ando ligando há dias e ele não atende ao telefone. Isso está ficando estranho... Nunca deixou de responder às minhas ligações — suspirei, preocupada.

— E a mulher dele, o que ela diz?

— Janet também não sabe de nada. É outra que está surtando. Ele já devia ter voltado.

— Que absurdo! Como isso pôde acontecer? — Afagou-me as mãos em consolo.

— E ainda tem outra coisa que me preocupa...

— O quê?

— Meu pai não depositou ainda a minha mesada. Está atrasada há dias. Otávio não tinha trabalho fixo, portanto, ela não receberá pensão. A mamãe, você sabe, não trabalha há anos...

— Posso tentar lhe arrumar algum — ofereceu.

— Anne, sua mesada não será suficiente para cobrir as despesas de uma casa inteira, é muita coisa.

— Sei disso, mas posso ajudar no que der, não posso?

— Obrigada. Não sei o que seria de mim sem você aqui para me oferecer apoio — agradeceu, emocionada.

As semanas foram passando como um pesadelo que não terminava.

Eu estava visivelmente cansada, tanto física quanto emocionalmente. Nunca tive que lidar com tantos problemas ao mesmo tempo. A hora mais angustiante acontecia no período da noite, quando era obrigada a dissimular uma tranquilidade que não existia para fazer o Juninho dormir e acalantar a minha mãe, que passava as madrugadas inteiras em claro, completamente desvanecida.

E o quadro ainda ficaria pior, ou melhor, estarrecedor. Percebi esse fato desde que recebi um telefonema interurbano.

— Janet? — indaguei, esperançosa.

— Stephanie, está sentada? — disse ela, tentando me preparar.

— Janet, o quê...? Janet, meu pai...? — Minhas pernas começaram a tremer.

— Não sabemos ainda. Ele desapareceu! Ninguém sabe nada dele! Ninguém viu o Allan! — exasperou-se.

— Co... Como ninguém sabe nada dele? — gaguejei. — Ele não foi ao congresso?

— Sim, mas não o viram por lá. A palestra dele teve que ser cancelada porque ele não compareceu.

— Hã? Não pode ser! Eu vi as passagens! Vi também o *voucher* do hotel... — insisti.

— Acharam as coisas dele no hotel; desde que saiu no primeiro dia, não voltou mais — suspirou ela, derrotada.

— Já chamaram a polícia? — O meu desespero chegara ao auge.

— A polícia já trabalha há dias no caso. Não conseguiram descobrir nenhuma pista, a não ser um bilhete que ele escreveu de próprio punho.

— O que tinha escrito no bilhete?

— “Não me procurem” — declamou ela com a voz amargurada.

— Isso não faz sentido! Ele nunca faria uma coisa dessas comigo, e muito menos com você! — Comecei a gritar.

— É, mas parece que fez — disse ela num tom áspero, como se ele tivesse fugido com outra mulher.

Não dava para acreditar. Numa situação desesperadora dessas, ela conseguia achar um motivo para sentir ciúmes dele?

— Janet, você é tonta? Não conhece o homem com quem você dorme? Ele nunca faria isso! — Perdi a paciência.

— Já não o reconhecia mais, ultimamente... — destilou sua raiva.

— Janet, ciúmes agora não! O caso é sério! Ponha a sua cabeça no lugar! Se ele tivesse fugido com alguém, o mínimo que deveria fazer era levar seus próprios documentos e roupas, não acha? Ele deve ter sido sequestrado, não sei...

— Está bem. Assim que eu tiver alguma notícia, aviso imediatamente — prometeu, rendida.

— Por favor — supliquei, por fim.

Após desligar o telefone, a minha única reação foi abaixar a cabeça e chorar.

E chorei muito.

Passei praticamente a tarde inteira aos prantos, até tentar me recompor e começar a analisar as coisas com mais frieza.

Não podia desabar assim, mas não conseguia deixar de pensar que o nosso quadro não poderia ser pior.

Estávamos cercados de tragédias por todo lado.

O meu pai sumiu e nem ao menos sabíamos ao certo se ele continuava vivo. O dinheiro chegava ao fim e não tínhamos como nos sustentar. Mamãe permanecia num estado de depressão lastimável, o Juninho dava sinais visíveis de revolta e eu... fiquei com um caminhão pesando toneladas sobre os ombros. E não sabia até quando aguentaria ser forte.

Assim que a lucidez começou a voltar à mente, decidi tomar algumas medidas para solucionar os problemas mais urgentes. Alguém tinha que agir com a razão naquela casa. Acabei me lembrando de uma caderneta de poupança antiga que possuía e fui ao banco para resgatá-la integralmente. Não era muita coisa, contudo, talvez desse para pagar as contas mais urgentes e pôr comida no prato por cerca de um mês ou dois, se conseguíssemos economizar ao máximo. Teríamos que cortar os supérfluos, assinaturas, restringir o uso da luz, do telefone... Até o Natal e o Ano-Novo seriam esquecidos.

E o mais importante: precisava arrumar um emprego. Imediatamente, ou morreríamos de fome. A minha mãe também. Mas como fazer a criatura voltar à vida?

Um mês inteiro de expectativa e a cada dia a esperança de receber alguma notícia positiva ia se esvaindo. Estávamos já bem mais próximos de chegar a uma conclusão que o meu coração teimava em não aceitar: o meu pai não podia ter morrido. Não podia.

Porém, que outra explicação teria? Com que intenção alguém o sequestraria, se não houve até então um pedido de resgate? Se tivesse fugido por um motivo qualquer, por que não me ligaria em segredo? Ele sabia muito bem que isso me deixaria desesperada, não faria uma coisa dessas, disso tinha convicção. Por outro lado, também não conseguia arranjar uma justificativa para alguém assassiná-lo. Papai era um homem íntegro, cumpridor dos seus deveres, extremamente dedicado ao tratamento de seus pacientes. Usava as suas pesquisas para tentar descobrir novas formas de curá-los e também não possuía bens de tão alto valor.

Dor de cabeça.

Foi isso que consegui obter com tantas interrogações, não soluções.

— O seu pai não tinha dinheiro no banco? — perguntou Anne, mais uma vez me dando força.

— O dinheiro no banco não pode ser retirado. A conta não é conjunta com Janet. Eles não são casados e só papai possui a senha. Além disso, o corpo não foi encontrado, portanto, não podemos requerê-lo, a não ser que ele seja dado como morto. E isso pode levar anos — respondi, sentindo os olhos pesados.

— Acha que isso realmente aconteceu?

— Não posso acreditar nisso. Ele não faria... Tenho que ter esperança, mas está ficando bem difícil.

— E o seu carro? Ele não tinha lhe dado um?

— O carro foi comprado no nome da firma do meu pai, não tenho como vendê-lo.

— E agora? O que você vai fazer? — indagou ela, com ar de pesar.

— Tenho que dar um choque de realidade na mamãe e procurar um emprego, urgente. O diploma que tirei vai servir para alguma coisa, afinal.

— Posso contribuir enviando seu currículo para alguns hospitais — ofereceu.

— Isso me ajudaria muito — concordei, agradecendo profundamente.

— Durma — aconselhou.

— Estou tentando.

Aquela situação parecia que não acabaria nunca.

Até que tinha conseguido um emprego num hospital particular em Copacabana, mas foi só para cobrir a licença-maternidade de outra enfermeira, e, portanto, o salário só daria para aproximadamente três ou quatro meses, não mais do que isso.

Tive que restringir ainda mais os gastos, somente o básico dos básicos teria prioridade. Até o Juninho teve que se sacrificar: foi transferido para uma escola pública até que as coisas se ajeitassem, começando também a tratar do seu problema congênito dos pés em uma instituição com fins filantrópicos. Eu já não usava quase o celular, salvo em caso de emergência para não ter que gastar mais. Mamãe até que começou a vender roupas para uma conhecida dela, e como sabia das suas habilidades artísticas em fazer bijuterias, comprei algumas pecinhas baratas para que pudesse produzir e vendê-las. Ela tinha um talento nato para tal e isso nos ajudaria de alguma forma.

Somente com a proximidade do quarto mês, quando já estava sendo obrigada a sair do emprego para dar lugar à sua verdadeira ocupante, é que recebi uma proposta para trabalhar em um hospital em São Paulo, ganhando um salário um pouco melhor.

Também não podia criar tantas expectativas assim, pois não tinha onde ficar por lá. Teria que alugar um quatinho num preço bastante acessível, de preferência bem próximo ao trabalho para não ter que gastar com passagens. Mensalmente, enviaria o dinheiro para o Rio até que finalmente nos normalizássemos.

Quem conseguiu essa façanha de me arrumar esse emprego foi a Anne. A prima dela, Íris, trabalhava naquele lugar e, assim que soube da vaga, imediatamente ligou para avisar. Eu não podia recusar essa oportunidade e muito menos desperdiçar tempo. Minha mãe teria que ser forte e lutar comigo, do contrário, estaríamos perdidas.

— Mãe, tenho que ir hoje mesmo ou acabo perdendo a vaga — avisei num tom sério.

— Você está com uma carga pesada demais nos ombros, filha — disse ela, preocupada comigo.

— Alguém tem que fazer alguma coisa.

— Estou tentando reagir. Já consegui vender algumas peças — desculpou-se.

— Sei disso. Não estou reclamando de nada, apenas pedindo que lute comigo. Não tenho como estar em dois lugares ao mesmo tempo, não sou onipresente.

— Vou conseguir superar — prometeu. — O problema maior será administrar a sua falta.

— Também vou sentir saudade. Eu te amo muito, mãe, acredite. Vamos fazer isso tudo valer a pena.

— Vai valer — afirmou.

Depois disso, dei um abraço longo e demorado nela e no Juninho, tendo que ouvir o seu triste chorinho

infantil com a minha partida, como quem teme a perda de mais alguém importante na sua vida. Contive a emoção e peguei as malas, partindo para São Paulo, cidade onde a maior transformação da minha vida aconteceria.

Seis

São Paulo.

Que coisa estranha a vida.

Jamais pensei que mudaria para aquela cidade algum dia. Não que eu não gostasse dela, do contrário, até a visitava com frequência para fazer compras e alguns exames complementares no Juninho. A magnitude daqueles arranha-céus, a efervescência da vida noturna, a cultura, a culinária...

E... Hmmm! Os restaurantes japoneses! Tudo impressionava.

Contudo, sentia a falta do mar, daquele clima praiano, da sensação de liberdade que o bater das ondas traz consigo. Em nenhuma circunstância me imaginei assim, debruçada na janela de uma pensão barata, observando o ritmo louco do tráfego ao entardecer.

Agora sim, estou realmente sozinha... — refleti.

Ou melhor, eu e o meu vazio. Ele sempre me acompanhava onde quer que estivesse, em qualquer época e intensamente. E tudo o que ele fazia era somente crescer, como se o nada pudesse ser medido.

Já praticamente me conformava com o inevitável, depois que a polícia londrina deu as buscas por encerradas. Aliás, um absurdo! Nem se passaram tantos meses assim.

Segundo os *e-mails* enviados anteriormente pela Janet, inexplicavelmente, o caso não manifestou grandes interesses por parte dos britânicos. Quando surgia uma pequena pista, imediatamente depois eles se contradiziam, alegando engano ou falta de provas circunstanciais. Por vezes, pareciam nem se lembrarem mais do fato. Era quase como se dissessem: “A essa altura, ele já está morto. Não há mais nada que possa ser feito”.

Buscar forças para seguir em frente e retomar a vida não era nada fácil, porém necessário. Quem sabe, somente assim algum dia encontrasse a paz e um pouquinho que fosse dessa tal felicidade, à qual ainda não fora apresentada.

Esperei por algumas horas até que a Íris aparecesse na pensão. Ela combinou de me acompanhar até o hospital, mostrar o andar e indicar com quem eu deveria falar.

— Muito obrigada por toda a sua atenção — agradei. — Não sabe o quanto esse emprego está sendo importante para mim no momento.

— De nada. Pode contar comigo para o que der e vier. A Anne comentou a sua situação. Sei muito bem como é isso — respondeu Íris.

— Vai ser muito bom ter alguém conhecido para conversar. Estou quase que totalmente perdida nesta cidade. Levei horas para encontrar o endereço da pensão, criei até bolhas nos pés de tanto andar. Aliás, obrigada por esta indicação também.

— É que eu já precisei ficar aqui uma vez, quando me separei do meu primeiro marido — revelou.

Íris parecia ser uma pessoa amável e possuía uma beleza bastante peculiar. Tinha os cabelos ruivos e encaracolados, com um aspecto de fogo, e os olhos claros. Sua pele era repleta de pintinhas, o que a conferia até um charme discreto. Não era de se espantar que conseguisse arrumar um companheiro tão rápido.

— Casada pela segunda vez? É tão nova! — falei meio pasma.

— E sou. Só que da primeira vez foi uma burrada imensa. Engravidei adolescente e meus pais praticamente me obrigaram a casar com ele. Como se isso pudesse dar certo... — Ela riu. — Também não sou casada com o atual no papel, entende?

— Pelo menos agora você parece feliz — supus.

— É, não é fácil encontrar alguém disposto a dividir a responsabilidade de um filho que nem ao menos é seu, ainda mais nessa idade. Acho que tive muita sorte de encontrar o Sérgio.

— Tomara que continuem assim. — Desejei de coração.

— Mas então... Fale, preciso saber mais detalhes sobre o trabalho. O ambiente é legal? — Mudei de assunto.

— É sim. O pessoal é bem bacana. Vou apresentá-la a algumas pessoas quando nosso plantão acontecer no mesmo dia. Apenas existem uns doutores mais exigentes. — Franziu o cenho.

— Não tenho medo de ser exigida. Isso seria até bom. Quem sabe assim eu consiga distrair a cabeça.

— Sim, mas certas distrações podem ser fatais perto de determinadas pessoas... — disse Íris num tom meio sarcástico, sem dar pistas de quem exatamente estaria falando.

No dia seguinte, cheguei ao hospital mais cedo do que o combinado, preocupada em demonstrar interesse e receber as instruções do meu trabalho.

Íris esperou por mim no saguão principal e acabou me direcionando até o andar correto, apresentando-me, assim, à enfermeira chefe. Depois, precisou se despedir rapidamente para não se atrasar em outro plantão que ela daria nesse horário, em outro lugar.

A enfermeira chefe se chamava Dora. Uma mulher extremamente cordial, de aproximadamente cinquenta anos, bem morena e um tanto atarracada, aparentando ser uma pessoa muito responsável. Ela conhecia muito bem o funcionamento do hospital e coordenava toda a parte de seleção de candidatas ao cargo, já que trabalhava ali havia anos.

— Universidade de Miami... Seu currículo é excelente. O histórico de conceitos, então... — elogiou ela. — Qual é mesmo o seu nome?

— Stephanie.

— Stephanie, muito prazer, o meu nome é Dora — cumprimentou-me. — Seja bem-vinda ao nosso hospital. Espero que a nossa convivência seja bastante frutífera daqui para frente.

— O prazer é todo meu, Dora. Espero também estar à altura do serviço. Pode ter certeza de que vou me empenhar ao máximo — prometi.

Ela esboçou um sorriso, satisfeita com a minha reação entusiasta.

— Você vai ficar aqui, no setor de hematologia, principalmente no centro de hemoterapia, onde os pacientes fazem punções, biópsias, quimioterapia, transfusões, entre outros tratamentos. Os técnicos farão a parte mais específica. Sua função será auxiliar os médicos plantonistas na parte ambulatorial. Terá também alguns plantões junto aos internados nesse setor, que está localizado no segundo andar.

Pelo seu tom de voz — praticamente me pedindo desculpas —, eu devia ter entendido alguma coisa errada. A função estava mais para auxiliar de enfermagem do que um cargo graduado. Porém, fazer o quê? Precisava do emprego e o salário ali era melhor do que o de chefe do serviço de enfermagem no Rio.

— Já trabalhou com isso, não é mesmo? — perguntou ela com curiosidade, avaliando a lista de estágios concluídos no meu currículo.

— Acho que é o serviço que mais vi e fiz até agora — afirmei, pensando na peça dolorosa que a vida me pregava.

— Que ótimo! Então, vou encaminhá-la para a sala de uniformes; depois que fizer isso, fique esperando aqui no corredor para que eu possa lhe dar o restante das instruções — recomendou.

Parece até uma brincadeira infeliz — refleti no assunto enquanto caminhava para o vestiário feminino. Quanto mais fugisse de pensar no meu pai, das coisas que me faziam lembrá-lo, mais elas me perseguiram. Quando vim para São Paulo, jamais imaginei que ficaria justamente nesse setor.

Eu devia estar passando por algum tipo de provação, só podia ser.

Assim que acabei de vestir o uniforme e cobrir o cabelo com um gorro, fiquei esperando no local indicado por Dora, aproveitando para dar uma olhada geral no ambiente. O hospital era pequeno, mas muito bem equipado, organizado, e cheirava à limpeza. As macas e os demais equipamentos aparentavam ótima conservação, fazendo pouca diferença do hospital onde tirei meu diploma nos Estados Unidos. Isso me deixou até um tanto animada, depois de tudo o que vi no último hospital em que trabalhei...

Bem, não dava para comparar. O nível ali era outro.

Meus pensamentos foram interrompidos por um chamado repentino. Parecia que alguém solicitava uma enfermeira na sala de atendimento. Esperei por alguns minutos e novamente o chamado foi feito. Conferi então os dois lados do corredor e percebi que o setor estava vazio, não havia ninguém por perto.

Pensando que poderia ser algo importante, instintivamente levantei para dar uma olhada.

Em frente a uma das salas de atendimento de número cinco estava parado um doutor alto, bonito e extremamente alinhado. Seus cabelos eram grossos, negros e encaracolados, alguns cachos cresciam por detrás de suas orelhas finas. Era muito branco também, o tipo do cara que jamais passaria despercebido pelas ruas. Ele estudava o prontuário da paciente com uma expressão severa e eu, quase que hipnoticamente, dei alguns passos à frente para observar aquele homem mais de perto.

Soltando um longo suspiro de desânimo, o médico logo percebeu a minha presença e disparou a falar sem nem sequer se virar para me olhar.

— Enfermeira, onde estão os exames complementares da Sra. Deise Manzipinni, que não se encontram aqui no prontuário?

Diante de uma hesitação minha em responder à sua pergunta, ele finalmente virou o rosto para me encarar.

Sua reação inicial foi um tanto estranha.

Primeiro, lançou um breve olhar na minha direção por cima do próprio ombro, como se estivesse entediado por ter companhia, retornando tranquilamente ao conteúdo impresso no papel afixado à sua prancheta. Depois, mais parecendo sobressaltado, a cabeça do homem girou rapidamente e ele ficou me observando de um jeito desconfiado por alguns segundos, de cima a baixo, parando por um instante sob os meus lábios. Automaticamente os franzi, reagindo na defensiva. Os seus olhos eram enigmáticos, profundos, num tom de azul diferente, quase violeta.

Cortando o meu transe inicial, ele bateu com a caneta no prontuário, num gesto evidente de impaciência.

— Verei o que posso fazer — respondi um pouco tonta, sem coragem de dizer que era nova ali.

Olhei o nome da paciente, o número do prontuário e caminhei em direção à central de exames, local devidamente identificado por uma placa. Antes, dei uma olhada para verificar se encontrava o encarregado responsável pelo setor, pessoa que aparentemente também se ausentava no momento. Sendo assim, comecei abrindo os armários, lotados de exames de todos os tipos, à procura de algum que tivesse o nome da paciente em questão.

Como já era de se esperar, não encontrei absolutamente nada. Também não poderia ter certeza de que esses exames estariam guardados ali, afinal, além de ser uma novata, eles poderiam vir direto de algum laboratório.

Retornei um pouco envergonhada e tive que confessar que não havia conseguido achá-los.

— Sinto muito, doutor. Não encontrei os exames, mas acredito que o funcionário responsável...

Ele interrompeu a minha fala bruscamente, ignorando o restante da explicação.

— Então, enfermeira, como é que posso prescrever alguma coisa decente para esta paciente? A senhorita não acha que já tenho trabalho demais para ainda ter que ficar me preocupando com o que é da sua competência? — Fuzilou-me com os olhos.

Cruzes! Como é que eu poderia saber? Nem ao menos o conhecia...

O fato é que ele parecia furioso, tanto que me deu a impressão de que as suas íris haviam escurecido de raiva. E eu, ainda mais perplexa, não só pela sua reação exagerada como por não entender o modo como ele estranhamente continuava me analisando. Novamente, senti que ele olhava para a minha boca, provavelmente esperando algum tipo de resposta à sua pergunta ou, sendo cruelmente realista, repudiando a pinta horrorosa que nela repousava.

— Eu... lamento doutor — falei, demonstrando receio na voz. — Comecei hoje neste hospital e ainda não me passaram as devidas instruções de funcionamento. Quem sabe...

Ele se virou de costas e saiu andando a passos cadenciados, sem olhar para trás, chegando rapidamente ao balcão. Deu uma busca no local e voltou balançando a cabeça em reprovação. Tive a impressão de tê-lo visto me observando pelo canto dos olhos durante o percurso em direção à sua sala, porém entrou nela aparentando estar bastante zangado, trancando a porta em seguida.

A paciente, tadinha, ficou me olhando sem entender nada. Assim sendo, julguei que era obrigação minha tranquilizá-la:

— A senhora, por favor, aguarde um instante que alguém irá atendê-la, assim que possível.

Ela me agradeceu com um breve aceno e logo em seguida voltei a sentar para esperar por Dora no corredor.

Grosso! — Foi a primeira palavra que me veio à cabeça. Sou uma amaldiçoada mesmo! Nem bem cheguei e já estou provocando ódio nos outros! Devo ter feito alguma coisa errada em vidas passadas e agora retornei para pagar por todos os meus pecados de uma só vez! E pelo jeito que a coisa vai, devem ser muitos... Mas também, o que é que eu tinha que fazer lá?

Ah, lembrei: procurar encrenca! Logo no meu primeiro dia!

Ouvi o som de alguém digitando as teclas de um telefone e uns grunhidos. Imediatamente após, Dora apareceu carregando uma pilha de exames nos braços e entrou na sala dele. Passados alguns minutos, ela retornou, puxando-me pelo jaleco.

— O que você fazia na sala de atendimento? — perguntou ela, nervosa. — Por que não me aguardou onde pedi?

Ai, meu Deus! Só faltava agora ser dispensada por ter sido tão imbecil...

— Queira me desculpar, não fiz por mal! É que ele solicitou ajuda e eu estava tão perto que... foi... foi... instintivo. — Tentei justificar, medindo um pouco as palavras.

Dora me empurrou para uma pequena sala e puxou uma cadeira para que eu sentasse.

— Ele realmente deixa todas as enfermeiras que chegam aqui pela primeira vez encantadas — alertou-me ela, como se desconfiasse que eu já estaria interessada nele. — Só não se iluda, Dr. Richard Hacket é extremamente exigente. Na verdade, não tolera erros. Gosta de fazer praticamente tudo sozinho, dispensando até a presença dos técnicos, só confiando nos seus próprios métodos. Somente as enfermeiras o auxiliam, e, mesmo assim, as que ele considera mais qualificadas. A maioria delas não aguenta o rojão: ou pede as contas ou acaba trocando de horário.

Não é para menos — pensei. Se nem contratada fui e ele já me tratou daquele jeito... Como pode alguém ficar “encantada” por esse estúpido? Está certo que fiquei um pouco curiosa quando cheguei mais perto dele, mas foi só isso.

— Ele ficou muito zangado? — indaguei, preocupada com o meu emprego.

— Sim, mas depois de algumas explicações, creio que se acalmou. Deixei o seu currículo na sala dele para que o avaliasse mais tarde — revelou.

Quem ele era para avaliar o meu currículo? O diretor do hospital? Alguém influente? Chefe do departamento pessoal?

Talvez fosse um pouco cedo — ou tarde demais — para fazer tal pergunta.

— Não se preocupe. Às vezes, até eu, que já conheço o seu jeito, fico irritada também. Mas quando penso em quantas vidas já salvou... recuo e acabo relevando. Ele é de uma competência extrema, chega a ser até demais! — Suspirou Dora. — É a verdadeira mola propulsora deste hospital. Nunca o vi deixar de curar quem quer que fosse, parece inacreditável! Os doentes que têm a sorte de tê-lo como médico responsável sempre saem vivos daqui.

— Puxa, que sorte a deles! — exclamei, amargando um pequeno ressentimento interno. Só eu é que não saberia dizer se conseguiria sair viva dali, trabalhando com ele...

— Venha, preciso lhe dar algumas instruções agora. Isso valerá para todos os médicos presentes aqui. Cada um deles tem suas particularidades, mas com certeza o Dr. Richard é o mais criterioso. Então, preste bastante atenção, pois será muito exigida. Você também estará substituindo uma colega considerada muito competente pela equipe e que foi obrigada a sair por motivos pessoais.

— Vou me esforçar ao máximo — garanti com firmeza.

Passei o meu primeiro plantão tentando anotar todos os procedimentos necessários e as exigências ou metodologias de cada médico, principalmente as dele. Não queria ter que passar por isso novamente. Apreendi onde ficavam os setores principais, os laboratórios, as salas de exames, os ambulatórios, enfim, praticamente fiz um *tour* no hospital para me familiarizar com o novo ambiente de trabalho.

Reparei que ali os materiais tinham boa procedência e que os profissionais viviam sendo constantemente avaliados, sempre em prol de um padrão de qualidade de atendimento. Só admitiam médicos que possuíssem especialização, e, mesmo assim, os indicados. Nesse ponto, tive até que ficar feliz por ser aceita num rol tão selecionado.

O refeitório também me impressionou. A alimentação parecia bem variada. Cada prato continha até mesmo especificado o número de calorias por porção, detalhe importante para aqueles que precisavam

fazer algum tipo de dieta restritiva. Pelo menos nos dias de plantão, sabia que conseguiria me alimentar decentemente.

Fiquei até bem depois do horário e trabalhei tão absorta que nem vi a hora passar.

Fui até o vestiário e troquei o uniforme, soltando os cabelos. Dava um pouco de trabalho ter que ajeitá-los, eles estavam num comprimento bem razoável, próximo à cintura. Feito isso, retornei ao corredor com as minhas anotações nas mãos e fiquei lendo cada uma delas enquanto esperava pelo elevador. As portas se abriram e entrei calmamente, distraída demais para perceber que havia alguém lá no fundo, parado.

Sentindo-me sendo observada pelas costas, virei, num ato quase que automático, e dei de cara novamente com o Dr. Richard.

Não faltava mais nada para completar o meu dia!

Ele aparentava uma forçada tranquilidade, embora continuasse ereto, totalmente rígido. E eu tinha que dar a mão à palmatória: o cara era incrivelmente lindo. Não foi à toa que Dora salientara que todas as enfermeiras estiveram algum dia interessadas por ele, ainda que no meu conceito beleza não fosse exatamente o mais importante. Também não dava para fingir para mim mesma que não notei.

— Descendo? — interrogou ele, olhando-me fixamente nos olhos.

— Hmmm, hmmm — confirmei, sem conseguir desviar o olhar.

— Mas ainda não apertou o botão — falou meio que ironicamente e, em seguida, apertou o T, de térreo.

— Ah! É que eu... estava lendo distraída e...

— Um hospital não é o melhor lugar para distrações, enfermeira — disparou, repreendendo-me novamente.

Por essa não esperava.

Eu estava justamente tentando estudar as regras do hospital para melhorar o atendimento... Parecia que ele havia tirado o dia para me irritar!

Que droga!

Senti um impulso imediato de responder à altura, pois, mesmo retraída, nunca fui o tipo de pessoa acostumada a levar desaforos para casa. Entretanto, o elevador parou no térreo e ele saiu me desejando uma boa-noite, e, pela segunda vez, sem olhar para trás.

Não percebi para qual lado ele fora. Melhor assim, senão teria que ir em direção contrária. Duas vezes em um só dia já parecia ser mais do que suficiente. Tudo o que eu queria naquele momento era ir para o meu quarto, tomar um banho e literalmente apagar.

Entre rapidamente na pensão, cumprimentando dona Helena, a proprietária do lugar. Abri a porta e despenquei por uns instantes na cama. Não era aquele colchão confortável no qual estava habituada a dormir lá no Rio. Dependendo da posição que deitasse, as molas acabavam me machucando, portanto, a solução que encontrei foi forrá-lo com uma toalha grossa que havia trazido na mala. Do jeito que chegara cansada, isso não faria muita diferença.

Assim que esbocei um início de relaxamento, o pensamento começou a vagar, lembrando como fora estranho o meu dia.

Eu devia estar com muita raiva. E apesar de tudo, não conseguia me sentir dessa forma.

Esquisito. Na realidade, curioso.

Talvez isso fosse decorrente do discurso heroico que a enfermeira Dora havia declamado mais cedo, ou até estivesse um pouco impressionada com a figura esguia e imponente daquele médico. Ele tinha um porte físico invejável, mas não aparentava ser tão saudável assim.. Sua pele era de um branco quase leitoso, digno dessas pessoas que não tomam sol há muito tempo. Demonstrava ser desses que trabalhavam demais. Na certa, não devia, por vezes, nem dormir direito, pois simulava um ar de cansaço. Supus isso porque consegui observar discretas olheiras escurecidas debaixo dos seus olhos. Gente assim acabava tendo motivos para ficar mal-humorada.

Quem sabe, não seria esse exatamente o seu problema? Esgotamento por excesso de plantões?

Quem sabe...

Aprendi desde cedo com o meu pai a não fazer julgamentos precipitados logo no primeiro contato com as pessoas. Em muitos casos, elas poderiam estar passando por algum tipo de problema pessoal e descarregando sem querer nos outros as suas frustrações.

Procurei não pensar mais no assunto, não valia a pena. Tinha tantas outras coisas mais importantes com o que me preocupar...

Entrei no banheiro, na intenção de tomar um banho quente para amortecer a dor que sentia por ficar tantas horas de pé e...

— Ai! — Dei um gritinho quando pus a mão no registro do chuveiro, levando um choque.

— Ah, que maravilha (para não dizer o contrário)! Agora vou ter que usar chinelos de borracha dentro do boxe! — resmunguei sozinha.

Meleca! Isso não aconteceu ontem à noite!

Após me enxugar e colocar a camisola, deitei novamente na cama, fechei os olhos, fiz a minha oração e desejei fervorosamente que o dia seguinte fosse melhor.

Tinha que ser.

Sete

— Droga! Não estou escalada hoje! — resmunguei assim que acordei. E o que fazer nesta cidade o dia inteiro? Não era paulista e muito menos tinha para onde ir...

Juro que não me importaria nem um pouco se na atual conjuntura tivesse que trabalhar todos os dias integralmente. Ao menos mascararia temporariamente a minha inquietude e ainda teria sempre onde almoçar sem precisar dispor do pouco dinheiro que ainda restava na carteira.

Aproveitei a disponibilidade de tempo para checar os meus *e-mails*, feliz por não ter que pagar por nenhum provedor, já que Helena possuía roteador e o meu notebook, que fiz questão de levar para entrar em contato com a minha mãe sem pagar pelo serviço de telefonia móvel, pegava o sinal por wireless.

É óbvio que teriam milhares de recadinhos da Anne.

Eu quase não usava mais o celular e não podia nem sonhar em ficar gastando em ligações interurbanas, portanto, deixei outra mensagem em resposta para tranquiliza-la, lembrando que a esta hora a figura deveria estar na faculdade.

Anne até que me surpreendeu ultimamente. De uma hora para outra, encasquetou com os estudos, fez o vestibular para Economia e passou.

Parecia até piada.

Logo ela, que sempre foi tão gastadeira!

Por diversas vezes, cheguei a desconfiar que aquela mania de comprar tantos cosméticos e bijuterias fosse algum tipo de compulsão, passível de tratamento. Porém, como ela já frequentava um ótimo psicólogo, lavei as minhas mãos e deixei o barco rolar. Pelo jeito, a coisa agora surtira efeito e fiquei muito feliz por ela.

Fiquei mais contente ainda quando descobri um *e-mail* diferente da minha mãe, contendo um recadinho e um desenho escaneado. E do Juninho! O desenho era muito fofo: um menino com dois braços enormes abraçando uma garota de cabelos muito compridos. Em torno deles havia vários coraçõezinhos vermelhos e logo abaixo ele tinha nomeado esses mesmos corações: Stephanie e Otávio.

Às vezes até me esquecia do seu verdadeiro nome, de tanto que o chamava de Juninho — ao menos seu pai o salvou de se chamar Christopher ou algo do gênero, desses que precisamos repetir todo início de ano letivo que o nosso nome se escreve com “ph” e não com “f”...

Que lindo! Ah, que vontade de abraçar aquele guri! Enviei um recadinho contendo uns *gifs* animados de volta, mandando um beijo para os dois.

Ao terminar, notei que ainda era cedo. Sendo assim, decidi passar a mão na máquina digital nova que havia ganhado do meu pai no Natal do ano passado e dar uma volta pela vizinhança, procurando por alguma imagem interessante. As horas geralmente voavam quando me entretia com paisagens diferentes. O dia amanheceu nublado e assim mesmo pensei que poderia clicar pessoas ou animais, se conseguisse aguçá-la a percepção.

Primeiro, achei alguns micos comendo no galho de uma árvore, depois um mendigo com um chapéu amassado dormindo no banco da praça. Nada de incomum.

Estátuas, folhagens, expressões diversas, tudo ficou sob a minha mira, até deparar com uma casa que me chamou atenção.

Curiosamente, ela ficava posicionada bem à frente da janela do meu quarto da pensão. Acredito que nem tive tempo de percebê-la de lá. Tinha um visual tipicamente europeu, com um jardim florido e um enorme caramanchão. Só estranhei a ausência de piscina, algo quase que indispensável na região pela ausência de praias. A garagem fora construída de forma discreta, bem ao fundo do terreno, ficando quase que impossível observar a pessoa que entrasse por ela.

Cliquei-a sob algumas poses, sonhando um dia ter algo parecido, e decidi atravessar a rua para dar uma passadinha na padaria da esquina e comer alguma coisa.

Sentei numa mesinha de frente para a rua e, de repente, meus olhos foram atraídos para um carro importado parado no semáforo. Logo percebi quem estava dentro dele, de óculos escuros e falando elegantemente ao celular: ele, o Dr. Richard.

O que fazia por ali, se nem era dia do seu plantão?

Fiquei observando-o atentamente de longe, porém não tive muito tempo. Assim que ele virou o rosto em minha direção, vergonhosamente escondi o corpo por detrás da pilastra. Ele parecia ter hesitado por um momento, deu uma sutil levantada nos óculos como quem desconfia de algo; em seguida, o sinal verde acendeu e os impacientes motoristas dos carros de trás começaram a buzinar, obrigado-o a acelerar o carro.

Será que ele me viu?

Putz! Que idiota que eu sou! Por que é que estou me escondendo? Eu, hein! Covarde! — xinguei-me internamente. Já começava a ficar com raiva das minhas próprias reações. O que ele poderia fazer contra mim? Nem estava no meu serviço...

Um senhor que passava perto da minha mesa veio me abordar.

— A mocinha está se sentindo bem? — perguntou com um semblante preocupado.

— Estou. — Não entendi a sua reação.

— É que ficou tão pálida que pensei que iria desmaiar.

— Ah, não... É só impressão, sou branca assim mesmo — disfarcei. — De qualquer maneira, obrigada pela preocupação — agradei.

— Por nada, mas se eu fosse você, faria uma refeição reforçada — sugeri, não levando muita fé na desculpa que arrumei.

Essa é boa! Eu estava tão branca assim? O que a falta de sol não fazia! Também, havia quanto tempo não tinha o prazer de ir a uma praia? Não sei, já nem lembrava quando foi a última vez que isso aconteceu...

Mesmo assim, resolvi aceitar a sugestão. Partindo do princípio de que provavelmente seria a única refeição que faria no dia, obrigatoriamente ela teria que pesar no estômago, ou não aguentaria esperar até a manhã seguinte.

E assim foi.

Ao primeiro sinal de luz matinal, despertei. Cheguei nova-mente cedo ao hospital, pus o uniforme e caminhei rapidamente pelo corredor, procurando Dora para desejar um bom-dia. Ela já surgiu com uma pilha de prontuários e colocou todos eles sobre a mesa.

— Stephanie, por favor, ajude-me a separá-los por setor e médico responsável. A enfermeira Lidiane não virá hoje, então ficaremos um pouco sobrecarregadas. Sorte que a Íris vai fazer hora extra.

— Pode deixar comigo. Mais alguma coisa?— prontifiquei-me.

— Dá para buscar os exames da Sra. Dirce Mattos e do Sr. João P. Azevedo no laboratório do terceiro andar? Os números deles estão aqui — solicitou.

— Fique tranquila, vou agora mesmo.

Fui fazer o que a Dora me pediu, passando em frente à sala do Dr. Richard. Ela permanecia trancada. É claro que já sabia que não era seu dia de plantão. A curiosidade não deixou que eu me furtasse de olhar na escala. Ri do meu próprio pensamento, quando percebi que sentia uma pontinha de decepção.

Só uma pontinha.

Bem pequenininha — pensei, numa tentativa de convencer a mim mesma.

O plantão fora bastante movimentado. A quantidade de pacientes superou as expectativas, mas até que gostei. Somente trabalhando com afinco a cabeça conseguiria se desligar do meu drama pessoal. Recebi até um elogio de Dora por todo o meu empenho e isso me estimulou.

Íris chegou mais tarde e acabou me apresentando a dois médicos plantonistas que trabalhavam no setor. Eles aparentavam ser bem mais *lights* e, sem dúvida alguma, competentes. Porém, tinham perfis bem distintos.

O Dr. Roberto era mais velho, baixinho, quase careca e possuía um bigode espesso que alisava diversas vezes durante o dia. Bem sereno, ele era dono de uma fala mansinha que denotava uma generosidade imensa. Tinha um jeito muito especial de tratar os enfermos, parecendo ter o incrível dom de captar o desespero deles e acalmá-los, explicando quantas vezes fossem necessárias o seu tratamento e mostrando sempre o lado positivo das coisas. Ele lembrava muito, fisicamente, aquele ator de filmes americanos, o Danny DeVito.

Já o Dr. Luciano tinha o perfil exatamente oposto. Era louro, jovem, alto e atlético, desses que gastam horas por dia malhando em alguma academia de ginástica, fazendo musculação ou outra modalidade qualquer. O humor era uma característica marcante em sua personalidade, não havendo quem não risse de suas piadas enquanto ele estivesse por perto. Não era difícil aparecer alguma paciente mais ousada tentando passar uma cantada nele. As próprias enfermeiras o faziam, e ele, com aquele jeito galanteador, dava sinais de que achava tudo isso ótimo.

— E aí, dona Íris, soube que andou arrasando nas pistas no sábado passado — falou Dr. Luciano, num tom gozador.

— Como você sabe disso? — desconfiou ela.

— Um passarinho me contou — disse ele, rindo.

— Fala sério! Você estava lá, não estava?

— Eu? Imagine! E mesmo se estivesse, você não me reconheceria. Do jeito que ficou chapada...

— Só bebi duas doses. Se você estava lá, por que não falou comigo? — indagou ela.

— Digamos que eu estivesse... ocupado — respondeu, com um ar presunçoso.

— Você não tem jeito mesmo, não é? Aposto que já iludia alguma pobre coitada desavisada! Quando é que vai tomar vergonha nessa cara e passar a se portar como um homem sério?— repreendeu-o.

— Sério como você, tropeçando nas próprias pernas? — debochou ele.

— Que mentira! Você é um palhaço, sabia?

— Quer deixar de ser chata e me apresentar logo a sua nova amiga? — exigiu ele, olhando na minha direção.

— Está certo, mas ela não é para o seu bico não, ouviu, *Mister Músculos*? — zombou. — Stephanie, este é o Dr. Luciano, médico plantonista também. Só tome cuidado para não cair na lábia dele... — alertou sarcasticamente, já saindo do recinto.

— Sou vacinada — retruquei, também com humor.

— Caramba! Tudo isso só por que vi essa maluca sendo carregada pelo marido? Do jeito que ela fala, fica parecendo até que sou algum monstro devorador de mulheres!

— Ela costuma beber mesmo desse jeito? — interroguei, preocupada com o que acabara de ouvir.

— Não é a primeira vez que vejo isso acontecer. Ouço sempre uns comentários entre o pessoal daqui. Quando estou por perto, sempre tento dar uma travada nela. Mas você sabe, ela tem marido, então... — Tentou se desculpar.

— Não sabia disso. Vou passar a ficar de olho.

— E você? — mudou ele de assunto. — Soube que é carioca. Como veio parar aqui, na minha terrinha?

Disse que não me conhecia e já sabia que eu era carioca? Meu sotaque era tão forte assim ou a fofoca no hospital corria solta?

— Necessidade — respondi, sem fazer rodeios.

— Tem parentes em São Paulo?

— Não. Estou sozinha mesmo.

— Isso é chato. Se quiser, posso lhe apresentar uns amigos, marcar alguma coisa para o fim de semana...

— Legal. Quem sabe uma hora dessas — agradei, procurando me resguardar da sua suposta investida.

— Andei marcando de ir ao Guarujá com amigos no próximo sábado, não quer ir conosco?

Passear em algum lugar praiano parecia realmente tentador, contudo, não podia nem sonhar com o luxo de fazer uma extravagância dessas. Provavelmente, teria que rachar a gasolina, gastar em restaurantes, enfim, tudo de que atualmente estava fugindo.

— Infelizmente, não vai dar. Vou... ficar em casa... estudando para um concurso — menti.

— Ok, você é quem sabe. Se mudar de ideia, o convite continua de pé — insistiu, parecendo não acreditar muito na minha versão.

— Valeu.

Até que esse e alguns plantões que se seguiram foram tranquilos, sem sinais de estresse. Só que virava e mexia, uma sensação estranha me perturbava internamente, dando-me a impressão de que alguma coisa estava faltando. Isso não era exatamente uma novidade, pois para mim sempre faltava. Apesar de tudo, tinha certeza que dessa vez era diferente, e não conseguia entender o motivo.

O que poderia faltar, além do que já não existia?

Achei que deveria ser a saudade da família, ou da Anne...

Assim que chegasse à pensão, tentaria falar com ela. E foi exatamente o que fiz:

— E aí, como está indo na maior metrópole do Brasil? — digitou Anne.

— Sobrevivendo. — A minha resposta foi imediata.

— Deslocada?

— O de sempre.

— E o hospital?

— Bom padrão.

— Conseguiu fazer alguma amizade?

— Que eu saiba, ainda não me transformei num ogro — zombei.

— Falei amizade, Stephanie. Não, aturar o convívio com as pessoas...

— É para eu rir da piada?

— Ok, então. Algum doutor disponível?

— Nenhum que me interesse.

— Algum legal, pelo menos?

— Até tem alguns, mas...

— Mas...? — insinuou.

— Nada — recuei.

— Digitou este “mas” por algum motivo, nem tente me passar a perna.

Pronto. Iria começar o inquérito policial. A investigadora Anne fixou o distintivo no peito.

— Tá, tudo bem. Mas também tem um que é irritante — despejei, completando a frase sem pensar.

— O que ele fez?

— É exigente demais, grosso, irritante, sei lá.

— Desde quando você se irrita com alguém só porque é exigente?

— Desde que o conheci.

— Ele deu em cima de você?

— Não.

— Pediu o seu telefone?

— Também não.

— É gato?

Levei alguns instantes para imprimir a minha resposta.

— É. — Tive que confessar a contragosto.

— Então a coisa é séria.

— O que quer dizer com isso?

— Está se interessando por ele — afirmou.

— É claro que não! — guinchei diante da tela. De onde ela tirou essa ideia absurda?

— Está — insistiu.

— Anne, vá dormir. Seu cérebro já se desconectou dos neurônios.

— Está irritada só porque descobri a verdade?

Ugh! Que ódio! A Anne, de vez em quando, parecia que tinha nascido para me irritar! Por que é que tive a infeliz ideia de conversar com ela? Devia era ter ido dormir mais cedo!

— Boa noite, Anne — finalizei.

Depois dessa, tive que desligar o computador e a luz do quarto para me forçar a dormir logo. A raiva, entretanto, não deixava. E o barulho também não. Devia ter ocorrido algum acidente para tantos carros ficarem parados, justamente na frente da minha janela, buzinando sem parar.

Haja tímpano para suportar tamanha poluição sonora! Talvez a música suave vinda do meu MP3 — última aquisição que fiz em Miami antes de acontecer a reviravolta na minha vida — pudesse dar uma enganada no cérebro.

Doce ilusão!

Resolvi assim driblá-lo, tomando o calmante que costumava usar quando viajava de avião. Precisava dormir de qualquer maneira, inclusive para trapacear a fome, minha atual inimiga noturna.

E consegui.

Porém, mal sabia eu que por duas vezes seguidas esse maldito remédio me colocaria numa encrenca danada...

Oito

E a primeira vez aconteceu logo no dia seguinte. Amanheci com os olhos pesados e quase tive um treco quando olhei para o relógio. Havia faltado luz durante a madrugada e não notei que o alarme fora desativado. Procurei pelo meu celular e exaltei.

Mas que droga! Se eu não corresse o mais rápido possível, chegaria atrasada!

Só deu tempo de tomar uma mísera xícara de café frio e sair para a rua em disparada. Corri o máximo que pude, chegando ao vestiário em minutos para colocar uniforme e prender os cabelos. Mesmo assim, atrasei em cinco minutos. Enquanto percorria o corredor, já podia ouvir de longe uma reclamação. E pela voz, desconfiei logo.

Era *ele*. Só poderia ser.

Assim que pus os pés naquele recinto, novamente o Dr. Richard disparou a falar sem ao menos ter o desprazer de levantar o rosto para saber quem estava ali ao seu lado.

— A enfermeira sabe por acaso que horas são? — perguntou, escrevendo algo no prontuário afixado na sua prancheta.

— *Errr...* Sim, doutor. Faltou luz ontem à noite e meu relógio não despertou. — Tentei me desculpar.

Desconfio que ele percebeu pela minha voz que não eu era uma das enfermeiras com as quais costumava lidar.

O médico levantou o rosto subitamente, encarando-me de uma forma perturbadora. Examinou-me a face em câmera lenta e mais uma vez notei que os seus olhos pousaram na minha boca. A diferença foi que, naquele instante, quem retraiu os próprios lábios foi ele, fato que tentou disfarçar, levantando uma das mãos para escondê-los e desviando os olhos para o lado. Tive a nítida impressão de que até ficou um pouco desconcertado, relutante, porém não se rendeu.

Apenas abaixou um pouco a cabeça e continuou falando secamente:

— Explica, mas não justifica — censurou. — Hospital é uma instituição séria. Os pacientes não podem esperar que nossos profissionais resolvam seus problemas pessoais para terem direito a um atendimento adequado.

Ugh! Ter que ouvir um sermão de alguém tão formado quanto eu dava nos nervos! O que a necessidade do emprego não fazia...

— O doutor... tem toda a razão. Isso não se repetirá, prometo — afirmei.

— É o que realmente espero — disse quase rosnando, olhando novamente para a prancheta.

— Necessita de algo? — arrisquei indagar, com medo de saber a resposta. Eu sei lá o que se passava na cabeça dele...

— Eu... preciso... — sua voz soou um pouco confusa — do... resultado da biópsia de medula óssea desta paciente. Será que agora já está apta a resolver esse problema? — ironizou, recompondo-se.

— Perfeitamente — enfrentei-o, confiante. — Aguarde somente um minuto.

Saí da sala e fui rapidamente ao armário onde eu mesma tinha separado os exames dos pacientes marcados para o dia seguinte, retornando não só com esse, mas com outros que ele nem havia pedido.

— Aqui estão, doutor. Trouxe também esses exames. — Estiquei a mão para entregá-lo.

Dr. Richard pegou o envelope da minha mão, observando--me com desconfiança. Sua testa franziu e parecia até que trincava um pouco os dentes. Era nítido como de alguma forma a minha presença o incomodava. Não conseguia entender direito o motivo, mas mantive o pé firme, procurando não demonstrar estar chateada com isso.

O fato é que ele avaliou por uns instantes os papéis, não relaxando por um minuto sequer. Suspirou nervoso e disparou:

— Não havia pedido um mielograma para ela também? Onde está?

— Não é o que encontrei anotado na ficha dela — retruquei, não me deixando abalar pelo seu modo exageradamente inquisitivo de falar.

— Tenho certeza que pedi — teimou.

Ele estendeu a mão para que eu devolvesse o prontuário da paciente e ficou me fuzilando com os seus olhos azuis, agora num tom mais profundo. Procurou dentre os papéis a sua solicitação e obviamente não a encontrou. Folheou novamente, parando de repente:

— Falta uma folha aqui — garantiu.

— O prontuário não saiu desta sala, doutor — rebati.

— O descontrole neste hospital está me irritando! — vociferou, já se retirando do recinto.

No fundo, mais parecia que ele queria arrumar algum motivo para desaprovar o meu trabalho ou não ter que olhar para a minha cara. Não havia como ter erro ali, as folhas eram numeradas. O que eu tinha feito de errado? Cometi o estrondoso pecado de não conhecer o funcionamento do hospital no meu primeiro dia? Atrasei cinco minutos? Ou será que ele estava achando que roubei a tal folha?

Haja paciência para aguentar esse homem!

Respirei fundo por algum tempo, esperando que ele retornasse, o que não aconteceu tão cedo. Aproveitei para fazer o teste de glicose e demais exames de rotina na paciente, enquanto o enfezadinho não dava as caras. Ouvi um chamado vindo de outra sala e pedi licença para sair, buscando atender ao máximo possível a todos. Na verdade, foi só para trocar um soro. Não demorei nem cinco minutos para retornar e ele já havia atendido àquela senhora. A paciente nem ao menos se encontrava mais naquela sala.

Achei tudo aquilo muito estranho. Essa rapidez não era comum nesse tipo de tratamento, principalmente quando ele atendia. Bem, pelo menos foi o que me disseram.

Ah, quer saber? Que se dane!

Não iria mais me preocupar com isso. Se ele não quisesse olhar mais para a minha cara, pelo menos que me deixasse em paz. Ele que se entendesse com o seu próprio mau humor!

O Dr. Richard devia ter atendido o restante dos pacientes na sua própria sala ou ido embora, pois não o vi mais nesse dia. Não que eu estivesse realmente me importando... Quer dizer, acredito até que no fundo estava sim, mas só porque queria poder entender a sua aversão gratuita à minha pessoa.

Só isso.

Os dias foram passando e a insônia continuava me consumindo diariamente, trazendo à tona todos os problemas e angústias que sentia. Não conseguia parar de me preocupar com a minha mãe naquele estado depressivo, o inconformismo pelo caso não solucionado do meu pai, a parte financeira, a instabilidade do emprego...

Enfim, o fato de ficar por tantas horas sozinha fazia com que a cabeça pensasse demais e doesse sem parar.

As têmporas e a nuca latejavam.

Aquele calmante era o único paliativo viável no momento, que servia para desanuviar os pensamentos e obrigar o cérebro a desligar da tomada. Sabia muito bem que não era certo fazer automedicação, porém, juro que não dei importância a isso enquanto aquela dor me atormentava com tamanha intensidade.

Se há tempos alguém me dissesse que precisaria de algum tipo de medicamento para apagar, acharia até graça. Nunca tive problemas com insônia antes, é sério. Para mim, dormir era até um alívio, uma espécie de fuga do meu vazio e, portanto, uma das poucas coisas que fazia com vontade, sem nenhum pingo de remorso. Apenas não esperava que aquele remédio fosse encrencar a minha vida pela segunda vez.

Que isso me servisse de lição.

Acordei novamente atrasada na manhã seguinte. Não ouvi o despertador do celular tocar. A sorte foi que o meu relógio interno não andava falhando ultimamente, só não deu para tomar café. Tive que sair correndo pelas ruas, chegando ao hospital ensopada de suor, mas no horário britânico.

Coloquei o uniforme rapidamente e disparei pelo corredor, rezando para que desta vez desse certo. Os plantões que o Dr. Richard comandava eram sempre uma verdadeira caixinha de surpresas. Esperava que ao menos nesse dia não fosse rejeitada de uma forma tão veemente quanto da última, embora duvidasse um pouco disso.

E não seria diferente. É claro que não.

Já da porta da sala pude observar: ele examinava o braço de uma paciente que precisava fazer uma coleta sanguínea com um sério ar de preocupação. Seus cabelos estavam molhados e penteados, como quem acabara de tomar um banho.

Seria possível que conseguisse ficar ainda mais bonito do que já era? Até hoje, duvidava que não.

— Cadê a enfermeira de plantão? — perguntou ele, olhando ao redor.

Entrei praticamente correndo para tentar ajudar no que pudesse. O barulho do meu salto, que rangia um pouco, provavelmente o incomodou, e ele acabou se virando bruscamente na minha direção. Parecia que sempre a figura aqui causava nele algum tipo de susto, pois não era a primeira vez que via o cara perplexo daquele jeito. Seus olhos sempre acabavam me analisando antes, porém, naquele momento, estranhamente eles foram descendo além do meu rosto, acompanhando uma gotícula de suor que descia pelo pescoço até a plaqueta que indicava o meu nome.

Depois de observá-la por um tempo, levantou os olhos novamente e disparou:

— Ninguém lhe ensinou como se deve amarrar um garrote? Não está vendo que a pele dela é muito fina? Veja como ficou edemaciada! — Mostrou com seus dedos brancos o braço da velha senhora, que o fitava espantada sem nada entender.

Simplesmente paralisei.

Eu ouvi direito? Ele estava *me* acusando? Havia acabado de chegar e nem tinha entrado direito na sala...

— Mas... eu... não... — gaguejei.

— Enfermeira Stephanie, gostaria que alguém a tratasse desta maneira? Poderia ser a senhorita a

precisar deste serviço um dia — repreendeu-me mais uma vez.

Fiquei incrédula, praticamente estática. Tive vontade de gritar, reagir à altura, mas não o fiz. Ao invés disso, engoli em seco e respondi com a voz entrecortada, ferida interiormente:

— O senhor tem razão, doutor. Queira me desculpar. Num movimento silencioso e tentando não tremer na sua frente, retirei o garrote e o coloquei novamente em posição. Em seguida, perguntei à paciente:

— Ficou confortável agora, dona Ruth? Ela assentiu com a cabeça, sorrindo.

Levantei o rosto e o encarei pela última vez, esperando que ele me passasse mais alguma instrução, ou, quem sabe, outra reclamação.

Durante todo o processo, procurei manter a cabeça baixa, fazendo força para não elevar mais os olhos, apenas respondendo o estritamente necessário. Fiquei me perguntando o tempo inteiro por que ele mesmo não havia retirado o maldito garrote do braço da paciente, já que se tratava de procedimento ridiculamente simples. A única conclusão a que consegui chegar foi que esperava a oportunidade de me infernizar a paciência ou até mesmo de me humilhar.

E, sinceramente, estava quase conseguindo o seu intuito. Depois disso, ele pouco falou comigo, dirigia-se quase que somente aos pacientes e quando precisava de alguma coisa, na maioria das vezes, sugeria movimentando as próprias mãos. A sua atitude só reforçava o que intimamente teimava em não conceber: ele não queria manter qualquer contato comigo, mesmo o exclusivamente profissional. E eu, obviamente, não tinha a menor intenção de instigá-lo ainda mais.

Assim que observei que não precisava mais dos meus serviços, saí sem me dignar a olhar para trás, da mesma forma que ele costumava fazer.

Fora da sua visão, apressei o passo e entrei quase correndo no banheiro dos funcionários, apoiando os cotovelos na pia.

Respirei fundo. Parecia realmente difícil me acalmar. Como podia uma pessoa ser tão insensível?

Teria que manter um controle sobre-humano para continuar ali. E de forma alguma poderia sequer pensar em desistir, minha família dependia disso. O que mais dava raiva nessa história é que, mesmo com tudo o que havia acontecido, precisava admitir: algo nele me deixava balançada, e estava plenamente certa de que não era decorrente da sua beleza rara.

Ele era... misterioso, intrigante. Os seus olhos evasivos denotavam lutar para esconder alguma coisa...

Ódio! Não dava para me entender! O cara foi totalmente injusto comigo e eu ainda conseguia pensar em besteira? Devia estar ficando louca ou totalmente idiota! Mas nada iria deixar me abater, não mesmo! Voltaria para o meu posto decidida a manter a pose, e de cabeça erguida. Afinal de contas, não cometi erro algum.

Foi exatamente isso o que fiz.

Saí do banheiro e caminhei mais composta, indo direto tomar um café na máquina que ficava no fundo do corredor; a minha garganta estava seca.

Seca e sedenta.

A falta de situação financeira me obrigou a perder o costume de comer à noite e ficar sem beber nada até aquela hora me deixou esturricada, os lábios chegavam a colar.

Apertei o botão, esperei alguns segundos e retirei-o num copinho plástico, virando-me rapidamente para retornar ao trabalho. E por essa, mais uma vez, não esperava: dei um encontrão no Dr. Richard, deixando o copinho de café cair no chão. Não havia percebido que ele chegava por trás...

Que praga! Por que tinha que ser justamente ele? Essa tortura não acabaria mais?

Praticamente agonizei com a situação.

— Ops! Desculpe, doutor. Foi sem querer — murmurei envergonhada pela distração e agachei de imediato para recolher a sujeira que havia feito.

Ele subitamente agachou comigo e segurou o meu braço. No entanto, num ato quase que suspeito, recolheu rapidamente a mão, olhando-a como se tivesse sentido um choque. Por alguns segundos, nossas faces ficaram muito perto e pude constatar o quanto ele era atraente.

Meu Deus, ele era incrivelmente atraente!

A sua íris brilhava num azul-violeta intenso e com pintinhas avermelhadas ao fundo, cor que nunca havia visto antes. E aquele olhar me hipnotizava...

Senti um arrepio, talvez um tanto pela temperatura fria dos seus dedos quando tocaram a minha pele, ou, quem sabe, por perceber o quão próximo estávamos um do outro. Imediatamente, o meu coração começou a bater de forma descompassada, sem me pedir qualquer tipo de permissão. As maçãs do rosto também deram sinais de rubor.

O que havia de errado comigo? Dei para ficar descontrolada em decorrência de um simples contato? Que ridículo! Os meus nervos deviam estar em frangalhos, depois de todas as desgraças que ocorreram!

Para intensificar o quadro, ele também exalava um perfume envolvente, difícil de ignorar. Tive vontade de puxar o seu jaleco para inspirar aquele aroma.

Seus olhos, por sua vez, pareciam não querer se desligar dos meus e me deram a nítida sensação de que ele havia parado de respirar por instantes, engolindo em seco. Em seguida, esses mesmos olhos foram fechados, como que tentando evitar algum tipo de contato ou pensamento; quando finalmente os abriu novamente, levantou-me pelo jaleco e disparou:

— Enfermeira Stephanie, por obséquio, queira me acompanhar até a minha sala — disse com seriedade e se virou, caminhando em direção ao destino solicitado.

Dr. Richard foi retornando à sua sala, ainda olhando para as próprias mãos, numa expressão estranha, com o maxilar contraído e aparentando morder o próprio lábio. Segui os seus passos já imaginando o que estava prestes a acontecer. Do jeito que o povo lá comentava, comecei a me preparar espiritualmente para ser despedida. Ele não era o dono ou o diretor, mas, segundo ouvi dizer, tinha uma participação societária no hospital, o que lhe conferia alguns poderes.

E o desespero foi me tomando por completo durante o percurso até aquele recinto.

Meu cérebro esfervilhava, pensando em como seria dali para frente se eu ficasse desempregada. Como saldar as contas, pôr comida no prato do meu irmãozinho...? Talvez o dinheiro não desse nem ao menos para pagar a passagem de volta ao Rio ou honrar com as despesas da pensão!

Estou lascada — pensei.

Entrei em sua sala praticamente encolhida, com a cabeça baixa, os lábios empalidecidos e temendo pelo pior. Só que, para minha surpresa, dessa vez me enganei:

— Preciso pedir desculpas formalmente. — O tom empreendido em suas palavras soou sincero. — Parece que cometi um engano, a paciente confessou que o garrote não foi posto pela senhorita, então...

Respirei fundo e senti um alívio imediato.

— Não tem problema, doutor. Estou aqui para auxiliar, não para contestar os médicos — respondi, embora mal conseguisse ouvir a minha própria voz, de tão nervosa.

Seus olhos voltaram novamente a me analisar.

— Entendo, mas... não gosto de ser injusto com ninguém.

— Está certo — falei, querendo encurtar a conversa. — Ainda necessita dos meus serviços?

— Quero saber quem cometeu aquela falha — exigiu. Era óbvio que eu sabia. Rendia o plantão de uma enfermeira chamada Madalena. Também não entendi o motivo de ela ter amarrado o garrote daquela maneira no braço da paciente e sumido em seguida, sem consumir o ato. Entretanto, jamais iria denunciá-la. Jamais. Ele, se quisesse, que fosse procurar na escala de plantão.

— Doutor, não costumo delatar e muito menos julgar os meus colegas de serviço. — Fui fiel aos meus conceitos.

— Compreendo — disse ele, dando impressão de escolher as palavras certas. — É que isso é um tanto difícil para mim. Não gosto de cometer deslizes. Lidamos com seres humanos, vidas preciosas. Qualquer erro pode ser fatal.

— Errar é humano, doutor — interrompi, finalmente criando coragem para rebatê-lo. — Todos nós cometemos falhas de vez em quando, até mesmo o melhor dos mortais.

Aquelas palavras pareciam ter causado um efeito estranho nele. Dr. Richard ficou por segundos meditando. Tive até a sensação de que havia uma pontada de dor em seus pensamentos e também de resignação. Quando tornou a responder, a voz soou mais baixa, talvez até mais compreensiva. Parecia que falava consigo mesmo:

— Sim, claro... Humanos. É que sou tão perfeccionista que às vezes acabo me esquecendo disso.

Como é que alguém poderia se esquecer de que era humano? — indaguei-me sozinha. Será que ele era louco? Será que se julgava um Deus? Achava-se tão perfeito a ponto de não se sentir mais mortal? Um ser mítico? Isso era pretensão demais! Já tive a oportunidade de conhecer pessoas convencidas na vida, agora, esse daí extrapolava o limite aceitável...

Respirei fundo, procurando forças para encerrar aquele diálogo absurdo, porém, antes disso, ele continuou:

— Sinceramente, espero que aceite as minhas desculpas — retornou ao assunto, voltando a me fitar com aquele olhar magnético, chegando um pouco mais perto.

Ainda com raiva da sua petulância, consegui me recompor e desviar os olhos dele, respondendo:

— Desculpas aceitas, doutor. Posso voltar ao meu trabalho agora?

— Certamente.

Sua voz denotava esconder um pouco de decepção pela conduta firme que exhibi. Entretanto, não fiquei para tentar descobrir o restante das suas reações. Também não queria que as minhas próprias reações me denunciassem, com medo que elas se tornassem evidentes demais.

Saí da sala de forma acelerada, em direção ao balcão do corredor para averiguar quem deveria atender em seguida. Precisava mergulhar de cabeça no trabalho para tentar de alguma maneira esquecer todos os incidentes desse dia infeliz.

Retornei com a prancheta agarrada no peito, juntamente com o esfigmomanômetro e o estetoscópio. Ao passar pela entrada da sala dele, reparei que a porta continuava aberta e instintivamente olhei de esguelha para o seu interior, encontrando o Dr. Richard sentado, com uma das mãos apoiando a testa e a outra analisando um termômetro, exibindo uma expressão indecifrável. Se por um momento tive a impressão de que ficara incrédulo com o resultado que via, por outro, parecia extremamente preocupado.

Alguns dos nossos pacientes estavam febris? Engraçado, fiz a medição de todos e não constatei absolutamente nada... O Dr. Richard também não poderia ser, suas mãos estavam há pouco, inclusive, geladas pela ação do ar-condicionado.

Não deve ser nada demais — calculei.

Adiantei o passo e fui atender uma senhora muito agradável que me aguardava sorridente. Aferi a sua pressão, o pulso e measurei a temperatura, enquanto ouvia as histórias que ela contava da sua netinha.

— Sua pressão está ótima, dona Dulce — elogiei. — Melhor do que muita garota de vinte anos.

— Sou idosa, mas me cuido. Caminho todos os dias, evito doces e frituras — relatou, orgulhosa.

— Faz a senhora muito bem, está de parabéns!

— Se não fosse pela doença, com certeza ainda estaria trabalhando — reclamou.

— A senhora vai ficar boa, é só ter um pouquinho de paciência — incentivei. — Sei que o tratamento é um pouco demorado, mas costuma ser muito eficiente, principalmente no seu caso.

— Deus a ouça.

— Ele há de ouvir.

Ela mudou de repente o assunto.

— O doutor ali é seu namorado? — perguntou, falando baixinho.

— Quem? — indaguei espantada.

— Aquele ali, que está parado, olhando você da porta...

E então virei a cabeça, encontrando o Dr. Richard me observando. O meu coração começou a acelerar novamente. Contudo, voltei a olhar para frente, um tanto atordoada. Ouvi passos no corredor e ele se fora.

— É claro que não — respondi, realçando o óbvio.

— Ele parecia interessado.

— Garanto que não.

Lá no fundo, apesar de tudo, bem que eu queria...

Difícil demais admitir isso, principalmente, quando na realidade ele só me dava patadas. Será que se tratava de algum tipo de maldição? Será que eu era dessas mulheres que gostam de apanhar, de ser humilhada por homens?

Não, é claro que não! Jamais conseguiria viver desse jeito. De qualquer forma, certamente aquela paciente estava errada. Nunca fui capaz de atrair alguém tão fascinante, já me acostumei a esse fato. Ele devia só estar checando se cometi algum erro, como sempre.

— Já vivi muito nesta vida, minha querida — interrompeu ela os meus pensamentos. — Vi coisas que até Jesus duvida. Também sou muito intuitiva. Por isso, posso apostar que o doutor ali está interessado em você.

— A senhora não faz a mínima ideia do que diz. Além do mais, *eu* não estou interessada nele. — Era melhor mentir em voz alta, quem sabe também não me convencesse disso.

— Ah, pois sim! — debochou com um risinho dúbio.

Ela pescou a mentira.

— Vamos mudar de assunto? — desconversei. — Como se sente hoje?

— Ótima. Parece que a única confusa neste hospital aqui é você — insistiu.

— Ok, a senhora venceu. Volto daqui a pouco para continuarmos, está bem? — encerrei aquela conversa constrangedora.

Saí dali pensando em suas palavras, mas estava na cara que era uma loucura. Ele não me parecia ser alguém que pudesse se interessar por quem quer que fosse. Julgava-se um Deus, onipotente. E mesmo que o fizesse, exigente como demonstrava ser, nunca olharia para alguém tão imperfeita. Parecia incapaz de esboçar um simples sorriso, uma palavra afetuosa. Pessoas assim deveriam ficar eternamente sozinhas, provavelmente se achariam completas e não vazias, como eu.

Desnecessário lembrar que, do jeito que era cobiçado e atraente, com certeza estaria acostumado a ter todas as mulheres aos seus pés, bastava estalar os dedos. Se num ambiente sério, de trabalho, já causava um impacto tão grande em todas as enfermeiras, imagine o estrago que não fazia em um ambiente descontraído...

Fui almoçar no refeitório do hospital e procurei sentar numa mesa junto às outras enfermeiras. Algumas, como Aline e Lia, eu já conhecia. A outras, fui apresentada na hora.

Aline e Lia eram quase que inseparáveis. Desde que começaram a trabalhar no hospital, jamais as vi desgrudadas uma da outra. Tinham uma afinidade impressionante, tal como eu e a Anne. Com gostos tão parecidos, quando uma cortava o cabelo, no dia seguinte, a outra também aparava porque gostara do visual. Roupas então, nem se fala... Daí perguntarem sempre se as duas eram irmãs, pois usavam o mesmo corte chanel nos cabelos com luzes douradas.

O clima finalmente se tornou descontraído. O doutor Luciano estava sentado junto aos seus colegas de profissão na mesa ao lado, de onde se ouviam muitas risadas.

Dora logo se apressou a me perguntar:

— E aí, como está se saindo com o nosso doutor? — indagou ela, referindo-se obviamente ao Dr. Richard.

— Sobrevivendo. — Preferi dar respostas curtas para não me enrolar.

— Bem, sobrevivendo ou não, até agora você é a recordista em horas de plantão ao lado dele — Dora fez questão de mencionar.

E isso, pelo que supus, devia ser um motivo para *eu* comemorar...

— Ela está auxiliando o Dr. Richard? — interrogou com curiosidade Aline, enfermeira de outro setor.

— Exatamente. — Fiz uma careta.

— E ainda não pediu as contas? Uau! Você é minha heroína! Como consegue? — perguntou a outra enfermeira cujo nome eu ainda não sabia.

— Preciso do emprego — justifiquei.

— Também preciso — revelou Lia. — Só não consegui fazer esse milagre.

— Ele é muito lindo, não acham? — derreteu-se a outra.

— Lindo é apelido. Aquilo é um ser de outro mundo — elogiou Aline, abanando-se para intensificar o que dissera.

— Alguém de vocês já conseguiu pelo menos enxergar a cor dos dentes dele? — A enfermeira do canto interrogou.

— De que jeito? O homem nunca sorri, vive sempre de cara amarrada! — exclamou Lia.

— Com aquela cara, meu amor, ele pode ficar zangado à vontade. Aliás, nem precisa falar. É só dar o endereço lá de casa que eu dou um jeito nele num instante! — Mais uma enfermeira se intrometeu, zoando.

— Não, gente! E aquele jeitinho sério de falar? “A senhorita, por obséquio, sabe ao menos a diferença entre Rh positivo e negativo?” — Uma delas imitou a sua voz, balançando a cabeça em deboche.

— “Não admito intempéries no meu plantão. Quando solicito tipagem AB+, não significa que preciso de A mais B” — emendou uma tal de Lurdes, dramatizando.

— O cara é enjoado, cheio de “nove-horas”— Deu sua opinião a enfermeira da ponta.

— Ah! Parem com isso! Vocês têm que admitir que ele é até elegante. Não me importaria de ouvir aquela voz formal ao lado do meu travesseiro. — Esta declaração nem ouvi de quem veio.

— Vai ver o gato foi criado pelo vovô — brincou Aline.

— A verdade é que seria o sonho de todas as mulheres deste hospital se ele abrisse aquela guarda — afirmou Lia.

— Olhando por esse ângulo, concordo. Mas, pelo lado profissional, não dá nem para chegar perto. O gato é radical demais. Não conseguiria trabalhar com ele. Nunca foi capaz de pedir desculpas a ninguém que eu conheça — disse Aline.

— Hoje ele pediu — afirmei com um sorriso envergonhado.

— *Nãããããããã!* — O coro foi unânime.

— Essa eu quero ouvir. Fala tudinho! — pediu Lia.

— É, nos mínimos detalhes — acrescentou Aline.

Encolhi instintivamente os ombros. Não estava acostumada a ser o centro das atenções e muito menos ficar rodeada daquela forma. Ainda assim, procurei responder de uma maneira simples, com a voz baixa, como se fosse a coisa mais normal do mundo:

— Não foi nada de tão incrível. Ele apenas me acusou de algo que não fiz e recebeu uma bronca da paciente.

— Não acredito! Será que o rapaz está mudando? Talvez deva me arrumar mais para ir ao seu setor — animou-se Lia.

— Ainda bem que eu trouxe o meu estojo de maquiagem. Quem sabe ele não me repare hoje, na saída... — A enfermeira do canto voltou a se pronunciar.

— É, e eu vou colocar um sutiã com um bojo maior para ficar mais sexy, baby! — emendou a outra.

Dessa, tive que rir.

— Essa comissão de frente é sua mesmo, ou foi comprada? — Aline me perguntou.

— É claro que é minha — respondi, sem graça. — Não teria coragem de enfrentar uma cirurgia só para colocar silicone nos seios.

— Pois eu tive — disse a outra. — Quem nasceu com a coisa minguada tem que se virar como pode.

— A Stephanie é que é uma sortuda. É magra, mas veio abençoada. Nem precisa desses artifícios! Se o doutor enfezadinho não reparou nela ainda, eu então... — disparou Lia, rindo da minha cara.

— Eu, hein! Pare com isso! — reclamei.

Detestava esse tipo de observação em público. Para falar a verdade, nem em locais reservados. Sempre fui tímida e retraída para determinados assuntos, e esse era apenas um deles.

Imediatamente após o comentário nada discreto de Lia, notei um olhar especulativo do Dr. Luciano justamente na parte frontal do meu jaleco. Ele devia ter ouvido parte de nossa conversa, entretanto, não escondeu seguidamente um sorriso malicioso. Tive que virar o rosto ruborizado de lado para esconder a vergonha que sentia.

— Gente — chamou Dora a atenção. — Vocês estão esquecendo de um pequeno detalhe... Parece que o Dr. Richard é comprometido.

— Ele é casado?

Fui vergonhosamente a primeira a perguntar, embora não exprimisse na voz um interesse tão elementar. Não havia reparado qualquer indício de aliança no seu dedo.

— Casado não, mas dizem que a garota dele é um escândalo de bonita — disse Dora.

— Claro! Esqueci da promotora! — suspirou Aline. — Como ela se chama mesmo? — Franziu a testa, buscando pela memória. — Ah, lembrei! Ava. Ela mais parece uma coelhinha da revista Playboy: loira, alta e tem um corpo de fazer inveja a qualquer uma! Que droga! Acho que não temos chance alguma!

— Ele que faça bom proveito — desdenhei, ruminando um desapontamento interno.

É claro que ele seria comprometido, não seria? Ninguém como ele poderia dar sopa por aí sozinho. E era de se esperar que escolhesse uma beldade assim para ser seu par. Apesar disso, mesmo considerando que seria plenamente justo, o fato de imaginá-lo beijando outra mulher me causou uma dor maior do que eu pensava.

E doeu. Inexplicavelmente doeu.

Daquele momento em diante, o dia havia terminado para mim. Se já não sentia tanta fome antes, agora o almoço parecia intragável. Arrumei uma desculpa qualquer e voltei para terminar o meu plantão. Não estava com cabeça para conversar com mais ninguém.

Dois dias após, na saída do hospital, Íris e seu companheiro, Sérgio, juntamente com outras meninas do plantão, praticamente me obrigaram a sentar num barzinho ali perto para conversar, já que era sexta-feira e não teríamos que acordar cedo no dia seguinte, pois não estávamos escaladas naquele fim de semana.

Eu logicamente nada consumi, nem mesmo um refrigerante. No momento, contava moedinhas para me alimentar e só receberia o meu salário daqui a alguns dias. Apesar disso, fiquei o tempo todo tentando me concentrar no papo animado, achando que conseguiria driblar o cérebro, que teimava em me trair.

A Íris não parava de beber e o seu acompanhante parecia que a incentivava. Em um dado instante, percebi que ele a passou algum tipo de pílula; depois de uma meia hora, ela ficou um tanto alucinada, falando besteiras.

Desconfiei imediatamente.

Isso não era uma atitude de alguém que tinha um filho pequeno para criar. Não possuía grandes intimidades com ela ainda, mas não conseguiria pôr a cabeça no travesseiro se não falasse a respeito desse assunto numa hora em que estivesse sozinha.

Cerca de duas horas depois, o clima começou a ficar esquisito. Os dois tiveram uma discussão

ridícula. Ele a acusava de azarar outro homem, quando ela nem mais quase erguia a cabeça de tão tonta.

Percebendo a situação constrangedora, as duas outras garotas se levantaram e foram embora. Também me preparava para fazer a mesma coisa, não querendo meter o bedelho no assunto particular dos outros, embora estivesse intimamente preocupada.

Só não tive tempo hábil para isso.

Sérgio deu um tapa no rosto dela e partiu para agredi-la mais ainda. A reação que tive foi a de empurrar peito dele com força, tentando separá-lo da Íris, que estava já caída no chão.

Ele, totalmente desequilibrado, não se conteve diante de tamanha ousadia da minha parte e levantou a mão para me agredir também. Escondi o rosto com os punhos fechados, pensando que levaria um soco, mas isso não ocorreu. Esperei por alguns segundos e quando tomei coragem para abrir as pestanas novamente, não acreditei: o Dr. Richard estava segurando o Sérgio, praticamente o entortando, com os olhos fixos nos dele. Parecia murmurar algumas palavras raivosas, como se estivesse lhe dando uma ordem e, imediatamente após, o indivíduo foi embora.

Essa eu não consegui entender... De onde ele surgiu? E o que fazia ali?

— Ele a machucou? — interrogou Dr. Richard, ainda zangado, procurando por alguma marca de violência em meu corpo.

— Não... — respondi, totalmente abilolada.

— Tem certeza? — insistiu ele.

— Não a mim. — Apontei para a Íris, que ainda permanecia no chão.

Ele então ajudou Íris a se levantar, examinou-a, e ao seu lado apareceu uma mulher. Era a tal Ava, só podia ser. Pelas descrições...

— Precisam de ajuda? — indagou ela, mostrando-se prestativa.

— Não. Agora está tudo bem, obrigada. Eu vou com ela — falei, decidida.

— E se ele estiver me esperando em casa? — perguntou Íris, temendo encontrar o Sérgio depois da agressão.

— Ele não vai mais incomodar — afirmou Dr. Richard, convicto.

— Não quero apanhar de novo, não é a primeira vez que ele faz isso... — Íris começou a chorar.

— Apanhou dele outras vezes? — Não dava para acreditar num absurdo desses.

— O Sérgio não vai me deixar em paz! — Ela se desesperou.

— Ele não vai mais incomodar — repetiu o doutor, perdendo a paciência.

— Como pode ter tanta certeza? — estranhei tamanha convicção.

Ele me encarou com o queixo retraído por instantes e ficou um tanto desconcertado.

— Tive com ele um papo de homem para homem. — Sua resposta foi evasiva, parecia não querer continuar o assunto.

Papo de homem para homem? O Sérgio nem mesmo abriu a boca! Apenas ouviu o que ele disse e foi embora como um cachorrinho, metendo o rabo entre as pernas! O que foi que ele falou para que aquele degenerado mudasse de comportamento tão rápido? Que poder de persuasão era esse, que em menos de poucos segundos fez com que uma pessoa fora de controle fugisse, sem ao menos titubear? Se o Dr. Richard estivesse armado, eu até que entenderia...

Bem, seja lá o que tenha sido, não era hora de contestar, e sim de agradecer. Afinal de contas, ele me

salvou de levar uma surra.

— Obrigada — agradei, olhando-o nos olhos.

Ele retribuiu o meu olhar por uns instantes, e ao encontrar a sua acompanhante, fez um gesto misterioso com a cabeça, demonstrando sintonia. Ela parecia compreendê-lo perfeitamente, assentindo e fechando os olhos.

Não deu para evitar sentir uma pontada de tristeza quando observei os dois juntos. As meninas tinham razão: a namorada dele era escandalosamente bonita. Na verdade, faziam uma perfeita combinação: ele, moreno de olhos azuis, e ela, loira platinada de olhos verdes. Dava até para entender com clareza o motivo de ele ignorar totalmente as pobres mortais que tentavam incessantemente chamar a sua atenção. Perto da sua companheira, qualquer uma de nós não teria a mínima chance.

— Não é necessário agradecer — finalizou Dr. Richard, ainda de um jeito enigmático, saindo apressado rumo ao seu carro.

— Richard, por que não oferecemos carona a elas? — Ava se precipitou, interrompendo o movimento dele pelo braço.

O olhar fulminante que ele direcionou à sua parceira, desses que transmitem um “Repita isso novamente e vou te esganar”, foi tão explícito que eu me antecipei logo à resposta dele para recusar o convite:

— Obrigada, mas ela mora perto. Dá para ir a pé.

Ava se despediu com um sorriso sem graça, quase que se desculpando, e entrou no carro ao lado dele. Nem foi preciso ser muito observadora para perceber que, quando o veículo parou no semáforo adiante, uma discussão entre eles foi formada. Mesmo no fundo decepcionada com o seu comportamento esquivo, busquei apagar momentaneamente o ocorrido. Aliás, o que deveria realmente me interessar era que, graças a ele, não havia sofrido dano físico algum.

Físico.

Sendo assim, a minha concentração tinha obrigação de se voltar para o problema atual: Íris.

Deu um trabalhão imenso levar a Íris para casa, precisei praticamente arrastá-la. Consegui que ela tomasse um banho e fiz um café, esperando que o efeito da sua atitude irresponsável cessasse. Tive que dormir por lá mesmo, para tranquilizar o seu pânico.

— Por que faz isso com você mesma, Íris? — indaguei, assim que amanheceu o dia. — Não se importa com o seu filho? Que tipo de exemplo espera dar a ele, agindo dessa forma?

— Eu acreditava que estava apaixonada — justificou ela, como se sua reação fosse absolutamente normal.

— E isso significa, então, que você tem que se destruir?

— Fiquei com medo que ele me abandonasse se não fizesse...

— E abandonou. Depois de amassar a sua cara. Achou que valeu a pena?

Íris chorou com pesar após observar num espelho o arroxeadado que exibia na altura da maçã direita do rosto e acabei ficando com pena dela. Talvez a entendesse até certo ponto. O fato de sentir algo por alguém indubitavelmente podia nos desestabilizar ou até mesmo nos ferir. Só que buscar a própria destruição não era sensato. Dela também dependiam outras pessoas.

— Não se destrua. — Tentei consolá-la. — Você é jovem, bonita e também uma pessoa muito especial. Com certeza vai encontrar alguém que a mereça.

— Falar é fácil — soluçou, reclamando.

— Tente se valorizar, Íris. Homem nenhum neste mundo merece esse tipo de atitude — argumentei.

— Stephanie, você já amou alguém na vida? — perguntou ela, ainda chorosa.

— N... Não. — Vacilei ao dar essa resposta.

— Então não pode entender o que estou sentindo.

Não possuía mais argumentos para oferecer, a não ser o meu ombro. Sinceramente, pensei que talvez o que acontecera no dia anterior tivesse sido para o meu bem. Foi melhor mesmo não alimentar mais expectativas sobre ele. Pelo menos ficaria livre dessas atitudes irracionais. Não iria arrasar comigo mesma por homem algum neste planeta.

Não mesmo.

Nove

O fim de semana foi entediante.

Passei a maior parte do tempo tentando dormir, embora não fosse uma tarefa tão fácil de executar, já que uma goteira se instalou devido a uma infiltração vinda do andar de cima, num lugar super bacana: bem nos pés da minha cama. E o pior é que como não havia outro quarto disponível e menos ainda como mudar a posição dos móveis, por se tratar de um ambiente muito pequeno, acabei improvisando com o uso de uma bacia e encolhendo as pernas.

Fiquei lendo os meus livros velhos ou prestando atenção a qualquer programa idiota que passasse na TV, embora nada estivesse conseguindo verdadeiramente me entreter. Até fui chamada para sair com as meninas, mas, depois da noite anterior, achei melhor dar um tempo. Não seria uma boa companhia para ninguém mesmo...

Nunca o meu vazio fora tão intenso até então. Era tamanho que chegava frequentemente a me sufocar.

Indaguei por diversas vezes por que é que havia nascido diferente das outras garotas. Seria tudo tão mais fácil! Não precisava ser rica, famosa e muito menos bonita. Apenas feliz, se é que essa palavra tinha algum significado concreto ou era apenas um delírio, um “sonho de uma noite de verão”.

Suspirei profundamente e fui responder ao chamado do meu computador. Quem mais poderia ser? Daria um doce a quem adivinhasse... Anne, é claro! Agora, nem a ela estava a fim de atender para não ter que ouvir abobrinhas ou confessar algo que não queria.

Bosta!

Ou respondo, ou alguém vai acabar desconfiando que está acontecendo alguma coisa errada comigo! — resmunguei em pensamentos.

— Oi, amiga, tudo bem? — digitou Anne.

— Tudo — menti.

— O que está fazendo agora? — perguntou ela, curiosa.

— Digitando palavras para você no computador — ironizei.

— Iiiiiih! Já vi que está de mau humor!

— Não estou de mau humor, só um pouco cansada. Trabalhei muito nesta semana.

— Esse mau humor todo tem a ver com o tal doutor exigente?

Pronto, vai começar.

— Já disse que não estou de mau humor — repeti, na intenção de me esquivar.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Alguém já disse que você é uma chata?

— Nossa! O caso é mais grave do que eu pensava... Você se apaixonou por ele! Isso é demais!

— Andou se drogando hoje? Foi só eu sair daí que arrumou más companhias? — ironizei novamente.

— Ele é casado? — insisti.

— Não sei e nem quero saber.

— Aposto que ele tem alguém e é por isso que você ficou assim.

Respirei fundo antes de perder completamente a paciência.

— Anne, acho que você está conversando com a pessoa errada. Alôôôô! Se liga! Sou eu, Stephanie, a sua amiga esquisita, lembra?

— Desista. Conheço você mais do que a peruca aí pensa. E como conhecia...

Essa filha da mãe parecia que adivinhava os meus pensamentos. Como ela conseguia penetrar na minha mente com tamanha facilidade? E nem mesmo perto dela eu estava!

Apesar disso, não iria dar o braço a torcer, isso nunca.

— Tem visto a mamãe? — indaguei, numa tentativa vã de alterar o rumo da conversa.

— Ela está bem, mas não mude de assunto. Se o cara não for casado, ainda está no páreo.

— Anne, não enche! Vá ver se estou lá na esquina!

— Vai ter que me pagar por aquela aposta — provocou.

— Sonha...

— É o que veremos — desafiou.

— Tenho que desligar, o meu celular está tocando. Tchauzinho — digitei, desvencilhando-me daquela conversa torturante.

O término do mês chegou, finalmente oferecendo um alívio por receber o meu salário integral. Pelo menos poderia fazer um lanchinho um pouquinho melhor do que pão puro com café todos os dias.

Já havia enviado a maior parte do dinheiro para a minha mãe e ela me deu a boa notícia de que era quase certo que conseguisse um emprego de secretária em um escritório de arquitetura. Foi a boa indicação de uma amiga que a colocou em posição de vantagem sobre as outras candidatas, e, para melhorar ainda mais, não precisaria nem ao menos pegar condução para ir ao trabalho por estar localizado a poucas quadras de nossa casa. Fiquei muito feliz, não só pela parte financeira, mas também por constatar que ela reagia, voltando à vida.

O Juninho também andou tendo uma boa melhora com a bota nova, só ainda demonstrava acessos de revolta. Supus que teríamos de ter paciência com ele, não era fácil perder um pai.

Eu que o diga...

Nunca vi o corpo do meu para ter certeza, embora, pelo tempo, não houvesse muito o que duvidar.

As semanas foram passando, e eu, tentando ao máximo mostrar eficiência no trabalho, principalmente estando ao lado do Dr. Richard. Era muito difícil ficar tão próxima, ainda mais quando encontrava os seus olhos me analisando. Sabia muito bem que era puro profissionalismo e, mesmo assim, sempre ficava sem ar. Na verdade, bastava que ele me chamasse pelo nome para que o meu coração se instalasse na garganta.

Em um determinado dia, fui para o hospital cedo e fiquei surpresa por encontrar uma velha conhecida da minha mãe, que fazia tratamento quimioterápico por lá. Ela se mudou para São Paulo há muitos anos e trouxe consigo a sua sobrinha, uma menininha muito fofa, por não ter com quem deixá-la. Normalmente, não era permitida a presença de crianças naquele setor, porém ela conseguiu uma autorização com alguém influente no hospital, somente para aquele dia.

A garotinha brincava com uma bolinha vermelha nas mãos — dessas macias que não quicam — e em

um dado momento a tal bolinha caiu e foi parar embaixo de uma maca que ficava do outro lado da sala.

Logo me prontifiquei a pegar o seu brinquedinho. Não considerava conveniente que uma criança pusesse as mãos no chão de um hospital, levando consigo agentes infectantes.

Apoiei, então, a prancheta dos prontuários que eu segurava na maca ao lado e agachei para pegá-la. Quando levantei, o Dr. Richard estava com uma bolsa de sangue do tipo AB+, pronto para oferecer ao Sr. Dario, um hemofílico muito observador. Este o advertiu antes que ele fizesse a transfusão, pois o seu grupo sanguíneo era diferente: O-.

Foi a gota d'água.

Dr. Richard ficou mais branco do que o costume e acabou virando furiosamente na minha direção.

— Foi a senhorita quem colocou este prontuário aqui? — interrogou, nitidamente nervoso.

— Sim, mas...

Como sempre, ele não deixou que eu explicasse.

— Enfermeira Stephanie, por acaso comprou o seu diploma? Sabe o que poderia ter acontecido se eu tivesse procedido à transfusão com este sangue que está marcado aqui, nesta folha?

Dessa vez não deu para aguentar. Não só não o respondi, como saí em disparada pela ala, escondendo, a todo custo, as lágrimas que desciam pelo rosto contra a minha vontade, entrando no banheiro dos funcionários. Sentia-me frágil demais, não havia como evitar.

Por que eu tinha que passar por isso?

Se ainda tivesse alguma culpa... Mas não. Não adiantava me esforçar, estudar, trabalhar com afinco...

Nada. Absolutamente nada adiantava.

Já o auxiliava havia quase três meses e dia após dia as exigências mudavam. Pedia uma coisa e depois dizia ser outra, a dosagem dos medicamentos tinha sido feita errada, a quantidade de bolsas de sangue nunca estava correta, os exames não eram os mesmos pedidos, erros no prontuário, folhas fantasmagóricas que sumiam...

Enfim, sempre haveria uma falha, algum motivo para reclamação, mesmo tendo certeza de que suas reivindicações eram infundadas ou até, quem sabe, propositais.

E o pior: como, depois de tudo isso, ainda podia gostar dele? Não podia. Era injusto! Tanto homem por aí e eu tinha que me interessar justamente por alguém que só me maltratava? Será que não bastava tudo o que já passara? Parecia ser algum tipo de praga, uma maldição! Precisava urgentemente reunir forças para reagir. Só iria gostar de quem gostasse de mim, e a mudança começaria naquele instante!

Lavei o rosto para disfarçar o inchaço nos olhos e parti para o corredor, determinada a falar com Dora.

— Dora, quero pedir minhas contas — exigi, derrotada. Só Deus sabia o quanto doeu ter que fazer isso, por pensar nas consequências desse ato.

— Quer deixar o hospital? Por quê? Você estava indo tão bem! — disse ela, preocupada.

— Acho que você sabe o motivo. Não aguento mais. Não tenho sangue de barata.

— Tenho certeza de que ele não gostaria que você fosse embora desse jeito — insistiu.

— Não? Pois, em minha opinião, é só o que parece que ele gostaria. Se bobear, devo fazer até um grande favor. O cara vai soltar fogos de artifício por se livrar da minha companhia!

— Engano seu, Stephanie. O Dr. Richard gosta do seu trabalho.

— Se gosta, tem uma maneira bem peculiar de demonstrar, não acha? — ironizei.

— Sim, ele é realmente uma pessoa difícil, mas...

— É um profissional excepcional. O melhor que já conheci — completei, admitindo. — Mas esse argumento não é suficiente, e nem mesmo a minha dificuldade financeira, para que eu seja obrigada a ouvir acusações injustas de alguém que não me suporta. Cansei de dar murro em ponta de faca. Para mim não dá mais.

Dora coçou a cabeça diante do dilema. Esgotara seu repertório e ainda por cima ficaria com outro problema nas mãos: onde encontrar outra enfermeira que se adequasse aos rígidos padrões de perfeição exigidos pelo supremo doutor? Aliás, se a pouca intimidade permitisse, diria a ela que se iludia. Ele não precisava de auxiliares e a impressão que tinha era de que apenas as suportava para não ficar diferente dos outros membros da equipe.

— Não vou deixar uma profissional competente como você ir embora daqui, apenas trocar alguns plantões, ok?

Pensei por uns instantes na importância que tinha aquele emprego para mim e assenti com a cabeça, aceitando.

— Por hoje, vou dispensá-la. Você não me parece bem. Pode ir para casa descansar — permitiu ela com generosidade.

E fazer o que na pensão? Ficar olhando o teto mofado, repleto de infiltrações, ou para as lindas paredes azuis descascadas, destilando lamentações? Ou, quem sabe, choramingando?

Não! Basta!

Precisava enfrentar os problemas de frente. Podia ter perdido uma batalha, mas ainda não levantara a bandeira branca em rendição.

— Posso trabalhar hoje mesmo, desde que não tenha mais contato com ele — prontifiquei-me, magoada.

— Vou ver o que posso fazer — prometeu.

Voltei para a ala ainda sentindo o rosto inchado e peguei os remédios a serem administrados para distribuir entre os pacientes da ala dos internados.

E lá vinha ele na direção contrária...

Abaixei a cabeça para que não pudesse ver a mágoa estampada na minha cara — lamentando o fato de não poder soltar os cabelos e me ocultar ainda mais —, e segui adiante, fingindo não notar a sua presença.

Creio que o Dr. Richard percebeu e resolveu mudar de rumo. Apertei o passo em resposta e ele fez o mesmo, só que conseguiu ser mais rápido, contendo-me pelo braço. Puxei o pulso de volta e o fitei com raiva, porém, meus olhos me traíram e as lágrimas voltaram a rolar. Mais uma vez, virei para seguir em frente, tentando enxugar a face com uma das mãos. Quando cheguei à outra ala, ele já estava lá me esperando.

Como ele fez isso? — estranhei.

O pior é que da maneira como fiquei posicionada não havia mais como fugir; sendo assim, não teria jeito. Seria obrigada a ouvi-lo. Praticamente encurralada, não pude evitar que a pulsação acelerasse ao encontrar os seus olhos pousando novamente em meus lábios antes de começar a falar:

— Stephanie, ouvi rumores de que pretende ir embora daqui.

Como ele já soube disso? As paredes do hospital devem ser de papel!

— *Enfermeira Stephanie* — corriji. — E não precisa fingir que se importa.

— Eu me importo sim, e...

— Ah, doutor, me poupe! Já tive tempo suficiente para perceber o quanto sou relevante para o senhor aqui. Mas não se preocupe, continuarei neste hospital por necessidade, num horário em que não possa cometer falhas para incomodá-lo. E se me der licença, estou indo agora mesmo comprar outro diploma! — falei rispidamente e saí dali correndo, encerrando definitivamente o contato.

Depois daquele dia, o tempo resolveu rastejar com uma lentidão inimaginável, ou pelo menos era essa a impressão que tinha. A rotina do hospital se intensificou e cada vez mais fui me entrosando com os pacientes, funcionários, médicos e demais profissionais da área de saúde.

Era necessário levar a vida adiante. De nada serviria ficar pensando em coisas que nunca aconteceriam. De vez em quando, ouvia alguma piadinha pelo fato de ser mais uma a não aguentar o seu plantão. Eu evitava ao máximo falar sobre o assunto, mas parecia que ele era uma figura singular naquele lugar. Os relatos de transplantes de medula bem-sucedidos, curas repentinas e tratamentos milagrosos pipocavam sem parar. E até mesmo nos dias em que o doutor não dava plantão, esporadicamente o encontrava.

Numa dessas ocasiões, quando eu ia embora, ele estava estacionado na frente do hospital com a tal loura fatal. Tantos lugares para se encontrarem nesta metrópole e eles tinham que ficar justamente ali? Todo castigo no mundo devia ser pouco para minha pobre alma!

Que mal fiz a Deus?

Desconfio até que ele viu quando desci as escadas e, para evitar contato, procurei caminhar na mão contrária à pensão, dando a volta no quarteirão.

Ava, alheia aos meus sentimentos, parecia acariciar os seus cabelos, como se o tivesse consolando. Não conseguia imaginar o que poderia fazer o doutor sabe-tudo ficar com aquela expressão depressiva.

Dias mais tarde, ele entrou pelo corredor de mansinho. Eu já havia terminado meu plantão e conversava animadamente com a Íris e o Dr. Luciano, que contava algumas piadas engraçadas. O Dr. Richard chegou exatamente na hora em que ele dizia o desfecho da anedota ao pé do meu ouvido, deixando a Íris de fora, irritada. Dei uma risada e quando virei o rosto, percebi com perplexidade que ele nos observava, exibindo uma expressão severa e saindo logo em seguida. Pelo visto, só eu havia notado a sua presença. O pessoal lá dentro não parava de falar. Tentei ignorar o fato e voltar para a conversa, como se o cérebro conseguisse prestar atenção em mais alguma coisa depois disso...

Mais algumas semanas se foram e encontrei aquela paciente simpática, a dona Dulce, que veio fazer, ao que parecia, sua última bateria de exames.

— Oi, filhinha, como vai? — perguntou ela.

— Bem, e a senhora? Nossa! Parece que temos alguém praticamente curado aqui... Já está com outra cara! — elogiei.

— Acho que o Dr. Richard vai me dar alta. Depois que ele começou a me atender, melhorei de uma hora para outra — disse, toda animada.

— Fico muito feliz pela senhora, ele é realmente muito competente.

— E bonito também, não é, minha filha?

— É... E bonito. — Suspirei, procurando desviar a imagem dele da cabeça.

— Ainda não deu chance ao rapaz?

— Chance de quê? — Fingi que não entendi a pergunta.

— Sabe muito bem do que estou falando, ele continua interessado em você.

— De onde a senhora tirou isso, dona Dulce? — indaguei, já perdendo a paciência.

— Não tirei de lugar algum. Vejo com os meus próprios olhos, não sou cega. Aliás, o doutor bem que tentou disfarçar olhando para aquela prancheta, quando falei que achava você simpática e ele aproveitou para perguntar se a tinha visto na minha última sessão de tratamento.

— Ele perguntou por mim? — Não dava para acreditar numa coisa dessas.

— Oh, sim... Queria saber se você parecia feliz — anunciou.

— É claro. — Ri da impossibilidade da coisa.

— Você está rindo? — implicou ela. — Tinha que ver o “Não sei” enfezado que ele deu quando o rapaz que foi atendido antes de mim questionou aonde foi parar a “enfermeira-gata” que o auxiliava.

Essa é boa! Grande novidade!

Desde quando ele não estava mal-humorado? E quantas outras enfermeiras — bem mais bonitas do que eu, inclusive — não deviam ter tentado auxiliá-lo depois de mim? Bem se via que a paciente não o conhecia. A coitada caducava. Não parecia certo uma senhora com aquela idade sair sozinha pelas ruas naquele estado de confusão mental. Imagine o que poderia acontecer com a pobre, neste mundo tão violento...

— Da próxima vez, venha acompanhada, viu, dona Dulce? — recomendei, batendo em retirada com um sorriso nos lábios.

— O pior cego é aquele que não quer enxergar o que está diante do próprio nariz — retrucou ela em alto e bom som, desconfiando que eu saía de perto por duvidar da sua sanidade.

Nesse mesmo plantão, antes de ir embora, eu conversava novamente com o Dr. Luciano, que ultimamente havia se tornando um amigo bastante agradável. Eu lhe mostrava um anel antigo que fora da minha avó e que continha um símbolo diferente. Sempre tive curiosidade de saber o que significava aquele desenho em alto-relevo e costumava usar aquela joia na mão direita. Ele, como vinha de uma família de antiquários, logo se interessou pela peça e pegou a minha mão para observá-la de perto.

— Parece mais um símbolo de nobreza. É provável que tenha tido algum antepassado nobre em sua família, como um Barão ou um Visconde — observou ele.

— Acho que ouvi alguma coisa sobre isso da minha mãe, mas não me recordo muito bem. Ganhei o anel dela quando ainda era garotinha — expliquei.

— Hoje em dia, não é difícil descobrir a árvore genealógica pela internet. Se você quiser, posso ajudar a fazer a pesquisa — ofereceu-se.

— Ah, claro. Assim que eu tiver um tempo... — dissimulei, notando que ele discretamente acariciava os meus dedos, imobilizados pela sua mão forte.

— Você tem os dedos longos. Por acaso toca piano?

— Não. Não tenho vocação alguma para a música — falei, trazendo sutilmente a mão de volta.

Quase que paralelamente à nossa conversa, o Dr. Richard passou por trás de nós dois e praticamente

vou para sua sala. Intrigada, não resisti ao impulso de espioná-lo. Fiquei curiosa para saber o que ele fazia ali.

Pedi licença ao Dr. Luciano, dizendo que havia esquecido o celular no vestiário e fui bem de mansinho olhar pela fresta da porta.

Ele jazia sentado com os dedos tamborilando nervosamente sob a sua mesa, totalmente impaciente. Em seguida, levantou, ficou balançando a cabeça como se estivesse brigando com seus pensamentos e se olhou num espelho que ficava no canto da sala. Fechou os olhos exibindo uma expressão sofrida, e, quando finalmente os abriu, esmurrou o espelho, quebrando-o em mil pedacinhos.

Acabei fazendo um barulho pelo susto que levei e ele descobriu, surpreso, a intrusão. Quando veio em minha direção, seus olhos azuis apresentavam um tom escurecido, talvez por estar na penumbra. Automaticamente abaixei a cabeça e recuei, a pulsação acelerando a mil por hora.

— Stephanie, espere um minuto — pediu ele, entoando uma voz sensualmente rouca.

Jesus! Ele nem podia pronunciar o meu nome para que eu tremesse da cabeça aos pés?

— Sinto muito, doutor. Foi... inconveniente da minha parte. Peço desculpas. — Tentei justificar o injustificável e saí batida.

— Espere, não...

Foi só o que consegui ouvir, pois, sem nem pensar, já estava fugindo novamente. Sentia-me uma tremenda covarde. Não lembrava de ter me comportado dessa forma antes de conhecê-lo, muito pelo contrário, mas precisava sair de perto para não ser destruída. A atração que ele exercia sobre mim era animal, por isso tinha obrigação a me afastar, para resguardar o pouco de amor próprio que me restava.

Corri pelas ruas a uma velocidade tal que cheguei à pensão em menos de três minutos, suando em bicas e extremamente ofegante. Fiquei debruçada na janela do meu quarto para respirar melhor e eis que, de lá de cima, avistei-o caminhando pela rua, olhando para os dois lados, dando a perceber que procurava por alguém. Acabei agachando e escondendo a cabeça abaixo da janela por reflexo.

Ele estava *me* procurando?

Fui levantando sorrateiramente, o suficiente para que apenas os olhos ficassem a descoberto e notei, desencantada, que um carro havia acabado de estacionar bem à sua frente e de dentro dele surgiu Ava, com quem o doutor trocou algumas palavras e partiu em seguida.

Como fui tola! É claro que não era por mim que ele buscava! De onde tirei um absurdo desses? Nunca signifiquei absolutamente nada para ele. Por que acreditei que algum dia seria diferente?

Deus! Como desejava virar aquela página, mudar o rumo que a minha vida tomava. Mas como? Estava presa àquele emprego, acorrentada a uma sina... Queria ter condições de sair dali e buscar de algum jeito uma pista que fosse do paradeiro de meu pai. Apesar de todas as evidências, ainda havia um resquício de esperança bem no fundinho do peito. Só eu sabia o quanto precisava do ombro e do abraço dele agora. Ele, sim, iria me compreender.

Naquela noite, mais uma vez custei a dormir. E só o fiz quando o dia já quase amanhecia.

Dez

Uma semana depois. Seis horas da manhã.

Seria sonho ouvir o celular tocar naquela hora, justamente no meu dia de folga e logo quando consegui, a duras penas, enganar a maldita insônia?

Mesmo antes de tomar coragem para abrir os olhos, a minha mão foi apalpando a mesinha de cabeceira até encontrar o aparelho raivoso e encostá-lo próximo à orelha. *Por que inventei de colocar um toque polifônico tão irritante e num volume tão alto?* — reclamei comigo mesma.

Ah, lembrei! Justamente para me obrigar a acordar...

— Stephanie, é você? — indagou uma voz do outro lado da linha.

— Hmmm, hmmm — confirmei, ainda em estado letárgico.

— Desculpe por acordá-la tão cedo. Sou eu, Dora.

— Ah... Oi, Dora. Algum problema?

— Sim, ou jamais a incomodaria na sua folga. Preciso da sua ajuda.

— Fale.

— Houve uma avalanche de enfermeiras doentes hoje. Duas delas foram diagnosticadas com Rotavírus, uma está com enjoo e a outra perdeu um parente. O caos se instalou no nosso setor.

— Já entendi. Em meia hora chego aí — prometi.

— Obrigada. Sabia que podia contar com você.

— Ah, só um detalhe. Quem é o...?

Eu ia perguntar quem era o médico plantonista, mas Dora desligou o telefone antes. Ela não me colocaria novamente ao lado dele, colocaria? Droga! Não ligaria de volta só para demonstrar fraqueza na frente dela.

Levantei praticamente me arrastando e entrei direto no chuveiro, escovando os dentes dentro do boxe mesmo. Coloquei um jeans e a primeira camiseta que avistei na frente, analisando pela janela se havia o risco de sentir frio. Pelo céu claro, acreditei piamente que não. Pensei em tomar um café rápido para afastar o cansaço, porém o pó solúvel havia acabado, portanto, algo bebível, somente no hospital.

Cheguei ao meu andar acanhada, passando direto pelo quadro de avisos para observar a escala dos plantonistas do dia. Para meu alívio, era dia do Dr. Roberto.

Só que o plantão da noite era *dele*.

Meu cérebro já começava a maquirar um jeito de sair sem haver a possibilidade de nos esbarrarmos pelos corredores mais tarde.

— Salve, salve! É a minha enfermeira favorita que veio acudir este pobre médico solitário? — saldou o Dr. Roberto. — Pensei até que trabalharia sozinho hoje. O que houve com o resto do mundo? Tomaram chá de sumiço?

— Segundo ouvi Dora dizer, trata-se de um vírus que faz evaporar as enfermeiras — brinquei.

— Só espero que cara amassada de sono não seja o primeiro sintoma, ou vou ter que continuar trabalhando sozinho — zombou. — O que fez ontem à noite? Namorou demais e esqueceu de dormir?

Revirei os olhos em ironia.

— Muito pelo contrário. Briguei com o meu namorado a noite inteira. Qualquer dia lhe apresento. O nome dele é Travesseiro e o apelido, Desmilinguido.

Dr. Roberto deu uma risada baixa e balançou a cabeça, recusando-se a acreditar na minha versão.

— Espero você no ambulatório, comediante.

— Estarei lá em cinco minutos. É só o tempo de mudar de roupa e tomar um cafezinho na máquina para “espantar o vírus”.

Mesmo atolada de pacientes para atender, gostei de trabalhar na minha folga. Ficar na pensão era pior e o Dr. Roberto me deixava mais à vontade. Tratava-me como um tio querido e eu nunca precisava levantar a guarda para me defender de alguma investida. Só comecei a ficar apreensiva quando o término do expediente se aproximou. Sabia que o Dr. Richard nunca se atrasava e a simples hipótese de encontrá-lo me acelerava o pulso.

— Algum problema? — perguntou o Dr. Roberto, notando a minha mudança de humor repentina.

— É só... uma dor de cabeça — justifiquei.

— Dormiu mal. Devia se recolher mais cedo para descansar, já atendemos o último paciente.

— Ainda falta meia hora para a troca de plantão — intimamente lamentei.

— Vá, guria — incentivou. — Hoje nem era o seu dia. Pode deixar que eu me responsabilizo, ainda vou ficar mais um pouco para organizar uns papéis na minha pasta.

Nem acreditei ter conseguido essa dispensa providencial tão facilmente, de mão beijada e sem nem ao menos pedir ou inventar uma desculpa. Parecia até que fora ouvida em minhas preces!

Troquei de roupa rapidamente, e, ao invés de pegar o elevador, desci pelas escadas. Soube que alegria durava pouco assim que cheguei à entrada do hospital: chovia a cântaros e a temperatura declinara rapidamente.

Beleza. Usava uma simples camiseta e não havia trazido o guarda-chuva...

Olhei o relógio para verificar se ainda poderia esperar algum tempo, na esperança de a chuva cessar, mas desisti. Não era aconselhável correr o risco de encontrar com ele. Apenas dobrei as barras da calça e parti para o sacrifício.

E que sacrifício! *Brrrrrrr!* Que frio! Mal conseguia enxergar alguma coisa a dois palmos do próprio nariz, tamanha a intensidade da tempestade.

Bem, eu não enxergava, mas parecia que algum engraçadinho, sim. Bastou que a anta aqui andasse cerca de dez metros adiante para que um carro desviasse do seu curso normal e passasse de propósito numa poça enorme só para me presentear com um banho completo. O motorista, autor da proeza, riu da situação e gritou:

— Uhú! Desfila na passarela, gata da banheira!

— Gostosa! — complementou o seu parceiro do banco do carona.

Os homens que cruzavam o meu caminho praticamente paravam para me observar. Desci os olhos pela minha roupa e entrei em parafuso.

Oh, sim! Agora o serviço ficou completo! — grunhi. Iria fazer a alegria da rapaziada, arrepiada de frio e desfilando pelas ruas na versão paulistana da “miss camiseta molhada”!

Xinguei um sonoro palavrão e enxuguei o rosto com o antebraço, ansiando por conseguir manter a

calma e não chamar ainda mais a atenção, afinal, já devia ter estourado a minha cota de azar daquele dia.

Ou será que não?

Pelo sim, pelo não, só me sentiria segura quando estivesse trancada no meu quarto. Olhei para os dois lados da rua, raciocinando o que seria melhor (ou pior): atravessar pela frente do hospital e chegar à pensão pelo caminho mais curto — na eminência de encontrá-lo — ou dar a volta no quarteirão daquele jeito, correndo o risco de ficar resfriada.

Não titubeei. Julguei ser o resfriado menos danoso para a minha saúde.

Creio que paguei um preço alto por ter sido tão medrosa. Descobri alguns passos depois que escolhi o lado errado. Dois rapazes passaram por mim, um de cada lado, e o da direita tentou puxar a minha bolsa sem sucesso, pois eu tinha o costume carioquíssimo de andar agarrada a ela feito um carrapato. Se a coisa já andava feia para o meu lado com o pouco salário que tinha, imagine se o perdesse ou fosse roubada.

Só que do segundo rapaz não consegui escapar. Este segurou o meu pulso esquerdo de modo a torcê-lo e arrancou com toda força o relógio de aço que estava ali, fugindo em seguida. A dor causada pela torção foi intensa, provocou até um corte pequeno no local, mas sangrava bastante. Por um ou dois minutos só o que fiz foi me contorcer abraçada à minha bolsa.

Imediatamente após algumas pessoas se aglomerarem ao meu redor, Lia e mais duas enfermeiras escaladas para o plantão noturno me reconheceram.

— Stephanie? — indagou Lia, perplexa.

Não arrumei fôlego suficiente para responder.

— Meu Deus, o que houve? — Ela agachou, sustentando o seu guarda-chuva.

— Fui assaltada. Levaram o meu relógio. — Minha voz desvanecia. — Machuquei o pulso.

Sem nem perceber, já estava novamente na entrada do hospital, empurrada por elas.

— Para onde pensam que estão me levando? — Freei com o pé instantaneamente.

— Para o hospital, não é óbvio? — disse Lia.

— Não vou para o hospital, quero ir para casa.

— Está machucada. Precisa fazer um raio X e um curativo.

— Segurou meu outro braço e veio me puxando ainda mais para dentro.

— Não tem nada fraturado aqui — resmunguei, fazendo força contrária.

— Pare de fazer drama. Vamos agora mesmo ao setor de ortopedia — praticamente ordenou, e suas amigas vieram me escorando até o elevador.

— Lia, não posso entrar no hospital dessa maneira! Será que você não vê? Estou pingando, parece até que saí de um banho de cachoeira!

A alusão era perfeita, inclusive na temperatura. Eu tremia da cabeça aos pés.

— Prefere ficar sentindo dor?

— Prefiro — teimei.

— Quer algo para se cobrir antes, então?

Essa não deu para recusar.

— Então tudo bem. — Acionou ela outro botão do elevador, abrindo justamente no andar que eu

temia. — Venha. — Empurrou-me à força para o corredor.

— Não! Aqui, não! — sussurrei em desespero, apertando o botão do painel para ver se a porta do elevador reabria.

— Só vamos pegar o seu jaleco! — elevou a voz, disposta a me convencer a todo custo.

— Por que o pânico? Não está na sua ala? — perguntou a outra enfermeira.

Uma voz interrompeu o diálogo delas. A voz que eu tanto receava ouvir.

— As senhoritas não perceberam que estão num hospital, local onde primamos pelo silêncio? — Dr. Richard criticou.

Encolhi por trás das meninas. Por sorte era a mais baixa de todas.

— Doutor Richard, hoje é dia do seu plantão? — disse uma delas, derretendo-se.

— Não o vejo há algum tempo. Já arrumou outra auxiliar? — perguntou a outra, querendo chamar a atenção dele.

— Doutor, não foi nossa intenção falar tão alto, mas é que... — Lia tentou se explicar.

— Enfermeiras, existem pacientes repousando neste andar. Caso queiram continuar a conversa, recolham-se às suas salas ou voltem para casa. — Ele foi enfático.

Aproveitando que elas o distraíam, fui saindo de fininho, literalmente agachada, na intenção de alcançar a escada.

— Só estávamos tentando socorrer uma colega. Não viemos ao hospital para fofocar — reclamou a amiga de Lia.

— *Socorrer?* — O timbre da voz dele mudou.

— É... Stephanie, mostre ao doutor o seu... Stephanie? Ué, aonde ela foi? — Ouvi a fala de Lia ao longe, fazendo-me apressar o passo. — Doutor...?

Cinco segundos. Esse foi o tempo que levou até que os passos dele praticamente colassem nos meus.

— Stephanie! — chamou-me ele num murmúrio.

Resolvi fingir que não ouvi, embora o coração desse sinais de pouca resistência, prontinho para me trair.

— Stephanie! — bradou.

— Está falando alto, doutor. Vai acordar os pacientes — alertei, sem coragem de me virar.

Ele perdeu a compostura e quis me conter segurando pelo pulso, justamente naquele pulso machucado, forçando-me a girar o corpo de frente. Tapei a boca com a outra mão para conter o urro que se formava na garganta enquanto o seu olhar incrédulo me percorria em toda extensão, deixando-o boquiaberto. Já não sabia mais se eu tremia de dor, de frio ou pelo receio que ele me visse daquele jeito.

— O...O... O que houve? — A sua gagueira refletia uma mistura de preocupação e embaraço.

— Solte o meu pulso, por favor — praticamente implorei, gemendo.

Ele atendeu ao meu pedido roboticamente, e, em seguida, seus olhos expressaram pânico ao notar o sangue que escorria em sua mão.

— Eu... Eu fiz... isso? — indagou com rouquidão, atônito.

O cara pensava que uma simples contenção de braço me cortaria o pulso ou o faria inchar? Devia ter bebido antes de vir ao hospital...

— Não, doutor — tranquilei-o. — Isso foi obra de um assaltante que levou o meu relógio.

Como se estivesse se contendo para não mais olhar na minha direção ou para o sangue, ele fechou os olhos e virou o rosto, entrando de imediato no banheiro dos funcionários com os braços esticados, provavelmente para lavar as mãos.

Essa é boa! — pensei com ironia. *Um hematologista com nojo de sangue! Devia tê-lo avisado que não possuo qualquer doença transmissível.*

— Por Deus! O que houve, menina? Pensei que já tivesse ido embora. — O questionamento veio do Dr. Roberto, que acabara de chegar ao corredor.

Depois de ouvir a minha história, ele fez questão de lavar e passar um antisséptico na ferida, cobrindo-a com um pequeno curativo.

— Vou receitar um medicamento para aliviar a dor e o edema pela torção, também um atestado para que possa repousar amanhã — explicou o Dr. Roberto.

A ideia não me agradou. Detestava ficar na pensão sozinha.

— Não quero faltar ao trabalho, doutor — recusei.

— É um anti-inflamatório que pode causar sonolência — insistiu.

— Estamos com poucas enfermeiras. Consigo trabalhar usando a mão direita.

— Não posso proibi-la, mas não a aconselharia.

— O Roberto tem razão — interrompeu Dr. Richard, entrando na sala. — E além de descansar, deveria radiografar, aplicar gelo e imobilizar o local. Naturalmente não com gesso, devido à ferida exposta.

Sabia que a sua preocupação como profissional superava qualquer indiferença. O Dr. Richard gostava de curar e salvar as pessoas, independentemente de quem elas fossem. Dessa injustiça não poderia acusá-lo, a omissão não fazia parte do seu vocabulário. O problema era que o meu cérebro não conseguia separar as coisas. Já que ele não nutria qualquer sentimento mais afetuoso por mim, também não o queria como meu médico.

— Não fracturei o pulso — ratifiquei, voltando a tremer.

— A correção de entorses também é feita através de imobilização — rebateu ele com seriedade. — Posso examinar?

— Creio que não temos luvas descartáveis do seu tamanho nesta sala — neguei em ironia, embora receosa que ele cumprisse o que propunha e se aproximasse.

— *Luvas?* — Ele parecia não compreender ainda a indireta, referia-me ao seu medo de contaminação pelo meu sangue.

E assim que um relampejo de discernimento revoltoso acendeu nos seus olhos, fui logo me despedindo:

— Bem, agradeço por tudo, mas preciso ir embora e dormir cedo porque amanhã estarei aqui de novo. — E me retirei do recinto.

Como bem anunciei, na manhã seguinte lá estava eu no meu plantão.

Tive que concordar com o Dr. Roberto. Realmente fiquei sonolenta como ele havia me alertado, talvez até mais pela incômoda dor no pulso — que latejou a noite inteira e novamente não me deixou dormir —

do que pelo medicamento em si.

Perto do meio-dia, a sonolência aumentou paulatinamente, tanto que resolvi trocar o horário da refeição por uma maçã e me sentar numa mesa, apoiando a cabeça no outro braço para tirar um cochilo e deixando o pulso machucado livre, esticado sobre a superfície. A sala era discreta e destinada exclusivamente às enfermeiras, e a mesa ficava por trás de um armário de armazenamento de materiais.

Apesar da dor, não demorou muito para que eu embarcasse num sono profundo, desses que chegamos a sonhar com uma sensação refrescante, de alívio...

Acordei de supetão quando Dora entrou na sala com a chave do armário nas mãos.

— Desculpe o barulho, não sabia que você estava dormindo aqui — lamentou.

— Não, tudo bem. — Balancei a cabeça para espantar o sono. — Já estava na hora mesmo de...

Fui obrigada a interromper o que dizia quando fixei os olhos no meu pulso machucado e percebi uma espécie de tala o imobilizando.

— Quem fez isso? — Levantei da cadeira num pulo.

— Quem fez o quê? — estranhou ela.

— Quem pôs esta imobilização em mim?

— Não faço a mínima ideia.

— O Dr. Luciano já voltou do refeitório? — Supus que poderia ser mais alguma de suas brincadeiras.

— Está de cochicho com a Íris no final do corredor, por quê?

— Alguém não escalado neste plantão esteve por aqui? — Não queria tocar no nome do Dr. Richard para não levantar a lebre.

— É claro que não! Por que tanta desconfiança?

Suspirei aliviada com a declaração e tive que reconhecer: se, como de costume, a intenção do Dr. Luciano fosse me pregar alguma peça, no final, acabou me proporcionando um bem-estar imediato. O pulso parou de doer e ficar dando uma de neurótica em nada iria me favorecer, somente chamar a atenção dos colegas. O melhor a fazer era levar tudo na esportiva.

— Por nada — finalizei o assunto. — Quer ajuda para distribuir algum material?

Onze

Após meses sem voltar ao Rio, consegui uma carona para visitar a minha mãe com uma das enfermeiras do trabalho, que iria a um casamento de uma parenta. Isso foi muito importante para mim. No fundo, andava bastante carente da família e morrendo de saudade também.

O Juninho dera uma crescida rápida, ficara mais magro e já lia praticamente tudo. Como sabia que ele se alfabetizava, trouxe um livrinho de historinhas que, ao que parecia, adorou.

Mamãe também estava com uma aparência bem melhor. Começara a trabalhar e também a fazer bijuterias sob encomenda. Conseguiu até duas lojas fixas para revendê-las.

— Ficaram lindas — elogiei as suas peças, incentivando-a. Passei alguns minutos calada, arrumando lentamente cada uma delas numa caixa, com pensamentos dispersos.

— O que você tem, filha? — perguntou ela, preocupada.

— Eu? Nada.

Nossa! Dei uma bandeira tão grande que até a minha mãe, que era a pessoa mais distraída do mundo, reparou?

— Tem se alimentado direito? Estou achando você mais magra, abatida... — Estreitou os olhos, analisando-me.

— Só estou cansada da viagem. — Levantei repentinamente, incomodada com a observação.

— O que é isso no seu pulso?

— Hã... Caí num dia de chuva há duas semanas e torci. Nada demais. Já está até na época de tirar a tala. — Não quis preocupá-la.

— Você não fez amigos em São Paulo?

— É claro que fiz, por quê?

Ela chegou mais perto, buscando uma pista para algo que desconfiava e continuou:

— Não sei... Ligo para você sempre à noite, e não a vejo sair nem mesmo nos seus dias de folga ou nos fins de semana...

— Os plantões têm sido tão exaustivos que acabo ficando sem vontade. — Foi a primeira desculpa que me veio à mente.

— Sem vontade? Na sua idade? — Balançou a cabeça, rejeitando. — Stephanie, entendo que esteja carregando uma responsabilidade muito grande nas costas, mas não acho justo que fique se anulando só para me ajudar — reclamou.

— Não estou me anulando, mãe, eu...

— Está sim — afirmou. — Você não tem vida social, não sai com as amigas, não namora... Afinal, o que faz para se distrair? Na sua idade, eu já tinha até me casado com o seu pai.

— E daí? No seu tempo era diferente — justifiquei, sem nem ao menos pensar direito no que dizia.

Minha mãe me arrastou pelo braço para que eu sentasse próximo a ela.

— Podia ser diferente em muitas coisas: costumes, moda, trabalho, educação... Mas os anseios das garotas da sua idade nunca mudaram, minha filha. Todas buscam um modo de serem felizes. Todas —

repetiu. — Independentemente de raça, cor, opção sexual ou religião. E isso me preocupa porque não vejo você demonstrar nem ao menos que sonha com essa felicidade, como se ela não existisse.

E existe? Para que sonhar com o impossível? — indaguei-me em pensamentos. Sonhar com aquilo que não se pode ter é sinônimo de sofrimento e disso estava fora, cansada. Melhor ser realista e ter os pés no chão do que voar alto e espatifar no primeiro penhasco que encontrasse pela frente.

— Para seu governo, a felicidade existe sim. Pode não ser eterna, mas existe — garantiu, reparando na careta que involuntariamente eu havia feito. — Ninguém pode ser feliz sozinho — emendou. — Não estou falando especificamente de ter um parceiro, mas qualquer pessoa que divida ou acrescente algo em sua vida. Desde a adolescência, você só se abre um pouco com a Anne e, mesmo assim, tenho a impressão de que até dela anda fugindo. Age como se tivesse um escudo, sempre tentando se defender. Do que você tem medo?

Talvez ela tivesse razão quanto ao meu jeito de ser, entretanto, ser avaliada friamente pela própria mãe me deixava um tanto agoniada. Comecei a ficar inquieta na poltrona, embora tivesse certeza de que não conseguiria fugir dali, já que ela continuava me segurando firmemente pelo braço.

— Não sei — confessei derrotada num murmúrio, abaixando a cabeça. — Não sei do que eu tenho medo, não sei por que sou assim. Queria ser diferente, outra pessoa, mas não consigo.

— Ninguém está pedindo para que mude o seu jeito de ser, apenas que se desarme. Tenho certeza de que a qualquer momento você vai desabrochar, desde que permita que isso aconteça. Por que não começa procurando se arrumar mais, tratando bem a si mesma? Gostar do que está vendo no espelho faz bem para o nosso ego, entende?

— Já que falou no assunto, precisava mesmo de um favor seu...

Apesar de ficar feliz por encerrar aquele papo torturante, realmente necessitava do seu auxílio. Aproveitei a ida para casa justamente para pedir emprestado a ela um vestido mais social, eu sabia que daqui a uma semana teria uma festa comemorativa pelos dez anos de fundação do hospital; aconteceria numa boate chique que eles fechariam com exclusividade no Pacaembu. Sendo assim, não queria aparecer no evento mal-arrumada. Além do mais, precisava me divertir, ou, quem sabe, até conhecer alguém interessante.

Esperança é a última que morre, não é mesmo?

Minha mãe encontrou um vestido preto justo tomara que caia que ficou perfeito. Só precisou fazer uns pequenos ajustes, pois ela era mais corpulenta. Ele realçava o busto e tinha uma fenda lateral. Não estava acostumada a usar vestidos sensuais, mas achei que a ocasião e o lugar pediam. Separei também um par de brincos discretos para combinar e uma carteira alinhada. A sandália de salto fino eu já tinha — toda mulher baixinha possui —, só precisei procurá-la no meu quarto.

Procurei também resgatar algumas peças que ficaram no meu armário. A temperatura já decaíra, e como não podia me dar ao luxo de comprar coisas novas, ao menos uma muda de roupas de frio teria que ser levada.

Também não me esqueci de incluir na lista outro relógio de pulso. Para completar o pacote, acrescentei alguns CDs e três filmes de DVD, cujos títulos ainda não havia assistido. Mamãe, ainda que sem noção do que se passava comigo, tinha razão no que dizia respeito à minha necessidade de distração. Qualquer entretenimento que desviasse a imagem dele dos meus pensamentos seria bem-vindo.

Durante a maior parte do tempo, fiz questão de saber de tudo o que havia acontecido enquanto me ausentei, principalmente sobre os avanços do Juninho, na questão do seu tratamento ortopédico e na evolução da minha mãe no trabalho, que financeiramente andava a poucos passos de conseguir arcar com

tudo sozinha. Não estava preocupada e muito menos exigindo uma atitude dela nesse sentido, porém não podia negar que somente o fato de não ser mais, a partir de então, totalmente responsável pela manutenção da família, deixava-me aliviada. Quem sabe, dali a algum tempo, não pudesse reunir esforços para voltar a trabalhar no Rio e ficar mais perto de casa?

E, principalmente, longe *dele*.

Ainda era cedo para sonhar, entretanto, um fio de esperança foi aceso.

Foram tantas coisas a serem resolvidas e discutidas entre nós que o domingo chegou rápido demais. Mal deu tempo de matar um pouquinho a saudade do meu lar. Não consegui nem mesmo dar uma passadinha na praia para ver o mar. Como sentia falta do som emitido pelas ondas quando elas quebravam na areia! A última vez que tive algum contato com ele foi em Miami, e daquele dia em diante, a minha vida virou de cabeça para baixo.

Antes de voltar para São Paulo, fui à casa da Anne para falar um pouquinho com ela. Se viesse ao Rio e não procurasse a figura, com certeza estouraria a Terceira Guerra Mundial.

Fiquei feliz por ver que ela mudava suas formas fisicamente. Diminuiu quase dois manequins e os seus cabelos cresceram consideravelmente, apresentando agora mechas num tom acobreado, que combinavam perfeitamente com os seus olhos esverdeados. Sorte a dela poder tratá-los com frequência. Os meus cabelos estavam tão compridos que eu acabava perdendo a paciência e os prendendo de todas as formas possíveis e imagináveis.

— E então, alguma novidade? — perguntou Anne, curiosa.

— Sobre? — reencaminhei a pergunta.

— Sua vida, seu trabalho, sei lá.

— Não — respondi sem vontade.

— Você está triste — comentou ela, pescando pela minha expressão.

— Tento me adaptar, mas está difícil.

— Não gostou de São Paulo?

— Não é a cidade. Sou eu.

— Está se sentindo sozinha — concluiu.

— Grande novidade. Desde quando estou acompanhada?

— Fica sozinha porque quer. Recusa todo mundo... — envenenou.

Suspirei e decidi que não responderia àquela provocação. Apenas abaixei a cabeça e peguei um biscoitinho que ela me havia oferecido e que se encontrava dentro de uma tigela colorida acima da sua mesinha de cabeceira.

Anne não se intimidou e tornou a falar:

— E a Íris, não sai de vez em quando com ela?

— Suponho que ela tenha coisa melhor para fazer — retruquei, ainda fixando o olhar no biscoito que tinha acabado de provar.

— Não estou gostando do seu jeito. Parece deprimida.

— Não sei até quando vou aguentar.

— Já estive no fundo do poço. A tendência agora é melhorar — incentivou.

— É. Talvez esteja certa — falei, lembrando o papo que tive no dia anterior com a minha mãe.

— Sente falta de alguma coisa em especial?

— Sinto falta de ter uma vida — confessei.

— Aquela em que você se escondia para não viver? Ou, quem sabe, aquela que você fingia que vivia?

— debochou.

— Ainda assim era melhor do que esta que vivo agora — suspirei novamente.

— Fale a verdade. Você está gostando dele, não está?

Fiz questão de engolir primeiro o biscoito antes que engasgasse, ao ter que responder mais essa.

— Gostando de quem, Anne? — fingi não saber do que se tratava.

— Do tal doutor, de quem mais?

— Não sei do que você está falando. — Tentei mais uma vez esconder o que realmente sentia, mas Anne captava instantaneamente os meus pensamentos.

— Quer enganar a quem, Stephanie?

O resquício de paciência que eu tinha se esvaiu. Levantei-me da sua cama e simplesmente explodi:

— Anne, você cismou com isso! Pare de me atormentar! Estou sentindo saudade da minha família, do meu pai, dos meus amigos e até da minha cama... Será que é tão difícil você entender? — disparei, raivosa. — Agora você e a mamãe vão ficar o tempo inteiro buscando razões por eu ser desse jeito? Eu sou assim — silabei. — Aceite quem quiser e ponto final!

Virei por uns instantes de costas, procurando recuperar o autocontrole, e ela também se levantou, preocupada em me acalmar.

— Tudo bem, se não quiser se abrir, não vou obrigar. Vou fingir que acredito porque estou percebendo que você sofre com isso. Mas, se quiser um conselho de amiga, aqui vai um: pare de se esconder, de achar que não é alguém importante. Por que fica impedindo as pessoas de gostarem de você? Por que se fecha dessa maneira? Que droga, Stephanie! Olhe-se no espelho! Não consegue se enxergar direito? Você é bonita, inteligente, responsável...

— Peraí... Por acaso vocês duas andaram conspirando pelas minhas costas? — A semelhança nos argumentos parecia óbvia demais.

— Vocês duas quem?

— Você e a mamãe, né, Anne? Pensa que sou alguma imbecil? Duas vezes esse mesmo assunto de me olhar no espelho, de me fechar... — Gesticulei com as mãos rapidamente.

— Então a Rachel finalmente acordou? Aleluia! — Sacudiu ela os braços acima da cabeça em deboche.

— Vai querer me enganar que não conversaram sobre isso?

— É lógico que não! Não vejo a sua mãe faz um tempão, Stephanie. Se ela falou a mesma coisa que eu, é porque percebeu o que só a cega aí não quer enxergar.

Cruzei os braços com a cara amarrada, esperando que ela me dissesse o que é que eu não conseguia enxergar.

— Lute pelo que deseja para ser feliz! Às vezes, a felicidade tem que ser laçada à força! — Chegou mais perto para que a ouvisse melhor.

— Ah, claro! Parece que você é a pessoa mais indicada para me dizer isso... — ironizei.

— Pelo menos, luto para me reerguer e não fico fingindo como você — acusou-me.

— Não estou fingindo, somente passando por um momento difícil — rebati.

— Ok, não está mais aqui quem falou — comentou, parecendo magoada. — Se você prefere assim...

Fechei os olhos por um breve momento e meditei no quanto intimamente me sentia frágil e precisava de alguém que me desse apoio, nem que fosse às escuras, de maneira involuntária. E quem mais me poderia oferecer o conforto que precisava, além da minha mãe ou da melhor amiga?

— Vem cá me dar um abraço, vem... Eu fiquei com saudade de você também. — Pedi seu colo.

— Chantagista! Mas não me convenceu ainda... — Ela sorriu, abrindo os braços para me consolar.

Ter estado em casa me deixou um pouco melhor. Deu-me forças para retornar e enfrentar o que viesse dali por diante. Pelo menos era nisso que acreditava.

Doze

A segunda-feira logo após o fim de semana foi exaustiva e passou muito rápido. Mal tive tempo de conversar com alguém do meu setor devido ao número exagerado de pacientes atendidos. Cheguei a pensar que houvesse algum descontrole no hospital por conta disso. Não que eu não gostasse, muito pelo contrário, era até uma maneira eficiente de ocupar a cabeça.

Eu tinha planejado passar numa livraria próximo à pensão assim que terminasse o plantão para tentar adquirir um livro que havia tempos almejava e que acabara de entrar em promoção.

Sabe como é... Qualquer coisa que conseguisse diluir, nem que fosse por pouco tempo, a inquietude, valeria a pena.

Então, logo que deu a minha hora, retirei de imediato o jaleco e ajeitei o cabelo num longo rabo de cavalo, partindo rapidamente para o corredor. Apertei o botão do elevador, e quando pensei que penetraria porta adentro, Íris me interceptou.

— Ei, aonde pensa que vai? Esqueceu da palestra? — disse ela, colocando-se na minha frente.

— *Palestra?* Que palestra? — estranhei. Não me lembrava de ter visto aviso algum no nosso mural interno na última sexta-feira.

— Qual é, Stephanie, ninguém a avisou? Esse é o assunto mais comentado no hospital hoje. Quase todos os funcionários disponíveis do nosso setor e de outros já foram para lá. E nós estamos atrasadas — Íris discursou, encaminhando-me praticamente à força para o auditório.

— Espere aí... As palestras, em geral, não costumam ser marcadas sempre às sextas?

— É, mas dessa vez não. Quando cheguei hoje cedo, o aviso estava afixado no mural.

— Devo estar distraída demais, então. Não me lembro de ter visto esse aviso. Também, do jeito que trabalhei hoje... — respondi, enquanto ela abria a porta do auditório, que não era tão grande, mas ficara lotado.

— Pedi à Dora para reservar aqueles dois lugares ali na frente para nós duas — afirmou ela, já me induzindo até o lugar marcado.

Sentei na cadeira ainda um pouco pasma. Embora já tivesse assistido a outras palestras ultimamente — uma maneira ótima de matar o tempo e ainda por cima aprender alguma coisa útil —, nunca vi aquela sala tão abarrotada. Médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas, fisioterapeutas, profissionais de várias áreas... O palestrante certamente deveria ser bom, ou não atrairia tantas pessoas. Aliás, algo chamou a minha atenção: o fato de as primeiras fileiras serem ocupadas quase que exclusivamente por mulheres, o que me atçou uma pequena pulga atrás da orelha.

— Qual vai ser o assunto abordado na palestra de hoje? — indaguei.

— Biossegurança e a mudança de regras para evitar algumas falhas que vêm ocorrendo frequentemente aqui no hospital — quem respondeu foi a Dora, que estava sentada do meu lado direito. — Ele trouxe até alguns casos fotografados para demonstrar no projetor.

— Ele quem? — perguntei, embora o desconfiômetro já tivesse acendido a luz vermelha, indicando alerta.

— Você está realmente boiando, não é, Stephanie? — Dora novamente se pronunciou. — O Dr.

Richard. Quem mais lotaria o auditório dessa forma?

Levantei imediatamente. Não ficaria ali dentro nem mais um minuto. Ainda mais na fila do gargarejo, ao lado de todas aquelas mulheres ensandecidas, na esperança de conseguir que o célebre doutor milagrosamente mudasse de comportamento e fosse mais afável.

— Aonde pensa que vai? — Íris tentou me conter.

— Vou embora. Biossegurança foi uma das matérias mais abordadas no último curso que fiz nos Estados Unidos. Não creio que ele vá me ensinar algo novo.

— Pode até ser, mas essa foi uma exigência do diretor do hospital. Se você for embora, vai pegar mal... — aconselhou ela.

— Íris, fala sério! — reclamei. — O Dr. Jorge não vai sentir a minha falta no meio de tanta gente.

— Engano seu — Dora interveio. — Ele, inclusive, veio me perguntar agora mesmo o motivo do seu atraso e tive que enrolar, dizendo que você estava realizando um procedimento mais demorado. Afinal, o plantão hoje foi puxado...

— O Dr. Jorge perguntou por *mim*? Você só pode estar brincando! Só me recordo de ter falado com ele umas três vezes na vida, e, mesmo assim, não passou de um simples cumprimento! — expressei surpresa.

Era só o que faltava...

Agora até mesmo o alto escalão do hospital dava conta da presença de uma enfermeira que mal conhecia? O que era isso, meu Deus? Algum tipo de conspiração contra a minha pessoa? Não dava para acreditar numa coisa dessas!

Uma raiva interna me invadiu as entranhas. Estava me sentindo encurralada.

— Afinal, é uma palestra obrigatória — concluí, ligeiramente revoltada. — Pois que seja feita a vontade da vossa majestade. Só vou ficar sentada mais lá para trás, se não se importam. O diretor não vai querer controlar a posição da minha cadeira também, ou vai? — alfinetei.

Não esperei para ouvir a resposta das duas. Avistei um assento bem no fundo do auditório, ao lado do enfermeiro Maurício. Ele era um dos poucos representantes da ala masculina presentes no ambiente e trabalhava em outro setor. Aline nos apresentou havia algumas semanas, durante o almoço. Ela se interessou por ele até descobrir que o cara, apesar de tão jovem, já era pai de uma menininha linda e que a sua companheira estava grávida novamente.

Azar militar — seria o que diria a ela. Melhor mirar seu fuzil para outro lado.

— Posso sentar ao seu lado? — indaguei, ainda do corredor central.

— Claro — respondeu Maurício.

Pendurei primeiro a bolsa na cadeira e depois pedi licença à enfermeira que permanecia sentada na ponta para passar por ela. Daí, ouvi uma voz feminina chamando pelo meu nome.

— Stephanie! — A voz parecia ser a de Aline.

Virei instintivamente a cabeça com tanta pressa para responder e o que aconteceu, realmente, eu não esperava: o meu rabo de cavalo simplesmente bateu no Dr. Richard e acertou o seu rosto em cheio, como se estivesse lhe dando uma bofetada, enquanto ele passava com um laptop e outros materiais nas mãos, por trás. Ele chegou a fechar os olhos por instantes e eu levei as mãos à boca, em completo desespero.

Com tantas pessoas naquele recinto, tinha que ser justamente eu a cometer esse maldito deslize, não tinha?

É claro que tinha...

— Nossa! Esse seu cabelo pode se tornar uma arma e tanto! — exclamou ele, olhando para a ponta da mecha presa, que nesse momento fiz questão de segurar para evitar mais alguma tragédia.

Bosta! Que explicação daria agora, afinal? Que tudo aconteceu porque o motivo da minha pressa era justamente por estar fugindo dele? Que não desejava ficar perto para não ter que sentir o corpo suar frio e a respiração se alterar, exatamente como ocorria naquele instante? Que não queria permanecer ali dentro porque a presença dele não deixava meu cérebro raciocinar direito?

Não, com certeza essa não seria a melhor resposta. Talvez a opção mais sensata fosse ficar calada e ignorar o seu comentário. Sendo assim, resolvi voltar para o meu assento.

— Não vai nem me pedir desculpas pelo seu atentado? — perguntou ele sério, embora tivesse a ligeira impressão de haver um teor de gozação nas suas palavras.

— Pediria, se acreditasse que isso fosse adiantar alguma coisa — ironizei, ressaltando que ele nunca esteve disposto a ouvir qualquer desculpa da minha parte, ou melhor, de ninguém.

Pensei que ele seguiria em frente após a resposta que dei, só que, ao invés disso, continuou parado e despejou uma nova pergunta:

— Já que quase me cegou, seria muito pedir que manipule os *slides* do meu *Power Point* durante a palestra? — Seu olhar parecia me lançar um desafio.

— Não creio que o doutor tenha dificuldade em achar alguém com as qualificações necessárias para executar esse serviço — desdenhei, tentando retornar ao meu lugar rapidamente.

Para meu desespero total, aquela tentativa de evasão virou um episódio tragicômico: na pressa de entrar logo na fileira de cadeiras, não vi o pé da enfermeira que da ponta e acabei caindo por cima dela, ficando com as pernas praticamente levantadas e a cabeça presa entre ela e o enfermeiro Maurício. Não costumava ser desastrada assim, mas a presença dele me desnorteava, só podia ser...

Depois de notar que algumas pessoas se escancaravam de rir da situação, senti uma mão gelada me envolvendo pela cintura delicadamente e me erguendo por trás. E quando finalmente consegui ficar de pé, percebi que além de estar totalmente colada no corpo do Dr. Richard, o seu rosto me prendia por cima do meu ombro. Isso porque ele teve que me levantar com uma mão só, a outra continuava ocupada com os materiais da palestra.

Que aroma era aquele que ele exalava, Jesus? Era algo tão inebriante que cheguei a fechar os olhos por uma fração de segundos, somente para inspirar.

Antes de ser solta, a maçã do seu rosto deslizou pelo meu e aquele breve roçar de pele provocou em mim uma descarga adrenérgica inesperada. Custei a levantar a cabeça. Fiquei sem graça, com medo de encontrar os olhos dele e que de alguma forma ele reparasse na enorme extensão de pelos arrepiados, evidenciados por todo o meu braço. Para agravar ainda mais as coisas, além de ser obrigada a ouvir a imensa quantidade de gritinhos e suspiros das mulheres presentes naquele auditório, alguém comentou algo como: “par de jarras”.

Como assim “par de jarras”?

Somente quando virei de frente outra vez, descobri que nós dois viemos vestidos quase que iguais, como se fôssemos uma equipe: calça jeans, camisa polo vermelha e sapatos escuros. Acabei não resistindo e fui percorrendo toda a trajetória desde os seus pés até encontrá-lo me analisando da mesma forma. Ver o modo intenso como me olhava, possivelmente esperando por algum tipo de agradecimento, deixou-me totalmente sem fôlego. O estranho nisso tudo era que, embora ele fizesse o mesmo, quando

percebeu que também estava sendo observado, abaixou a cabeça e cobriu subitamente os olhos, demonstrando incômodo com alguma coisa.

Pior ainda: soltou um rosnado ininteligível.

Será que acertei novamente o meu cabelo nele? Seria muito azar, não seria?

Bem, do jeito que evidenciou por tantas vezes não estar satisfeito com a minha presença, também poderia muito bem desconfiar que o problema continuasse sendo eu.

O difícil era entender o motivo de tamanha aversão...

O seu nome foi chamado ao microfone e ele, ainda escondendo o rosto com as mãos, seguiu adiante, evitando olhar para os lados. Aproveitei a brecha para sair de perto, e, ao invés de tentar passar por aquele aperto novamente, resolvi sentar ainda mais ao fundo, perto do Dr. Luciano, que acabara de chegar e viera prestigiar a palestra do seu companheiro de especialidade.

O Dr. Richard pediu ao Dr. Jorge, diretor do hospital, que o auxiliasse com os slides. Sua palestra demorou um pouquinho para começar; ele inicialmente parecia um tanto confuso ao colocar seu material em ordem. Mas depois que o fez, demonstrou alto profissionalismo e pleno conhecimento do assunto.

Tive que concordar com diversos pontos abordados em sua apresentação, no discorrer dos slides. Muitos erros bobos haviam sido cometidos pelos nossos colegas, cujos nomes, por puro respeito, não quis revelar. De certa forma, foi surpreendente descobrir que tudo aquilo aconteceu naquele hospital. Confesso que fiquei irracionalmente feliz por não haver nenhum erro meu catalogado nos seus exemplos, ainda que realmente não me lembrasse de ter cometido alguma falha “catalogável”.

— Foi uma das cenas mais engraçadas que já vi — murmurou o Dr. Luciano próximo à minha orelha, desviando-me a atenção.

— Ai, não... Você também viu? — resmunguei, totalmente sem graça.

— Eu e o hospital inteiro — tentou conter o riso, mas não conseguiu. — Você parecia uma avestruz com a cabeça presa no buraco!

— Era só o que faltava, ter que ser levantada daquela maneira. E logo por ele! — lamentei porque sabia que seria alvo de gozação da semana inteira.

— Por que “logo por ele”? Faria alguma diferença se fosse por mim? — desconfiou.

Não esperava ter que responder a uma pergunta dessas, e, para complicar ainda mais, do Dr. Luciano. E ele nem deu tempo para que eu enrolasse, emendando noutra observação:

— Pelo que andei notando, a maior parte das mulheres desta sala gostaria de estar em seu lugar. Não sei o que elas enxergam de tão interessante nele. Tudo bem que é excepcional como profissional, mas o cara vive de mau humor e não se enturma com ninguém. Se não o tivesse visto andando com aquele *Boeing*, que é a namorada dele, acharia até que joga em outro time...

Ouvir o Dr. Luciano chamando a tal Ava de avião me deixou ainda mais chateada. Que droga! Por que é que eu tinha que sentir isso? Ciúme é um sentimento que nunca fez parte da minha vida. Pelo menos até aquele momento.

— Você não me pareceu muito satisfeita. Não gostou de ser agarrada pelo *poderoso* Richard?

Embora seu tom sarcástico de voz soasse como uma brincadeira, havia bem no fundo um indício de despeito.

— Em primeiro lugar, não fui agarrada, ele só me ajudou a ficar de pé — afirmei. — Em segundo lugar, não vim aqui para ficar paquerando o doutor, aliás, estou nesta palestra praticamente obrigada. Em

terceiro lugar...

— Quer dizer, então, que eu posso ter alguma chance? — indagou ele, cortando a minha explanação. Sua mão foi parar, não sei como, no meu cabelo.

O que está acontecendo comigo hoje? — reclamei em pensamentos. Amanheci com o pé esquerdo outra vez? Por acaso desmaiei e acordei no meio de algum assalto, recebendo tiros por todos os lados? Mal saí de uma situação constrangedora e fui cair em outra? Isso era dose para mamute! Antes tivesse conseguido sair mais cedo e comprado o livro, como planejei. Assim, a essa hora, estaria deitada na cama e lendo tranquilamente, não tendo que passar por isso.

A voz do Dr. Richard ficou um pouco mais alta, exigindo atenção.

— Parece que ele acha que estamos atrapalhando a apresentação — emendou o Dr. Luciano quando o Dr. Richard parou de falar, fixando o seu olhar em nossa direção.

Será que falávamos tão alto assim? Esperava que ninguém tivesse ouvido aquela pergunta indiscreta. Quem sabe, depois da interrupção, o Dr. Luciano se esquecesse dessa história...

— Não ouviu ou não quer responder à minha pergunta? — sussurrou.

Eu estava errada, ele não havia se esquecido.

— Prefiro continuar sendo sua amiga — afirmei baixinho, tentando não parecer grossa, afastando um pouco a cabeça da sua mão.

— Está gostando de alguém? — Olhou discretamente para o palestrante e depois para mim.

— Não — neguei prontamente, desconfiando da intenção da sua indagação. — Só que também não me sinto disponível para *ninguém* — frisei bem a última palavra para não restar dúvida nos seus pensamentos.

— Tudo bem, o assunto morre aqui. Só espero que isso não atrapalhe a nossa amizade. Ainda quero continuar sendo seu amigo.

— Fica frio — suavizei a voz. — Sei muito bem separar as coisas.

É claro que eu sabia. Passei a vida inteira fazendo isso...

Após pronunciar essas palavras, voltei a prestar atenção na palestra. O Dr. Richard, como sempre, fazia cara de poucos amigos enquanto uma massa de mulheres levantava o dedo para fazer as perguntas mais absurdas possíveis. Ele parecia ser muito hábil e só respondia quando julgava o questionamento conveniente, ignorando totalmente os demais.

— Mais alguma dúvida referente ao assunto abordado? — perguntou ele, reforçando que não admitia indagações pessoais.

Ele esperou por um tempo, varreu com os olhos a sala inteira e deu a apresentação por encerrada. Eu, como não era boba, fui imediatamente me levantando para ir embora. Não queria ter mais contato algum com ele na saída. Prolongar sofrimento não era um hábito muito saudável e também nunca fui adepta ao estilo masoquista.

— Por que está com tanta pressa? Você não mora aqui perto? — quis saber o Dr. Luciano.

Eu precisava arranjar um pretexto rápido, pois já havia reparado que o Dr. Richard começava a descer a sala.

— Prometi entrar no *MSN* hoje à noite com a minha mãe. Se chegar tarde, não vou conseguir falar, ela dorme cedo. — Arrumei a desculpa perfeita.

— Se você quiser, posso emprestar o meu celular — ofereceu, quase desmanchando o sorriso forçado

que eu destilava.

Pelo visto, a desculpa não foi tão perfeita assim.

— Não, prefiro ir para casa. Tenho muita coisa para resolver. — Meus pensamentos ficaram divididos entre responder ao Dr. Luciano e observar a proximidade do Dr. Richard, que cada vez chegava mais perto.

— Não dá para esperar só mais um pouquinho? Estou só aguardando a Íris para combinarmos o horário no sábado. Você não disse que queria carona para ir à festa?

— Disse — confirmei. — Olha, sei que estou sendo indelicada com alguém que está me fazendo um favor, mas ficaria chateado se eu deixasse a Íris decidir por mim? Realmente preciso ir. Depois ela me passa o recado.

— Claro. — Havia uma pontinha de decepção em sua voz. Não esperei para me despedir porque vi que aquilo que perturbava a minha mente já estava próximo demais. Saí tropeçando nas pessoas, na intenção de chegar primeiro para pegar o elevador e, graças a Deus, consegui.

Ufa!

Apertei o botão do térreo sentindo um alívio imenso, só que, ao invés de descer, ele subiu.

Droga!

Dei um chute raivoso na lateral do elevador e depois lembrei que não podia me exceder assim, já que dentro dele havia uma câmara de segurança prontinha para me denunciar. Respirei fundo enquanto ele subia três andares e, quando a porta abriu, não acreditei: o Dr. Richard entrou por ela, já sem o material que carregava anteriormente.

Hã? Como ele conseguiu sair sem que eu percebesse, subir as escadas — o outro elevador estava parado — e guardar todo o material em tão pouco tempo? Será que delegou essa tarefa para alguém? Mesmo assim, teria que ser rápido demais para subir aquilo tudo...

Bem, o fato é que estávamos sozinhos e eu não tinha a mínima ideia de como deveria agir. Ele se mostrava tão surpreso quanto eu por me encontrar ali. Nós dois ficamos calados, entreolhando-nos por instantes, e mais uma vez foi ele quem se pronunciou primeiro:

— Não parecia muito interessada na palestra — ressaltou, um tanto indignado, enquanto os seus olhos pousavam na minha boca, esperando por uma resposta.

— Prestei atenção até ser interrompida por um colega seu — falei em defesa própria, dando um passo para trás. Senti a pulsação começando a disparar.

Ele trincou ligeiramente o maxilar e deu um pequeno passo à frente. Recuei mais uma vez.

— Seu pulso. Vejo que se restabeleceu — observou.

— É, eu... estou curada. O Dr. Luciano o imobilizou — encolhi a voz.

— Ah! — A exclamação veio apagada. — Foi... sensato... da parte dele.

Sem perceber, recuei um último passo, encostando-me ao fundo do elevador.

— Por acaso, está com medo de mim? — Estreitou os olhos, estranhando a minha atitude.

É claro que estava. Não dele. De mim. Com medo de pular no seu pescoço e dar vazão ao que o coração irracionalmente pedia. Depois dessa pergunta, tive que esconder as mãos para que ele não as visse tremendo.

— Não. — Minha voz saiu um tanto sufocada.

— Então, por que sempre corre ou age como se eu fosse mordê-la? As pessoas já estão reparando. — Fez, para variar, sua habitual reclamação.

Mais uma crítica? Estava demorando...

Novamente respirei fundo e despejei de uma vez só:

— Realmente, não consigo lhe entender, doutor Richard. Se me detesta tanto e as minhas reações o incomodam dessa forma, por que continua se dando ao trabalho de perder tempo falando comigo?

— De onde é que...? — ele embolou a fala, aborrecido. — Eu não...

Ele não terminou a frase. A porta do elevador abriu e outras pessoas entraram, deixando-o ainda mais insatisfeito.

— Stephanie? — desconfiou Aline, assim que me avistou. — Por que saiu correndo daquela maneira? Estava fugindo de alguém? — Cumprimentou o Dr. Richard com a cabeça e ele retribuiu, sério.

— É lógico que não — retruquei, hesitante. — Só saí rápido porque... tinha que resolver uns problemas urgentes.

— Sério? Não é o que parecia — insistiu Aline, abrindo um sorrisinho zombeteiro.

Ela tinha que me delatar, não tinha? Eu devia ter jogado pedra na cruz, só havia essa explicação!

Resolvi, enfim, calar a boca, antes que o rumo daquela conversa me levasse a algo pior. Felizmente, o elevador abriu no térreo e, quando dei por mim, ele já havia desaparecido. Por via das dúvidas, fui logo me despedindo e caminhando até chegar à pensão, olhando para os dois lados da rua.

Assim que entrei no meu quarto, fiz questão de tomar um banho quente — não sem antes esquecer de pôr os chinelos e levar um novo choque — e beber um leite morno para ver se conseguia esfriar a cabeça a ponto de adormecer logo.

Embora estivesse agitada, não demorou muito para que praticamente desmaiasse de cansaço, pois esse dia me exauriu todas as forças, tanto física quanto emocionalmente.

Treze

Quatro e quinze da madrugada.

Os olhos ainda pesavam de sono e mesmo assim não deu para deixar de abri-los quando tive uma estranha visão: em meio à penumbra do quarto, avistei, quase que num delírio, a face de alguém que conhecia muito bem: o meu pai.

Tentei pronunciar alguma palavra, mas a voz ficou presa na garganta por descobrir que ele não estava sozinho. Havia também um homem, cujo rosto não conseguia enxergar, a não ser pelos seus olhos negros.

— Pai? — Finalmente consegui falar, mas ele não respondeu. — Pai, é você mesmo?

Ele fazia uma expressão apavorada e esticava os braços na direção do estranho, simulando me defender de um ataque. As imagens chegavam até o meu cérebro distorcidas como flashes luminosos, acendendo e apagando alternadamente. De uma hora para outra, aquele lugar não parecia mais com o quarto onde dormia, e sim um lugar nevoento, frio, totalmente sem cor. E meu pai não se encontrava mais de pé, como antes. Jazia caído num canto, aparentemente desmaiado.

— Pai! — gritei ofegante. — Pai, fala comigo! O que ele fez com você?

Não tive muito tempo para pensar. Aquele homem de olhar repugnante partiu para cima de mim, como se quisesse me enforcar. Reagi prontamente, esbofeteando-o no rosto e recebendo outro tapa de volta. Ele, furioso, ergueu as mãos para encaixá-las no meu pescoço e eu, depois de arriscar uma defesa inútil por um longo tempo, entre chutes e socos, senti um cansaço extremo e inexplicavelmente não quis mais lutar. Praticamente desejava que ele acabasse com aquela angústia. Simplesmente fechei os olhos desistindo de tudo, ansiando por não ter que sentir mais nada.

Quem sabe não fosse engolida pelo meu vazio de vez e o alívio afinal viesse...

No entanto, não aconteceu o que eu esperava. A visão que tive depois, quando encorajei as minhas pestanas a descolarem, foi bem diferente: o homem estranho desapareceu em meio a uma enorme labareda e no lugar dele, numa imagem totalmente surreal, surgiu o Dr. Richard, coberto de fuligem e sangue, tomando o meu corpo nos braços para me salvar. Ele parecia furioso, não dizia uma palavra sequer. E quando abriu a boca, murmurou uma frase curta que eu não conseguia entender.

Espere aí... O Dr. Richard? Que porcaria é essa? Só posso estar sonhando! — concluí.

Pulei da cama de supetão, totalmente suada e tremendo. Ah, não! Assim é covardia! Agora, nem dormindo conseguiria ficar livre dele? Vou acabar procurando uma psicóloga, isso já está virando uma obsessão!

Enterrei a testa no travesseiro após verificar que ainda faltava mais de uma hora para tocar o alarme. E do jeito que acordei agitada, obviamente não dormiria mais. Que sonho mais esquisito! As dores que me assolavam resolveram se misturar e fazer uma miscelânea na minha cabeça. O pior de tudo era não ser corajosa o suficiente para buscar o ombro de alguém e botar para fora tudo o que sentia; por conta disso, acabava me reprimindo ainda mais. Às vezes, tinha a impressão de que a qualquer hora explodiria e não sobraria nem ao menos um pedacinho do meu corpo para contar a história.

Ao chegar novamente ao plantão, intuí que precisaria ter muita paciência para aguentar todas as piadinhas que estariam por vir. E como a minha percepção geralmente não falhava...

— Aí, hein, dona Stephanie! Conta aí o seu segredo... — brincou Aline durante o almoço. — De qual dos dois você fugia ontem?

— Dois? — dei uma de desentendida.

— Ah, dá um tempo! Todo mundo viu! — emendou ela, fazendo-se de porta-voz das outras curiosas que se sentaram intencionalmente perto de mim. — O gato moreno agarrou você pelas costas e o gato louro praticamente se derreteu, alisando o seu cabelo.

— Vocês estão enxergando coisas — armei a defesa. — Um só me ajudou a levantar e o outro apenas tirou um inseto agarrado no meu cabelo.

Só não falei a verdade sobre a investida do Dr. Luciano por não querer que a notícia se espalhasse em progressão geométrica pelas fofoqueiras de plantão. Fui apenas cortando as perguntas até que a paciência se esgotou e sumi um pouco de circulação, voltando-me exclusivamente para os meus afazeres. Sabia que não demoraria muito para que deixasse de ser o centro das atenções, principalmente porque a festa do sábado se aproximava e quanto mais próximo ficasse, maior seria o bochicho em torno do assunto.

Do meado da semana em diante, a coisa mudou de figura. Os preparativos para a comemoração deixaram o ambiente hospitalar mais descontraído, um alvoroço só. Virava e mexia, alguém fazia comentários sobre a roupa, o lugar, seus pares...

A Íris me surpreendeu, revelando que arrumou um novo namorado, e que este, sim, seria o homem de sua vida. Desejei fervorosamente que ela estivesse certa.

Disseram também que o Dr. Richard nunca havia comparecido nessas festas, o que me deixou mais aliviada. Para ser sincera, ainda não saberia dizer qual seria a minha reação se o encontrasse aos beijos com a tal promotora. Queria distância dele, quanto mais longe melhor.

Quem sabe não seria essa uma oportunidade de conhecer alguém interessante?

Na véspera do dia da festa, ao terminar o plantão, senti um pouco de tontura. A maioria dos médicos e enfermeiros já havia ido embora. Somente o serviço de emergência e a parte dos internados funcionava. Como tinha tendência a ter pressão baixa, fui ao refeitório buscar um daqueles saquinhos de sal para pôr embaixo da língua antes de sair. Durante todo o percurso dentro da ala, ouvi aqueles zumbidos característicos e comecei a notar um ligeiro escurecimento da visão, aumentando a tontura. A pulsação também enfraquecia.

Entrei no vestiário para trocar de roupa e pegar a minha bolsa que estava guardada no armário. Mal tirei o jaleco, alguém bateu na porta e a abriu sem disposição. Levei um tremendo susto: era *ele*.

O que o Dr. Richard está fazendo aqui? — pensei, ofegante.

— Posso ter um minuto da sua atenção? — pediu ele.

— Está num vestiário feminino — respondi amarga, agora ainda mais zozna depois do susto.

— Sei disso, mas reparei que não havia ninguém, então...

— Eu sou alguém — disparei com sarcasmo.

— É lógico que sim, Stephanie, não foi isso o que quis dizer.

— Enfermeira Stephanie — corrigi.

— Certo, *enfermeira* Stephanie — suspirou —, é que...

— O que foi então, Dr. Richard? Já achou mais um defeito em mim? Provoquei algum acidente fatal? — cortei a sua fala, embora estivesse me apoiando no armário para não cair. Aquela escuridão que

antecede ao desmaio já se mostrava presente.

— Não... Não consigo achar... Quer... Quer dizer, não me confunda. — Ele abaixou a cabeça, baratinado com o bombardeio. — É que... Espere aí... O que houve? Está passando mal?

— Não — menti, fechando os olhos. Minhas mãos começaram a tremer e as pernas... Bem, estas viraram gelatina.

— Está tão pálida! Sente-se aí, nessa cadeira — falou com a voz preocupada. — Vou aferir a sua pressão.

— Não é necessário, não precisa se incomodar — recusei.

— Não estou pedindo — ordenou sério.

Obedeci contrariada, apesar de que, na realidade, se não sentasse de imediato, provavelmente cairia na frente dele, e isso seria bem pior.

Ele me segurou suavemente pelo braço com as suas mãos frias, posicionou os aparelhos e aferiu a pressão, mirando o seu intenso azul-violáceo nos meus olhos, como que procurando por algo. Seu olhar era tão penetrante que me causou um arrepio na pele, disparando, em seguida, as batidas do meu coração.

— Muito baixa — reprovou o resultado. — Não sei como ainda não desmaiou. Alimentou-se hoje?

Não respondi. Na verdade, não estava com fome, sendo assim, bebi somente um suco e aproveitei o intervalo para fazer umas contas no meu caderninho de despesas, com medo que o dinheiro não desse até o final do mês. Se soubesse que passaria por esta situação, com certeza não deixaria de almoçar.

— Sabia — concluiu, mesmo sem ouvir a minha resposta. — Por isso ficou deste jeito. Falta glicose na sua circulação.

Imediatamente após, ele, sem pedir licença, deu uma leve inclinada no corpo e me puxou para o seu colo, indo rapidamente rumo a um quarto de enfermaria vazio.

— O que está fazendo? — indaguei ofegante e assustada, o coração martelando na garganta.

— Levando a senhorita para uma maca, para que possa se deitar um pouco. Vou administrar um soro glicosado e, depois que estiver melhor, terá que se alimentar.

Suas mãos, antes gélidas, foram gradativamente mudando de temperatura, ficando bem mais agradáveis. Ele me deitou na maca e se aproximou ainda mais, pegando o estetoscópio para auscultar o meu coração. Torci com todas as forças que ele estivesse compenetrado apenas nos sinais vitais e não notasse o tamanho do rubor e do desespero que o seu exame me causava, pois até mesmo o pressionar de sua mão no meu peito com o aparelho provocava em mim tremores no corpo inteiro.

Pensando bem..

Oh, não!

O coração era a maior prova que ele podia encontrar, e devia estar batendo a mil por hora! Por Deus, como estava envergonhada!

Em seguida, Dr. Richard chegou ainda mais perto e segurou o meu rosto com as mãos aquecidas, esticando a pálpebra inferior com o polegar direito para analisar a cor.

Os seus olhos... ficaram negros...? Como podia uma coisa dessas? Eu devia estar delirando, prestes a desmaiar...

Algum barulho despertou o meu transe e percebi a presença de mais alguém na sala. Ele virou o rosto para o outro lado e recompôs a expressão dura de sempre.

Era a Íris. Havia esquecido o casaco dela no vestiário.

— Stephanie, aconteceu alguma coisa? — perguntou ela, desconfiada.

— Ela teve uma queda de pressão por não ter ingerido nada hoje. Já estou aplicando soro glicosado nela agora — explicou ele, sério, sem se dar ao trabalho de olhá-la.

— Precisa de ajuda, doutor? — Íris ofereceu seus préstimos.

— Sim. Aguarde um pouco até que ela se recupere e tenha condições de voltar para casa — recomendou, desconcertado.

Nesse intervalo, senti algo gelado sendo passado no meu braço, seguido de uma espetadela.

— É claro — aceitou ela a recomendação. — Ah, antes que eu me esqueça! Stephanie, o Dr. Luciano pediu para perguntar se pode passar amanhã para buscá-la às oito. Achei melhor esse horário para não pegarmos muito trânsito e dar tempo de nos arrumarmos após o plantão.

— Hmmm, hmmm — concordei, e foi o máximo de resposta que consegui dar.

— E o senhor, Dr. Richard, também vai à festa? — indagou Íris, animada com a possibilidade.

— Não! — negou quase rosnando, fechando os punhos.

Ele pegou a sua maleta, indo em direção à porta, e, por um segundo, parou.

— Coma alguma coisa, enfermeira Stephanie. Devia prestar mais atenção à sua alimentação, ao invés de ficar dispensando o almoço para ficar de conversa pelos corredores deste hospital — resmungou raivoso, virou-se e foi embora.

— Credo! O que foi que nós fizemos? — perguntou Íris, pasma.

— Ao que parece, não é necessário que façamos algo para que ele aja desta forma. Ele é uma verdadeira bomba-relógio — falei, quase rosnando também.

Senti uma raiva tão grande que tive vontade de quebrar a primeira coisa que aparecesse na frente.

Grosso!

Grosso e irritante.

E o ódio que sentia só aumentava porque eu continuava procedendo da maneira que não queria, ou seja, cada vez mais fascinada por ele. Atraída. Ele era hipnótico, intrigante. E tinha os olhos mais incríveis que já havia visto na vida.

Droga, droga, droga!

Precisava tirar esse monstro da cabeça.

Talvez, saindo com alguém interessante isso tudo acabasse. Ou melhor, tinha que acabar.

Catorze

O dia da festa chegou.

Procurei ficar arrumada com um pouco de antecedência, já que iria de carona com o Dr. Luciano, juntamente com a Íris e o seu namorado novo, e o bairro onde a festa aconteceria era relativamente distante.

Deixei o restante do dinheiro que sobrou do salário na carteira para o caso de precisar voltar de táxi, afinal, não tinha noção se eles costumavam beber muito ou se voltariam acompanhados. Prevenir é melhor do que remediar.

Consegui prender o cabelo de um jeito mais sofisticado com a ajuda da dona da pensão, que havia feito um curso de cabeleireira quando mais nova. Achei que ficou até bonito. Melhorou ainda mais quando fui maquiada e coloquei os brincos.

Quando desci, todos já me esperavam no carro. Ficaram espantados, dizendo que não me reconheceram sem o jaleco habitual.

Foi até engraçado...

Nunca havia saído daquele jeito com ninguém, muito menos com o pessoal do hospital. Daí calculei que era natural causar impacto numa situação dessas.

A boate ficava em uma rua altamente movimentada e badalada. Para entrar, necessitava apresentar o convite e depois subir uma extensa escadaria, coberta por um carpete vermelho. O ambiente fora muito bem decorado, de extremo bom gosto. Havia muita gente lá dentro, além das minhas expectativas.

Procurei sentar junto às outras enfermeiras que conhecia, mesmo ciente de que segurava vela, pois todas vieram acompanhadas. Só não foi pior porque o Dr. Luciano veio sozinho e acabou estacionando ao meu lado. Fiquei conversando com ele, embora, ao mesmo tempo, não quisesse atrapalhar a sua noite, caso conhecesse ou se interessasse por outra pessoa no recinto. Se bem que, para falar a verdade, não notei qualquer intenção da parte dele nesse sentido.

Depois de um tempo, sentamos, os dois, no bar em frente à mesa delas e pedimos um drinque. O *bartender* que nos atendeu era desses que faziam malabarismos com a bebida, um verdadeiro artista, tornando o momento mais divertido. Eu não gostava de beber nada com álcool, mas achei que merecia isso. Precisava urgentemente relaxar e “desativar o meu escudo” — não era isso que Anne e a mamãe diziam?

Aprovando o sabor, pedi mais uma taça da bebida e fiquei observando as meninas dançando na pista animadamente. Íris, bastante empolgada, arriscava passos ritmados com seu novo namorado e Aline, Lia e demais enfermeiras a imitavam. Foi muito bom vê-la feliz depois de tudo o que passou. Pelo menos agora tinha certeza de que não beberia de maneira irresponsável. A influência daquele cara finalmente dava sinais de extinção.

O DJ contratado parecia ser muito bom, escolhendo músicas perfeitamente audíveis. Tocava um repertório bem eclético, com um quê de anos 1980. O que eu mais fazia ali era ficar observando os outros. Por mais que ficasse repetindo internamente que deveria arriscar e mudar, não me sentia estimulada a levantar por nada. Quem sabe mais tarde, tomando uns goles dessa bebida colorida, que nem ao menos sabia como se chamava? O teor alcoólico dela não devia ser alto e, apesar disso, por não estar acostumada a beber, um ligeiro amortecimento nas extremidades já dava para ser notado e o tão esperado

relaxamento começava a aflorar.

Finalmente aquela tensão que me acompanhava havia dias resolvera dar um tempo e deixar a minha cabeça em paz!

Cheguei a girar o pescoço para curtir a sensação, mal acreditando que um simples drinque avermelhado pudesse me proporcionar tamanho conforto.

Infelizmente, como as alegrias comigo sempre duravam pouco, olhei distraidamente o outro lado do salão para observar os detalhes do ambiente e acabei tendo um verdadeiro colapso: o Dr. Richard estava sentado numa mesa, acompanhado da bela Ava, que mais parecia ter vindo direto do antigo seriado *As Panteras*.

Ah, não! Ninguém merece! Ele não havia dito que não viria?

Não sabia se ele já tinha notado a minha presença, mas, procurando me esconder, virei de costas, encolhendo o corpo.

Quer dizer, fiz o possível para me encolher.

O vestido que a mamãe me emprestou ficou tão justo depois do conserto que se forçasse curvar muito não conseguiria respirar, correndo o risco de cerzi-lo em algum lugar.

Confesso que cheguei a pensar numa maneira de ir embora dali, só que seria uma tremenda desfeita com o Dr. Luciano, que já havia se oferecido para me levar em casa. Ele tinha o direito de aproveitar a festa. Além disso, tal atitude levantaria uma lebre diante de todos, o que, sinceramente, não estava a fim de transparecer. Que motivos eu teria para fugir batida de uma boate à noite, sozinha e ainda por cima longe da pensão? Pior ficaria a minha situação financeira, por gastar o resto do salário numa corrida de táxi longa dessas. Só pretendia fazer algo assim em caso de emergência.

Correção: esse era um caso de emergência.

— Não há um homem neste salão que não tenha reparado na minha acompanhante — elogiou-me Dr. Luciano.

— Estão só estranhando a enfermeira sem o uniforme padrão — desfiz-me de imediato.

— “Estranhando” talvez não seja o termo correto — brincou.

Curvei os lábios e soltei o ar discretamente, sem conseguir dissimular que não dei muita importância ao que ele dizia.

— Foi só um elogio sincero, sem segundas intenções — desculpou-se.

— É, eu sei.

— Então, por que ficou distante de repente? — indagou, percebendo o meu desconforto.

— Por nada — disfarcei. — Ou melhor, acho que preciso parar de beber. Já estou ficando tonta.

— Tonta com um drinque fraquinho desses? O que você costuma beber quando sai? Suco de laranja?

— É, suco de laranja — confirmei, notando que ficou sem graça.

Tentei concentrar a atenção em mais alguma coisa que ele dissesse com um sorriso forçado nos lábios, constatando, contra a vontade, que seria inútil. Sóbria, jamais conseguiria esquecer que o Dr. Richard estava bem ali atrás, namorando a mulher mais linda e sortuda do planeta.

Sendo assim, pedi mais um drinque. Houve uma mudança radical de planos. Se me embriagasse, era bem possível que conseguisse esquecer a presença dele.

— Ué... — Dr. Luciano estranhou. — Você não acabou de dizer que queria parar de beber?

— Mudei de ideia. — Levantei a taça e bebi mais um gole. Ele estreitou os olhos, mas não contestou.

Sou maior de idade e tenho o direito de fazer uma loucurinha de vez em quando, não tenho? Pelo menos uma vez na vida — pensei.

E eu que critiquei a Íris...

O ritmo da música foi ficando mais lento e o teor alcoólico aumentando na circulação, a ponto de conseguir achar graça quando a Dora começou a dançar desajeitada na pista. O marido dela não tinha aptidão alguma para aquilo. O Dr. Roberto também não. Sua esposa pisava no seu pé com frequência e ele reclamava sem parar; eram totalmente descoordenados. A cena foi hilária. Até o Dr. Jorge — o famoso diretor e figurão da noite — dançava de rosto colado com a sua mulher. Ao menos esse tinha algum jeito para a coisa.

Quando tornei a falar, o Dr. Luciano demonstrou que queria dançar também, fazendo um sinal com a cabeça e apoiando a minha mão para que eu me levantasse. Não estava muito estimulada, mas acabei aceitando o convite.

Desarme-se — ordenou o meu cérebro.

Decidi que dançaria conforme a música e que, se ele insistisse, aceitaria dar a chance que me pediu, mesmo correndo o risco de ficar arrependida depois. O Dr. Luciano era famoso pela vasta experiência que tinha com as mulheres, e se conquistara tantas, por que não podia dar certo comigo? Do jeito que chegara ao limite, cometeria qualquer ato terrorista como tentativa de me livrar daquela sina.

E assim que estiquei as pernas, outra mão fria segurou o meu punho.

— Se importaria se eu tirasse a Stephanie para dançar primeiro, Luciano? — perguntou Dr. Richard com olhar enigmático.

O Dr. Luciano ficou visivelmente sem graça e com a cabeça deu a entender que deveria pedir permissão a mim, não a ele.

Fiquei em estado de choque. Não conseguia dizer nem um ai.

No entanto, parecia que ele não estava nem um pouco interessado em me pedir permissão. Veio determinado. Foi logo guiando o meu braço firmemente até o centro da pista e me posicionando de forma correta para dançar.

Reparei que estava um tanto nervoso. Com uma das mãos segurava a minha e com a outra me apoiava as costas. Conduziu-me alguns segundos, embalado por uma música romântica antiga, mas que eu adorava: *Forever By My Side*, dos Manhattans.

Senti sua palma esquentando, apertando por trás, e a respiração dele começando a ficar irregular. A minha também não era diferente, o coração parecia que saltava pela boca. A covardia fez com que eu enterrasse a testa no seu ombro, numa manobra visível de me esconder.

Ele largou a mão que me conduzia e elevou o meu queixo, destilando um olhar melancólico. Depois, foi aproximando o rosto devagar, deslizando-o com suavidade pela minha face até chegar próximo à orelha.

— Já fazia tempo que eu queria ficar ao seu lado... Assim... — sussurrou com a voz aveludada.

Seu hálito me provocou um arrepio, enquanto a outra mão aumentava aquela tortura ainda mais, apertando-me pelas costas.

— A senhorita está deslumbrante hoje, sabia? — suspirou.

Não consegui balbuciar nada. As pernas bambearam, eu mal conseguia respirar.

— Fiz de tudo para evitar, mas não deu. Não estou aguentando mais... — sussurrou novamente.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse negando algo a si próprio, e fechou os olhos. Em seguida, respirou fundo e quando os abriu, pude perceber o que desejava: encaixou uma das mãos no meu rosto e estava se inclinando na intenção de me beijar!

Eu não podia deixar que isso acontecesse logo ali. Então, dei um jeito de me soltar, arquejando feito uma louca.

— Perdão, preciso ir ao toalete — murmurei atordoada e corri em direção ao banheiro, tremendo da cabeça aos pés.

Dr. Richard paralisou no meio da pista, completamente sem ação.

Apesar do meu estado de total desvario e do efeito da bebida, a razão começou a voltar.

O que ele estava pensando? Como podia fazer uma coisa dessas na frente da própria namorada? Se ela já se acostumara a essa atitude licenciosa da parte dele ou aceitava manter um relacionamento aberto, só poderia lamentar. Eu não era uma pessoa desse tipo, nunca fui talhada para ser a outra e jamais me prestaria a esse papel.

É lógico que não podia negar que continuava alucinada por ele. Não, tinha que admitir, a palavra certa era *apaixonada*.

Perdidamente apaixonada.

Por pouco, ouvir aquelas palavras cálidas não me reduziu a pó. Mas não poderia ser daquela maneira. Não assim, magoando outras pessoas. Se Ava não existisse na vida dele, eu não hesitaria nem por um segundo. O que sentia se tornara mais forte do que eu. Só que os meus princípios ainda falavam mais alto, havia horas que dava raiva de mim mesma por ser assim, tão moralista...

Contudo, fazer o quê, se nasci desse jeito?

Tentei me recompor e fui até a porta do banheiro para olhar pela fresta. Ele ainda permanecia no mesmo lugar, parado, exibindo um ar impaciente. Só agora pude perceber que estava mais lindo do que nunca, usando um blazer preto sobre uma camisa azul-marinho colada no corpo. Parecia um deus grego na pista...

Aguardei o momento em que ele se virou para olhar na direção da sua companheira e saí em disparada, aproveitando que o Dr. Luciano não se encontrava mais na mesa, para resgatar a minha carteira e descer a escada rumo à saída. Escaparia daquele ambiente o mais rápido que pudesse e pegaria o primeiro táxi que avistasse na rua, deixando para pensar depois nas desculpas que daria.

Entretanto, o inesperado aconteceu: meu salto quebrou durante a correria, fazendo com que me desequilibrasse em um dos degraus e caísse escada abaixo. Rolei por umas duas vezes até chegar ao chão e bati com a cabeça no rodapé. Só o que deu para sentir foi o meu sangue jorrando da testa e depois disso tudo ficou negro.

Quinze

Quando abri os olhos, estava deitada numa cama confortável, em algum lugar que não conhecia. Ainda jazia meio grogue, talvez por ter bebido além do que me propusera e porque a claridade incomodasse um pouco. A testa doía e pus a mão, apalpando o curativo que havia nela. Também notei que a minha roupa fora trocada por outras bem mais largas e que os meus cabelos foram soltos, espalhados pelo travesseiro.

Que estranho... Onde estou? — interroguei-me, confusa.

A confusão ficou bem maior quando virei o rosto e descobri quem estava ao meu lado.

— Está se sentindo melhor? — perguntou o Dr. Richard, afagando os meus cabelos com o olhar preocupado.

Voltei a fechar os olhos e virei a cabeça de lado, resmungando sozinha:

— Ah, não! Você no meu sonho novamente, não! Assim, nem psicóloga vai dar jeito, vou acabar procurando um psiquiatra!

Um breve silêncio se fez. Ao forçar outra vez a abertura das minhas longas pestanas, notei que ele ainda continuava ali.

— Andou sonhando *comigo*? — Sua voz, surpresa, soou nítida demais, bem como aquela sensação de mão gelada retirando uma mecha de cabelo do meu queixo.

Estiquei o braço, receosa, até encostar os dedos na sua face, e ao constatá-la palpável, recolhi num susto. Então, não estou sonhando? Tapei o rosto com as mãos em desespero.

Putz! Não acredito no que fiz! Acabei de me entregar!

— Onde estou? — indaguei apavorada, assim que tomei coragem para descobrir os olhos.

— Em minha casa. Mais precisamente, no meu quarto — respondeu com uma expressão ligeiramente divertida. Foi a primeira vez que vi um esboço de sorriso naquele rosto.

— E por que estou aqui, doutor? — Meu olhar o fulminou com raiva.

— Quando eu nasci, a minha mãe me deu o nome de Richard, não de doutor — ironizou.

— Então... Por que estou aqui, Richard? — interroguei.

— Hmm... Agora melhorou — aprovou. — Está aqui porque eu não sabia para onde levá-la.

— Já ouviu falar num lugar chamado hospital? — O sarcasmo era evidente.

— Nunca — revidou em tom de gozação. — Percebi que não tinha nada quebrado e, além disso, as pessoas pensariam que seria eu o causador desse estrago.

— E foi — afirmei entredentes, sentindo as maçãs do rosto corarem.

Ele sorriu e se aproximou mais.

— Ainda não respondeu à minha pergunta. Está se sentindo melhor?

— Acho... que sim. Só dói um pouco na testa e também no joelho esquerdo. — Contorcei os lábios numa expressão de desconforto.

— É, imaginei. Por isso lhe apliquei um analgésico.

— Fez meu curativo também? — Estreitei os olhos em frio desdém.

— Não entendo o motivo do espanto — ele disse, chegando ainda mais perto.

— Pensei que tivesse nojo do meu sangue.

— Nojo? De *sangue*? — Sacudiu a cabeça, surpreso, como se não acreditasse no que ouvia.

Como num clique instantâneo, o cérebro voltou a funcionar e acabei lembrando algo muito importante.

— Onde está a minha roupa? Aliás, que roupas são essas? Foi você quem me trocou? — O meu desespero aumentou.

— A sua roupa ficou encharcada de sangue. Precisei retirá-la para que pudesse respirar direito. Coloquei na senhorita uma camisa minha mesmo.

— Você não...? — sugestionei, começando a levantar da cama.

— É evidente que não! Não costumo atacar mulheres desacordadas. Além disso, sou médico, lembra?

— falou com um ar de ofendido, ainda que não conseguisse esconder um indício mascarado de sorriso.

Não sabia se devia confiar muito naquele sorriso, então fiquei de pé e ele deu um passo em minha direção. Seus olhos azuis-violeta estavam fixos nos meus lábios. Dei outros passos para trás e percebi, atônita, que não tinha mais para onde ir. Já havia encostado à parede. Ele foi se chegando rapidamente, com a respiração acelerada, praticamente me imprensando contra ela. Pousou a face na minha e foi deslizando, num gesto sensual, até chegar ao vão do meu pescoço.

— Não era mentira quando disse que não aguentava mais. — Houve uma pausa. Senti que ele inspirava a minha pele. — Vou enlouquecer se eu não tentar — sussurrou rouco, a voz mais parecendo sentir uma dor.

Imediatamente, ele começou a arrastar seu lábio frio no meu pescoço. Um arrepio me percorreu a pele, embolando alguma coisa no estômago e fazendo os meus olhos revirarem. Comecei a ofegar, perdendo totalmente o controle. Sua boca subiu lentamente em direção à minha e não quis mais parar. Foi um beijo dominador, ardente, invasivo. Tentei por uma fração de segundos resistir, mas acabei retribuindo. Também já não aguentava mais. Seria pedir muito pensar nos outros naquela hora. Não me sentia mais dona do meu corpo e muito menos da mente. Tudo o que fazia era me deixar levar por essa sensação flutuante. Estava praticamente descarregando na sua boca toda a angústia do desejo reprimido.

Finalmente, tomei coragem e agarrei os seus cabelos espessos, trazendo-o ainda mais ao meu encontro.

Seu beijo me dava uma sensação de sofrimento retido. Era estranhamente libertador, como se estivesse rompendo alguma barreira e conquistando a liberdade. Nunca havia sido beijada daquela forma. Tive até a impressão de que ele queria arrancar alguma coisa de dentro de mim. Não conseguia respirar, tamanha a sua volúpia. Tentei empurrá-lo sem fazer muita força para obter um pouco de ar, mas quanto mais o empurrava, mais ele trazia o meu rosto de volta para si, deslizando suas mãos, agora quentes, em minhas costas, por cima da camisa emprestada. Cheguei a ouvir um “não” fraquinho da sua boca entre os meus lábios, que teimava em negar qualquer tentativa de afastamento, mais parecendo temer que eu fugisse novamente dos seus braços.

Comecei a ficar tonta e a cabeça pendeu para trás. Ele aceitou o pequeno afastamento, observando atentamente a forma como eu reagia. Desceu uma das mãos até a dobra dos meus joelhos e os ergueu, acomodando-me no colo. Aproveitei a brecha para recuperar o ar, antes que desmaiasse, mas isso foi por muito pouco tempo, pois já nos seus braços voltei a ser beijada outra vez.

Richard inclinou o corpo e me colocou sentada na cama bem devagar, acariciando com delicadeza o meu rosto. Ficou agachado, olhando-me com aqueles olhos ardentes, estranhamente escurecidos.

Foi aí que percebi a dimensão da minha perdição. Se não o interrompesse logo, sabia até onde isso iria me levar. Não me sentia preparada para fazer amor com ele, sabendo que poderia ser abandonada no dia seguinte. Não aguentaria passar por isso como se fosse uma coisa banal, um deslize qualquer.

Eu estava loucamente apaixonada...

— Espere... — falei, praticamente sem ar. — Isto não está certo.

— O que não está certo? — murmurou, passeando o polegar nos meus lábios.

— Não posso fazer isso com ela. Não é direito — eu disse, enquanto me afastava um pouco.

— Ela quem? — perguntou confuso, voltando a se aproximar com o olhar fixo na minha boca.

— Ora, quem mais poderia ser? A sua namorada! Aliás, como pôde me expor daquela maneira na frente dela? Mais ainda, na frente de todos! — Comecei a alterar o tom da voz, voltando a raciocinar.

Ele se pôs de pé, fez uma cara engraçada e começou a rir. Nunca o vi se soltando daquela maneira.

— Quem? Está falando da Ava? — E continuou rindo.

— Acho que o nome dela é esse, não é? Pelo menos é o que todos dizem — resmunguei, totalmente atordoada com a sua reação.

Richard ainda gargalhava como se a piada fosse muito engraçada e eu já estava me sentindo ridícula, embora não conseguisse deixar de ficar impressionada com a perfeição e a brancura dos seus dentes. Se as outras enfermeiras soubessem o quanto ele era ainda mais lindo quando sorria...

— Já tinha ouvido um comentário desses há algum tempo, mas ignorei. Achei até um tanto divertido. Só não sabia que todo mundo pensava dessa forma. — Ele gargalhou novamente. — Ava é minha irmã!

Que furo! E eu que pensei que...

Mesmo assim, não conseguia encontrar alguma semelhança entre eles, a não ser pela pele extremamente branca e pálida. Será que eram filhos de pais diferentes?

Franzi a testa em sinal de desconfiança. Ele percebeu a dúvida no meu olhar e continuou falando:

— Ava não é minha irmã de sangue. Fomos... criados praticamente juntos, e como estamos sozinhos no mundo, costumamos frequentar a maioria dos lugares acompanhados um do outro — explicou mais calmo, recomposto, embora tivesse voltado a me olhar daquele modo desestabilizador novamente.

— E a senhorita? — voltou a falar. — Também não veio acompanhada?

— Senhorita? — Torci um pouco o nariz. — Costuma ser formal ou sisudo assim com todas as garotas que beija?

— Com... todas as garotas que beijo...? — Ele parecia estranhar a pergunta. — Não. Quer dizer, creio que sou capaz de mudar. Como prefere ser chamada?

— De você ou Stephanie está bom. — O tom de voz soou meio óbvio.

— Registrei, mas, por favor, não se desvie da pergunta que fiz.

— O Dr. Luciano apenas me fazia companhia para que não ficasse constrangida, segurando vela na festa.

— Não parecia que ele estava só a acompanhando — observou, demonstrando não se sentir confortável com o fato.

— Ele é apenas um amigo. Nunca houve nada entre nós — fiz a minha defesa.

— Não houve na sua cabeça. Por acaso você é cega? — ressaltou o pronome de propósito. — Nunca

reparou no modo como o Luciano a olha? — indagou. — Pois eu reparei. E antes que ele lhe atirasse aquele papo de conquistador, resolvi roubá-la — declarou de forma orgulhosa.

— É, roubou mesmo.

Tive que rir.

Fiquei por uns instantes lembrando as falas do meu pai, quando dizia que um dia um “marmanjo” iria me roubar.

— Por que fugiu daquele jeito? Tudo aquilo foi por causa da Ava?

— Também — admiti baixinho.

E por excesso de covardia — pensei com os meus botões.

— Quer saber? Não me importei com o seu namoradinho — confessou. — Aliás, não vou mentir. Embora não seja uma atitude que considere correta, tive até uma satisfação secreta por afastá-la dele. Também observei que havia algum distanciamento entre os dois, então...

— Ele nunca foi meu namoradinho — repeti.

Sorri lembrando a cena. Ninguém devia ter entendido nada. O que será que estavam pensando agora? Será que mais alguém, além de Richard, notou que eu havia fugido daquele jeito? Bem, que sumi da festa é óbvio que notaram.

Richard chegou mais perto, fitando-me intensamente.

— Eu precisava saber se você se sentia atraída por mim também. Por isso fui à festa, por isso a obriguei a dançar comigo. — Sua expressão se tornou séria, profunda.

Fiquei sem palavras. Não conseguia falar absolutamente nada. Ainda assim, ele continuou:

— Sabe, já faz muito tempo que não sinto nada por alguém — revelou. — Desde que a vi pela primeira vez, percebi que estava perdido, completamente vulnerável. Sei que tive uma reação inicial abominável e que fui rude com você, mas essa foi a forma que encontrei para mantê-la afastada e evitar que eu perdesse o controle. Não sabe como me doeu sentir que ficou magoada comigo, que a fiz chorar — lamentou. — Eu quis lutar contra isso, juro. Fiz de tudo para esquecê-la e acabei descobrindo que não dava, era algo além das minhas forças. Quando dei por mim, já sonhava com você o dia inteiro. Você dominou por completo os meus pensamentos e até mesmo as reações do meu corpo...

Um arrepio me percorreu pela espinha quando ele disse isso. Eu sabia exatamente que tipos de reação eram esses. Também as sentia, e de um modo sufocante.

— Estou louco por você, Stephanie — declarou numa expressão sofrida. — Mas preciso ter certeza de que sente algo por mim também. Porque, para ser sincero, “ficar”, como as pessoas dizem hoje em dia, não vai me bastar.

Ele falava de uma maneira que soava até estranho, como se fosse muito velho e tivesse dificuldade de aceitar a modernidade. Sempre notei um ar de formalidade no seu modo de escolher as palavras, especialmente enquanto conversava com os pacientes. Desconfiava que talvez tivesse sido educado por pais rigorosos ou fora do país.

O fato é que eu nem conseguia acreditar no que ouvia. Mal sabia ele o quanto sonhei com esse dia, era algo tão forte que dava a impressão de que explodiria por dentro. Contudo, ainda não tinha forças para falar. Parecia que quando ficava perto dele o cérebro paralisava.

Abaixei a cabeça por reflexo, sentindo-me engasgada, completamente sem ar. Apenas um suspiro sôfrego saiu da minha boca.

Buscando por uma resposta, ele me fez um carinho suave na face com o dorso da mão e elevou o meu queixo em seguida, forçando os nossos olhos a se encontrarem.

— Esse seu silêncio me tortura. Tenho receio de estar enganado, mas, por outro lado, posso ouvir o som do seu coração batendo. Quero beijá-la novamente, só que desta vez não vou me impor. Apenas me impeça se você não me quiser — sussurrou.

Depois disso, ele roçou de leve os lábios nos meus e começou novamente a me beijar, mas agora de um jeito mais cuidadoso, doce, suave, como quem esperava para ver se haveria alguma reação negativa da minha parte. E assim que notou que eu retribuía ao carinho, sorriu, triunfante, e tratou de intensificá-lo. A urgência da sua boca aumentou de tal forma que em poucos segundos eu já ficava outra vez sem ar.

Pensei sinceramente que esse seria o dia em que me entregaria a um homem de verdade. Faltava realmente muito pouco para que chegássemos a tal, embora seus avanços nesse sentido não fossem tão claros assim. O problema é que o seu celular tocou e ele, mesmo aparentando desconexão total com o mundo exterior, atendeu. Estava atrasado para o plantão em outro hospital e parecia que havia alguém em estado grave. Atrasar-se era um fato inédito. Richard era o cara mais “caxias” que eu já havia visto na vida, tanto que nunca o vi chegar um minuto sequer depois do horário.

Quando desligou o telefone, percebi que estava loucamente dividido entre a obrigação e o desejo quase que incontrolável de ficar. Fui eu quem decidiu por ele então:

— Vá. Sei que está preocupado. Eu posso esperar.

— Eu é que não tenho certeza se consigo ir — falou, visivelmente ofegante.

— Temos muito tempo para ficarmos juntos, não vou mais fugir de você — prometi. — Podemos nos encontrar depois.

— Não sabe como está sendo difícil ter que sair, logo agora que eu...

— E vai ficar com a sua consciência tranquila? — lembrei-o de que havia uma vida em jogo.

De repente, ele ficou pensativo, estranhamente perturbado. Balançou a cabeça com os olhos fechados, como que recordando de outro assunto.

— Tem razão — concordou. — Precisamos mesmo ter uma conversa séria antes. É algo muito importante sobre a minha vida. Não posso começar uma relação como essa baseada numa ilusão. Você bagunça demais a minha mente, tem horas que não consigo raciocinar direito. Já estava quase me esquecendo do que sou...

De que ilusão ele falava? E o que ele era para demonstrar tamanha amargura no olhar?

Meus pensamentos foram novamente interrompidos por um pedido seu:

— Podemos marcar amanhã à noite? Hoje também estou escalado mais tarde no hospital e não tenho como trocar.

— Claro — aceitei.

— Aliás, acabo de me dar conta de que não sei ainda onde você mora, somente que vive sozinha. Quer uma carona?

Dei uma olhada pela janela do seu quarto e fiquei pasma: eu estava em frente à minha pensão, justamente naquela casa que me atraiu tanto...

Que coincidência!

Agora podia perfeitamente entender o que o carro dele fazia parado naquele sinal, num dia diferente do seu plantão.

Pensei rapidamente na sua oferta e decidi dar uma despistada momentânea por pura vergonha da minha condição.

— Obrigada, mas não vou precisar. Moro perto, dá para ir a pé. Pode me buscar no hospital amanhã? Saio às seis — sugeri.

— Não vai mudar de ideia e sair correndo, como antes? Vai realmente me esperar? — A pergunta dele mais parecia exigir uma promessa.

— Vou — garanti.

Richard sorriu exultante. Recebi como resposta um beijo aliviado, desses que fazem os pés chegarem a balançar no alto, suspensos em um abraço.

Em seguida, indicou onde pendurara o meu vestido manchado — que fora aparentemente limpo —, pegou a sua maleta apressadamente no outro quarto e depois apenas se despediu, pedindo que eu batesse a porta ao sair. Percebi, durante o trajeto até o corredor, que ele passava a língua com discrição nos próprios lábios, mais aparentando aprovar o sabor que neles permaneceu.

Aproveitei a saída dele para matar a curiosidade que tinha sobre a casa. Ela era decorada com muito bom gosto, totalmente estilosa, embora tivesse poucos objetos e não houvesse indícios de exagero ou desperdício. Parecia bem prática e organizada. Havia, além do quarto, um escritório que tinha um laptop e várias pastas contendo artigos médicos ou livros relacionados à sua área, catalogados por ordem alfabética. Não avistei porta-retratos ou alguma coisa que fizesse menção aos seus familiares e amigos. Embora elegante, o ambiente soava sério, talvez até um pouco triste ou solitário. Seu blazer preto ainda permanecia pendurado na cadeira e acabei não resistindo ao impulso de inspirá-lo para sentir aquele aroma inconfundível.

O seu quarto também não era diferente. Além dos móveis normais, havia somente uma TV de plasma, a única da casa, e mais nenhum objeto ou qualquer indício de que se distraía com algo, como vídeos, música ou um esporte. O livro na cabeceira, para variar, sobre hematologia.

Depois de perambular pelo corredor, ainda na parte superior da casa, algo estranho me chamou a atenção: ele tinha um quarto que mais parecia um mini-hospital, contendo cama hospitalar, porta-soro e uma espécie de climatizador com várias bolsas de sangue para transfusão classificadas pelo tipo sanguíneo, fator Rh, hemocomponentes... Também havia outras bolsas etiquetadas como impróprias — ou seja, material contaminado — e um aparelho específico para aquecer o sangue, em caso de grandes transfusões.

Nossa! Ele atendia pacientes até mesmo em casa? Pelo jeito, parecia que sim..

Desci a escada e procurei alguma coisa para beber na geladeira, a garganta estava seca. Custei a encontrá-la. Sua geladeira era minúscula e tinha somente uma garrafa de água, mais nada. As despensas também estavam absolutamente vazias.

Que estranho...

Richard não come? Tem preguiça de cozinhar? — indaguei-me.

Bem, talvez não soubesse ou não tivesse tempo para isso. Ou, quem sabe, sempre se alimentasse fora ou no trabalho, embora nunca tenha reparado sua presença no refeitório do hospital. Será que fazia algum tipo de dieta restritiva? E se fosse justamente isso o que ele estivesse insinuando ao seu próprio respeito? Quem sabe não fosse portador de alguma doença... A não ser pela sua palidez, a julgar por esse dia, ele parecia forte — analisei. Sim, bastante forte ou não conseguiria carregar uma mulher no colo com tamanha facilidade. Ok, uma mulher nanica, mas, ainda assim, adulta.

Não, doente não.

Não conseguia nem pensar nessa possibilidade. Preferia imaginar que o que ele tinha para me dizer se referia a algo sobre seu passado, como uma separação ou, talvez, a existência de um filho...

Coloquei apressadamente o vestido para sair logo daquela casa, com medo que ele voltasse por um motivo qualquer e me encontrasse bisbilhotando por lá. Eu estava tão feliz que nem dei importância aos olhares das pessoas na rua, que reparavam a roupa inadequada para o horário e os meus pés descalços; o salto da sandália havia quebrado no dia anterior.

Cheguei à pensão com um sorriso esfuziante estampado nos lábios e dona Helena logo notou:

— Parece que a festa foi boa — insinuou ela, sorrindo.

— Muito boa — respondi, não escondendo a alegria.

— O que houve com a sua testa?

Minha testa? Nossa! Fiquei tão nas nuvens que havia até me esquecido dela!

— Caí, mas não foi nada demais — falei, tentando não demonstrar que não me lembrava do assunto.

— Vou para o meu quarto descansar, se não se importar.

Subi aos pulos a escadaria e entrei no quarto, deixando as sandálias caírem displicentemente do chão. Olhei pela janela e fiquei pensando que agora mesmo estive dentro daquela casa, que um dia cheguei até a sonhar com ela, quase me entregando ao homem mais charmoso, lindo e sexy do mundo. Mais do que isso: o homem por quem ficara apaixonada — suspirei. E parecia que isso não demoraria muito para acontecer...

De certa forma, foi até bom que tivesse um tempo para me preparar, eu precisava mesmo estar pronta para esse momento em todos os sentidos.

Fui ao banheiro, tomando cuidado para não tropeçar no beiral que soltara no dia anterior, e comecei a traçar os meus planos. Não pude deixar de lembrar imediatamente da Anne. Só agora dava para sentir quão fora a sua decepção por ter tido um desfecho tão triste na sua primeira vez, depois de ter se preparado tanto.

Mas isso não iria acontecer comigo. Eu o queria.

Eu o desejava mais do que qualquer coisa na vida.

O mínimo toque de suas mãos na minha pele inflamava todos os meus sentidos, incendiava-me da cabeça aos pés.

Também não havia mais nenhum tipo de impedimento, nada que tivesse força suficiente para desfazer aquela vontade infinita. E pelo que pude perceber, ele devia se sentir da mesma forma, tanto que declarou com todas as letras que estava louco por mim.

Louco por mim...

Dava para acreditar? Só de relembrar o modo sensual como pronunciou essa frase, o coração disparou, completamente desgovernado.

O machucado na testa começou a doer. Não consegui achar um comprimido que fosse no meu pequeno armário, e antes que saísse para comprar outro remédio qualquer na farmácia, encontrei uma cartela de analgésico dentro da carteira que levei para a festa com um bilhete escrito:

“Tome um comprimido se estiver sentindo dor. Mas não se preocupe, amanhã já estará curada. Ps. Não se esqueça do nosso encontro.

Richard. “

Ri sozinha. Como se houvesse alguma maneira de esquecer...

Só não conseguia entender quando foi que ele colocou o bilhete na minha carteira, se até o momento da sua partida ficara o tempo todo ao meu lado. Será que foi naquela hora em que buscou a própria maleta? Mas eu o teria visto passar por mim, não teria?

Richard fazia algumas coisas de vez em quando que me deixavam intrigada...

Dezesseis

Após ter tomado um banho bem demorado, acabei dormindo à tarde.

Talvez ainda estivesse entorpecida pelo efeito do remédio ou isso fosse decorrente da pancada na cabeça. Acredito, porém, que o mais provável fosse que o seu beijo tivesse amortecido os meus problemas e provocado em mim um relaxamento tamanho que voltara a dormir direito. O fato é que só acordei no meio da madrugada.

Corri à janela para olhar aquela casa, mesmo sabendo que ele não estaria lá, e, para minha surpresa, a luz apareceu acesa. Um brilho de excitação circulou pelas veias, adrenalina puríssima.

Por que não?

Já tinha desfeito aquela armadura mesmo...

...e estava louca para sentir o gosto daquele beijo ardente novamente!

Além do mais, o frescor do banho permanecia impregnado na pele, então, era só trocar de roupa e fazer uma surpresa!

Abri o meu pequeno armário e escolhi uma saia preta justa e uma blusa azul-petróleo de manga comprida para vestir. Fui ao espelho e dei uma arrumada no cabelo, puxando o curativo para ver se o corte havia ficado feio. Para meu espanto, Richard acertou em cheio: a ferida praticamente desapareceu durante a noite e parou de doer.

Incrível! Nunca o meu sistema imunológico agira tão rápido assim!

Apesar disso, não quis perder tempo pensando no assunto. Apenas removi a gaze da testa, escovei os dentes, passei um batom nos lábios e borrifei o meu perfume preferido em alguns pontos estratégicos do corpo.

Agora sim, sentia-me pronta em todos os sentidos...

Só faltava pôr uma sandália, atravessar a rua e correr para os seus braços!

A garagem dele estava aberta e havia um tipo de furgão com uma maca vazia estacionado lá dentro.

Achei aquilo tudo muito esquisito.

Empurrei a porta de entrada, que jazia apenas encostada, e entrei sem fazer barulho, quase que na ponta dos pés. Ouvi um som que vinha daquela tal suposta sala de atendimento e fui direto em sua direção.

Foi lá, então, que aconteceu o maior choque que levei na vida: havia uma senhora deitada naquela cama hospitalar parecendo sedada e Richard estava inclinado sob a mesma, mordendo o seu pulso.

Espere aí...

Mordendo? Como assim? Eu devia estar sonhando, só podia ser!

Ele *sugava* o sangue dela?! Engolia sangue?

Meu Deus! Que tipo de animal perverso faria uma coisa dessas? Somei dois mais dois e percebi o que ele era: um... *vampiro*!

No auge do susto, dei um passo para trás e esbarrei numa lixeira metálica, provocando um barulho

estridente que fez com que ele virasse o rosto, assustado. Seus olhos estavam vermelhos e petrificados, incrédulos, aterrorizados... Levantou as mãos, como se estivesse desarmado e disse em tom de desespero:

— Stephanie! Calma, não é o que você está pensando!

Como não? E os dentes sujos de sangue? E aqueles olhos vermelhos? — pensei.

— Não se aproxime de mim! — adverti chocada, já me afastando.

— Não vou lhe fazer mal. Escuta o que tenho a dizer primeiro, por favor! — suplicou.

— Você é um monstro! — gritei. — Como pôde me enganar dessa maneira? Está no hospital para matar os pacientes e obter o sangue deles! Isso é... sórdido!

— Não! — devolveu num grito sofrido, começando a se aproximar. — Está enganada! Não mato os meus pacientes!

— O que eu iria ser para você amanhã? — indaguei, descontrolada. — O seu jantar? Droga! Devo ser burra demais! Como é que eu fui acreditar que alguém como você podia gostar de mim de verdade?

Ele deu dois passos à frente e eu, amedrontada, recuei.

— Não diga isso! O que sinto por você é muito mais do que gostar. Eu...

Simplesmente não fiquei para ouvir o resto. Comecei a correr no sentido contrário, pedindo a Deus que me deixasse sair ilesa dali. Ouvi, já distante, um último grito que suplicava:

— Stephanie, ouça-me, por favor! Eu te amo!

Foi praticamente um choro sem lágrimas, o grito de alguém que estava no fundo do poço, sem saída. Mesmo assim, não podia ficar sensibilizada com aquela declaração que tanto sonhei ouvir e voltar lá para conferir.

O meu coração doía tanto!

Parecia que havia levado uma flechada no peito!

Doía ainda mais escutar ao longe a sua voz sofrida, aquilo me dilacerava por dentro.

Eu amava um monstro! E não podia compactuar com isso. Poderia suportar qualquer dificuldade, qualquer diferença, mas não viver à custa da morte de pessoas inocentes. Que tipo de maldição sofria para merecer tamanho castigo? E mais: como é que pude me enganar tanto e pensar que tinha o direito de sonhar em ser feliz?

Só assim consegui juntar claramente as peças do quebra-cabeça: a palidez, as olheiras, a mudança de cor dos seus olhos, a temperatura baixa, o fato de nunca tê-lo visto no refeitório com os outros médicos para almoçar, a falta de mantimentos na sua casa, e, por fim, o sangue encontrado naquele cômodo.

Já não sabia mais o que pensar, o que fazer...

Minha cabeça explodia de tanta dor!

Não encontrava as palavras exatas para descrever a agonia que sentia. A única solução que achei foi a mais óbvia possível: devia ir embora dali, pedir demissão e voltar para o Rio.

Sabia, no entanto, que o certo seria denunciar aquele monstro, mas quem disse que teria coragem? A essa altura do campeonato, o amor que nutria por ele não deixaria que o fizesse. Estava conde-nada a viver o resto dos meus dias sentindo essa culpa. E, pensando bem, quem acreditaria em mim? Se mencionasse para alguém que tinha visto um vampiro de verdade, das duas uma: ou ficariam rindo da minha cara ou seria tachada como louca, isso sim!

O restante da madrugada custou a terminar. Cada segundo levava uma eternidade. Quanto mais os minutos se arrastavam, mais aquela angústia me devorava por dentro. Nenhum ser deste planeta deveria ter que passar por isso, era cruel demais!

Levei tanto tempo para sentir alguma coisa por alguém, e quando finalmente aconteceu, nem mesmo humano ele era...

E para completar o sofrimento, ainda tive que ouvir o grito dele dizendo que me amava. O som dessa frase ecoava pelo meu cérebro incessantemente, como um disco antigo de vitrola arranhado. Não havia jeito, precisava esperar o dia amanhecer para falar com Dora e acabar de uma vez por todas com essa proximidade.

— Dora, preciso pedir as minhas contas — exigi, com pressa de terminar logo a agonia, assim que pus os pés no meu setor.

— Você também? Mas que tipo de avalanche é essa que anda acontecendo neste hospital? — reclamou ela, surpresa.

— Quem mais se demitiu?

— O Dr. Richard. Disseram que ele chegou aqui, nesta madrugada mesmo, com uma expressão desesperada. Que nunca viram uma pessoa aparentar sofrer tanto! Deve ter acontecido algo muito grave, coitado! Apenas deixou uma carta para o Dr. Jorge desfazendo a sociedade e retirou rapidamente todas as coisas da sala dele. Estou pasma até agora! Creio que o hospital não será mais o mesmo sem ele — lamentou. — Tem certeza de que precisa fazer isso também? Hoje já temos duas baixas: a Íris amanheceu febril e a Lara está com o dedo da mão quebrado...

Ele esteve aqui? — questionei-me.

Então preciso tirar uma coisa a limpo...

— Stephanie, você está me ouvindo? Aonde é que você vai?

Dora se levantou da mesa após notar que a deixei falando sozinha para dar uma corrida até a ala dos internados. Fui olhar o rosto de cada paciente do sexo feminino, uma por uma, até encontrar a tal senhora que havia avistado em sua casa e que, aparentemente, estava saudável e até mesmo sorrindo.

Graças a Deus! — suspirei aliviada.

Ele devia ter ficado com medo que eu o denunciasse e a trouxe de volta. A pobre inocente não sabia a sorte que tinha por tê-lo surpreendido bem na hora H e me olhava, naquele exato momento, provavelmente tentando entender o motivo da minha cara de compaixão.

— A senhora... está se sentindo bem? — tive que indagar porque percebi que ela estranhava o meu comportamento.

— Estou ótima! Nunca me senti tão disposta! — respondeu, ainda encafifada. — E você, não é a enfermeira...?

— Stephanie — completei, ajudando-a.

— Ah, é... — Ela parecia finalmente se lembrar de mim. — Não a reconheci porque está de cabelos soltos e sem o uniforme.

— Acabei de chegar — resolvi explicar.

— E veio aqui direto me procurar? Por quê? Vou receber alta hoje?

— Não sei dizer. Na verdade, confundi a senhora com outra paciente. Queira me desculpar.

Aproveitei a deixa para sair do ambiente e dar uma satisfação à Dora.

— Eu, hein! O que deu em você? Endoidou? — criticou ela.

— Hã... Não estou me sentindo muito bem. — Foi a única desculpa que consegui arranjar, o que não era, de maneira alguma, uma mentira.

— Ai, meu Pai do céu! Era só o que me faltava! Já vi que vou ter que ligar para alguma enfermeira de folga para retornar ao trabalho! — Ela pôs as duas mãos na testa, demonstrando preocupação com o atendimento do dia.

Mesmo me sentindo arrasada daquele jeito, acabei ficando comovida com a sua expressão desnorçada:

— Posso aceitar trabalhar hoje para não deixar você na mão. Só não vou garantir continuar.

— Obrigada, querida. Agora, pense bem... Já que o Dr. Richard largou o hospital, não se sentirá mais intimidada, não é mesmo?

Como se a ausência dele fizesse bem para a minha alma...

Na verdade, mal sabia ela que eu tentava sobreviver sem ele, brigando intimamente entre o horror e esse sentimento ardente que me consumia por dentro. Alguma coisa eu devia ter feito de errado para ter que passar pelo sofrimento que estava tendo que suportar. Não havia uma explicação plausível para tal coisa.

— Vou pensar — respondi por fim e me encaminhei ao vestiário para colocar o uniforme. Podia até estar de corpo presente, entretanto, o cérebro jamais estaria. E pouco a pouco fui me tornando ainda mais vazia e apática do que nunca.

As horas se arrastaram vagarosamente.

Trabalhei o dia todo, ainda que na realidade permanecesse ausente, entrando num vácuo total. Não saí da ala nem mesmo para almoçar. Além de não ter estômago para engolir absolutamente nada, também não fazia questão alguma de encontrar colegas de trabalho e ainda ser obrigada a responder a perguntinhas capciosas sobre a festa ou quanto ao motivo de tamanha tristeza. Ao menos o médico plantonista era o Dr. Roberto e ele fora discreto, fazendo o favor de não me indagar absolutamente nada, embora, pelo modo como me observava, desconfiasse que ele houvesse visto a cena do *quase-beijo* na boate.

Quando acabou o horário do plantão, desci até o saguão central, caminhando para a pensão. Na verdade, fui dispensada uma hora mais cedo, estranhamente por insistência da própria Dora, que se mostrou preocupada com o meu visível estado depressivo.

E não era para menos.

Só conseguia pensar em juntar todas as coisas e ir embora dali, parecia ser a atitude mais certa a tomar no momento. Quanto mais rápido partisse, melhor seria para a minha cabeça. Muito difícil, na atual condição financeira em que me encontrava, ter que recusar um trabalho, mas pior seria ficar sofrendo de maneira destrutiva. O único problema era que não poderia me afastar de vez sem ao menos arrumar dinheiro para a passagem e o aluguel da pensão, e isso só daria para resolver na manhã seguinte, assinando oficialmente o meu pedido de demissão.

Cortando meus pensamentos, o som do celular vibrou dentro da bolsa. Não estava disposta nem mesmo a olhá-lo, só que, ao constatar o número da minha mãe na tela de cristal líquido, atendi. Aquilo foi, no mínimo, suspeito. Sempre nos falávamos exclusivamente pela internet, sendo assim, acabei ficando preocupada.

O que mais estaria por vir, Senhor?

— Stephanie?

— Oi, mãe, tudo bem? O que houve?

Já esperava pela próxima bomba. Mais uma, menos uma, não faria a menor diferença.

— Não houve nada. Só estou ligando para lhe desejar um feliz aniversário. Parabéns, filhota!

Hoje é meu aniversário? — estranhei. Que maravilha! Vou saltitar por aí, de tanta alegria! E a comemoração vai ser a fuga desesperada de um amor por um vampiro...

— Obrigada, mãe. — Minhas palavras saíram estranguladas.

— A Anne também disse que tentou ligar e não conseguiu. Mandou avisá-la para abrir o seu e-mail e ler a mensagem que ela enviou.

— Hmmm, hmmm — concordei, rogando força a Deus para me controlar.

— O que foi, filha? Está chorando?

— Não. — Engoli o choro. — Só estou... emocionada com a surpresa que me fizeram, só isso...

Para que deixar a minha mãe preocupada? Se for para sofrer, que seja apenas uma. Além do mais, o que dissera não era totalmente uma mentira. Fui surpreendida mesmo, não fui? Quem sabe em mais um ou dois dias não pudesse receber o abraço dela pessoalmente?

— Que bom! Fiquei preocupada que você passasse a data sozinha! — exclamou, retirando o seu pesar.

Imagine! Nunca estou sozinha... E o vazio por acaso larga do meu pé?

— Para você ver — disfarcei.

— Então não vou mais atrapalhar. Um beijo e divirta-se!

E eu havia marcado de sair com ele no final do expediente...

Belo dia para perder a vida. Feliz aniversário e tchau.

Hasta la vista, baby!

Precisei parar e respirar fundo para segurar a onda e não chorar no meio da rua. Temendo ser assaltada outra vez e piorar ainda mais o quadro, guardei logo o celular na bolsa e, imediatamente após pensar nessa possibilidade, um carro preto parou ao meu lado, abrindo a porta do carona repentinamente. Cheguei a dar um salto para trás, sobressaltada.

Para minha surpresa, de dentro dele surgiu Ava.

— Entre, por favor. Preciso falar com você — pediu ela com educação.

Como Ava sabia que eu estaria passando por aqui agora? — estranhei. *O que ela teria de importante a me dizer?*

Não.

Não quero ouvir mais ninguém. Chega de sofrimento na vida, já bastava o que havia acontecido comigo de madrugada — concluí.

— Sinto muito, não entro em carro de estranhos — recusei, continuando a andar.

— Stephanie, são só alguns minutos — insistiu. — Depois, juro que a deixo em paz.

Parei por um segundo e observei aquela mulher para ver se havia verdade em seu semblante. Decidi, enfim, aceitar o pedido e entrar no carro. Imediatamente após, as portas foram trancadas por dentro,

deixando-me assustada. Entretanto, ela foi logo me tranquilizando:

— Só estou fazendo isso para que não tenha jeito de não me ouvir. Não posso correr esse risco — justificou.

Novamente respirei fundo e tomei coragem para despejar a avalanche que se formava na ponta da língua. Não iria me deixar intimidar.

— Tudo bem. Então, começando... Você sabe o que ele é? — perguntei, armando-me de coragem.

— É claro que sei. Eu também sou — admitiu, fitando-me nos olhos para observar qual seria a minha reação, e eu instintivamente me encolhi, amedrontada.

— Não precisa ficar com medo. Nós não mordemos as pessoas — explicou serenamente.

— Não foi o que vi nesta madrugada! — revidei, alterando a voz.

— O que você viu não foi exatamente o que imaginou, Stephanie.

— Acha que sou alguma louca, por acaso? É claro que essa história toda de vampiros já é um indício de insanidade, mas eu não estava drogada não! Vi muito bem quando ele mordeu aquela paciente! — gritei.

— Certo — falou devagar, querendo me acalmar. — Vou contar a nossa história desde o começo para que você possa entender, tudo bem? Só pediria um pouco de paciência da sua parte.

Olhei por instantes uma senhora passeando com um cachorrinho na coleira através do vidro do carro, imaginando se deveria ou não concordar com aquele absurdo, e optei pelo sim.

Já estava na chuva mesmo...

— Ok, vou deixar você falar — aceitei.

Ela se posicionou de uma maneira mais confortável no banco do carro, virando o máximo que pôde para ficar de frente para mim.

— Vejamos... Conheci o Richard em 1943, em Londres, e nessa época ele já era um vampiro relativamente antigo. Não vou contar como se tornou assim porque não sei se ele gostaria que eu dissesse. Isso agora também não vem ao caso. — Fez um gesto com as mãos, desfazendo-se do assunto. — Eu havia sido recém-transformada por um vampiro que ansiava pelos meus serviços profissionais. Sabe, sempre tive orgulho de ser uma das pouquíssimas mulheres daquela época a conseguir realizar o sonho de se formar em Direito e ter uma carreira respeitável, principalmente na minha cidade. Nasci em Estocolmo, na Suécia, e sou poliglota, mas fiz a graduação em Londres. Você deve imaginar como era difícil para alguém do sexo feminino alcançar uma coisa dessas antigamente...

Ava parecia ter se perdido um pouco nas suas lembranças e eu mais ainda, por fazer um breve cálculo relativo à sua idade.

Imediatamente depois, ela retornou ao que dizia:

— Bem, como disse antes, esse vampiro costumava se cercar de alguns profissionais, os quais julgava importantes para conseguir tudo o que queria sem precisar sair daquela mansão sombria e se expor ao público — ressaltou. — Ele mantinha vários humanos hipnotizados para trabalharem ao seu comando feito verdadeiros robôs. Infelizmente, fui escolhida como um desses, justamente por ser uma anônima na cidade. Eu era um alvo fácil porque não tinha parentes ou quem quer que fosse para reclamar o meu sumiço. E quando algum profissional não mais o interessava, bastava desfazer a hipnose ou se alimentar dele — revelou, olhando-me novamente para ver se eu iria ficar chocada. — Todos nós, vampiros, temos esse dom de hipnotizar a nossa presa.

A afirmação me fez recordar o modo como a paciente que estava na casa de Richard se encontrava. Aquela senhora parecia exatamente assim: hipnotizada.

Não deu tempo de raciocinar mais nada, pois Ava continuou falando:

— A princípio, julguei ter tido sorte por aquele vampiro ficar interessado em mim, já que, ao invés de morta, acabei sendo transformada. Só que logo depois a ficha caiu: ser uma vampira em nada se parecia com as histórias de poderio que ouvi quando garota e muito menos consegui suportar viver naquele lugar com um ser desprezível como ele. Você não faz a mínima ideia do aspecto sombrio que tinha aquele vampiro milenar. Só de lembrar... Ele era asqueroso, suas roupas cheiravam a mofo... — Fez uma careta. — E o que é pior: por não aceitá-lo, virei uma espécie de escrava dele, vigiada 24 horas por dia!

Inacreditável. Parecia que ouvia um conto de Anne Rice ao vivo, um perfeito *audiobook*.

— Foi então que conheci o Richard em uma das minhas esporádicas saídas daquele lugar sinistro para resolver um problema num cartório local — elucidou. — Ele já era um médico experiente e também estava lá para concluir a venda de uma propriedade. É lógico que percebeu sem demora que éramos da mesma espécie, e, após se sensibilizar com a minha história, resolveu me ajudar, mesmo sabendo do risco que corria. Depois que traçou um plano de fuga, conseguiu me salvar, retirando-me daquele mausoléu e arrumando um esconderijo, onde fiquei por um longo tempo. Tive que sair de circuito porque aquele decrépito, nojento, tinha força e métodos suficientes para nos matar, mesmo que fôssemos tão vampiros quanto ele.

Ela deu uma breve pausa, pretendendo resumir o máximo possível a história sem omitir acontecimentos importantes:

— Richard passou a me tratar como uma irmã mais nova, foi um irmão querido como nunca tive antes. Com a maior paciência do mundo, contou detalhes da sua vida e me convenceu de que havia um modo de sobrevivermos sem ferir as pessoas. Dizia que o sangue que nos alimentava poderia ser obtido de uma maneira mais correta, através do sangue doado aos hospitais ou de animais.

Bolsas de sangue e... animais — repeti mentalmente

— Com o passar do tempo, ele se especializou em hematologia. Era tão brilhante que conseguia, através do sangue doado, identificar os elementos anormais nele contidos, sejam eles bactérias, vírus, células cancerosas e deficiências em geral. Bastava provar um pouco desse sangue para logo após prescrever o que levaria à cura desses pacientes. E olhe que nem tudo era específico da sua especialidade! — exaltou-se, demonstrando o quanto se orgulhava dele. — É por isso que o seu hospital tem um carinho tão especial pelo trabalho dele. O meu irmão não mata as pessoas, Stephanie. Ele salva todas elas. Mesmo sendo um vampiro, talvez seja mais humano no sentido figurado da palavra do que a maioria dos seres que circulam neste planeta!

Mesmo atenta ao que ela havia dito, eu continuava me sentindo confusa.

— Ava, eu vi o Richard mordendo uma paciente. Se for desse jeito como fala, não seria mais humano retirar o sangue da maneira convencional?

— Compreendo perfeitamente o que quer dizer. — Sua resposta foi rápida, após olhar com preocupação para o relógio de pulso. — O problema é que existem casos em que ele só consegue fazer a cura total se drenar todas as células doentes, sugando o sangue do enfermo e ao mesmo tempo fazendo uma transfusão, inserindo sangue novo. E isso apenas dá para ser feito desse jeito, pois somente terá certeza da cura completa quando sentir pelo paladar o sangue limpo, livre desses elementos anormais. Sei que, além desse, ele também faz outros procedimentos relacionados à medula óssea, mas não vou ficar aqui descrevendo o que não entendo... Só quero frisar que, para os casos mais sérios, Richard

precisa executar esse ato em sua própria casa. Imagine o que aconteceria se alguém o pegasse fazendo esse processo no hospital sem que ele percebesse... — balançou a cabeça, negando.

— É... Imagino perfeitamente — refleti.

— Stephanie, você pode conferir com todos que o conhecem. Quantos casos de leucemia, púrpura, transtornos sanguíneos diversos, entre outras doenças, ele conseguiu curar? A resposta é muito simples: todos. Os pacientes muitas vezes chegam aos hospitais apresentando um problema aparentemente banal, ele detecta anomalias e distúrbios bem piores, cura suas enfermidades, e eles saem de lá sem nem saber que estavam doentes. Só consigo me lembrar de uma exceção em todos os meus anos de existência, e Richard sofreu muito com esse fato. E por causa disso resolvemos nos mudar para o Brasil, para que ele se aprofundasse ainda mais nas pesquisas e saísse de perto do ambiente que o fazia mal. Só assim conseguiria aliviar a sua dor.

— Essa pessoa era muito importante para ele? — perguntei, começando a sentir remorso.

— De certa forma, sim. E é só o que posso revelar. Não quero ficar metendo o bedelho em algo que não é da minha conta — fez questão de mudar de assunto.

As travas do carro se elevaram automaticamente, anunciando que a conversa chegara ao fim.

— Bem, agora que você já sabe de tudo, posso deixar que saia. Pelo menos terá parâmetros para decidir o que quer fazer. Apenas gostaria de dizer mais uma coisa antes de partir: desde que o conheci, jamais vi o meu irmão apaixonado antes — garantiu. — Richard abomina ser o que é, Stephanie. Tal como eu, não escolheu essa vida e sofreu um bocado até buscar coragem para chegar perto de você. Ele tinha medo da sua reação, de que fosse considerado uma aberração, apesar de ter total controle de seus instintos. Vivemos entre vocês há muito tempo e suponho que acabamos nos modernizando, sofrendo mutação, não sei bem dizer.

Pensei em tudo o que ela disse e o meu sofrimento aumentou ainda mais. Não deixei que Richard se explicasse, ouvi aquele grito agonizado e fui embora, mesmo o amando!

Pior: o havia chamado de monstro, justamente o que ele mais temia, quando, na verdade, estava era salvando uma vida humana. Também, como eu poderia imaginar uma coisa dessas?

Isso parecia mais um livro de histórias de horror...

— Ava, me perdoe... O que eu faço agora? Onde ele está? — perguntei, preocupada que não houvesse mais tempo para arrependimentos.

— Na minha casa se preparando para ir embora do país. Se eu correr, talvez consiga impedi-lo antes da sua partida. É isso o que você quer?

— Sim, é isso o que eu quero — confirmei com confiança na voz.

— Então coloque o cinto de segurança. Vamos ter que voar! — recomendou, postando um sorriso vitorioso nos lábios.

Chegamos à frente da casa dela em poucos minutos, contudo, ele já havia saído. Sendo assim, fomos direto para o aeroporto.

Ava sabia que ele partiria de Cumbica, Guarulhos, então fomos por um atalho que ela conhecia para não pegarmos o engarrafamento habitual da cidade no fim do dia. Pela sua velocidade média, creio que devia ter levado pelo menos duas ou três multas frente aos radares pelo caminho. Deixamos o carro no estacionamento do aeroporto e corremos para o guichê, ignorando a reclamação das pessoas que esperavam na fila.

— Por gentileza, sei que estou sendo inconveniente, mas é um caso de vida ou morte... O Sr. Richard

Hacket já se apresentou ao balcão para fazer o *check-in*? — perguntou Ava à atendente da companhia aérea.

— Sabe dizer o destino e o horário? — A atendente se mostrou receptiva.

— Paris. No voo das dezenove e vinte e cinco.

Ela checkou o computador, buscando o seu nome.

— Ele já fez o *check-in*. Deve ter ido para a área de embarque. A chamada para o ingresso na aeronave já começou — explicou.

— Ah, não! — soltei, num murmúrio angustiado.

Corri para a escada rolante às pressas, sem esperar por Ava, e o avistei ao longe, na eminência de entrar no seu setor.

— Richard! — gritei para todo aeroporto ouvir.

Ele virou o rosto de lado, como se nada tivesse a ver com a história. Já havia mostrado o bilhete aéreo ao agente do aeroporto para ser encaminhado aos detectores de metais.

— Richard, espere! — Fui impedida de entrar pelo segurança. Aquela era uma área restrita.

Desde então, compreendera que era eu a autora dos gritos. Vi no seu olhar o sofrimento contido, a amargura estampada no rosto e que estava em dúvida se realmente deveria atender ao meu apelo. Balançou a cabeça rejeitando a própria vontade e continuou adentrando ainda mais.

— Richard, por favor! Fala comigo! — praticamente implorei, enfrentando a advertência da fiscalização.

Sua relutância era evidente, parecia não haver mais chance de retorno.

Richard pegou a mala de mão e começou a apressar o passo, de cabeça baixa, e evitando espiar para trás. Estreitou os olhos e tapou a orelha com uma das mãos para não ter que ouvir a minha voz. Entretanto, mesmo percebendo o seu comportamento arredo, mandei embora o último resquício de orgulho que me prendia e abri de uma só vez o coração:

— Não me abandone! Eu te amo! — urrei com todas as forças e comecei a chorar. Não dava para acreditar que o havia perdido...

Ele instantaneamente parou.

Suas pernas pareciam, então, presas ao chão, como se algo o impedisse. Por um breve momento, apenas o movimento da sua respiração intensa poderia ser visto ao longe. Aparentemente nervoso e inquieto, demonstrava através da agitação das mãos o quanto pesava para ele aquela decisão. Estava diante de um inevitável impasse.

Para a minha total tristeza, a sua balança pendeu para um lado diferente do meu: Richard colocou a pequena mala de mão na bandeja para averiguação dos fiscais do aeroporto e passou pelos detectores de metais, atravessando para o outro lado, a fim de embarcar no avião. Naquele lugar eu jamais conseguiria entrar, portanto, ele sumiu completamente da minha visão periférica, pondo um fim à esperança que eu tinha de felicidade e simplesmente anulando a única chance de lhe pedir perdão.

A única reação que tive foi procurar o ombro de Ava e despejar nele toda a tristeza do arrependimento.

Ava, inicialmente comovida com as lágrimas que vertiam pelo meu rosto, consolou-me num abraço apertado e em seguida, sem um motivo aparente, começou a fazer força para que me desgrudasse dela. Eu, fragilizada do jeito que estava, não conseguia entender uma razão plausível para que ela agisse de

forma tão insensível perante à minha dor.

Será que ela não via que eu precisava desesperadamente de apoio? Será que ficou arrasada com a partida do irmão e, depois que ele se fora, resolvera me culpar?

Isso seria até muito justo, mas não nesse momento. Não do jeito que estava destruída.

Intimamente magoada, retirei a cabeça do seu ombro na intenção de procurar outro lugar para escorar o corpo e ao me virar de frente descobri por que Ava havia feito aquilo comigo: ele estava ali.

Senti as pernas bambearem e quase caí quando notei que ele havia voltado, esbarrando em diversas pessoas pelo caminho para me aninhar em seus braços. Richard me puxou pela cintura com tanta força para si que cheguei a experimentar um pequeno estalo na coluna.

Mas quem se importava com isso?

Eu só queria que o tempo parasse naquele instante e que pudesse ter a certeza de que tudo aquilo realmente estava acontecendo, que não fora apenas fruto da imaginação. Queria que cada segundo durasse ao menos uma hora para captar, nos mínimos detalhes, todo o sentimento contido naquele abraço, e que não existisse absolutamente nada que pudesse desgrudar a minha cabeça do seu peito.

Acho que ele entendeu o meu momento. Por alguns minutos, só o que fez foi tentar secar as minhas lágrimas, enquanto procurei controlar inadvertidamente os soluços. Para mim, não restava dúvidas de que ele, embora não chorasse, ficou tão emocionado quanto eu. Acredito que simplesmente não podia fazê-lo, por não ser humano.

— Perdão, eu não sabia que... — sussurrei e fui calada com um beijo, sem ter o direito à explicação.

— Perdoe-me também, não queria que você descobrisse daquele jeito... — Sua voz era ofegante, mas dessa vez fui eu quem o beijou, calando-o por tempo indeterminado. As mãos de um puxavam para si o cabelo do outro, num gesto quase que desorientado.

— Hummm, huuummm! — pigarreou Ava. — Creio que aqui não seja o melhor lugar para isso. — Tapou a boca com as mãos, buscando esconder o riso.

Olhei à nossa volta e havia uma verdadeira plateia assistindo àquele show particular. Alguns até bateram palmas.

Abaixei a cabeça, inibida, enquanto ele simplesmente se negava a me largar, pouco se importando com os olhares alheios. Chegou a capturar o meu pulso para irmos logo embora dali, até que Ava lembrou:

— Richard, suas bagagens...

— Que bagagens, Ava? — indagou ele, envolvendo-me novamente num abraço. — Já tenho tudo de que preciso.

Soltando algum tipo de ironia em sueco que só ela mesma entendia, Ava ignorou o comentário e fez questão de buscar as malas pessoalmente. Richard e eu saímos do aeroporto de mãos dadas e viemos no banco de trás do carro dela, praticamente nos esquecendo da sua presença.

Acho que só dava para ouvir o som dos nossos beijos, ruídos de falta de ar, suspiros...

— Ei, eu estou aqui, ouviram? — brincou ela, contendo mais uma vez o riso. — Esperem até chegarem a casa. Meu carro não é motel, não...

— Ava, pare de falar besteira e dirija! — rosnou ele, indignado.

— Cruzes! Stephanie, melhor pensar bem... É isso o que você terá de aguentar daqui para frente! — implicou.

Sorri e o observei em silêncio.

Não havia nada mais bonito de se ver: um vampiro de olhos azuis que salvara todas as pessoas que dele dependiam...

E estava salvando a minha vida também. Curando o meu vazio, que fora preenchido totalmente por seu amor, livrando-me de um buraco negro no qual havia caído, pensando em nunca mais dele ser possível retornar.

Ava nos deixou em frente à casa de Richard e a agradei sinceramente pela ajuda:

— Obrigada, Ava. Estou lhe devendo essa.

— Faça o meu irmão feliz e estará me devolvendo em dobro! — E ela saiu contente, cantando os pneus.

Dezessete

Assim que abriu a porta da frente, Richard largou as malas no chão da sala displicentemente e fez um movimento rápido, erguendo-me nos braços. Neles, parecia que eu não pesava nada. Subiu as escadas e foi me colocando sentada em sua cama. Depois, agachou-se diante de mim e ficou me observando do azul profundo dos seus olhos. Do jeito como eles me percorriam, aparentava não acreditar na possibilidade daquele momento.

Eram olhos de admiração, claramente se preparavam..

Senti suas mãos subindo em direção aos meus cabelos. Ao mesmo tempo em que me acariciavam com delicadeza a nuca, iam soltando os grampos que os prendiam, um por um, até que finalmente eles caíram por sobre os ombros, cobrindo integralmente as costas. Por um breve instante, ele aparentou ter ficado sem ar. Segurou uma mecha e a inclinou para si, inspirando.

Em seguida, aproximou-se lentamente, quase encostando a boca na minha, com os olhos ainda abertos. A proximidade era tamanha que pude ver a dilatação das suas pupilas e a mudança gradual da cor da íris.

— Você é linda, sabia? — sussurrou, movimentando os lábios entre os meus. — Deveria ser proibida de prender o cabelo. São como fios de seda. Chego a sonhar que estou sendo envolvido por eles.

— Seus olhos... ficaram escuros — constatei, observando-os.

— Eles mudam de cor quando fico lhe desejando — explicou. — Também acontece quando sinto raiva ou muita sede. É uma reação involuntária.

Então, todas aquelas vezes que suspeitei que os seus olhos haviam escurecido, ou quando os cobriu, fugindo, como aconteceu na palestra, foi porque ele estava me desejando?

Sua respiração acelerou ainda mais e eu, em troca, comecei a arquejar, irradiando calafrios pela espinha.

Richard continuou a falar entre os meus lábios, como se quisesse buscar uma resposta para o que sentia naquele momento.

— O que é isso que você faz comigo? — Suspirou. — Estou me sentindo em chamas...

Tremi ao perceber que ele falava a verdade: a palma da sua mão tocara o meu rosto e estava totalmente febril.

— Eu a amo — sussurrou novamente, fechando os olhos. — Você não faz a mínima ideia do quanto.

Para confirmar o que dizia, sucumbiu ao que já não dava mais para esconder e forçou os lábios nos meus para finalmente me beijar. No entanto, achei que precisava interrompê-lo para confessar a minha condição, antes que fosse tarde demais.

— Richard, tenho uma coisa... antes... a lhe dizer. — Afastei o rosto sutilmente, a garganta quase fechando de tão nervosa.

Como falar uma coisa dessas sem ficar assim, quase em pânico? Talvez fosse melhor não dizer nada...

— *Antes...?* — estranhou, e, pelo jeito, não desconfiava, nem de longe, do assunto em questão. — C... Claro... Deve estar com medo de mim — concluiu, entristecido.

— Não é nada disso.

— Não vou mordê-la, Stephanie. Juro.

— Não tenho medo de você — tranquilizei-o. — É que eu... Eu nunca... — Não tive coragem de terminar a frase e abaixei a cabeça, envergonhada, com a face totalmente ruborizada.

Richard afagou a pele avermelhada das minhas bochechas, finalmente demonstrando captar a mensagem. Tive a impressão de que ficou até feliz com a notícia. Tentou por uns segundos controlar a respiração e murmurou:

— Não se preocupe com isso. Posso esperar pelo tempo que quiser. Na verdade, eu nem pensava...

— Não — interrompi. — Eu quero.

— Quer...? — O som da sua voz veio rouco.

— Muito — confessei, quase inaudível.

— Mas... e... se...

Podia até ser coisa da minha cabeça, mas parecia que ele havia ficado mais nervoso do que eu, ao escutar o que tinha acabado de dizer. Será que me precipitei? Éramos fisicamente incompatíveis?

A dúvida se dissipou segundos mais tarde, quando ele decidiu sussurrar um alerta ardente:

— Se eu for o primeiro, estará condenada a ser minha pelo resto da sua vida. É uma viagem sem retorno, compreende?

— Quero ser sua, Richard — reafirmei, trêmula.

Ele voltou a analisar o meu rosto com intensidade.

— Mas antes, quero ouvir da sua boca novamente — falou, deslizando o polegar no meu lábio inferior, observando cada movimento sutil que ele fizesse.

— Quer... que eu repita que te quero? — perguntei, confusa.

— Quero que repita o que me disse no aeroporto. Quero ouvir da sua boca você dizer que me ama.

— Eu te amo, Richard.

Depois disso, ouvi um suspiro silencioso.

Ele balançou a cabeça com os olhos fechados — uma característica típica dele — e quando os abriu, surgiram ainda mais escurecidos de desejo. Daí por diante, vi que não haveria mais volta.

— Ah, Stephanie...

Em pouco tempo, as nossas roupas já estavam espalhadas pelo chão. Fui tomada nos braços como a conquista de uma presa e as suas mãos em brasas passaram a me explorar infinitamente, não havendo um só lugar onde elas não estivessem. Embora sua musculatura fosse rígida como uma pedra, seus carinhos eram totalmente dosados e macios sobre a minha pele, e os olhos, por sua vez, não conseguiam esconder todo o frenesi que sentiam por poder me tocar daquela maneira tão íntima.

Os beijos, então...

Esses eram entorpecentes, enlouquecedores.

Eu me rendi. Fui dominada completamente pelo amor que ele me oferecia sem limites, perdido entre palavras que sussurravam ao meu ouvido o quanto era amada.

Em meio a tantas sensações, só o que consegui fazer foi abraçá-lo com força, desejando-o ainda mais. E ele retribuía com avidez ao meu anseio. Não havia descrições para o que estávamos sentindo. Parecíamos dois fios desencapados provocando descargas elétricas um no outro. Richard pulsava nas minhas veias, fazendo parte do meu próprio sangue. Ardia como se estivesse queimando de paixão, como se sua febre tivesse o poder de invadir e reclamar a posse de tudo o que em mim existisse, e não

houvesse um passado ou muito menos um futuro, somente a chama do amor marcasse o presente em nossas vidas.

Depois dessa noite, tive a plena certeza: nasci para pertencê-lo. Todo aquele escudo existiu porque estava sendo guardada o tempo inteiro para ser dele e de mais ninguém. Nossas espécies eram compatíveis, a igualdade de sentimentos nos unia de forma arrebatadora.

Não sei quanto tempo essa loucura durou, mas o dia já havia amanhecido quando adormecemos abraçados.

Quando despertei mais tarde, ele estava deitado ao meu lado, debruçado, com uma das mãos debaixo do queixo e a outra segurando a ponta do meu cabelo, inalando-o.

Olhava-me de um jeito...

— Bom dia — sussurrou.

— Acordado há muito tempo? — Estiquei os braços para me espreguiçar, umidificando os lábios com a língua para hidratar o ligeiro inchaço que neles se instalaram por terem sido tão provados na noite anterior.

A sensação de plenitude era algo que eu nunca havia experimentado antes. Amanheci leve como uma pluma, mais um pouco e sairia voando dali. Como podia estar tão à vontade num lugar que nada tinha de meu?

— Durmo pouco.

Ele justificou, mas a resposta soou incompleta. Havia uma pergunta implícita na sua fisionomia. Ou melhor, várias. Li claramente nela a intensa necessidade de se certificar de que fora delicado o suficiente comigo ou até mais: se, como vampiro, tínhamos algum futuro depois disso. Nada que o meu próprio semblante radiante não respondesse.

— Que foi? — ofereci a oportunidade de que ele precisava, tocando suavemente a sua face com a ponta dos dedos.

— Nada — absteve-se num suspiro aliviado e tornou a me analisar. — Fiquei... pensando aqui sozinho que você é viciante.

Não contive um sorriso envergonhado, percebendo o quanto ele praticamente voltara a me devorar com os olhos.

— Não vai ter que trabalhar hoje? — perguntei, mudando o tema da conversa enquanto ia discretamente cobrindo o corpo com o edredom.

Vi que ele notou a minha atitude e mesmo assim não protestou. Apenas sorriu também de modo sensual e respondeu:

— Desfiz a sociedade no hospital e pedi demissão dos outros. Mas isso não será um problema, tenho certeza de que posso voltar na hora em que eu quiser. — Voltou a mexer no meu cabelo, enrolando-os nos dedos.

— E quando será isso?

— Não sei, por enquanto resolvi tirar umas férias prolongadas...

— Você? Férias prolongadas? — Parecia mais uma piada.

— Não vou conseguir trabalhar pensando em você desse jeito. — Suspirou novamente. — As pessoas iriam notar. Na verdade, acho até que já perceberam. Eu estava me portando como um verdadeiro

lunático. Vou acabar trocando as receitas assim — resmungou. — Além do mais, estou doente. E preciso de uma enfermeira para cuidar de mim — falou em tom de gozação, enterrando a cabeça no travesseiro, de frente.

— Sei... Quer dizer então que o meu vampiro ficou dodói... — entrei na brincadeira, virando o corpo de bruços para fitar o seu rosto.

— Eu não estou brincando. E já que você é a culpada por tudo isso, nada mais justo que a senhorita me cure.

— *Senhorita...?*

— Tem razão, deixou de ser uma senhorita ontem à noite. Desta vez foi só uma forma de expressão — desculpou-se cinicamente.

— E eu... sou a culpada de quê, posso saber? — desviei o assunto engolindo em seco, quase afônica de tanta vergonha.

— De me deixar doente. — Sorriu em resposta à reação que esbocei. — Deve ter me passado um vírus, uma bactéria muito forte, ou, quem sabe, uma magia, sei lá. Agora tem a obrigação de se esforçar para promover a minha cura.

Tive vontade de rir outra vez, pelo modo como me classificava.

— Acho que você está confundindo as coisas. Sou enfermeira, não uma médica.

— Não vejo nenhum outro profissional de saúde por aqui, sendo assim, a responsabilidade é sua mesmo. — Olhou ao redor, como se estivesse realmente os procurando.

— Sei... Só que nunca atendi um vampiro antes. Não dá para ter uma ajudinha?

— Hmm.. Vou quebrar o seu galho. Vou relatar os meus sintomas e você, procurar pelos sinais para poder traçar o seu diagnóstico, ok? — Seu tom de gozação aumentou.

— Ok. Pode começar — aceitei o desafio, sentando na cama e cruzando os braços.

— Assim vai desconcentrar qualquer paciente — insinuou. — Já esqueci até o que ia falar...

Ia perguntar “assim como?”, mas tirei minhas próprias conclusões logo que olhei para mim mesma. O edredom havia escorregado, deixando-me completamente desnuda na sua frente. Sem conseguir esconder o encabulo, enrolei-me de imediato na coberta e cruzei mais uma vez os braços, como que esperando pelo relato.

— Hã... Doutora, desconfio que estou com febre — dramatizou, fazendo força para conter a vontade de gargalhar.

— Me deixe ver. — Segurei a sua mão e ela realmente fervia. — Isso é grave. Os vampiros não deviam ser frios?

— Deviam. Mas é por isso que repito que estou doente. Nunca aconteceu comigo antes.

— Antes de quê?

— Antes de conhecê-la. — Arregalou os olhos. — Agora não enrole e continue a avaliação, sou um paciente muito exigente.

— Jesus, onde foi que amarrei a minha égua? — ironizei. — Tudo bem, e o que mais o meu paciente sente?

— Falta de ar e palpitações. E olhe que meu coração nem bate!

— Realmente, isso não pode ser normal.

— Estou sentindo dor.

— Dor? Não sabia que vampiros sentiam dor.

— Nem eu. Isso também é novidade para mim. Não acha que está na hora de avaliar os meus sinais?

— Tudo bem — concordei. — Hmmm... Parece que os seus olhos estão escuros. Tem se alimentado direito ultimamente?

— Acho que ainda não o suficiente — provocou com uma voz aveludada, mordendo o próprio lábio.

Meu rosto devia ter ficado vermelho como um pimentão. Senti o sangue fluindo todo para as bochechas.

— É impressão minha ou essa resposta tem duplo sentido? — disfarcei, desviando o olhar.

— Interprete como quiser. A doutora aqui é você. Continue... — incentivou, divertindo-se ao observar o tamanho do meu embaraço.

— Você disse que sentia falta de ar, mas parece que respira muito rápido — retruquei.

— Observadora... Gostei. E o que mais?

— A sua boca.

— O que tem ela? — Apertou os olhos, estranhando.

— Não sei. Creio que preciso prová-la para descobrir.

— Especialidade nova na medicina? — Abriu um largo sorriso, gostando da ousadia.

— Talvez. Quer o diagnóstico completo ou não?

— Agora a coisa melhorou... Até que enfim, uma profissional de gabarito!

Roubei dele um beijo bem demorado, e, quando levantei a cabeça, os seus lábios vieram me seguindo como se não conseguissem mais parar.

— É. Com a boca parece que está tudo certo. Nenhuma anormalidade — afirmei de um jeito debochado.

— Tem certeza? Creio que ficou faltando algum canto aqui que não foi muito bem investigado... — Tentou puxar o meu rosto de volta.

— Para o que preciso, foi o suficiente — impliquei.

— Já acabou a avaliação? — reclamou.

— Não sei mais o que procurar... em um vampiro.

— Por que não analisa o resto do corpo? — Seus olhos faiscaram quando falou.

— Hã... Acho que já sei muito bem aonde quer chegar — respondi com a voz abafada.

Senti um frio percorrendo pela espinha. Ficar mais ruborizada do já estava era praticamente impossível.

— Está perdendo uma parte muito importante do exame clínico — advertiu, cinicamente desapontado.

— Suponho que não seja mais necessário, já cheguei a uma conclusão.

— Se é assim... Tudo bem, estou preparado. Não me esconda nada. — Levantou um pouco o corpo para se sentar.

— Agora fale, doutora. Qual é o seu diagnóstico? O meu caso é grave?

Torci um pouco os lábios antes de dar o veredicto.

— Sim, parece um caso grave de paixonite aguda.

— Vai me curar?

— Receio que não. Acho que vou ter que esperar que cronifique.

— Esperar? Estou perdido mesmo... Céus! Por que é que eu tinha que me apaixonar justamente pela enfermeira mais malvada do hospital? — encenou. — Eu estou sofrendo, sabia? Não dá para pular esta parte?

— Está reclamando do quê? Seu prognóstico poderia ser bem pior...

— E o que poderia ser pior do que esperar cronificar, quer me dizer?

— Extirpação... dos órgãos afetados.

— Hã? Ficou louca? Isso nunca!

— Viu? Sempre se pode enxergar o lado positivo das coisas. — Estreitei os olhos, gloriosa por sair vitoriosa daquele desafio. Porém, pelo sorrisinho matreiro que floresceu em seus lábios, vi logo que ele ainda não se dera por vencido.

— Ah, é? Lamento ter que deixar você encabulada, minha humaninha linda, mas a extirpação de qualquer parte do corpo de um vampiro só dura cerca de cinco minutos. Em outras palavras, meu poder de regeneração é excepcional. Se quiser testar, é só morder. Pode arrancar até um pedaço de mim que eu deixo — insinuou malicioso, esticando o braço até a minha boca para comprovar o que dizia.

— Mesmo assim, acredito que não seja uma sensação das mais agradáveis ficar, nem que seja por cinco minutos, sem determinados órgãos... — contra-ataquei.

— Sei. — Fez uma careta. — Mas não querendo estragar sua explanação devastadora, creio que realmente tenha que me administrar algum remédio. Não era brincadeira quando falei que estava com dor — disse franzindo a testa, como se de fato a estivesse sentindo.

— Está sentindo dor por quê...? — Engoli em seco mais uma vez, o sangue subindo para a face involuntariamente.

— Porque a desejo além do que deveria — respondeu na lata. — Só não é do jeito que imagina, *localizada*. Os humanos não sabem o que é isso. É uma dor que vem de dentro, diria que visceral. Talvez com o tempo consiga aprender a controlá-la, mas, por enquanto...

— Acho que... tenho... um remédio... para isso.

— Era o que esperava que dissesse. Da próxima vez, vou querer uma análise minuciosa e mais rápida.

— Você é exigente, não? — Senti uma mão começando a deslizar pelas minhas costas, sutilmente afastando a coberta que me cobria.

— Não, sou um doente apaixonado. O diagnóstico foi seu. Agora me beija e pode deixar que o resto eu conduzo.

E foi exatamente o que fiz, perdendo-me novamente em seus braços.

Dezoito

Mais tarde, somente as minhas necessidades fisiológicas fizeram com que me afastasse dele.

Não me lembrava da última vez que havia ingerido alguma coisa e, depois de tantas horas alimentando somente a alma de paixão, comer se tornou um fator inadiável. Sendo assim, voltamos a vestir as nossas roupas, não sem que antes eu fizesse primeiro a minha higiene pessoal e tomasse um banho morno. Por sorte, sempre carregava as escovas de dente e de cabelo na bolsa.

— Perdão... Às vezes, esqueço que você é humana — disse Richard, quando escutou o ronco no meu estômago. — Chega a ser vergonhoso da minha parte, não é? Trago-a para cá e não tenho absolutamente nada comestível para oferecer — lamentou, amarrando o seu tênis.

— Não se preocupe, entendo perfeitamente. E você, também não tem que se alimentar? — perguntei.

— Não todos os dias. Só que agora, com você aqui... Terei que intensificar as minhas refeições — refletiu, compenetrado. — Se eu não fosse tão acostumado ao cheiro...

— Está querendo dizer que sente sede pelo meu sangue?

— Ainda sou um vampiro. Acha que é fácil ficar inspirando esse pescocinho quente e perfumado? Sentir o aroma do seu prato predileto tão próximo e resistir? Suas hemácias oxigenadas estão chamando por mim o tempo inteirinho! *Richard... Richard...* — dramatizou, fantasmagórico. — Mas não se preocupe, isso nunca vai acontecer. Não do jeito que a amo.

— Quer dizer, então, que se você deixar de me amar, estou frita?

Ele levantou da cama e deu uma sonora risada.

— Sabe quando isso vai acontecer? *Nun-ca* — silabou. — Agora, vamos deixar de blá-blá-blá e resolver nosso problema atual. Vou levá-la primeiro a um restaurante e depois sairemos para adquirir uma geladeira, um fogão, fazer compras de supermercado...

— Para que tudo isso? Por acaso vai mudar a sua alimentação?

— Ugh! É claro que não! A casa precisa estar abastecida para você, não é óbvio? — falou de forma tão evidente que fiquei me sentindo uma tremenda retardada.

— Não precisa fazer isso. Tenho mantimentos no meu quarto.

Ele se posicionou bem na minha frente, cruzando os braços em represália.

— Acredita mesmo que vou deixá-la sair daqui para dormir em outro lugar que não seja ao meu lado depois de tudo o que aconteceu entre nós? Aceitou as condições, meu amor. Falei que seria condenada para sempre. Você agora é *minha* — disse ele com humor, arregalando seus olhos azuis e frisando bem a palavra.

Richard não podia estar falando sério, podia?

Refleti por um breve momento e ele pescou a dúvida no meu olhar:

— Pensou que eu estivesse brincando? Não brincaria com uma coisa dessas.

— Ouvi direito? Está me intimando a morar aqui? — constatei, ainda não levando fé no que ele dizia.

— É. Algo parecido. Talvez, prisioneira seja uma palavra mais adequada — confirmou novamente de modo brincalhão, não deixando margem de dúvida.

Isso não poderia ser resolvido assim, a toque de caixa...

— Ah, é? Prisioneira? E quem é que vai me impedir de sair, posso saber? — desafiei.

— Se eu fosse você não me desafiaria. Não sabe do que um vampiro é capaz de fazer.

— É o que veremos.

Corri o mais que pude para chegar à porta da saída, mas ele já estava lá, rindo de mim como uma criança travessa. Dei uns passos rápidos para trás e quando virei, ele também já havia se posicionado do outro lado, segurando-me pelo cotovelo. Tentei me desvencilhar e o máximo que consegui foi ficar imprensada entre ele e a parede mais uma vez.

— Estou começando a gostar da brincadeira — ele disse, olhando-me de um jeito sensual, capaz de dobrar até a mais fervorosa freira de um convento numa pecadora compulsiva.

— Como consegue ser tão rápido? — Aquela situação me deixava literalmente confusa.

— Faz parte da minha natureza.

— Dá para me soltar?

— Dá, mas só depois de ouvir sua resposta. Vai vir morar comigo? — indagou num tom ameaçadoramente divertido.

— Não.

Ele simulou pigarrear.

— Vou fingir que não ouvi e refazer a pergunta. Quer vir morar comigo e ser o meu amor, a dona do meu coração?

Chantagista de primeira, encontrei um oponente à altura...

— Não acha que está sendo um pouquinho apressado?

— Não. Você é que demorou demais para entrar na minha vida. Tirando os anos todos de existência, ainda tive que aguardar cinco meses e vinte e três dias para finalmente sentir o gosto doce da sua boca. E agora que provei, viciei. Portanto, não quero esperar nem mais um segundo. Responda à minha pergunta...

Nossa! Ele contou os dias, desde que nos conhecemos?

— Não, Richard. Melhor não.

— Não? Bem se vê que você não entende nada de vampiros. Não vou aceitar um *não* como resposta.

— Se não aceita um *não*, por que continua fazendo essa pergunta?

— Porque não quero obrigá-la, quero que você *deseje* ficar comigo. — Sua voz se tornou macia.

— Ok, então... vou pensar — prometi.

— Pensar? — Torceu o nariz. — Um minuto é o suficiente?

— É claro que não!

— Se for assim, terei que torturá-la até a sua resposta mudar — provocou, encostando os lábios nos meus.

— Tem certeza de que isso é mesmo uma tortura?

— Dependendo do ponto de vista... — disse, roçando de propósito aquela boca gelada em movimentos ascendentes no meu pescoço.

Realmente, por esse ponto de vista...

— Isso não vale. Está me desconcentrando — reclamei, já ficando sem ar.

— Na guerra vale tudo. A intenção é exatamente essa. — E continuou sua tortura, passando para o outro lado do pescoço. — Tenho que jogar com as armas que possuo.

Tive que dar a mão à palmatória. Ele era um ótimo estrategista. Atacava por um lado e enfraquecia o oponente — ou seja, eu — por outro. Minha resistência estava por um fio, sendo destruída pelo seu carinho irresistível. Foi uma verdadeira jogada de mestre.

— Ainda não ouvi a sua resposta.

— T... Talvez — retruquei, tremendo da cabeça aos pés.

— Sinto muito, resposta incorreta. Ô pessoa difícil! — Mordiscou a minha orelha.

— Se eu fosse fácil, não teria graça alguma — arfei para conseguir falar.

Meu último cartucho de munição intelectual acabara de ser usado.

— Concordo plenamente, só que agora está dificultando demais. Vou acabar cansando e partindo para um ataque mais invasivo. E não sei se você vai achar uma boa ideia, já que é a única que define de fome aqui...

Ele tinha razão.

Levantei a bandeira branca em sinal de rendição. O meu estômago parecia um leão rugindo, não estava dando mais para esperar. Fui aniquilada pela falta de suprimentos.

— Fique comigo, Stephanie — completou num sussurro cálido para me tirar de vez do prumo.

— Tudo bem, você venceu — desisti, derrotada, recebendo um beijo em troca, como se algo assim, tão encorajador, pudesse ser comparado a um prêmio de consolação.

O sorriso de triunfo ele não conteve. Em poucos segundos, já estava pronto e me esperando na sala.

— E aí, onde devo buscar as suas coisas? — perguntou ansioso, rodopiando a chave do carro nas mãos.

Tive vontade de rir. Fui até a janela e apontei em direção ao quarto da minha pensão. Sua fisionomia perplexa foi hilária.

— Só pode ser brincadeira! Fiquei sofrendo esse tempo todo e você estava aqui, bem na minha frente?

— Você não é o “senhor rapidinho”? O vampiro mais veloz do Oeste? Como não descobriu o segredo do meu esconderijo, tendo tantos poderes? — ironizei.

— Não faz ideia de como foi difícil segurar o desejo de seguir todos os seus passos, mas disso tenho que me orgulhar: eu consegui. Também não podia fazer determinadas coisas na frente de uma multidão de pessoas. Evidenciaria demais a minha condição, não acha?

— Acho que seus instintos de predador é que não são lá grande coisa — zombei.

— Muito engraçadinha... Apenas não se esqueça de que ainda posso caçar a minha presa — ameaçou com sensualidade.

— Tá, mas não agora. Vamos? — cortei aquela conversa maluca, o estômago chegara às últimas.

— Antes, posso fazer só mais uma perguntinha?

— Claro.

— Por acaso era você quem tentava se esconder atrás da pilastra daquela padaria que fica na nossa esquina? — Lançou um olhar desconfiado.

— Pensei que você não tivesse me visto. — Sorri.

— E eu, mais aliviado agora. Cheguei a imaginar que foi uma alucinação da minha cabeça... Agora vamos, antes que você desmaie de fome!

Richard acabou me levando a um restaurante japonês depois que perguntou pelas minhas preferências.

Esperou durante horas, sentado de frente para mim, torcendo o nariz, enquanto observava a grande variedade de *sushis*, *sashimis* e *makimomos* que estavam sendo servidos à mesa. Ele até que deu sorte por ninguém reparar na sua expressão, pois sei que não é todo mundo que gosta desse tipo de culinária. Se o fizesse num restaurante italiano, talvez sim, as pessoas o achassem esquisito.

Apesar de tudo, ficou o tempo inteiro conversando e aparentando estar feliz por simplesmente ficarmos juntos. Não se parecia em nada com aquele médico entediado e irritado que conheci no primeiro dia de plantão. Agora ele era alguém solto, divertido, falante... E eu, a mulher mais feliz e sortuda deste planeta.

E o mais importante: completa.

Toda sensação de sufocamento desaparecera como num passe de mágica. Antes, sentia que não havia um lugar certo no mundo para ficar e acabara de descobrir o porquê. Era porque eu não estava com ele ainda. O meu lugar sempre fora ao seu lado.

— Isso daí é gostoso? — perguntou, olhando torto para um *sashimi* de salmão.

— Eu adoro, quer provar? — Estiquei um em sua direção, preso no *hashi*.

— Nem morto! — Levou a cabeça para trás. — Quer dizer... Ah, você entendeu!

A sua reação foi tão engraçada que me fez derrubar o *sashimi* no prato.

— Você fala muito bem o português. Se Ava não tivesse dito que vieram de Londres, jamais desconfiaria — observei.

— Sempre tive facilidade para estudar línguas. As latinas são muito parecidas. Também tive tempo até demais para isso, não acha?

— Não sei. Quantos anos você tem?

— Tem certeza de que quer mesmo saber? — Ele não se mostrou muito à vontade com a pergunta.

— Pensei que só as mulheres ficassem preocupadas com isso. Mas não deveria ficar receoso. Até onde sei, os vampiros não precisam recorrer ao botox.

— Não sei não. Vai que você sai correndo do restaurante depois de descobrir que namora um vovô muito idoso...

— Para um vovô até que você não é de se jogar fora. — Olhei-o de cima a baixo. — Não se preocupe: “o que importa é o que você tem por fora!” — declamei.

— Espere aí, você não está trocando as bolas, não? Que eu saiba, esse ditado fala justamente o contrário.

— Você também não é humano. Não conheço um ditado vampiresco — debochei.

— Onde aprendeu a ser tão engraçadinha?

— No mesmo lugar onde você aprendeu a ser enrolão — revidei. — Vai dizer a sua idade ou é algum segredo de Estado?

— Sempre ouvi falar que as mulheres eram perigosas, só não pensei que fossem tanto... — Suspirou. — Tudo bem, lá vai: 158 anos.

— Legal.

— *Legal?* — Franziu a testa.

— O que queria que eu dissesse? *Oh, que horror?*— dramatizei.

— Estou perdido mesmo... E você, quantos anos tem?

— Acabei de fazer 24 anos.

Sorri intimamente por lembrar que o meu aniversário, mesmo esquecido por mim mesma, acabou sendo comemorado nos braços dele. Eu não poderia ter recebido uma surpresa melhor do que essa.

Imagine só... Ganhei a felicidade embrulhada em papel de presente!

— Ah! — exclamou ele.

— *Ah?* O que quer dizer com isso?

— O que queria que eu dissesse? *Legal?*

— Legal é uma boa resposta. Pelo menos é melhor do que Ah, que parece mais não expressar coisa alguma.

— *Ahhhh...* — protestou, fazendo-se de vítima injustiçada e provocando risadas entre nós.

Passamos o resto da tarde como seres humanos normais: fazendo compras, adquirindo eletrodomésticos...

Richard parecia uma criança em frente a uma loja de brinquedos. Queria adquirir um monte de coisas que ele nem sabia para que serviam. Para que comprar, por exemplo, um quebrador de nozes se eu nem as comia? A geladeira tamanho duas famílias e o fogão de “trocentas” bocas que ele exigiu que entregasse de imediato foram a máxima do dia.

Cômico mesmo foi a ida ao supermercado.

Talvez a palavra *super* do mercado tenha subido à sua cabeça, pois ao mesmo tempo em que ele ia colocando as coisas dentro do carrinho, tive que ir discretamente retirando. Quem olhasse um absurdo desses, iria pensar que eu tinha uma dúzia de filhos para sustentar... Como é que uma pessoa, unicamente, conseguiria comer um quilo de presunto ou uma penca inteira de bananas sem deixar apodrecer? Se estivesse realmente disposta a digerir tudo isso, em poucos meses precisaria de um guindaste para me levantar do chão!

Creio que com o tempo ele havia perdido totalmente a noção de quantidade, e, acima de tudo, não admitia que me faltasse nada. Mal sabia ele que me contentaria apenas com a sua companhia, que não fazia a mínima questão de ter baboseiras.

No entanto, não quis tirar muito o doce da boca da criança; se estava tão feliz, por que não satisfazê-lo?

Ao cair da tarde, fomos à pensão buscar a minha mala, e na volta Richard esvaziou um armário do seu quarto para que eu pudesse colocar os meus pertences. Nem precisaria de tudo isso, a bagagem era pequena. Só fiquei intimamente incomodada quando reparei que ele se trancou discretamente no tal quarto de exames. Tinha quase que certeza de que havia passado a chave na porta para poder se alimentar escondido, como se ainda estivesse com vergonha ou pânico de que o visse daquela forma. Já que iríamos dividir a nossa vida juntos, cheguei à conclusão de que deveria pôr um fim a esse trauma de uma vez por todas.

— Por que fez isso? — perguntei séria, assim que ele saiu do quarto.

— Por que fiz o quê? — Ele parecia não entender a pergunta.

— Por que se trancou no quarto?

— Eu... saciava a minha sede — respondeu reduzindo o volume da voz, envergonhado.

— Sim, entendi. E a pergunta ainda continua valendo. Por que tinha que se trancar?

— Porque... não me sinto bem que você me veja fazendo isso — confessou, ainda mais constrangido.

— Você ficou a tarde toda me acompanhando no restaurante, torcendo o nariz, mas estava lá comigo.

— Fiz uma analogia.

— Sim, mas é diferente. Eu...

— Não, não é — cortei a sua fala. — Se vou morar com você, exijo direitos iguais.

Ele fez uma expressão sofrida, tentando imaginar uma maneira de demover a exigência.

— Vai acabar se assustando. Não quero parecer para você um...

— Um monstro. Era isso que ia dizer, não era? Até entendo que você tenha ficado impressionado com a minha cara naquele dia. Também, o que esperava? Precisa compreender que eu não sabia o que você estava fazendo. Qualquer um que estivesse no meu lugar também se assustaria. Aliás, até então, pensava que vampiros eram uma lenda!

— Não, não vou ficar aqui para correr esse risco — negou veementemente.

— Que risco? Pensa que vou sair correndo daqui?

— Já fugiu de mim outras vezes, se não se recorda.

— Agora você vai me ouvir — exigi. — Acredita, por acaso, que o que sinto é tão pequeno que não possa suportar vê-lo fazendo algo inerente à sua natureza? Acredita que eu teria passado a noite inteira em seus braços se o achasse repulsivo ou qualquer coisa do gênero? Acredita que estaria colocando as minhas roupas no seu armário, mudando de endereço para cá, se tivesse alguma dúvida quanto à nossa relação? Pois se acredita, está redondamente enganado. Está se unindo à pessoa errada. Ou passa a se portar como o meu homem, um companheiro de verdade, ou pego a minha mala agora mesmo e bato em retirada desta casa! E dessa vez não vai ter vampiro atômico que me segure! — E saí catando meus objetos de volta com a cara fechada.

Ele engoliu o sofrimento em seco e resolveu mudar de tática. Em menos de dois segundos, sua boca já colava na minha orelha, pronta para me destruir a retaguarda novamente com aquela voz sedutora.

— Stephanie, acabei de ter a melhor noite da minha existência. Nunca senti algo tão forte, tão intenso na vida... Não estrague esse momento, por favor. Por que está fazendo isso comigo, logo agora?

Se ele pensava que iria desconcentrar o meu cérebro mais uma vez, e no mesmo dia, podia tirar o seu cavalinho da chuva. Já havia reabastecido e não arredaria o pé daquela missão.

— Richard, será que não me fiz por entender ainda? Por acaso você é obtuso? Eu te amo — frisei. — E o aceitei do jeito que você é: um vampiro. Agora reflita comigo: se por uma coisa simples, como se alimentar, já se esconde de mim, o que acontecerá quando vier um assunto realmente relevante? Quer participar do meu cotidiano e me excluir do seu? É esse o seu modelo de felicidade? Acabou de confessar agora mesmo que teve a melhor noite da sua vida... Acha que também não foi a minha? Pois pode ter certeza de que foi. Jamais poderia supor que existisse algo dessa magnitude. — Dei uma ligeira pausa, lembrando. — Ainda assim, não quero de você somente isso, quero muito mais. Quero que divida tudo comigo, inclusive as coisas ruins, as coisas de que você não gosta. Quero alguém que se entregue por inteiro, não pela metade. E enquanto não perceber isso de sua parte, não vou poder me

entregar também.

Richard cerrou os olhos por alguns segundos, provavelmente pensando em tudo o que acabara de ouvir.

— Tudo bem — aceitou com um grunhido baixo, contrariado.

Quer dizer, *aceitou*, embora não se movesse do lugar para *executar*.

— Estou esperando...

— Esperando o quê? — perguntou ele novamente, perdendo a paciência.

— Richard, por acaso tenho cara de retardada? Vá buscar o sangue agora! — ordenei.

— Mas eu já bebi! — respondeu igual a uma criança, quando faz birra.

— Ah, você pode beber mais um pouquinho... Não vai engordar nem um milímetro nesse corpinho perfeito! — falei com sarcasmo e fiquei esperando, batendo o pé.

— Você é irritadinha, hein? Faz qualquer vampiro parecer um morceguinho do seu lado! — resmungou.

— É que fiz um ótimo estágio com um determinado doutor, num hospital aqui perto...

Richard apenas me olhou pelo canto dos olhos sombriamente, cruzou os braços e se virou com a cara amarrada para buscar o seu alimento. Voltou em seguida trazendo uma bolsa contendo sangue do tipo O+, colocando-a em cima da mesa.

— É o seu preferido? — indaguei.

— É — retrucou, birrento.

Tive que fazer força para conter o riso. Ele lembrava o Juninho quando fazia guerra para não comer legumes. Só que a diferença entre eles estava em torno de 150 anos!

— O gosto é melhor? Digo, mais doce ou salgado, sei lá... — exemplifiquei, tentando distraí-lo.

— Tem o sabor mais encorpado — justificou, parecendo dar um pequeno indício de relaxamento.

— Bebe gelado? Não precisa aquecer?

— Aquecido a 36 graus é o ideal, como no corpo humano. Como estou sempre com pressa, bebo gelado mesmo.

Vampiros também acompanham o ritmo cruel da vida moderna? Essa é boa!

— E agora está com pressa de quê?

— De acabar logo com isso — revelou seu descontentamento.

— Acredita que é coincidência o fato de o meu sangue ser justamente o seu tipo preferido?

— Não sei se posso chamar isso de coincidência, mas com certeza você é a minha preferência em todos os sentidos — declarou, analisando-me de esguelha sem levantar a cabeça.

— E qual é o tipo sanguíneo de que você menos gosta? — continuei, focando no meu objetivo.

— B negativo. Sei lá por que, mas não gosto tanto.

— Esse aí está contaminado?

— Este, por acaso, não... Espere aí, como sabe que tenho sangue contaminado guardado? — desconfiou, assustado.

Ai... Que mancada! Hora de reverter o quadro — pensei.

— Estou proibida de andar pela casa onde vou morar? — contra-ataquei.

— Não. É claro que... não. — Ele aparentava ter ficado sem graça. — Apenas procure não mexer nele — recomendou.

— Pode ficar tranquilo. Sou enfermeira, lembra?

— Lembro, só que você é humana e corre risco de contaminação. Fico... nervoso só de pensar.

Percebi uma preocupação genuína pelo modo como ele girava os olhos de um lado para o outro.

— Como o sangue penetra em você? — mudei o rumo da conversa. — Você não engole como nós, não é?

— Engulo quando a garganta fica muito seca, mas o processo normal acontece através dos meus dentes, que possuem uns orifícios fininhos por onde o sangue passa. Não dá para perceber de longe.

— E de perto? — Fui chegando à sua frente.

— Resolveu analisar os meus dentes agora?

A situação era sofrível para ele, definitivamente. Mais parecia um preso condenado indo ao encontro da forca.

— Deixa, vai? — pedi com uma voz macia, o tipo da arma que desmonta qualquer homem. — Mas, primeiro, queria ver você beber um pouquinho...

Suspeitei, depois do seu olhar, que essa batalha eu já havia vencido.

Ele coçou a cabeça, um tanto relutante, e cravou os dentes em um dos lados da bolsa. Vi o líquido viscoso sumindo, pouco a pouco, até não restar uma única gota. Quando terminou, ficou me observando de um jeito desconfiado, ainda esperando por alguma reação repulsiva de minha parte. Cheguei mais perto e segurei o seu rosto, fitando com devoção aqueles olhos azuis, que ficaram com a íris avermelhada. Comecei beijando suavemente os cantos da sua boca, onde ainda havia resquício de sangue, e depois finalizei no centro dos lábios, quase os mordendo.

Richard ficou estático, piscando os olhos sem parar, com a boca ligeiramente aberta, sem reação.

— E aí, doeu? — indaguei com sarcasmo.

— Nossa! — exclamou, mostrando-se levemente confuso. — Se eu soubesse desse desfecho... Matar a sede assim é bom demais!

— Também achei. Se quiser se comportar direitinho, estou pensando seriamente em fazer deste ato um hábito na sua próxima refeição, que eu mesma faço questão de aquecer.

Ele esticou a mão direita e fez um carinho suave no meu rosto.

— Quer cuidar de *mim*? — Mal parecia acreditar no que ouvia.

— E por que não? Não é assim que os casais que se amam fazem? Cuidam um do outro?

— Já disse que você me faz feliz? — perguntou, finalmente exibindo aquele sorriso arrebatador.

— Não que me lembre, mas você pode declarar agora. Eu não me importo — provoquei.

— Você não existe. Definitivamente, não existe. Devo estar sonhando acordado, só pode ser! — gargalhou, exultante. — Aliás, que eu saiba, ainda não terminou. Não ia olhar os meus dentes? — A sua malícia voltara.

— Vai ter que esperar até mais tarde, se quiser que eu seja minuciosa. Agora tenho que acabar de arrumar essa bagunça!

— Mal posso esperar — disse, dirigindo-se a uma lixeira especial para jogar a bolsa de sangue vazia.

Dezenove

No meio da noite, depois de arrumarmos tudo e tomarmos um banho, tiramos um tempo maior para conhecermos as nossas histórias. Havia muita coisa a compartilhar. Quis saber primeiro dele, já que considerava a minha vida até a sua chegada uma coisa muito sem graça. Além disso, de humanos ele sabia mais, já o havia sido um dia.

— E aí? Como se transformou em um vampiro? — indaguei, curiosa.

— Não é algo do qual goste de lembrar — expressou desconforto ao falar, mas, ainda assim, continuou. — Nasci na cidade de Dublin, na Irlanda, e tinha vinte e seis anos em 1872, quando aconteceu.

— Você é irlandês? — pasmei. — Engraçado... Pelas suas feições, nunca iria imaginar. A impressão que tinha era de que todos seriam loiros, arruivados...

Ele desmanchou provisoriamente aquele ar pouco à vontade para dar lugar a uma pequena descontração.

— Tenho esse cabelo negro e cheio por causa da minha mãe, que era espanhola. O meu pai a conheceu numa época de muitas guerras e acabou a levando para a Irlanda. Ela tinha o cabelo comprido como o seu, só que mais grosso e cacheado. Que curioso... Há muito tempo que não tenho recordações da infância, mas isso me fez lembrar uma coisa... — Richard ficou olhando para o infinito, deixando a mente vagar. — Nunca tinha entendido por que o meu pai ficou tão zangado quando ela cortou o cabelo nos ombros. Parecia uma coisa tão boba! Cheguei à conclusão agora que a minha preferência nesse sentido só pode ser de origem genética. — Sorriu, analisando a extensão dos meus fios. — Ainda quer saber como aconteceu a transformação?

— Claro! Continue...

— Bem, eu havia acabado de me formar em medicina. Estava noivo também — interrompeu, preocupado com a minha reação. — Faltavam algumas semanas para o meu matrimônio, quando fui abordado por um homem misterioso que me ofereceu trabalho por um salário bastante convidativo para a época. Você sabe, essa coisa da responsabilidade já era uma característica marcante em mim. Sempre fui muito preocupado com isso e o meu casamento estava chegando... Na verdade, até já trabalhava num hospital, mas ainda não possuía renda suficiente para oferecer a vida que julgava que ela merecia, afinal, minha noiva era filha de um fazendeiro influente na região.

E devia ser linda também — supus. Linda e rica.

— Além do mais — continuou —, não era fácil se estabelecer profissionalmente num período tão conturbado da História. Até porque não havia nenhum outro médico na família, fui o primeiro a fazer essa aventura de buscar um diploma. Sendo assim, aceitei a proposta sem pestanejar e fui ao encontro dessa pessoa que fez o convite para firmar o contrato, embora tenha estranhado um pouco o lugar marcado. Chegando ao local, descobri que se tratava de uma cilada. Ele e outros iriam sugar o meu sangue “irresistível” — imitou a voz do seu algoz com raiva — e jogar o que sobrasse do meu corpo em um terreno baldio qualquer. Até tentei fugir, só que, além de serem três, é praticamente impossível fugir de um vampiro devido à sua velocidade. Rezei diversas vezes, pedindo misericórdia a Deus, e creio que Ele me atendeu. Não da maneira que pedi, mas...

Fiquei com os olhos grudados nos dele, imaginando o absurdo de uma situação dessas.

— Depois de ter sido mordido de todas as formas e ainda assim não ter morrido, a parceira de um

daqueles vampiros tentou convencê-los de que eu poderia ser útil à espécie deles, como um tipo de isca para os humanos, principalmente para as mulheres. Não sei o que foi que ela viu de diferente em mim, apenas desconfio que pensou que eu seria capaz de me curvar a essa condição maldita e que iria “adorar” fazer parte daquele grupo de vampiros, como se fosse possível gostar de uma coisa dessas! Repugnante! — rosnou lembrando.

Richard não sabia o que foi que a vampira enxergou nele? Pelo visto, eu não era a única que precisava de maior intimidade com espelhos...

— Na verdade, não sei para que isso serviu — prosseguiu. — Só sei que fui transformado por ela e assim que a vigilância diminuiu, na primeira oportunidade que tive, fugi. A transformação demorou um pouco, levou várias horas. Não senti dor, mas foi bastante estranho perceber que o meu coração havia parado de bater, que a pele ficou pálida, dura e... fria.

Ele começou a descrever suas sensações iniciais fazendo cara de nojo e depois de uma pausa reformulou seus pensamentos:

— Fiquei escondido por uns tempos, e assim que tive certeza de que poderia controlar a sede e os instintos, procurei pela minha noiva. Ela notou imediatamente a mudança. Meus olhos ainda estavam escuros e os caninos cresciam com facilidade, coisa que não acontece há mais de cem anos. — Fez outra pausa, como quem pensa em escolher as palavras. — Juliet ficou com medo. É lógico que ela me julgou uma... aberração, um ser desprezível, deplorável! — A voz dele falhou nessa hora. — E acabei sendo caçado e obrigado a passar os anos seguintes escondido, assistindo-a se casar, ter filhos, netos... Até que ela finalmente morreu. — Suspirou. — Também não foi menos doloroso ver os meus pais sofrendo, pensando que haviam perdido o seu único filho. Mas o que eu poderia fazer? Se a sociedade soubesse que eu continuava vivo, com certeza queimariam a nossa casa, até mesmo com eles dentro. Naquela época, acobertar uma criatura considerada maligna era um crime para pena de morte. — Suas mãos gesticulavam nervosamente, em sinal de agonia.

Senti na hora a sua dor quase que por osmose.

Esse desprezo por si próprio era antigo. A rejeição e o sofrimento foram fatos marcantes em sua vida. Por outro lado, de um modo egoísta, fiquei até agradecida a tal Juliet. Afinal, se ela não o houvesse recusado, eu não estaria com ele naquele momento.

Aquela infeliz não sabia o que tinha perdido...

— Stephanie, não vou mentir para você, dizendo que nunca me alimentei do sangue de uma vítima. Tive que proceder dessa maneira diversas vezes por necessidade, principalmente quando fui recém-transformado, mas nunca foi a ponto de matá-las. Eu hipnotizava as pessoas e colhia o mínimo possível para poder suportar essa maldita sede. Aliás, sempre reprimi a sede de tal forma que consigo me contentar com muito pouca quantidade até hoje. Mesmo assim, ficava me sentindo tão mal depois, que procurei lutar por um jeito mais decente para saciá-la. Os animais foram uma solução provisória, ainda que fosse algo semelhante a tomar sopa de jiló todos os dias, se é que me entende... O gosto é amargo! — Fez uma careta. — Tudo ficou bem mais fácil depois que a medicina avançou. Consegui, daí por diante, manter a dieta apenas com o sangue doado.

Ele parecia querer se desculpar por uma coisa à qual não havia como evitar.

— Não se amargure. Isso faz parte do passado — consolei-o, buscando retirá-lo daquela súbita aflição. — E aí, o que aconteceu depois?

— Depois disso, deixei Dublin e comecei a minha peregrinação pelos países da Europa, iniciando por Londres. Passei décadas me dedicando aos estudos. Há muitos anos, também houve uma pessoa que me

marcou muito. Não como uma namorada ou coisa assim, mas alguém que precisou demais de ajuda. Ela não tinha ninguém na vida. Era uma pessoa praticamente excluída da sociedade, como eu. Encontrei a criatura jogada no meio de um monte de soldados mutilados, em estado desumano e totalmente desmemoriada. Fizeram as maiores barbaridades com ela. O sentimento que nutri por aquela jovem foi, talvez, como o de um pai ou um irmão. Ela sequer tinha atingido a maioridade! Por diversas vezes implorou chorando, pedindo que a curasse. A coitada estava muito doente e por mais que estudasse noite e dia, não consegui salvá-la. Parecia ter adquirido um tipo de bactéria resistente, ainda não existia cura. Também não sabia fazer o que faço hoje em dia. Nunca alguém precisou tanto de mim e eu falhei... — começou a relatar como se tivesse culpa pela sua morte.

— Você é médico, não Deus, Richard — frisei. — Não pode se culpar dessa maneira.

Embora tenha acenado com a cabeça concordando com o que afirmei, intimamente ele não parecia se conformar.

— Passei muito tempo amargurado e desde que aprendi a diferenciar os elementos do sangue com clareza, e a drená-los retirando a parte contaminada, decidi que dedicaria a vida somente à cura dos meus pacientes, que jamais perderia alguém que estivesse sob a minha responsabilidade — emendou.

— E como veio parar aqui, em São Paulo?

— Pus os pés no Brasil pela primeira vez em 1980, quando soube do caso extraordinário de um vampiro que morreu ao adquirir o sangue de uma paciente num hospital da época. Nunca tinha visto um caso como esse antes... A velha senhora tinha uma doença sanguínea rara, não diagnosticada, de evolução rápida e maligna — descreveu. — Havia também a suspeita de que a enfermidade tinha caráter hereditário, já que a própria paciente relatou o óbito de pelo menos um de seus descendentes da mesma forma.

— Como um sangue humano pode ser capaz disso? — questionei, impressionada com o que ouvira.

— Não sei. Algum elemento anormal na composição do sangue dela determinou uma morte lenta e estranha desse vampiro. Parecia que as células anômalas atacavam a composição genética da nossa espécie. Só posso ter certeza de que foi por causa do sangue daquela senhora, pelo simples fato de que depois que ele o ingeriu em grande quantidade, não se alimentou mais. Era uma coisa muito estranha... O corpo dele ia criando uns vazios, como se estivesse desaparecendo. E foi o que aconteceu depois de um tempo. E você não vai acreditar... Sabe como descobri isso?

— Não faço a mínima ideia.

— Eu estava em Washington participando de um congresso, esperando pela palestra de um colega nosso de classe, quando, sem mais nem menos, ela foi cancelada. E por quê? — indagou novamente, criando o suspense no ar. — Porque o nosso ilustre colega foi internado num hospício, afirmando categoricamente que “tratava” de um vampiro aqui no Brasil e que este estava morrendo num esconderijo seguro... No início, até eu tinha achado graça, porém percebi, pelas descrições que os outros médicos relatavam sobre o caso, que havia algum fundo de verdade nessa história. Então comprei uma passagem e voei direto para São Paulo. Após alguns meses, Ava decidiu vir também, embora não eu tenha tido coragem de contar a ela as minhas verdadeiras intenções.

— Intenções? Como assim? Não veio ao Brasil para estudar a “doença” do vampiro?

— Na verdade, cheguei aqui disposto a procurar pelos dois: ele para estudá-lo, embora praticamente não tivesse sobrado muita coisa do seu corpo para tal. E ela, porque queria adquirir um pouco desse sangue. Já não estava mais disposto a viver mesmo...

— Está me dizendo que veio a São Paulo para tentar se matar? — perguntei, horrorizada com a

possibilidade.

— Já teria feito isso antes, se houvesse uma maneira de cometer o ato sozinho. Não tinha mais razões para viver havia muito tempo... Até agora — corrigiu com um sorriso irresistível.

— E você conseguiu encontrar a tal senhora?

— Obviamente que não, ou não estaria mais aqui — emendou ele novamente, afagando o meu rosto. — Ela já havia falecido. Procurei pela sua filha, mas o nome dela não constava no registro do hospital. A única coisa que consegui descobrir foi que ela havia se mudado para o Rio de Janeiro. Era como procurar uma agulha no palheiro.

A história me soava um tanto familiar... Então perguntei:

— Como se chamava essa senhora?

— Já faz tanto tempo... — desfez-se, numa tentativa de me despreocupar.

— Curiosidade — insisti.

— Creio que era... Olga. Isso, Olga Berligieri.

— Você estava procurando pela minha avó? — Minhas suspeitas se confirmaram, deixando-me chocada.

— Olga Berligieri era a sua avó?! — exclamou, ainda mais incrédulo do que eu.

— Creio que não exista uma homônima que tenha morrido do mesmo jeito.

— Não acredito nisso! Como... Como pode ser? Não vi esse sobrenome no seu currículo...

— É que eu tenho o sobrenome do meu pai, já que a minha mãe cortou o Berligieri quando se casou devido a algum ressentimento que tinha em relação ao meu avô, ficando somente com o sobrenome do marido.

— Mas... Mas como pode ser? — repetiu, exteriorizando uma ansiedade repentina. — Provei o seu sangue e não senti nada de diferente nele. Se bem que eu não...

— Opa! Parou por aí! — interrompi o seu ataque de nervosismo. — Ouvi bem? Você *provou* o meu sangue? Quando?

Ele desmontou aquela pose preocupada e soltou uma gargalhada. Depois, respondeu com aquele olhar malicioso que eu já aprendera a reconhecer.

— Não vai querer saber.

— Ah, vou... — assegurei. — Foi naquele dia que machuquei o pulso?

— Não. Ali, tive que lavar as mãos às pressas. O seu sangue tinha um aroma atrativo demais e havia outras pessoas no banheiro.

— Quando, Richard? — pressionei.

— Quando... você caiu daquela escada e tive que trazê-la para cá. — Ele agora se divertia, lembrando. — Foram só umas gotinhas. Lambi o sangue da sua testa para ajudar a cicatrizar o ferimento enquanto trocava a sua roupa. Nunca fiz algo tão excitante na vida antes. Quer dizer, antes de ontem, é claro! — Segurou a boca para conter a risada.

— Seu... cretino! — Joguei a almofada da poltrona nele. — E eu aqui, pensando que você é um médico sério!

— E sou — garantiu. — Só que nunca a considereei minha paciente. Então julguei que essas regras não se aplicariam a você. — Tossiu de propósito, tentando disfarçar o riso.

— Isso se chama assédio sexual, sabia? — acusei. — E se eu não quisesse ficar com você?

— Não sei se iria ficar muito conformado com essa possibilidade, mas enfim... Pelo menos levaria uma lembrança muito boa do paraíso por toda a eternidade! — Revirou os olhos e suspirou.

— Eu devia mandar lhe prender! — rebati enfezada.

Richard esticou os braços e juntou os pulsos na minha frente.

— Pode me prender agora mesmo, se quiser. O nosso quarto tem até uma grade... na cabeceira da cama. — Ele não aguentou e riu novamente.

— Seu doente! — resmunguei, empurrando seu pulso de volta.

— Apaixonado. O diagnóstico foi seu — corrigiu. — Além do mais, vai me acusar de que para me prender? Não fiz nada, nem ao menos lhe toquei... Só troquei a sua roupa para deixar que respirasse direito ou morreria asfixiada, você já estava ficando roxa! Se for observar direito, vai perceber que o fecho deixou até marcas vermelhas nas suas costas! Também, por que resolveu colocar uma roupa tão... justa? Tudo bem, não vou negar que ficou maravilhosa naquele vestido, uma verdadeira deusa Afrodite, só que eu tinha a obrigação de removê-lo e não podia fazer isso de olhos fechados, podia?

— Posso apostar que não — ironizei.

— Juro que tentei fechá-los, mas queira me desculpar, não deu... — confessou. — E você também não era uma pessoa qualquer, era a mulher com quem sonhava havia vários meses, perdido de paixão. Sou médico, mas não de ferro! A verdadeira vítima torturada nessa história fui eu. Se ainda fosse humano, com certeza já teria sofrido uma parada cardíaca. — Arregalou os olhos por instantes, dramatizando.

Não consegui falar nada diante daquela encenação toda. Apenas cruzei os braços, esperando pelo desfecho.

— Agora vamos lá. Se você realmente quisesse me denunciar, o que falaria? “Seu delegado, um vampiro sádico lambeu o sangue da minha testa enquanto trocava o meu vestido” — disse ele, plagiando a minha voz. — Eles iriam interná-la, isso sim!

— É, eu devia ser internada mesmo por gostar de um vampiro maluco como você! — concordei, completamente raivosa. — Pelo menos o sabor do meu sangue é bom?

Ele parou e meditou por alguns segundos.

— Não estou conseguindo lembrar. Acho que o meu cérebro paralisou na hora. Também pudera... — Fechou as pestanas, mostrando seus dentes perfeitamente alinhados.

— E depois a engraçadinha aqui sou eu! — reclamei, irritada.

— Engraçadinha... e linda, da cabeça aos pés! — sussurrou. — Agora, falando sério. — Sacudiu a cabeça para espantar os pensamentos e mudou o tom da voz. — Vou precisar fazer uns exames no seu sangue só por precaução.

— Não vejo sentido nisso. Nem pense nessa história maluca de se matar!

Richard surpreendeu, calando-me com um beijo prolongado e intenso, desses de tirar o fôlego de qualquer ser humano.

— É justamente o contrário, sua boba — murmurou ao meu ouvido, deixando-me notar a mudança brusca de cor em seus olhos. — Quero viver e que você viva muito também. Não sou louco de abdicar de noites como a de ontem por nada neste mundo.

— Você é... compulsivo, sabia? — Enrubesci. — Devia fazer uma psicanálise.

— Compulsivo? Eu? Acha que esperar por você esse tempo todo foi fácil? Um século não passa em

um mês, não...

— Você não... *um século*? Só pode estar brincando!

— Stephanie, pare de fazer essa cara de deboche porque eu não era casto quando fui humano não, ok? A diferença é que quando nos tornamos vampiros, todas as necessidades físicas e fisiológicas desaparecem, a não ser a sede, é claro. Não sou regido por hormônios e muito menos posso suar, urinar, chorar, sentir frio, calor... Trata-se de uma maldição que tira tudo o que nos faz sentir vivo e domina o corpo inteiro com a finalidade de obter um único tipo de prazer: sangue — explicou. — Descobri apenas agora que esse tipo de condição só poderia ser modificado em decorrência desse sentimento misterioso que é o amor. Deve ser por isso que os poetas dizem por aí que o amor a tudo transforma, porque eu me transformei. Não estava brincando quando disse que você me provoca sensações estranhas. Ficar quente, sentir dor... Isso tudo nunca fez parte da minha vida vampiresca, inclusive esse desejo louco que sinto por você. Não sou culpado por nada disso. A causadora de tudo se chama Stephanie. Acabou despertando o monstro e agora vai ter que me aguentar — brincou.

— Do jeito que você fala, estou me sentindo culpada pela devastação do planeta inteiro — reagi, já percebendo o seu nariz inspirando o meu pescoço.

— Hmm... E devia mesmo... — devolveu, mais parecendo embriagado. — Pensa que pode ir chegando, destruindo o coração e a sanidade dos outros para depois sair de fininho? Negativo. Vai ter que me tratar. E, pensando bem, até que gostei da ideia da psicanálise. Posso colocar um divã bem ali. — Apontou para um canto da sala. — Também não esqueci a análise dentária que você prometeu.

— Você não se esquece de nada, não é mesmo?

— Nunca. E vamos embora, que você está atrasada para a minha consulta, já estou ficando nervoso — disse ele, levantando-me num abraço para subir a escada.

Por motivos de força maior, a conversa teve de ser adiada. Foi necessário fazer uma sessão de psicanálise antes que o meu paciente surtasse.

Vinte

Quando o dia amanheceu, a primeira coisa que me passou pela cabeça foi o forte desejo de ficar o dia inteiro abraçada a ele ou de, no máximo, sair no fim de tarde para conhecer um pouquinho melhor a cidade, mas acabei me lembrando da escala de plantão.

— Richard, que horas são? — perguntei, abrindo os olhos à força.

Ele aguardava pacientemente numa poltrona que ficava ao lado da cama. Certamente estacionou ali porque sabia que depois que o seu corpo esfriava não dava para continuar tão próximo ou eu não conseguiria mais dormir. Afinal, São Paulo não tinha o clima tão ameno quanto o Rio no inverno...

— Sete, por quê? — respondeu, já se postando sentado ao meu lado.

— Sete? Meu Deus! Estou atrasada para o plantão!

Levantei correndo, sendo trazida de volta por um puxão repentino no braço.

— E quem disse que você vai?

— Está ficando muito engraçadinho para o meu gosto, só que não dá para acompanhar a piada agora não. Preciso ir trabalhar.

— Você não vai — afirmou categórico. — Já liguei avisando que deixaria o seu atestado por lá mais tarde. Ganhou alguns dias de repouso.

— Agora sou eu a doente?

— Não é uma doença grave e aguda igual à minha, mas até que tem alguns sintomas parecidos — murmurou, protegendo-me do frio com uma manta e me posicionando deitada no seu colo como se eu fosse um bebê, pronto para ser ninado.

— Resolveu subestimar o que sinto?

— Não dá nem para comparar.

— Tudo bem, não vou ficar aqui discutindo o sexo dos anjos, mas agora, falando sério: não posso perder esse emprego, Richard. Minha família depende desse salário.

— Eles não vão despedi-la, meu amor. Pode ficar tranquila — garantiu. — Também não estou impedindo que você trabalhe, jamais faria isso. É só que... Queria ter pelo menos uma semana ou mais para curtir essa nova fase que estou vivendo, entende? Depois de mais de um século trabalhando sem interrupções, creio que mereço isso. E se quiser, posso conseguir ou até mesmo exigir que você seja a minha enfermeira auxiliar nos demais hospitais onde trabalho. O que acha da ideia?

— Não sei não... Vai acabar se enjoando de mim e ainda por cima corro o risco de ser acusada de comprar diplomas falsos no mercado negro, ou até pior: de matar algum paciente por negligência, imperícia ou imprudência — falei em tom de gozação. — Estou muito longe do seu padrão de perfeccionismo.

Ele riu.

— Você é uma tremenda boboca. Será que não deu para perceber que fiz tudo aquilo de propósito, só porque eu queria que você desistisse de ficar no meu plantão? Quem mandou me deixar descontrolado?

— Eu? Mas o que foi que eu fiz?

— O que foi que você fez? Não tem a mínima noção? — Sorriu novamente. — Pois agora você vai entender... Sabe o que senti quando a vi pela primeira vez? — indagou. — Um impulso irracional de beijar essa sua boca, ali mesmo, na frente dos pacientes. Podia até imaginar o gosto que ela tinha, somente observando o aspecto rosado e cheio, a pintinha sensual no canto do lábio...

— Sensual? Este microcarrapato de nascença grudado na minha boca? — resmunguei.

— Sim, sensual até demais, uma exímia pintinha desvirtuadora de médicos dedicados. E você parecia que queria me provocar mais ainda, quando entrou naquele elevador com o cabelo solto — complementou a frase, oferecendo-me um beijinho doce.

Antes que eu soltasse alguma observação irreverente sobre o assunto, ele logo continuou:

— No início, pensei que fosse só uma estranha empolgação imediata, embora, como havia dito antes, isso nunca tivesse ocorrido comigo depois que fui transformado — revelou. — Só que eu estava errado. Bastava você chegar perto de mim para essa atração crescer ainda mais, virando quase que incontrolável. Como se não bastasse, percebi que estava ficando fascinado pelas suas qualidades: além de linda, você demonstrava ser profissional, responsável, tímida, humilde, leal, obstinada, sensível... e inteligente. Tanto que foi a única enfermeira que teve coragem de me enfrentar.

Ele fez uma pequena pausa.

— Aquele dia que você deixou o café cair no chão... Foi um suplício! Tive que me reprimir de todas as formas. O seu rosto ficou perto demais do meu e o seu cheiro quase me enlouqueceu, fui obrigado a parar de respirar. Tem noção do quanto o aroma que você exala me desnorreia? Senti até faíscas saindo da mão por ter tocado na sua pele e, pela primeira vez desde que me tornei um vampiro, fiquei febril — confessou.

Que engraçado... O perfume dele também me desestabilizava a ponto de ficar zozona...

— Então pense bem — prosseguiu. — Que atitude precisava tomar? Um vampiro se envolver com uma humana? Para mim, isso nunca poderia dar certo. Ninguém me aceitaria do jeito que sou e muito menos desejava condená-la a tamanho sacrifício. Daí, julguei que não havia outra opção: eu tinha que afastá-la de mim. Despedir não seria o caso, o seu currículo era muito bom e também não saberia ser injusto. A única alternativa plausível que sobrou foi provocá-la para que você mesma fizesse isso por mim.

— E conseguiu.

Richard ficou me observando com um ar melancólico.

— O que consegui foi uma mistura de arrependimento, agonia e desespero — afirmou. — Como é que eu suportaria ficar sem vê-la, se no íntimo já estava sonhando com o próximo plantão, desejando com todas as forças que viesse a ser minha daquela maneira absurda? Acabei tendo que arrumar diversos motivos fúteis para comparecer ao hospital, sempre com a justificativa de que aquela seria a última vez que a veria. E é claro que não seria. Nunca seria. Fiquei pior ainda quando vi aquela lágrima descendo dos seus olhos. Pode até parecer piegas, mas padei mais naquele dia do que em cem anos. Foi ali que tomei ciência do erro que cometia, do papel que você representava na minha vida. O que eu sentia jamais mudaria — declarou, enquanto enrolava uma mecha do meu cabelo no próprio pulso.

— Então, quando você foi falar comigo naquele dia...

— Tinha decidido que não iria mais lutar contra o coração. Eu precisava tentar, mesmo correndo o risco de ser rejeitado. Cheguei a pensar que fosse tarde demais pelo modo magoado como reagi ao meu remorso, e por isso recuei.

— Aguentei o máximo que pude. Não conseguia entender por que você me odiava tanto.

— Odiar... — resmungou. — Não suportava mais ter que fingir, isso sim! Aliás, não entendo até agora como você não percebia o que eu sentia. Estava praticamente estampado na minha cara! Só não a beijei na véspera da festa porque aquela sua amiga enfermeira estraga prazeres atrapalhou!

— Íris?

— Suponho que sim, não guardo o nome de nenhuma enfermeira.

— Guardou o meu — impliquei.

— E eu não ia saber o nome da mulher que me tirava o sono e que o imbecil aqui teve a infeliz ideia de afastá-la, só para me deixar ainda mais obcecado?

— Bem feito! — provoquei. — Quem mandou tentar me separar de você?

— Você é uma bruxinha malvada — acusou-me sorrindo. — E ainda confessa, na maior cara de pau, que enfeitiçou um vampiro com alguma poção mágica. Sabia que isso não poderia ser coisa de humano.

— Tomara que você nunca ache o antídoto da poção que joguei fora — brinquei.

— Está com sorte. O lixeiro já recolheu o lixo faz um tempão. Desconfio que sua poção terá um caráter irreversível.

— Ótimo. Assim vai sobrar mais tempo para curtir a minha vítima. — Inclinei a cabeça para retribuir com outro beijinho. — E por falar em vítima, o que pretende fazer hoje?

— Hummm... — refletiu por instantes. — Por que não me leva para conhecer a sua família? — sugeriu.

— Seria perfeito.

— Não fica com receio de me apresentar como seu namorado? — Sua pergunta demonstrou um resquício de sofrimento.

— É claro que não. Por que ficaria?

— Por nada — quis ele disfarçar desviando o olhar. — Que tal me contar um pouquinho dos seus pais antes? Parece que só eu falei de mim ontem.

— Ok. O que quer saber?

— Não sei. Fale o que tiver vontade.

— Bem, vejamos... Minha mãe é uma das mulheres mais bonitas que eu conheço. Já foi até modelo de capa de revista e tem um talento enorme para as artes.

— Do jeito que você fala, talvez seja melhor eu não conhecê-la.

— Por quê?

— Vai que fico apaixonado por ela também.. — instigou.

— *Dããã!* Cuidado comigo ou espirro meu sangue em você — ameacei com humor.

— Se eu aceitar não vai ter retorno. — Fez uma careta. — Mas não enrole, conte mais.

— Enrolar? Foi você mesmo quem me distraiu! — lembrei-o. — Tá. Então... Tenho um irmãozinho caçula. Quer dizer, na verdade ele é meu irmão somente por parte de mãe, já que meus pais se separaram quando eu era pequena. O Juninho é a criança mais fofa, mais inteligente, mais...

— Você os ama muito, não é? — interrompeu-me. — Dá para notar pelo modo como fala, seus olhos chegam a brilhar... Pelo jeito, creio que vou gostar deles também.

— Eles também vão gostar de você. Quem não gostaria? — Estendi a mão para acariciar o seu rosto.

Richard desviou novamente os olhos com uma expressão vazia. É óbvio que duvidava do que eu acabara de dizer.

— Stephanie, queria lhe fazer uma pergunta e gostaria que você respondesse com toda a sinceridade.

— Manda — incentivei.

— O que você faria se os seus pais descobrissem o que sou? — Ele deixou transparecer na fisionomia uma angústia antiga.

— Não me confunda com a Juliet, Richard. Não o abandonaria e muito menos o denunciaria. Acho que já dei provas suficientes do que estou dizendo quando, mesmo assustada ao descobrir o seu segredo, não tive coragem de falar com ninguém sobre isso. E, além do mais, sou adulta e dona do meu próprio nariz. Ninguém seria capaz de mudar ou impedir as minhas decisões, nem mesmo os meus pais.

— Perdão, não queria dar a impressão de colocar você contra a parede. Devo parecer um tremendo egoísta — disse, abraçando-me em resposta. — É que é inevitável pensar que posso causar algum tipo de perda na sua vida por estar se unindo a alguém como eu. Sou tão cheio de limitações, imutável, estéril...

— Nada disso me importa.

— Família é algo de extrema importância, Stephanie. E um futuro ao lado de alguém que não tem vida social ou não envelhece não dá para passar despercebido.

— Quer parar com isso? O que ganho ficando ao seu lado supera qualquer problema que eu possa ter no futuro. Não vamos nos preocupar com isso agora, quero viver o hoje — afirmei, adorando aquele abraço.

— Tudo bem. — Voltou ele à posição anterior. — Vou esquecer esse assunto, por enquanto. Então... E o seu pai? Não falou nada sobre ele. Ainda é vivo? — retomou a conversa, procurando desviar a preocupação.

Isso me fez abaixar a cabeça de tristeza.

— Não sei, Richard. Não tenho certeza. — Suspirei. — No fundo, tenho esperança de que ele ainda esteja vivo. Sabia que meu pai é hematologista também?

— Jura? Quem é?

— Allan Wernyeck.

— Allan é seu pai? Nossa, você não para de me surpreender! — exclamou, perplexo. — Eu o conheço! É um grande profissional. Assisti a várias palestras dele, inclusive li seus artigos e pesquisas. Foi ele quem tratou da sua avó, não foi?

— Sim, e não adiantou.

— Sei disso, o caso dela não tinha cura e... Claro! Como não pensei nisso antes? Allan casou com a filha da sua paciente e a levou para o Rio! — Richard chegou à conclusão. — Mas fale, o que foi que aconteceu com ele?

Fui relatando tudo detalhadamente: sobre a palestra do meu pai em Londres e o seu sumiço, o estranho bilhete escrito de próprio punho pedindo que não o procurassem, o meu retorno ao Brasil às pressas por conta do assassinato do meu padrasto, o estado depressivo da minha mãe, o caos financeiro e a luta para conseguir um emprego no Rio para nos sustentar...

— E ainda tinha o Juninho — completei. — Sabe como é... Escola, alimentação, médico... O meu irmão tem um defeito congênito nos pés e precisa de tratamento e fisioterapia constante. É por isso que

vim para São Paulo, foi a única chance que tive de arranjar um emprego fixo para manter a casa, já que no Rio não estava conseguindo — lembrei, entristecida. — Bem, enfim, a companheira do meu pai contactou a polícia londrina para ver se descobriam alguma pista, mas ele nunca mais apareceu.

— Céus! Não tinha ideia de que os problemas que você enfrentava eram tão sérios assim! E pensar que quase pedi demissão por minha causa! — lamentou, pondo uma das mãos na testa. — Eu devia ter imaginado que passava por dificuldades para ter que aceitar um cargo abaixo da sua graduação, ficar instalada num lugar tão precário como aquele...

Instantaneamente, encolhi o corpo e tentei me levantar em vão, sendo impedida pelos seus braços como correntes de ferro e apenas sobrando, como última alternativa, desviar o rosto de lado. Apesar de inevitavelmente envergonhada, não queria que ninguém sentisse pena de mim, muito menos ele.

Richard parecia ter lido os meus pensamentos e disse:

— Stephanie, não precisa ficar assim. Sei muito bem o que é passar por isso, não nasci numa família abastada. Como imagina que ficou a minha situação quando precisei me esconder por tanto tempo? É motivo para você sentir orgulho, não para se envergonhar.

— Olha aqui, não aceitei vir morar aqui porque...

— É claro que não! — cortou ele a minha fala. — Depois de praticamente travar uma guerra para convencê-la a ficar comigo? Só se eu fosse um medíocre para pensar uma coisa dessas!

Fui relaxando os ombros aos poucos e ele subitamente ergueu a própria cabeça, dando a perceber que algo o atormentou.

— Espere aí... Você disse que o Allan desapareceu em Londres? — Seus olhos se estreitaram.

— Sim, por quê?

— Tem o bilhete dele em mãos?

— Tenho a cópia que a companheira dele enviou na época. Sempre ando com ela guardada na bolsa.

— Posso dar uma olhada?

Busquei-a imediatamente. O papel, de tão visto e interrogado, jazia amassado e amarelado.

— Hmm... Creio que pode haver uma explicação para isso. Só espero que não seja tarde demais... — comentou, pensativo.

— Em que está pensando?

— Ava não contou a história dela? — indicou a pista que eu precisava.

— Acredita... que ele possa ter sido hipnotizado por um vampiro? — expressei surpresa.

— Um hematologista seria uma aquisição muito conveniente, não acha? Allan, por ser quem é, um pesquisador, tem livre acesso aos bancos de sangue do mundo inteiro.

Ele tinha razão. A hipótese seria possível. Por qual motivo meu pai deixaria a companheira, a filha e até mesmo o seu tão renomado trabalho, se não fosse por algo assim, como estar hipnotizado?

As peças pareciam que iam se encaixando lentamente...

— Meu pai é um profissional conhecido internacionalmente, Richard. A polícia de Londres não o teria encontrado se ele estivesse rondando algum desses hemocentros?

— O hipnotizador jamais o enviaria aos centros mais populares. E, além disso, não é difícil para um vampiro hipnotizar os próprios policiais ou quem quer que seja para esquecerem o que viram.

Daí a súbita falta de interesse deles em continuar o caso. Fazia sentido.

— Se um vampiro pode hipnotizar as pessoas, por que precisaria do meu pai para chegar aos bancos de sangue?

— É uma maneira de resguardar a existência da espécie. Sempre existe a possibilidade de algum humano desconfiar ou passar despercebido. Para alguns vampiros, a natureza nômade não mais satisfaz, e, por motivos óbvios, se quiserem fixar residência em algum lugar, mesmo que completamente isolados, não podem atacar pessoas nas imediações e muito menos aparecer na rua depois de alguns anos sem causar desconfiança. Sendo assim, a presença de Allan nos hemocentros funcionaria como um escudo, anulando qualquer risco de um vampiro ser descoberto.

O pânico me invadiu por completo.

— E se isso for verdade, o que eu vou fazer?

— Você não vai fazer nada. Irei a Londres *sozinho*.

— Ah, não! Não pode me deixar fora dessa! — protestei.

— De jeito algum. Não posso correr riscos levando-a naquela cripta nojenta! — rosnou, irritado.

— Ele é meu pai, Richard. Não é justo que você tenha que resolver esse problema por mim.

— Ah, agora entendi! Quer dizer, então, que as regras do “dividir as coisas boas e as ruins” só se aplicam ao vampiro aqui — ironizou. — Muito injusto. Não aceito essas condições. Estou reivindicando a minha parte na sua vida agora, ou não me sentirei o “homem por inteiro” que você praticamente exigiu que eu fosse! — reclamou magoado.

— Não foi isso o que quis dizer — tentei desfazer a sua cara amarrada. — É que... estou com medo.

— Medo de quê? — amornou.

— E se acontecer alguma coisa com você? Vou me sentir culpada...

— O que pensa que pode acontecer, meu amor? Sou praticamente imortal! Acho que só você é capaz de acabar comigo — disparou com humor e percebi que essa frase também tinha duplo sentido.

— Richard, você pode até supor que eu seja uma tonta, só que me lembro muito bem do que a Ava falou. Eles podem matá-lo! Não sei como, mas podem!

— Até poderiam, mas não vão — garantiu. — Conheço todos os becos e esconderijos daquela cidade. Fiquei escondido lá por muito tempo, muito mais tempo do que você imagina. Não me pegaram naquela época e muito menos a Ava. Por que, afinal, isso aconteceria logo agora?

— Não sei, fico nervosa só de pensar que...

— Vou voltar, prometo. — Sua voz soou carinhosa. — Não conseguiria ficar longe por muito tempo mesmo...

— Como espera que eu fique parada aqui, sem saber o que está acontecendo do outro lado do mundo? Me leva com você, Richard, por favor! — implorei.

— Stephanie, não insista! Não estrague o que pode ser a única chance de reencontrar o seu pai — repreendeu.

— Vou ficar sofrendo de saudade — falei, toda melosa.

Foi a última cartada. Se essa não colasse...

— Além de bruxinha, você é uma chantagista cruel! Se continuar falando com esse jeitinho, não conseguirei sair daqui nem no próximo século! Por mim tudo bem, só não sei se o seu pai tem como esperar até lá — ironizou.

— Está bem — expressei tristeza pela derrota.

— Voltarei tão rápido que você nem vai notar a minha falta. — Ele arriscou me animar com um abraço apertado.

— Como se isso fosse possível — lamuriei baixinho, desanimada.

— Pare de fazer beicinho, ou acabo desistindo. Prometo que a levo para conhecer o mundo inteiro comigo, mas não agora.

— E quando pretende partir?

— Acho que teremos que adiar a nossa ida ao Rio, se não se importa. Vou tentar comprar a passagem para amanhã pela manhã, se eu conseguir sobreviver a você até lá — brincou. — Seria bom se eu tivesse como levar uma foto dele. Você tem alguma?

— Tenho no *chip* da minha máquina fotográfica. É só revelar.

Andei pensando...

Estava ficando tão acostumada à sua presença constante que seria difícil passar tantas horas ou dias longe dele. Sabia, entretanto, que não adiantaria me torturar daquela forma. A recompensa viria na volta: a presença do meu pai — se ele o encontrasse — e o amor de Richard.

Isso realmente seria um sonho.

O melhor sonho que já havia tido.

Vinte e um

Não consegui pregar o olho à noite. Aliás, nem que quisesse ele deixaria que eu dormisse.

Richard, embora não verbalmente, ainda transparecia não ter superado os anos de rejeição e agonia. Não que o seu intenso apego me incomodasse, longe disso, também desejava como nunca cada segundo de carinho que ele me ofertava. Apenas o considerava preocupante por notar que, de certa forma, havia ali uma amplitude diferente, algo que transcendia o que uma simples humana seria capaz de compreender.

Era nítido como ele precisava se sentir amado, numa ânsia quase que desenfreada. Nos poucos momentos em que dormiu, o percebia sonhando com algo que o inquietava e involuntariamente buscava por alguma prova de que não estava sozinho, seja através de um simples encontro de mãos ou pela textura do meu cabelo. Chegou a balbuciar frases dormindo, na sua maioria ininteligíveis, entretanto, um “Não me deixe” sofrido ficou claro demais. Creio que intimamente receava ser abandonado de novo, que eu morresse ou mudasse de ideia.

Como se isso fosse possível!

Eu não era a Juliet, não conseguia mais imaginar a minha vida sem ter o seu amor, seu carinho irresistível, seus beijos...

Não havia o que temer. O maior problema que teríamos de enfrentar seria outro bem diferente: não éramos da mesma espécie. Por mais que ele odiasse ser um vampiro, essa condição jamais mudaria. Eu envelheceria, ficaria doente, cansada, morreria... e ele não.

Até quando nossa relação duraria? Dez? Quinze? Vinte anos?

O peso dos anos fatalmente nos distanciaria e o sofrimento embutido não seria menor.

Não queria ficar pensando nisso, mas em algum momento precisaríamos decidir o que fazer a respeito do fato. Assim que ele retornasse da viagem, teríamos que conversar seriamente sobre o assunto, inclusive sobre a sua insegurança velada e descabida.

Levei-o cedo ao aeroporto e inevitavelmente me lembrei da última vez que estive em um, embora o voo partisse agora de Congonhas, não de Cumbica.

Naquele dia, pude impedi-lo de partir e infelizmente não havia mais como repetir a dose. Tratava-se de uma questão de vida ou morte. Mesmo assim, a sensação de seu embarque soava angustiante. Ainda que confiasse na palavra dele, o medo de que o plano não desse certo e eu terminasse sozinha, sem os dois, povoava a minha cabeça. E para distrair os pensamentos, busquei ao máximo conversar sobre assuntos diversos enquanto dirigia.

— Estou curiosa — falei.

— Diga — disse ele, sempre mexendo nos meus cabelos.

— Você pode pegar sol?

— O sol não mata os vampiros, como mostram os filmes. Somente deixa o corpo cansado, tira nossa força e acaba atrapalhando a visão, que é essencialmente noturna. Por causa disso, costumo sair sempre muito cedo e ficar enfiado nos hospitais durante o dia todo. Também uso filme de proteção solar no carro e óculos escuros, como estes. — Indicou com o dedo.

— Ah, bem... E quanto a esse mito de que não podem aparecer em fotos ou que não se enxergam no

espelho?

— Não sei de onde o povo inventou essas crendices. Ah, e antes que me pergunte, não preciso de permissão para entrar nas casas e também não posso virar morcego. Se pudesse, com certeza já teria voado até o quarto da sua pensão. Pensando bem, até que isso não seria uma má ideia...

— Essa é boa! — Eu ri. — Você me deixou aliviada agora. Não iria gostar nem um pouco de ficar sem uma foto sua batida por mim. Sabia que sou uma ótima fotógrafa? Já ganhei até concursos... Era o que pretendia ser, antes de fazer enfermagem.

— É mesmo? Talentosa como é, isso não me surpreenderia. Gostaria de ter uma foto sua também, embora prefira mil vezes enxergá-la de uma forma, digamos... tridimensional — brincou. — Mas não se preocupe, ainda teremos o nosso álbum de casamento.

— *Casamento?* — Ergui uma das sobrancelhas.

Por essa eu não esperava...

— Que foi? Não sou bom o suficiente para a madame? Posso garantir que sou um moço de família. Já até aprendi a fazer o seu café hoje cedo.

— Fazer o café é importante. — Sacudi a cabeça em deboche.

— Só tenho lá certas dúvidas quanto a essa história de... moço de família.

— Fala isso por conta da noite passada? Você não viu nada ainda, espere só até eu voltar — prometeu, saliente.

Aquilo funcionou como uma corrente elétrica no meu corpo. Só de imaginar, dei um tremelique e ele ficou rindo da minha reação.

— Melhor mudarmos de assunto — adverti, corando a face.

— A culpa não é minha, foi você quem começou. Vai me fazer passar por uma situação constrangedora no aeroporto. Como vou explicar a cor diferente nos olhos na hora da fiscalização?

A cor escura nos olhos era o de menos.

— Posso ir embora agora mesmo se...

— Estou brincando — interrompeu. — E pare de falar em ir embora. Não gosto de ouvir, nem mesmo de brincadeira. — Sua voz se mostrou contraditoriamente perturbada.

— Fique tranquilo. Você não corre esse risco.

— Assim espero.

Com aquela cara que ele fazia, quem conseguiria?

A hora do embarque foi a mais difícil. Richard ficou esperando até fazerem a chamada final com a desculpa da “saideira”, nome que deu para o último beijo. Buscava claramente adequar o seu linguajar às gírias de hoje em dia, que vindas da sua boca soavam até engraçadas. Quanto a isso, até que eu não podia reclamar: mudou cem por cento depois que, sem querer, chamei a sua atenção.

— Ligue assim que souber de algo — pedi.

Ele fez um coração com as mãos e soprou em resposta. Era lindo em todos os sentidos...

Quando cheguei a casa, pensei logo em fazer uma ligação para dar alguma satisfação à minha mãe sobre nós dois. Não falava com ela havia dias, e se viesse a ligar para a pensão e descobrisse que eu não morava mais lá, com certeza ficaria preocupada. Será que desconfiaria de alguma coisa diante da presença dele?

Não, acho que não — refleti.

Eu mesma não desconfiei... Ainda mais depois que transformamos essa casa num ambiente mais humano.

Também queria contar a novidade para a Anne. Na certa, ela exigiria que pagasse por aquela aposta que havíamos feito anteriormente, se bem que essa dívida eu saldaria até com satisfação. Nesse caso, não havia nada melhor do que estar errada. Pensando bem, talvez fosse prudente esperar um pouco ou alguém ficaria me enchendo a paciência até o fim dos meus dias, buzinando frases do tipo: “Eu sabia” ou “Falei que você estava apaixonada, não falei?”

O restante do dia passou arrastado.

Foi muito estranho circular naquela casa sem a presença de Richard por perto. Tudo nela tinha um pouco da sua personalidade marcante: livros, roupas, móveis... Até o cheiro dele jazia impregnado no travesseiro. Não era difícil imaginá-lo manuseando suas coisas ali, rodeada por tudo que me fazia lembrá-lo. Sentia a sua falta intensamente, mas tinha certeza de que receberia notícias assim que ele chegasse. E isso provavelmente demoraria um pouco, o voo não era direto, precisava fazer conexão.

Aos poucos, a impaciência foi me tomando por completo. Não conseguia ficar distraída com praticamente nada, e olhe que bem que procurei coisas para fazer... Incrível perceber o quanto ele preenchia a minha vida completamente quando estava ao meu lado.

No início da manhã seguinte, o telefone tocou. Levantei correndo e fiquei aliviada ao ouvir a sua voz.

— Oi, amor, acordei você? — disse ele, de modo doce.

— Não. Na verdade, fiquei com insônia. Acho que não consegui dormir porque você não estava aqui — confessei.

— Viu só? Depois sou eu que não a deixo dormir... — A voz passou para o tom sarcástico.

— Sempre engraçadinho. Você nasceu, por acaso, em algum circo irlandês? Tem uma vocação para palhaço... — devolvi, e ouvi ao fundo o som da sua risada.

— Já cheguei a Londres. Ligo assim que souber de algo, ok?

— Por favor — concordei.

— Espere por mim.

— É só o que tenho feito desde ontem.

Os dias que se seguiriam seriam, a partir de então, muito longos.

O meu único consolo foi pensar que faltava pouco para retornar ao batente, o que era, de uma forma ou de outra, um modo bastante eficiente para ludibriar o cérebro momentaneamente. Se soubesse que viajaria, não teria deixado que ele levasse o tal atestado ao hospital. Assim, a esta hora estaria trabalhando e distraíndo a cabeça. Entretanto, como já dera para perceber, Richard era impulsivo e imediatista, não me deu nem tempo de pensar no assunto.

Indo contra a direção do vento, o melhor a fazer era tentar descobrir uma maneira de matar as horas ociosas, coisa que nunca foi muito fácil para mim, mesmo antes de ficarmos juntos.

Fiquei a tarde inteira lendo um livro, sentindo um ligeiro cansaço. Eu andava muito ansiosa e não

havia dormido direito à noite. A possibilidade de reencontrar o meu pai não me deixava relaxar, muito pelo contrário, a mente processava sem parar, formulando inúmeras perguntas.

Será que descobrimos o caminho certo ou se tratava apenas de uma esperança vã?

E se fosse verdade, será que ele ainda seria encontrado vivo e hipnotizado?

E quanto a Richard? Estaria mesmo a salvo enfrentando vampiros centenários, milenares, ou falou isso apenas para que não me preocupasse?

Por fim, pensei numa última possibilidade: caso Richard realmente achasse e salvasse o meu pai, provavelmente teria sua identidade como vampiro descoberta. Será que seria aceito como o amor da sua filha? Papai sempre se mostrou avesso a qualquer tipo de preconceito, mas isso... Isso parecia bem diferente, não?

É lógico que absolutamente nada modificaria a minha decisão de viver com Richard, embora, com certeza, isso incomodaria bastante, criando dificuldades de convivência.

Na sexta-feira da mesma semana — duas manhãs depois —, acordei sentindo aquele mesmo cansaço dos dias anteriores, além de ligeiramente enjoada. *Também, dormi sem comer nada desde a tarde de ontem...* — matutei. O que podia esperar, depois de tantas horas ruminando ácidos no estômago?

A solução foi fazer um chazinho leve e beliscar algumas torradas para ver se a situação melhorava.

Forcei um pouco a barra e decidi dar uma volta pelas redondezas com a minha boa e querida máquina fotográfica, buscando aliviar a cabeça da angústia que persistia em me atormentar. Até que por algumas horas consegui me distrair observando as crianças praticando esportes numa praça. Elas me lembravam o Juninho... Cliquei momentos até bem interessantes. O sol surgiu inesperadamente forte e permitiu que obtivesse imagens incríveis. Só não fiquei mais tempo porque senti um pouco de vertigem, possivelmente devido à predisposição que tinha à pressão baixa. Sendo assim, optei por retornar logo.

E foi só colocar os pés em casa para o celular começar a vibrar.

— Stephanie?

Richard!

— Que bom ouvir a sua voz! — exclamei baixinho, ainda com a sensação de enxergar estrelinhas brilhantes no horizonte. — Alguma novidade?

— Reuni alguns indícios. Fiz um mapa de todos os bancos de sangue dessa região e consegui um relato de uma pessoa que viu um homem que ele julga ser muito parecido com a foto do seu pai em um desses estabelecimentos, num bairro afastado daqui. Sei que ainda não é uma certeza, mas fiquei esperançoso. Se ele estiver vivo, vou encontrá-lo, prometo. Estou indo para lá agora. Cruze os dedos! — contou, nitidamente animado.

Demorei um pouco para responder, daí ele logo perguntou:

— Stephanie, está tudo bem?

— Sim, só fiquei um pouco enjoada. Acho que peguei sol demais hoje. — Minha voz soou fraca.

— Beba bastante água para hidratar, tome um banho e vá descansar — ordenou.

— Sim, senhor, doutor! — fingi obediência.

— Não brinque com a sua saúde. Quero você inteira quando eu voltar — advertiu, demonstrando preocupação no modo sério de falar.

— Vou estar.

— Ligo assim que souber algo de concreto. Cuide-se!

— E você, idem — finalizei.

Mal acabei de desligar, o telefone tocou novamente. Só que não era ele, e sim Íris, convidando-me para o seu aniversário, que seria comemorado em sua casa, a poucas quadras dali.

Parecia uma boa oportunidade para ludibriar os pensamentos, ouvindo umas abobrinhas.

E tive que ouvir mesmo.

Fui o alvo mais atacado da festa. Depois daquela comemoração, há dias, em que dançamos, sumimos da boate e praticamente nenhum dos dois retornou ao trabalho, ainda mais pedindo dispensa — e com o receituário dele —, não houve uma alma sequer naquele recinto que não viesse perguntar se nós dois estávamos juntos. Quer dizer, até retornei ao trabalho querendo pedir demissão, mas foi num dia em que a galera principal não estava de plantão ou faltou. Também devido ao estado de choque, naquela ocasião fiquei na esquivada de manter contato com quem quer que fosse.

No mais, fui motivo de chacota, piadinhas e até de inveja explícita.

As mulheres deviam se indagar o que é que eu tinha de tão especial para agarrar o gato mais difícil do planeta, chegando ao cúmulo de me perguntarem detalhes da nossa intimidade, o que obviamente dissimulei e não respondi.

Já os homens, creio que deviam julgá-lo o “senhor competência” e, portanto, jamais pensariam que ele se envolveria com alguém, a não ser com a própria medicina.

Aproveitei para pedir desculpas ao Dr. Luciano por tê-lo abandonado na festa sem avisar e também agradei à Dora por ter me convencido a não deixar o hospital quando mais precisei. Além disso, tive que inventar um pretexto qualquer para justificar a ausência de Richard. Dizer que ele foi a Londres tentar salvar o meu pai de vampiros não seria algo viável, não?

Contudo, não foi muito difícil achar uma desculpa convincente. Bastou mencionar a palavra *trabalho*. Era só isso que ele fazia antes mesmo...

Talvez a única pessoa que não tivesse se mostrado surpreendida com essa novidade fosse Dora, que, por trabalhar diretamente conosco, revelou que desconfiava bastante da nossa reação. Por incrível que pareça, suas suspeitas recaíam mais nele do que em mim, já que ela conviveu um bom tempo o auxiliando. O fato de as enfermeiras mudarem de plantão por não suportarem tamanha rigidez da parte dele logo no primeiro contato era considerado algo banal, entretanto, a mudança do seu comportamento habitual após a saída de uma delas a intrigou como um episódio inédito.

E justamente por oferecer essa compreensão e demonstrar até um sentimento de torcida pelo nosso relacionamento, aceitei que ela me acompanhasse até o meu novo endereço, depois que presenciou mais uma das crises de vertigem que eu tivera no dia.

— Stephanie, você falou com o Dr. Richard sobre isso? Sei que andou pedindo dispensa para se tratar, mas ele viajou e você ficou sozinha em casa — argumentou Dora.

— Comentei com ele que estava enjoada hoje — respondi. — Não precisa se preocupar, não deve ser nada demais.

— É melhor consultar um médico. Por que não vai amanhã ao hospital?

— Se for necessário, eu vou.

— Espere aí... Você não está grávida, está? — desconfiou.

Que piada! Grávida de um vampiro?

— Garanto que não — afirmei, pensando na impossibilidade da coisa.

— Como quiser, então... Qualquer coisa, é só entrar em contato, ok?

— Obrigada — agradei.

Fui deitar extremamente cansada. As articulações passaram a doer um pouco. A sensação era de que eu tinha feito algum tipo de esporte em demasia e agora sofria pelo esforço excessivo. Acreditei que se tivesse uma boa noite de sono esses sintomas passariam, só que não foi exatamente o que aconteceu.

Ding dong!

Acordei na manhã seguinte com o som da campainha tocando. *Quem seria a esta hora do dia?* — resmunguei intimamente. Richard não costumava receber visitas e muito menos fiquei dando o endereço dali para ninguém, a não ser para Dora, que me trouxe no dia anterior para casa.

— Só um minuto! — gritei do quarto.

Troquei de roupa o mais rápido que pude, impressionada com a quantidade de suor que escorria do meu corpo num dia considerado frio, descendo as escadas correndo. Logo descobri que não era tão cedo assim, já passava das onze horas. Fazia muito tempo que não dormia tanto!

Abri apressadamente a porta e...

— Ava? — Fiquei surpresa com a sua visita.

— Oi, Stephanie. Posso entrar?

— É claro, entre!

— Tudo bem com você? — perguntou ela, desconfiada.

— Tudo — menti.

— Não é o que parece. — Os olhos dela me percorriam.

Meu aspecto amanheceu tão ruim assim? Também, só deu tempo de escovar os dentes e mais nada... Devia estar com o cabelo pedindo socorro, olheiras e a cara com aspecto de papel de embrulho amassado.

— Não é nada, acho que estou na TPM — respondi, cansando de dar explicações sobre isso a todos.

Ela ficou alguns segundos raciocinando no teor da sigla, completamente alienada.

— Ah! — exclamou, divertida, parecendo finalmente entender. — Nossa! Já faz tanto tempo que isso não ocorre comigo que até esqueci que existia.

— Sorte a sua. — Revirei os olhos.

Ava deu uma risadinha, tornando a falar:

— Vim aqui a pedido de Richard. Ele ligou cedo hoje, preocupado. Disse que você não atendia ao telefone e temia que estivesse doente.

— Ai, não! A bateria do meu celular deve ter descarregado! — lamentei, com vontade de me socar por ter esquecido um detalhe tão importante. — Mas não se preocupe, ele é exagerado.

— E é mesmo, vá se acostumando com isso.

— Alguma notícia? — interrompi, ávida por uma novidade.

— Creio que sim, mas ele deve ligar para você mais tarde.

— Não dá para adiantar o assunto? — insisti.

— Deixe de ser ansiosa. Espere que ele mesmo diga — sugestionou meio que irredutível, implantando um clima de suspense no ar.

Ele conseguiu?! Ou estava muito próximo disso?!

Nossa! Como domar a ansiedade até mais tarde para saber?

De qualquer forma, às vezes ficava pensando se tudo aquilo não passava de um sonho. Os vampiros das histórias não eram cruéis, apavorantes, sombrios? Está certo que quando o conheci ele foi bastante ríspido, mandão... No entanto, conhecia milhares de humanos que seriam tão ou até mais irritados do que ele. Meu vampiro mais parecia um anjo da guarda de olhos azuis, que caíra do céu para transformar a minha vida e mostrar o significado real da palavra felicidade.

— Bem... Fiquei curiosa, Stephanie. Que tipo de lavagem cerebral você fez no meu irmão? Nem o reconheci! — comentou Ava, rindo.

— Quem possui o dom de hipnotizar são vocês — retruquei.

— Não, é sério! Nunca vi o Richard feliz desse jeito! É inacreditável! — disse ela de uma forma que me fez corar de vergonha.

— Também estou me sentindo assim — admiti.

— Queria que algo assim pudesse acontecer na minha vida — Ava falou de um modo sonhador.

— Nunca gostou de ninguém?

— Já amei muito uma pessoa. Muito mesmo. Ele era humano como você e me aceitou do jeito que eu sou. Pude desfrutar de muitos anos de um amor profundo até o dia em que ele morreu num acidente automobilístico. Isso aconteceu há muito tempo.

— Não quis transformá-lo?

— Jamais faria algo contra a sua vontade — negou. — Achei que essa decisão só poderia ser tomada por ele.

— E ele preferiu continuar humano?

— Sim, ele tinha preceitos religiosos fortes, difíceis de serem mudados. Também não o julgo: quem gostaria de ser como um de nós? Até hoje me pergunto o que faria se estivesse no lugar dele.

— E...? — induzi.

Ava demorou um pouco para dar essa resposta. Desconfio que percebeu o teor implícito na pergunta e não queria demonstrar qualquer influência.

— Não sei — confessou. — Só sei que foi difícil demais ver o Albert partir. Sofri a pior dor que já senti, mas pelo menos tive o seu amor.

Ela ajeitou o cabelo por trás da orelha. Observei um lampejo triste em seu olhar.

— Sabe, para nós, vampiros, é bem mais difícil. Não somos volúveis como os seres humanos, que chegam a trocar de parceiros várias vezes durante a breve vida deles. Tudo em nós é extremamente intensificado: o amor, o ódio, o ciúme, a angústia, o sofrimento... O amor, então, é algo praticamente imutável; podemos levar séculos até senti-lo novamente, uma probabilidade quase que nula. Existe até uma lenda entre os da nossa espécie que diz que a reincidência é impossível, que nunca mais volta a acontecer. Acredito piamente nela, pois mesmo longe do Albert por mais de quarenta anos, não consigo

esquecê-lo, meu amor permanece intacto. Não passo uma hora sequer do dia que não me lembre dele — revelou. — E é por isso que estou muito feliz pelo Richard e por você também, porque somente um amor desse tamanho poderia modificar a vida solitária e amarga que ele tinha, trazendo alguma esperança para aquele peito petrificado. Sei muito bem o quanto tudo isso significa para ele neste momento.

— Ele sofreu muito, Ava?

— Você nem imagina o quanto. Não é fácil tentar conviver entre humanos sendo o que somos. Estamos constantemente com medo de sermos descobertos, com receio do pânico que causamos e da rejeição também. É lógico que vocês têm razão de sentir essa repulsa, é um mecanismo de autodefesa. Somos realmente uma classe de natureza predadora. Os poucos de nós que existem por aí não dariam a mínima importância à sua espécie. Saem de casa para se alimentar de humanos da mesma forma que vocês vão à lanchonete para comer um hambúrguer, confundindo a polícia, como se fossem crimes banais. Eles acham que estão meramente se alimentando.

Dava um frio mórbido na espinha só de imaginar uma coisa dessas.

— Já Richard — ela continuou —, desde o início, sempre se recusou terminantemente a ceder aos instintos da espécie e assim que percebeu que poderia ser diferente, que havia como obter o sangue de uma maneira mais digna, fez isso sem pestanejar. Primeiro com os animais; depois, dentro dos bancos de sangue. Ainda assim, sentia-se frustrado por pensar que roubava algo que poderia ser vital para alguém. Só então, muito mais tarde, quando descobriu a habilidade que possuía, aproveitou o seu dom para fazer uma troca: passou praticamente a se alimentar de sangue contaminado, que não nos causa mal algum, e deixou o sangue saudável para fazer as transfusões necessárias aos seus pacientes. Também vivo desta forma, recebendo os sangues rejeitados para doação, que são contaminados por hepatite, sífilis, AIDS e outras doenças. Mas posso apostar o que quiser como agora ele deve ter levado para casa sangue saudável e desaparecido com os descartados, com medo que você se contamine de alguma forma. Conheço o meu irmão.

— Acertou na mosca. Pelo menos, os que vi na sala de exames no último café da manhã dele eram saudáveis.

— Café da manhã? Richard se alimentou na sua frente? — O olhar dela não negava o espanto.

— É assim que tem que ser, não é? Como todos os casais normais. — Fiz questão de parecer o mais óbvia possível.

— Casais normais — repetiu, duvidando claramente. — Não acredito! Ele não faz isso na frente de ninguém, nem comigo! Como conseguiu esse milagre?

— Chantagem.

— Imagino até o que possa ter sido... — ironizou.

— Você já se alimentou dos animais também? — Mudei o rumo da conversa, antes que ela se aprofundasse no assunto e eu ficasse ainda mais sem graça.

— Já, só que o gosto é de lascar! — disse, torcendo o nariz.

— E quanto ao Richard? Ele... gostou muito... das outras? — procurei disfarçar, mas o fato de não ter sido a única a ser amada por ele irracionalmente me incomodava.

— Não precisa ficar com ciúme — Ava pescou o que eu sentia. — Não foi nada comparável ao que ele sente por você. Na verdade, como já disse, ele nunca havia provado do amor, entende? Da primeira vez, sofreu mais por ter sido rejeitado, caçado e perseguido em sua nova condição como uma praga, um maléfico ou adorador do mal. Era também um amor humano, o que, acredite ou não, é muito menos

intenso. Isso posso dizer de carteirinha, pois já o senti nas duas condições — garantiu. — Diante de tudo o que aconteceu, Richard se fechou para não dar chance de sofrer ainda mais, passando a acreditar que não tinha o direito de amar e ser retribuído permanentemente, e não apenas pela impossibilidade natural da espécie.

Inevitavelmente, eu me distraí e até duvidei um pouco quando ela disse que o amor humano era pouco intenso. Não sei de que forma ele gostou da sua noiva, mas também não conseguia imaginar que pudesse existir algo mais forte do que aquilo que eu sentia por ele.

— Já da segunda vez, não foi exatamente amor. Foi uma paixão — ela deu prosseguimento. — Richard se sentiu responsável por aquela vida, e, como não conseguiu curá-la, a cabeça dele pirou. Virou uma verdadeira obsessão. Era como se toda vida perdida acontecesse por sua culpa. Daí, você pode compreender o motivo daquele humor nefasto, a rigidez... Ele se cobrava o tempo inteiro! Talvez agora você consiga fazer com que o meu irmão relaxe mais. Aliás, já estou enxergando a mudança. O amor tem esse incrível poder, sei disso.

— E como vocês fazem? Digo, se não envelhecem, como fazem para permanecerem nos lugares? As pessoas não percebem?

— É claro que percebem! Isso é uma das coisas mais chatas de vivermos desta maneira. De tempos em tempos, somos obrigados a nos mudar de país ou de Estado, inclusive às pressas... Já nos transferimos várias vezes, aqui mesmo, dentro de São Paulo e para outras cidades no sul do país. Chegamos a trocar de sobrenomes, o que não é difícil de conseguir, embora Richard não goste muito de mudar o dele. Suponho que ele sinta como se estivesse perdendo um pouco da sua identidade. Atualmente, usa o verdadeiro nome de nascimento. Também temos uns truquezinhos, como pintar umas mechinhas de branco no cabelo, usar óculos sem grau, maquiagem para simular rugas de envelhecimento, mas não dá para enganar por muito tempo...

— Isso é incrível! Parece até que estou sonhando!

— Um sonho bem real — acrescentou ela.

— Acha que, se eu pedisse, ele me transformaria? — Fiquei realmente interessada nessa resposta.

— Não faço a mínima ideia. É difícil saber o que se passa na cabeça dele agora, já que odeia tanto ser o que é. Apenas acredito que a possibilidade de perdê-la algum dia também deva pesar muito, mas isso é entre vocês dois — esquivou-se, balançando a cabeça obstinadamente.

— É que não consigo mais imaginar a minha vida sem ele — admiti.

Fiquei admirada comigo mesma. De uma hora para outra, passei a me confessar e abrir meu coração com uma pessoa que conhecia havia tão pouco tempo. Ava me deixava à vontade nesse sentido e não conseguia entender o motivo.

— Você me deu um trabalho danado, sabia? — Ela sorriu, satisfeita. — Desde que Richard a viu pela primeira vez, ficou diferente. Estranhei logo a mudança no comportamento: ficava distraído, com o pensamento longe, suspirava pelos cantos da casa, rosnava sem motivos aparentes, não tinha mais concentração nas leituras... Custou a confessar a verdade e tentou de todas as formas se afastar, usando mil desculpas, como se houvesse uma maneira de enganar a si próprio. A coisa chegou ao auge quando pensou que você estaria interessada no outro doutor, apesar de intimamente suspeitar das suas reações físicas quando ficava ao lado dele. De uma forma ou de outra, talvez tenha sido muito bom que isso realmente viesse a acontecer. Só assim ele tomou coragem para vencer o medo de ser rejeitado e criou forças para lutar pelo que sentia. Do contrário, estaria até hoje querendo se convencer de que essa coisa nunca poderia dar certo. Tive que usar de muita psicologia e paciência para aturar os seus ataques de

irritação, e persuadi-lo a falar com você.

— E eu pensei que vocês dois estavam juntos, por isso sempre fiquei afastada — confessei. — Não vou negar que também sofri muito, já não é de hoje que gosto dele, Ava.

— O Richard... e *eu*? — Fez uma careta. — Só pode ser brincadeira! Para mim, ele sempre foi meu irmão. A não ser pelo fato de sermos da mesma espécie e pela amizade, não temos nada em comum.

Tive vontade de dizer que eles tinham algo em comum, sim: os dois eram lindos.

— Sim, mas aos olhos de todos no hospital, você era a namorada dele. E ainda por cima, apareceu na boate arrasando todas as pobres mortais presentes naquela festa.

— Arrasando na festa estava você — devolveu o elogio. — Aliás, precisava ver a cara do meu irmão quando a viu entrando na boate vestida daquela maneira... Foi muito engraçado! — Começou a rir. — Cheguei a implicar com ele, perguntando se precisava de uma ajudinha para levantar o queixo caído, e o homem ficou furioso comigo! Tudo bem, pelo menos foi por uma boa causa.

— Acredita que valeu a pena?

— Sem dúvida alguma.

— Obrigada. — Enrubesci. — Ava, posso fazer mais uma pergunta?

— Claro, *cherry* — incentivou.

— Para se transformar num vampiro é necessário somente ser mordido?

— Não. Se fosse assim, todos os doentes curados por ele seriam também, não acha?

— É verdade. Nem havia pensado nisso. — Dei um tapinha na minha testa. — Então, como acontece?

— Ele tem que oferecer o próprio sangue dele para que você beba, criando assim um laço entre os dois. Já ouvi falar que se isso acontecer entre duas pessoas que se amam de verdade, esse laço se torna indissolúvel, como se a vida deles passasse a ser uma só. Só não conheço ninguém que tenha feito para confirmar essa história.

Fiquei pensando no que ela disse e logo surgiu uma nova dúvida:

— Não entendo. Se Richard não queria ser um vampiro, por que bebeu o sangue deles?

— Não teve escolha. Ele foi hipnotizado, assim como eu.

— E essa transformação leva muito tempo?

— Leva algumas horas. Muitas vezes os hipnotizados só vão perceber a diferença quando já estão longe, ficando sem saber até mesmo quem os transformou, como e onde aconteceu.

— Isso é... terrível! — exclamei.

— Concordo plenamente, mas não vou ficar lamentando fatos irreversíveis, a vida não anda para trás. Temos que conviver com o que nos foi concedido e buscar um modo de fazê-la valer a pena.

— Você está certa — concordei. — E só tenho que agradecê-la por tudo.

— Já fui devidamente recompensada. Só em não ter que ouvir lamúrias... — Arregalou os olhos. — Bem, acho que falei demais, tenho que ir para o tribunal. Mais tarde ele deve ligar. Tem certeza de que está bem, não é?

— Perfeitamente — menti novamente para não ser motivo de preocupação. — Ah! Só por curiosidade... A Dora ter insistido para que eu fosse para casa mais cedo naquele dia. Você teve alguma coisa a ver com isso? — Arqueei a sobrancelha em desconfiança.

— Descobriu o meu segredinho — Deu ela um sorriso torto e depois se despediu.

Passei o restante das horas arrumando coisas dentro de casa. Quis preparar algumas refeições para congelar no freezer, na intenção de me facilitar a vida, ainda que estivesse lutando contra o mal-estar e as sensações esquisitas que continuava sentindo. Também não conseguia parar de pensar nas coisas que Ava havia dito. E mais: a esperança do telefone tocar e conseguir ouvir a tão esperada notícia. Tudo isso me provocava uma dor de cabeça constante, a tal ponto de não aguentar e ter que tomar um analgésico, deitando em seguida.

Somente levantei quando o celular tocou tarde da noite:

— Stephanie?

Não dava para acreditar. Era aquela voz que ouvi desde a minha infância! Fiquei tão emocionada que as palavras simplesmente não saíam, e, quando forcei pronunciá-las, ficaram retidas no fundo da garganta, em inevitável comoção.

— Stephanie, está me ouvindo? Sou eu, seu pai!

— Pai?! Não acredito!

— Nem eu, filha, nem eu! — exaltou-se. — Foi Deus quem enviou este rapaz!

— Tenho certeza disso.

— Perdoe o seu pai pelo que a fiz passar. Eu... fui...

— Você foi hipnotizado, pai, eu já sei.

— Passei tanto tempo longe e nem percebi! Não imagina onde eu estava...

— Imagino sim, e agora isso não importa mais. O que interessa é que você está vivo! Vivo! Ah, pai! Que saudade eu senti de você!

— Eu também — respondeu com a voz embargada. — Não vejo a hora de voltar ao Brasil para ver como você está. Minha nossa! O Richard disse que o Otávio foi assassinado e que passaram por dificuldades...

— Nós conseguimos sobreviver. Não se preocupe com mais nada. Quando você vem?

— Estamos tentando resolver isso agora, minha querida. Ah, o Richard quer falar com você...

E alguns segundos se passaram.

— Richard?

— Feliz? — sussurrou ele, carinhoso.

— Muito — respondi, quase afônica de emoção. — Obrigada.

— *Obrigada?* Obrigada, nada! Agora você ficou em dívida comigo. E do jeito que ando com saudade, pode apostar que vai custar caro, muito caro... Quero o meu agradecimento pessoalmente, com juros e correções monetárias. Já estou até contando nos dedos os beijos que vou exigir quando eu voltar para casa. Pode ir se preparando — disse ele com a voz baixinha para que meu pai não escutasse, provocando a minha risada do outro lado da linha.

— Só você mesmo para me fazer rir agora.

— Vamos demorar ainda mais um ou dois dias porque o seu pai perdeu o passaporte. Já contatamos o consulado e creio que tudo ficará resolvido até amanhã. Não estamos mais em Londres, viemos para Paris.

— Como conseguiu?

— Não foi tão fácil quanto pensei, ele estava sob vigilância intensiva. Consegui um crachá hipnotizando um funcionário do hemocentro, e, assim que o Allan apareceu, interceptei e o encaminhei para uma saída que descobri nos fundos. Deixei o carro alugado estacionado numa vaga destinada aos profissionais de saúde credenciados e fiz com que ele deitasse no banco de trás até que saíssemos do local. Depois disso, viemos direto para a França.

— Ninguém os seguiu? Richard, tenho medo que...

— Não, Stephanie. E ninguém nos viu também no consulado, se é que me entende... — Deixou subentendido que os hipnotizou.

— Então... o papai já sabe? — perguntei, temendo o que iria ouvir. — Digo, *tudinho*?

— Seu pai ficou bastante apavorado no início, quase histérico, mas depois tivemos um trajeto longo de viagem e conversarmos com calma. Creio que ele compreendeu tudo e me deu um crédito de confiança. Percebeu que se houvesse qualquer má intenção da minha parte, eu o teria hipnotizado como o outro. Na realidade, não me pareceu tão difícil quanto a filha — brincou.

— Para ele é mais fácil, não estava perdidamente apaixonado como eu... — confessei num murmúrio.

Ele hesitou um pouco, suponho que não estivesse esperando por essa resposta.

— Está... me dizendo que... que você já gostava assim de mim... antes? — gaguejou.

— Foi o que você acabou de ouvir — respondi com malícia na voz e pude ouvir um suspiro ao longe.

— Acho que... vou comprar logo... as passagens — falou num tom engraçado, como se tivesse esquecido o que iria fazer.

— O mais rápido possível — intensifiquei, provocando-o.

— É melhor... desligar — disse ele, parecendo sem graça, o que me fez concluir que talvez o meu pai estivesse se aproximando. — Ainda tenho muito que conversar com o Allan.

— Não o hipnotize. Ele ainda é meu pai — alertei de brincadeira.

— Ok, por enquanto não — devolveu disfarçando, falando em códigos.

— Eu te amo — sussurrei.

Outro suspiro — só que dessa vez bem nítido — deu para ser notado do outro lado da linha.

— Não mais do que eu — sussurrou de volta, encerrando.

As últimas 48 horas transcorreram a passos de tartaruga.

Talvez as sentisse ainda mais em decorrência da ansiedade, que fazia com que eu verificasse o relógio a cada minuto.

Aquelas dores nas juntas não cessaram, muito menos o cansaço. Cheguei à conclusão, pela primeira vez, de que deveria procurar por um médico. Até liguei para o hospital a fim de saber quem estava de plantão, e como ouvi o nome do Dr. Luciano, desisti. Não ficaria à vontade, ser examinada justamente por ele, e também não queria dar margem para Richard sentir ciúmes à toa. Sendo assim, resolvi esperar. Ele não tardaria a voltar e o meu pai também era médico. Além disso, tinha certeza de que não devia ser nada sério, apenas uma típica virose sazonal.

Mais uma vez, tomei um analgésico para dor de cabeça e fui deitar, na esperança de as horas passarem rápido.

Vinte e dois

Eu ainda dormia extremamente fatigada, de tal forma que parecia ter levado uma surra.

O abdome doía, os ossos... Até mesmo por falta de ar já estava sendo acometida.

Fazia frio e, embora continuasse tendo suores noturnos, havia puxado o edredom até cobrir o rosto para evitar a claridade. Como não tinha que ir trabalhar, fiquei esgotada e ansiosa, sonhar era uma das poucas coisas que me satisfaziam naquele momento.

Nos meus sonhos recentes, não sentia carência e muito menos solidão. Neles, a lembrança vívida dos carinhos de Richard aliviava por completo qualquer dor que viesse a apresentar. Tanto que até achei que fosse um delírio quando, ao passar das oito horas da manhã, percebi um movimento suave por baixo das cobertas. Algo parecido com a textura de uma mão gelada veio subindo, deslizando lentamente dos meus pés e foi, já se aquecendo pelo caminho, percorrendo o corpo inteiro numa longa e torturante exploração até chegar à face, fazendo com que eu gemesse ao seu toque.

Senti vários beijos aquecidos no pescoço, que foram mudando diversas vezes de direção e estacionaram próximos ao lóbulo da minha orelha. Eram beijos de saudade, extremamente reconfortantes.

Não, aquilo não poderia fazer parte de um sonho. Nenhum sonho seria capaz de me causar tamanha arritmia cardíaca...

Enfim, ele chegou!

E aguçava os sentidos, inalando o meu perfume!

Quando pensei que finalmente o abraçaria com vontade, eis que notei a cobertura sendo retirada à força do meu rosto.

— O que está acontecendo? — perguntou Richard, exibindo as íris enegrecidas, e, ao mesmo tempo, espantadas.

— Como assim? — respondi, a voz fraquinha.

— Você está... sangrando! — exclamou, separando-se de mim com uma das mãos e virando a cabeça de lado, como quem demonstra medo de não resistir à tentação.

Sangrando? Tinha certeza de que eu não estava *naqueles dias*...

— Estou? Onde?

Levantei cambaleando, ficando de frente para o espelho do banheiro.

Era o meu nariz.

Gozado, e não sangrava pouco. Lavei-o e sequei com papel.

— Richard, há quanto tempo você não sacia a sua sede? — desconfiei, observando o arroxeadado profundo em torno dos seus olhos.

Ele não respondeu, mas, pela sua expressão, provavelmente não se alimentava havia dias.

— Meu Deus! A viagem inteira...? — Caminhei devagar ao seu encontro.

Ele recuou, ainda aturdido.

— Já aguentei muito mais tempo do que isso. Mas não se preocupe, amor. Não vou machucá-la — explicou, virando o rosto novamente na minha direção, ainda que mantendo uma distância segura. —

Perdão, não queria que ficasse com medo de mim. Você sabe que eu nunca faria... — desculpou-se, exprimindo aflição na voz.

— Não tenho medo de você — interrompi. — De onde tirou essa ideia absurda?

— Não sou cego, Stephanie. Você está pálida como uma cera!

— Só pode estar confuso pela sede... Não tenho medo de nada! — repeti. — Estou é morrendo de saudade e você não quer nem deixar que eu chegue perto! — reclamei, aborrecida. — Espere aqui, que já vou buscar uma bolsa do seu sangue preferido na sala de exames. — Comecei a caminhar com dificuldade.

Sua mão gelada me interceptou pelo cotovelo, impedindo o movimento.

— Espere você. — Seus olhos passaram a me analisar intensamente. — Se não é por minha causa... O que você tem, afinal? Essa sua palidez não é normal. Parece que perdeu peso...

— Não é nada, só ando indisposta — eu quis embromar, mas não deu certo. O abdome doeu e por isso fui obrigada a empurrá-lo com a mão, curvando o tronco ligeiramente. A respiração também falhava, ficando entrecortada.

— E está sentindo dor aqui? — Apertou meu abdome.

— Deve ser uma virose qualquer, pare de se preocupar.

— Sente dor em mais algum lugar? — insistiu.

— Nas articulações. Richard, não...

— Deixe-me examiná-la direito! — ralhou comigo, praticamente me obrigando a deitar na cama.

Ele chegou mais perto com o olhar de um rastreador e fez uma análise minuciosa do meu corpo. Suas mãos geladas apalpavam a região dos gânglios, testando novamente o abdome. A imensidão azul agora mais parecia uma geleira.

— Está com sangramento espontâneo, repleção abdominal, baço e fígado aumentados... — constatou. — Sente fraqueza? — Percebeu isso devido à expressão cansada que eu exibia.

— Sinto, não vou mentir — respondi em tom de derrota.

— Mais algum sintoma? Não me esconda nada! — advertiu.

— Sudorese noturna e tontura.

— Você caiu?

— Não, por quê?

Sua fisionomia foi ficando cada vez mais tensa.

— Quando apareceram esses hematomas nas suas pernas?

— Que hematomas?

Richard socou a mesinha de cabeceira, provocando nela uma rachadura, e apontou para as manchas arroxeadas nas minhas coxas. Nem havia reparado que elas estavam ali.

— Não sei quando elas apareceram, deve ter sido de ontem para hoje. Por que está nervoso desse jeito? — encolhi a voz após vê-lo assim, tão inquieto.

— Você está doente! Por que não me ligou ou chamou um médico? A Ava poderia tê-la levado! — Começou a se descontrolar. — Para quem trabalha em um hospital e já viu tantos sintomas semelhantes, você devia ao menos desconfiar!

— Não acreditei que fosse algo grave.

— Stephanie, com a saúde não se brinca! Não pode simplesmente supor que o que sente não é grave e deixar para lá! Você tem noção da dor que eu sentiria se chegasse de viagem e a encontrasse morta? Aonde foi parar o seu senso de responsabilidade?

— Cruzes, Richard! Que exagero! Não sou tão irresponsável assim como diz. Até liguei ontem para o hospital, mas era o Dr. Luciano que estava de plantão. Então desisti...

— *Desistiu?* Por quê?

Senti logo pela sua voz perplexa que ele não iria gostar nada da resposta.

— Sei lá, acho que eu não queria que você ficasse com ciúme...

— Como é que é? Não acredito no que acabei de ouvir! Não procurou um médico competente como o Luciano para se tratar porque achou que eu ficaria com ciúme dele? Céus! Devo ser um monstro bem pior do que eu pensava! Acredita que a sua vida vale tão pouco assim para mim? — gritou.

— Richard, fique calmo! Assim, vai acordar toda a vizinhança!

— Eu quero que a vizinhança vá para...

Ele não conseguiu dar vazão ao seu nervosismo porque a porta do nosso quarto, que jazia encostada, foi aberta de repente, impedindo-o de reagir. Mal pude acreditar em quem passou por ela. O meu pai! Levantei rapidamente para ir ao seu encontro, mas as pernas não acompanharam. Por pouco não me estatelei no chão, se não fossem as mãos de Richard a me segurarem pelos braços.

— Pai! — exclamei de felicidade.

— O que está havendo aqui? — indagou meu pai, aparentando desconfiança.

Conseguí dar um passo à frente e abraçá-lo com força. Richard ainda continuava me escorando com uma das mãos, apesar de a fisionomia não esconder a preocupação fora do comum que sentia. Os dois se entreolharam e meu pai captou imediatamente que algo sério acontecia comigo. E, por conta disso, acabou me examinando e fazendo as mesmas perguntas. Tal como Richard, sua expressão também se modificou, ficando aparentemente sem vida.

— Por que vocês ficam me olhando assim? O que eu tenho? Isso é grave? — perguntei, mas não obtive resposta.

— Preciso provar isso — decretou Richard, demonstrando impaciência.

Ele foi até a sala de exames e voltou com uma agulha descartável nas mãos.

— O que vai fazer com essa agulha? — interroguei.

Não obtive resposta novamente. Ele apenas segurou o meu dedo indicador e o espetou. Apertou-o com força e o trouxe para sua boca, provando com a língua. Papai nos observava do outro lado do quarto, completamente alarmado. Richard fechou os olhos, demonstrando aguçar o paladar, e balançou a cabeça, como que reprovando. Ficou nitidamente ainda mais apreensivo.

— Não estou gostando nada disso. Trombocitopenia, hematócrito baixo... — Sua voz denotava certo pavor. — Vou precisar colher mais para analisar com maior precisão.

Entendi o que ele quis dizer com isso: a quantidade de plaquetas e de hemácias no sangue estava bem abaixo do normal.

Richard retornou à sala de exames para buscar uma seringa descartável, voltando visualmente alterado.

— Você pode me morder para facilitar as coisas — sugeri.

— Não é hora para piadas — censurou, já quase entrando em fusão.

— Não estou brincando — insisti.

Ele inclinou a cabeça e me olhou fixamente, demonstrando relutância. O velho horror de si próprio ressurgia mais nítido do que nunca.

— Não posso fazer isso — murmurou. — Não aqui, na frente do seu pai.

Sabia muito bem o que se passava em seus pensamentos. Já ficou traumatizado o suficiente quando o vi sugando o pulso daquela paciente ali mesmo, naquela casa. Temia ver o pânico nos olhos de alguém novamente, como se ele fosse um animal perverso e sanguinário.

Lancei um olhar de súplica e meu pai, sabe-se lá Deus como, compreendeu a nossa agonia. Colocou a mão no ombro de Richard e assentiu com um aceno, dando-lhe permissão. Depois, saiu do quarto e fechou a porta. Richard já devia ter conversado alguma coisa sobre seus métodos antes, do contrário, não sei se ele confiaria assim, tão rapidamente.

— Não sei se é uma boa ideia, ainda não me alimentei — relutou. — Tenho medo de machucá-la, de sucumbir aos meus instintos.

— Richard, confio em você mais do que imagina. Nem que quisesse, conseguiria me machucar.

— Pode não ser assim como pensa. Sou um vampiro, Stephanie. Infelizmente, não tenho como mudar a minha natureza.

— É, eu sei. E também sei que você me ama. Prefiro colher sangue pela sua boca a usar essa coisa de metal — falei decidida.

— Isso vai doer um pouco — rendeu-se, mas havia uma agonia explícita na voz, como se aquilo fosse imprimir um sofrimento maior nele do que em mim.

— Posso aguentar, se eu receber um beijo seu antes — supliquei. — Estou esperando por ele há dias.

— Não precisa pedir...

Ele obedeceu de imediato, mas não foi como antes. Foi um beijo triste, gelado, apreensivo, mais parecia uma canção de despedida. E então, ainda me beijando, veio descendo até chegar ao meu pescoço. Em seguida, segurou-o com a maior delicadeza possível e cravou os seus dentes afiados nele. Confesso que me contorci um pouco, embora também não fosse nada tão demorado. Havia apenas uma sensação esquisita, da pressão do líquido saindo ao ser sugado, enquanto seus dedos frios massageavam a minha nuca, tentando amenizar a dor.

Colhendo o suficiente, ele levantou a cabeça e revirou os olhos, procurando alguma resposta, algum detalhe importante. E, inesperadamente, cobriu o rosto com as mãos, mortificado, mais parecendo ter recebido uma descarga elétrica. Nada falou comigo, apenas chamou pelo nome do meu pai.

Retornando ao quarto, os dois trocaram olhares de cumplicidade e fizeram um movimento com as cabeças, indo em direção à janela para cochichar. Detestava ser excluída daquela forma, mas, mesmo assim, pude captar alguma coisa:

— Não é melhor proceder aos exames laboratoriais? — sugeri meu pai baixinho, com os olhos começando a marejar. — Entendo que você tenha dons especiais, mas pode ter-se enganado, não é?

— Eu não erro nisso. Infelizmente — Richard lamentou, meio que ainda em choque ou catatônico.

— Mas, pelo que me descreve, sugere mielofibrose primária. Richard, ela não tem a faixa etária e a evolução foi rápida demais...

— Não, não é Allan. É pior. Já fiz o diagnóstico diferencial. Ainda não temos um nome específico na nossa literatura para essa enfermidade, mas você já a conhece. Deparou-se com ela quando tentou tratar da sua sogra.

Papai teve que ser apoiado para não cair. Richard o ajudou a se sentar, voltando a se aproximar da cama na intenção de buscar coragem e revelar a verdade que acabara de descobrir. Parecia não conseguir encontrar uma palavra sequer para me contar o que estava acontecendo, tamanho o seu nervosismo. No entanto, antes que ele dissesse qualquer coisa, eu já havia processado o meu veredicto.

— Já entendi. Não é necessário dizer mais nada. Estou condenada, não é? Tenho a tal doença da minha avó...

Se arrependimento matasse, jamais teria falado com ele dessa forma. Richard saiu do estado apático e teve um surto de raiva repentina, destruindo a primeira coisa que vira pela frente: a TV de plasma do quarto, juntamente com o *rack* onde ela estava apoiada. Socou-a diversas vezes até que não sobrasse uma peça inteira, parecia ter enlouquecido de vez. Nunca o vi tão descontrolado.

— Não!!! — Seu urro profundo veio acompanhado de um retesamento dos músculos da face.

— Richard, por favor, pare! — implorei.

— Você não! Você não! Não, não, não, não!

Ele continuava gritando, sacudindo a cabeça e esmurrando o resto do móvel, demonstrando sentir uma dor descomunal.

— Richard, pelo amor de Deus, pare! Assim você me assusta! — supliquei novamente, encolhendo-me junto à parede.

Ao ouvir o teor das minhas palavras, notei que ele tentou fazer um esforço hercúleo para frear a si próprio e voltar à razão. O acesso de raiva fora pouco a pouco se esvaindo, porém, outro tipo de sentimento aflorou em seu rosto amargurado. Vi, com incredulidade, uma lágrima sanguinolenta descer pelos seus olhos, então num negro profundo. Suas mãos quiseram escondê-la, mas só o que conseguiu foi espalhar o líquido rubro no rosto, formando um borrão.

— Isso não é justo! Eu não mereço isso! — blasfemou.

— Richard, fique calmo, por favor! — A agonia dele me deixava angustiada, muito mais do que a própria notícia em si.

— Você não vai morrer! Eu não vou deixar!

Meu pai virou o rosto de lado, derrotado, certamente duvidando da possibilidade. A dor e a desesperança estavam estampadas em sua fisionomia vazia, embora com nitidez fizesse de tudo para se conter e não se desmanchar na minha frente.

— Posso fazer isso — afirmou Richard, convergindo o olhar em um ponto fixo no infinito. — Vou curá-la. E vai ser agora!

Ele inclinou os braços e os encaixou por baixo das minhas pernas e pescoço, levando-me rapidamente no colo para a sala de exames. Deitou o meu corpo naquela cama hospitalar e foi abrindo o climatizador para retirar algumas bolsas de sangue O+ que tinha no estoque para aquecê-las à temperatura corporal em outro equipamento, com receio do risco de uma hipotermia devido à grande quantidade.

— O que vai fazer? — perguntou meu pai, ainda sem nada entender.

— Drenar todo o sangue dela e fazer uma transfusão simultânea. Também preciso que a minha saliva, que tem componentes regenerativos, entre em contato com a medula da Stephanie para eliminar a causa.

Não tenho tempo agora para explicar o processo todo, Allan. Só preciso que você confie em mim e que me ajude. Dou a palavra de honra que a sua filha ficará a salvo — prometeu.

Como num passe de mágica, a recordação da história da vinda dele para o Brasil encheu meu cérebro de oxigênio e pude perceber o que ele queria fazer. Se o deixasse ir em frente, seria contaminado pelo único tipo de sangue que poderia matar um vampiro.

Isso eu não iria permitir.

— Não! — gritei com toda raiva que fora capaz de exprimir. — Nem pense nisso! Você vai se matar!

Ele continuou pendurando a primeira bolsa de sangue no porta-soro, fingindo que nada escutava.

— Pare! Sei o que está pensando, que já sofreu antes por conta disso... Não vai ser culpa sua se eu morrer!

Richard persistia em ignorar o meu apelo, totalmente firme em seu propósito, já com o garrote nas mãos.

— Pai, por favor, me ajude! — supliquei. — Faça-o voltar à razão!

Os dois pareciam já terem entrado em uma espécie de sintonia. Bastava apenas um olhar para que o outro entendesse o que deveria ser feito. Cheguei a pensar que Richard o havia hipnotizado, mas, como meu pai não tinha saído da minha visão, essa probabilidade se tornava tecnicamente impossível. Assim mesmo, não duvidava que se ele realmente sentisse essa necessidade, o faria sim, pois se havia alguma coisa que já dera para notar com a pouca convivência, era a sua teimosia.

Papai também ignorou o pedido que fiz, começando a procurar algum material esterilizado. Afinal, como poderia culpá-lo? Eu era a sua única filha! Realmente, pedir que ele deixasse sua prole morrer para proteger alguém que mal conhecia, ainda mais um ser não humano, seria demais. Ele próprio poderia não estar ciente de absolutamente nada dessa história ou até julgar que fosse alguma birutice da minha cabeça.

Imagine só: *um vampiro morrendo porque bebeu sangue!* Se acreditar que seres míticos existiam já devia estar sendo extremamente difícil para ele, o que dirá uma coisa dessas! Quando percebi que não seria atendida de forma alguma, resolvi levantar daquela cama na surdina, disposta a fugir dali.

Como se isso fosse possível...

— Allan, segure-a! — Richard praticamente ordenou e meu pai obedeceu, contendo-me pelos punhos firmemente.

— Não! — Comecei a me debater, chorando.

A força que fazia para me desvencilhar daquela prisão foi tamanha que cheguei a quebrar uma rodinha do pé da cama.

— Stephanie, meu amor — sussurrou Richard amargurado, chegando mais perto e finalmente me dirigindo a palavra. — Será que não entende que, se eu não fizer isso, não conseguirei conviver comigo mesmo ou sequer mais respirar? Não posso viver sem você!

— Mas se fizer essa loucura, não vai viver ao meu lado. Por favor, Richard. Está sendo cruel comigo, tirando o meu direito de decidir! E o que é pior: a chance de milhares de pessoas de serem curadas por você! — Minhas lágrimas desciam agora ininterruptamente.

Suponho que ali ele houvesse chegado ao limite do desespero. Eu sabia que aquelas palavras o atingiriam em cheio, fazendo-o meditar na própria escolha que lhe fora negada ou nas consequências do seu ato. Ainda assim, virou-se de costas por instantes com a mão no peito, como quem sente dor no

coração, um órgão que nem batia mais.

E quando retomou o fôlego, surgiu com outra seringa a tiracolo:

— Allan, preciso lhe pedir um favor. Sei que você é pai dela e que também deve estar nervoso como eu, mas não posso iniciar o que tenho que fazer enquanto ela ficar falando comigo desse jeito. É doloroso demais para mim. Também não dá para olhar nos olhos da sua filha e hipnotizá-la. Sinto como se a estivesse enganando... Aplique o sedativo nela, que eu sou mais forte e consigo imobilizá-la.

Feito o pedido, seus braços me agarraram com tanta força que seria impossível mexer um milímetro sequer. Richard encostou o rosto dele no meu, também impedindo que a minha cabeça virasse.

Senti uma agulha me espetando, vencida pelo cansaço.

— Por favor, Richard. Não... — supliquei.

— Perdoe-me — sussurrou. — Não deixarei que pague pela maldição de amar um vampiro. A sina é só minha, e é assim que deve continuar.

— Vou te odiar se você fizer isso comigo.

— É uma pena. Nunca poderei dizer o mesmo.

E essas foram as últimas palavras que ouvi da sua boca antes de apagar completamente.

Vinte e três

Suponho que transcorreram várias horas até que eu despertasse, pois o ambiente havia escurecido. Os olhos custaram um pouco a abrir.

Logo de imediato, percebi que aquelas dores nos ossos, bem como a do abdome, tinham cessado. A fraqueza que sentia não mais existia, havia apenas um ligeiro entorpecimento pela ação do sedativo e um leve incômodo na região da coluna. Também notei que o meu cabelo estava esticado e arrumado em toda a sua extensão acima da coberta.

Levantei o corpo devagar para não cair, já com a memória voltando e recapitulando o que acontecera comigo mais cedo.

Droga! Podia vencer qualquer batalha intelectual ou psicológica, mas ficava em total desvantagem contra a força física de um vampiro teimoso e um pai temeroso!

Acendi a luz e tornei a sentar na cama.

Não estava mais na sala de exames, e sim no nosso quarto. Os destroços do acesso de fúria de Richard já tinham sido removidos. Em seu lugar jazia a mala que ele trouxera da viagem e ao lado do meu travesseiro também se encontrava um frasco cor-de-rosa de um perfume francês, com um cartão em destaque. Sorri contra a vontade quando li o que havia escrito nele:

“Não é melhor que o aroma da sua pele, mas acredito que combinará perfeitamente... Richard .”

Borrifei o perfume no pulso e inalei a fragrância delicada que ele escolheu, refletindo em como ficara dividida entre a revolta por não ter sido levada em consideração quanto ao destino da minha própria vida e a emoção por ter recebido tamanha prova de amor. Difícil saber para qual lado penderia a minha balança.

Troquei lentamente a camisola por um vestidinho solto, escovei os dentes e preendi o cabelo num rabo de cavalo, pois achei que ele exibia um aspecto oleoso. Depois, mudei de ideia e resolvi tomar um banho para desmanchar aquela cara de morta-viva e lavar o cabelo, fazendo todo o processo novamente, inclusive o de perfumar o corpo e prender aquela corda de Rapunzel com um elástico.

Assim que aprovei o que avistei no espelho, iniciei a procura pelos dois. Lá do corredor, dava para ouvir a voz do meu pai, que conversava ao telefone com alguém:

— Enviei as amostras de sangue dos dois. Por favor, Laura, mantenha a discrição — solicitou. — Sei que o que peço é meio estranho, mas, quando eu puder, explico com calma. Já contatei outros geneticistas de confiança que chegarão amanhã mesmo para dar início a mais essa pesquisa. O material importado também já foi encomendado e virá num voo direto dos Estados Unidos. Vou necessitar de alguém para buscá-lo ainda nesta madrugada. Preciso começar esse trabalho o mais rápido possível. Estarei aí no máximo em uma hora, se o trânsito não estiver muito engarrafado. — Fez uma pequena pausa, escutando. — Eu sei, Laura, obrigado. Não posso medir esforços agora, entende? Ele é como se fosse um filho para mim.

Em seguida, passou-lhe ainda mais algumas instruções e depois desligou o telefone.

— Obrigado, Allan. Também já o considero, embora, na prática, tenha idade para ser seu tataravô — disse Richard com um sorriso fraco, porém, aliviado.

— Devo a você a minha vida... duplamente — agradeceu meu pai.

— Também devolveu a minha quando gerou a sua filha — declarou abertamente.

Pensei por um momento como o mundo era realmente estranho...

Se me dissessem uma coisa dessas há bem pouco tempo, com certeza acharia que se tratava de alguma piada ridiculamente sem graça. Havia ficado tão preocupada por não saber qual seria a reação do meu pai frente a essa decisão que tomei, por dividir a minha vida com um vampiro, e, no entanto...

...naquele instante, os dois conversavam tranquilamente, rasgando seda, e o mais incrível: papai tentava salvá-lo. Do jeito que o conhecia, não poderia esperar outra atitude dele mesmo...

Com certeza, já estaria reunindo a melhor equipe de profissionais, laboratório, material de ponta, tudo para conseguir o seu intuito. Eu estava agradecida profundamente e tinha que me agarrar a essa esperança com unhas e dentes.

Desci devagar as escadas e vi Richard sentado na poltrona da sala, aguardando que meu pai terminasse mais uma ligação. Visivelmente mais calmo, aquelas olheiras escuras haviam desaparecido em torno dos seus olhos azuis. Seu sorriso foi de deslumbramento quando percebeu a minha presença e imediatamente estendeu os braços para me abraçar.

Minha pulsação disparou.

Andei o mais rápido que pude e sentei no seu colo, sem disfarçar o quanto precisava daquele abraço.

— Eu... estava enganada a seu respeito — resmunguei. — É realmente um monstro perverso, um vampiro tirano e...

Não consegui continuar. A ânsia de me aconchegar nele falou mais alto.

— E...? — ele estimulou.

— Um médico arbitrário. Não tinha o direito de fazer aquilo contra a minha vontade. Nunca fui considerada a sua paciente, “as regras não se aplicavam a mim”, lembra?

Ele não retrucou. Limitou-se unicamente a inclinar o meu corpo, sustentando-o em um dos braços para que pudesse me observar de perto. A placidez do seu olhar refletia a total falta de arrependimento.

— Não devia mais falar com você. Ir embora daqui e te odiar pelo resto da vida — continuei.

— Então, creio que encontrei o meu par perfeito. Consegue encontrar um modo perverso de me castigar, sendo mais tirana e arbitrária do que eu.

Dei um soquinho no seu peito e, contraditoriamente, beijei no mesmo lugar. Ele já havia conseguido me desarmar.

— Seu doido — murmurei.

— Falei que era louco por você — retribuiu, carinhoso.

— É, mas não precisava se suicidar para provar!

— *Shhhhhh!* Fica quietinha! — Pôs o dedo nos meus lábios. — Quero olhar para você um pouco.

Ficamos alguns minutos nos admirando e aproveitei para afagar o seu rosto rígido.

Como era possível amá-lo ainda mais do que antes? Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer comigo, que o amor chegaria a me preencher a tal ponto que desse a impressão de poder explodir dentro do peito, que a necessidade de sua presença fosse tamanha que me faltasse o ar.

Enquanto imergia em pensamentos, seus olhos conferiam o sucesso do tratamento e analisavam cada item que considerava importante.

— Hummm... Ficou perfeito em você — murmurou sorrindo, inalando o perfume impregnado no meu

pulso.

— Está mimando sua namorada demais. Vou acabar ficando mal-acostumada — alertei.

— Não vejo pecado algum nisso.

— Deu para realizar a sua fantasia secreta de sugar o meu sangue? — provoquei.

Richard estudou os movimentos do meu pai, que ainda não havia encerrado a ligação, antes de responder à minha pergunta.

— Deu para matar a sede, não essa... *saudade* desesperada que sinto de você — murmurou pousando o olhar no decote do meu vestido, e depois sacudiu a cabeça a fim de espantar os pensamentos. Pela entonação da voz, a palavra “saudade” seria plenamente substituível por “fome”, mas, claro, ele era educado e antigo demais para proferir algo assim em outro lugar que não fosse entre quatro paredes. — Devia se agasalhar. Parece que a temperatura declinou — aconselhou de repente.

— Não estou com frio, doutor — recusei.

— Hã... Stephanie, por que não sobe e troca ao menos essa roupa?

— Por quê? Não gostou do meu vestido?

— Gostei... Gostei até demais, esse é que é o problema — ressaltou, evitando me encarar, com o rosto virado de lado.

Pude perceber aquele suspiro característico que ele fazia quando me desejava em seus braços. *Talvez o caso não seja tão grave assim...* — pensei.

Quem sabe o meu sangue não o tivesse afetado do modo como esperávamos?

— É melhor sentar perto dele, antes que meus olhos mudem de cor — recomendou num murmúrio, constrangido pelo que sentia, constatando que o tal telefonema acabara de terminar.

Sorri e levantei, aproveitando para matar um pouco da saudade do meu amigo pai. Um abraço, por mais apertado que fosse, não parecia ser suficiente para aplacar o peso de tamanha ausência.

Foram muitos meses de angústia, pensando que nunca mais o veria...

Não cheguei a ter tempo de perguntar os motivos que o levaram a cair naquela armadilha, bem como os momentos apreensivos pelos quais provavelmente passou em Londres. No entanto, para falar a verdade, do jeito que a cabeça andava preocupada com essa história de Richard ingerir o meu sangue contaminado, não conseguiria prestar muita atenção. Esta conversa poderia ficar para depois.

O mais importante já havia sido feito: meu pai estava vivo e era apenas isso o que interessava.

— Pai... — A súplica veio implícita nos meus olhos.

— Eu sei, filha. Já deu para entender a ligação forte que existe entre vocês dois — murmurou, exprimindo conformação. — Farei tudo o que estiver ao meu alcance, confie em mim. Ficarei noite e dia trabalhando, sem interrupção. Não vou desistir até encontrar uma solução para este caso. Acho que teremos uma boa margem de chance se isso se desenvolver no tempo que estamos prevendo, embora esteja me baseando em um único caso ocorrido na história. Mas, hoje em dia, as pesquisas estão mais avançadas e...

— Quanto tempo? — interrompi a sua fala.

— De acordo com as pesquisas de Richard, o tal vampiro morreu num tempo estimado entre vinte a trinta dias após ingerir o sangue contaminado e levou cerca de uma semana para sentir os sintomas iniciais.

Uma dor descomunal me apertou o peito.

Vinte a trinta dias?! Seria esse o tempo máximo estipulado para que fôssemos felizes?

Não. Eu não podia aceitar. O prazo parecia pequeno demais para desafogar o tamanho da paixão que ardia dentro de mim.

— Salve-o, pai. Por mim — sussurrei ao seu ouvido. — Eu preciso dele.

— Não sabe o quanto quero isso também, querida — devolveu no mesmo volume de voz.

— Confio em você.

— Também confio — disse Richard, observando-nos.

— Agora fala... O que posso fazer? Como posso ajudá-lo? — indaguei.

— Bem, como não tenho um conhecimento apurado sobre a espécie dele, vou orientar o básico. Acho que não deveria trabalhar e muito menos fazer esforço. Pelo que comentou na viagem, está terminantemente proibido de se expor ao sol. Também não deve deixar de abastecer o banco de sangue dele, fazendo com que se alimente todos os dias de um que não possua alterações. E... Ah! Quero falar com a irmã dele com urgência. Preciso de uma amostra de alguém com as mesmas características para poder traçar o perfil de normalidade.

Não pude deixar de observar o modo como ele ia dando as instruções. Parecia um verdadeiro pai fazendo aquelas recomendações chatas que todo filho acha que está cansado de saber e que, mesmo assim, eles teimam em repetir. Da mesma forma se portava Richard, disfarçando as caretas quando as recebia, principalmente quanto à parte do “não se esforçar”.

— Allan, não queria interromper as suas recomendações, mas gostaria de lhe fazer um pedido antes que parta — solicitou Richard, esboçando uma dose de receio na voz.

— Peça o que quiser — incentivou meu pai.

Richard hesitou um pouco antes de começar a falar, declinando discretamente a cabeça:

— Sei que não sou, nem de longe, alguém com quem você sonhou para a sua filha. Sei também que sequer sou humano e que não tenho certeza de quanto tempo ainda me resta, mas eu...

— Mas você ama a minha filha, não é? — completou papai. — E o que mais importa, além disso? Richard, você não precisa me oferecer mais provas, além das que já assisti. Não vejo como ela possa encontrar alguém mais adequado, que a mereça mais.

— Então, permite que eu...?

— Não é exatamente a mim a quem você deve pedir. Se essa for a decisão dela, e caso se sinta mais aliviado com o meu apoio... Sim, é claro que permito — concordou, parecendo já saber do que se tratava.

— Obrigado, Allan — agradeceu Richard.

Depois disso, os dois se permitiram um longo aperto de mãos. Antes que o meu pai partisse, combinaram de marcar um horário para que Richard fizesse a hipnose dos profissionais que trabalhariam naquela pesquisa, evitando que a descoberta do seu segredo vazasse.

Richard demonstrava ter tirado um enorme peso dos ombros, suas feições suavizaram.

Nem bem a porta de entrada foi fechada, senti um abraço apertado pelas costas e o avanço de dedos arrancando o elástico do meu cabelo, soltando-o e afastando as mechas para que ele pudesse me inalar o pescoço. Percebi, quando encostou a boca no meu queixo, o quão febril ele já se encontrava. Desvirou-me devagar, de maneira que eu fosse obrigada a buscar os seus olhos enegrecidos.

Embora ardendo em chamas, simplesmente abriu a palma da minha mão e colocou uma caixinha preta sobre ela, esperando para ver qual reação eu teria. Assim que a vi, entendi o teor da conversa profunda que teve com o meu pai. Fiquei tão emocionada que não consegui abri-la, o que, ele mesmo, do jeito que era impaciente, acabou fazendo por mim.

Eram duas alianças de ouro polido com uma gravação escrita “*Forever*” — para sempre, em inglês — e na menor, que supostamente seria a minha, no lugar do “o” da palavra, encontrava-se um diamante no mesmo formato.

— Ficou corajoso só porque pensa que vai morrer? — perguntei, mirando-o nos olhos. Meu rosto já devia estar na cor de um pimentão.

Ele sorriu.

— Vai impedir um moribundo de ser feliz? — desafiou, deslizando o rosto aquecido no meu.

— Se esse for o seu último desejo, posso até pensar em abrir uma exceção — brinquei, sentindo a respiração desregulando.

— Exceções — corrigiu ele, sussurrando maliciosamente ao meu ouvido, e, para intensificar, mordiscando a minha orelha pelo caminho.

— Você é inacreditável! Como pode pensar...?

— Ainda não morri. Nem sou peru de Natal para ser executado de véspera.

— Não pode se esforçar, lembra? — adverti revirando os olhos, com o coração batendo na boca.

— Allan não entende nada de vampiros. Amá-la não me cansa, muito pelo contrário. Só alimenta o meu corpo de energia para querer viver mais ainda. — Sua voz se tornou ofegante. — E você, como sempre, é a culpada de tudo. Quem mandou ficar linda desse jeito e se perfumar toda para me provocar? Agora não tem mais volta, o seu vampiro apaixonado surtou...

— Se meu pai soubesse o pervertido que você é, não teria dado permissão e muito menos a mão da filha dele — impliquei, tremendo, enquanto ele descia as alças do meu vestido.

— Quem disse que só quero a sua mão? Eu quero tudo. E se ele não permitisse, seria hipnotizado — afirmou, acariciando as minhas costas nuas.

— Está fazendo isso comigo? Hipnose? — Um frio me percorreu pela espinha.

— Não... Nunca faria isso. Preciso sentir que você me ama de verdade. Quero que seja sempre minha por vontade. — Começou a arfar, seu desejo agora era incontrollável.

— Sou sua, Richard. Sempre...

Richard segurou o meu rosto com as duas mãos e finalizou:

— Stephanie, cala a boca e me beija. Não estou aguentando mais!

Mas não calei. Eu fui calada.

E pelos beijos mais ardentes que já sentira antes. Parecia que a cada dia ele conseguia se superar, deixando que eu ficasse ainda mais louca pelos seus carinhos.

Dessa vez não deu tempo nem de subir as escadas. O tapete da sala passou a compartilhar dos nossos segredos. Não havia mais mesmo o que dizer, somente o que sentir. E o que sentia naquele instante era o quanto precisava dele, desse amor que nada tinha de herege ou maculado. Richard era para mim tão vital quanto o ar que eu respirava. Ele era a minha alma gêmea, disso tinha a plena certeza, ou não estaria tão completa, feliz e sem almejar mais nada na vida.

Se Deus ainda me permitisse conceder um único desejo, pediria que Ele não tirasse o meu ar...

Naquela noite, retribuí ao seu amor com todas as forças, com medo que cada segundo fosse o último.

Vinte e quatro

Apesar de ser algo comum em São Paulo, fazia um tempo razoável que não chovia. Porém, acordei no dia seguinte com o barulho da chuva fina na janela, aquela famosa garoa sobre a qual os compositores tanto versavam em suas canções.

Antes mesmo de abrir os olhos, já apalpava o travesseiro ao lado procurando por Richard, mas ele amanheceu vazio. Não sabia nem como havia parado na nossa cama... Com certeza, ele devia ter me carregado enquanto eu dormia.

Imediatamente, o pânico tomou conta do meu cérebro.

Por que ele não ficou no quarto aguardando que eu despertasse, como sempre fazia?

Levantei correndo, escovei os dentes, pus uma roupa qualquer e fui encontrá-lo sério na poltrona da sala. Ele estava pensativo, esboçando ar de preocupação.

— O que houve, meu amor? — perguntei, aflita. — Está sentindo alguma coisa?

— Ainda não, pode ficar tranquila. — Quis ele esboçar um sorriso, mas o som da voz o traía, demonstrando exatamente o contrário.

— Você saiu? Aonde foi tão cedo? — sondei, após percebê-lo arrumado e com a chave do carro ainda entre os dedos.

— Não é tão cedo. Já passa das dez.

— E por que não me acordou? Senti a sua falta ao meu lado.

— Você parecia cansada. Supus que precisava dormir mais.

— Até agora não respondeu... Aonde você foi? Ao laboratório do meu pai?

— Fui só resolver um assunto pendente. Não precisa se preocupar — esquivou-se da resposta.

— Então, por que faz essa cara?

— Só estou... pensando em tomar algumas medidas.

— Que tipo de medidas?

— Esta casa, por exemplo. O carro, algumas sociedades, a conta no banco...

— O que têm eles?

— Preciso arrumar um advogado. E não posso pedir à Ava.

— Para quê?

— Não gostaria que esta casa parasse nas mãos de outra pessoa que não fosse você ou a minha irmã — confessou.

O quê? Não dava para acreditar no que acabara de ouvir.

— Não existe absolutamente nada aqui que me interesse se você não estiver dentro dela — afirmei entredentes, em íntima revolta.

— Eu sei, mas...

— Richard, chega! — cortei logo o assunto. — Não quero ouvir mais nada! Está me deixando agoniada!

— Só tento ser prático. Não sabemos ao certo o que vai acontecer.

Isso soou como uma flechada no meu peito.

— Sei muito bem o que vai acontecer. Você vai ficar curado e nós seremos felizes para sempre — garanti.

— Para sempre... — refletiu profundamente no teor dessas palavras. — É curioso como nunca pensei que desejaria tanto isso agora, já que antes sempre foi um verdadeiro mártir.

— Chega de desânimo! Vamos nos arrumar, fazer a nossa refeição matinal, e se prepare, porque vou levá-lo para conhecer a minha mãe. O que acha da ideia? Ela ainda não conhece o meu namorado — sugeri, procurando animá-lo.

— Noivo — corrigiu.

Não tinha percebido. Richard havia colocado a aliança no meu dedo enquanto eu dormia. A dele também fora posicionada corretamente no dedo da mão direita, e reluzia a cada gesto sutil que ele fizesse. Fiquei profundamente comovida, mas decidi que não iria chorar. Não, enquanto ainda tivesse um fio de esperança na vida.

— Não me lembro de ter dado alguma resposta — instiguei.

— Não aceitaria um “não” mesmo... — debochou, balançando os ombros. — Além disso, você estava louquinha para aceitar, só não lhe dei tempo para falar.

E nem para respirar... Jesus! O que foi aquilo?

— Você é convencido, não?

— Stephanie, quando é que você vai perceber que já nasceu destinada a ser minha? Deus, quando a criou, deve ter lhe apontado numa lança de fogo na minha direção e falado: “Vai, Stephanie, cura o coração vazio desse infeliz, que eu já não aguento mais ouvir tanta lamentação!” — dramatizou.

Diante daquela encenação toda, não deu para conter o riso.

— Não sabia que vampiros acreditavam em Deus — respondi, ainda rindo.

— É claro que acredito. Ou você não estaria aqui comigo hoje. Ele demorou um pouquinho para atender às minhas súplicas, mas depois descobri o seu propósito.

— E qual era?

Richard trouxe o meu rosto para perto do seu com as duas mãos.

— Provar que eu estava enganado. Que eu imploraria a Ele para que passasse mil vezes pelo que passei, só para sentir o amor que sinto por você agora. Que qualquer coisa nessa vida valeria a pena, desde que no final a tivesse comigo. Sinto muito lhe dizer: você não é uma boa médica, o seu diagnóstico estava errado. Não posso estar apaixonado porque a paixão é um sentimento que pode acabar. Já o meu amor... Esse sim, não tem fim. É imutável.

Foi a declaração de amor mais incrível que já recebi, meu coração parecia pular corda de tão acelerado.

— Você é a pessoa mais linda que eu conheço — declarei, afagando os seus cachos por detrás da orelha. — Infinitamente mais lindo por dentro do que por fora. Como pôde se menosprezar por tanto tempo, pensando não ser digno do amor de alguém?

— Não sei se é possível que você consiga compreender o que vou dizer agora porque não me conheceu antes, entende? Eu era vazio, Stephanie. A palavra é exatamente essa: vazio. Uma carcaça sem vida, sem esperança. Era como se a minha alma tivesse sido arrancada do peito a força no momento da

transformação. Por diversas vezes me torturei, tentando entender... Por que *eu*? Quando humano, sempre fui ligado às causas humanitárias, dediquei o meu ofício a ajudar às pessoas, procurei ser correto, digno, honesto, devotado a Deus... O que eu havia feito para merecer tamanho castigo, que era viver eternamente excluído da sociedade, sem ter direito à escolha? Por que não podia simplesmente morrer como os outros e acabar de uma vez por todas com esse sofrimento, ao invés de vagar por mais de um século neste mundo, sozinho, numa espera infeliz e sem sentido?

Seus olhos pareciam entrar em sintonia com o que dizia, perdendo o brilho momentaneamente.

— Só fui realmente compreender isso agora... Não importa a eternidade que leve até que se encontre o verdadeiro amor, e sim a intensidade com que o sentimos quando ele se manifesta em nossas vidas. Hoje estou completo. Na verdade, não foi um castigo o que Ele me impôs, mas uma longa preparação para que eu desse valor ao prêmio que receberia depois. Se eu tiver que morrer agora, aceito sem reclamar porque, no fundo, creio que Ele foi muito bom comigo quando a enviou para os meus braços. Vou amá-la pelo tempo que me for permitido e isso bastará para sempre.

— É tão estranho quando você diz essas coisas — falei quase engasgada, fazendo força para segurar a emoção. — Parece até que descreve a minha vida, e não a sua... É lógico que não fui marginalizada pela sociedade como você e muito menos vivi todos esses anos sozinha; eu tinha os meus pais e alguns poucos amigos. Ou melhor, uma amiga de verdade. Apesar disso, sempre me achei esquisita. E não só eu pensava assim, todos notavam a imensa dificuldade que tinha em me relacionar, chegando ao ponto de me perguntarem se eu não gostava dos homens porque sempre os evitava desde o primeiro contato. Na verdade, nunca tive preconceitos quanto a isso, respeito muito a opção das pessoas. Só que o problema não era com eles, era comigo. Eu também sentia esse vazio. E não um vazio qualquer, mas algo tão imenso que sufocava.

Inspirei profundamente, lembrando.

— No íntimo, lutava para deixar de me comportar como um cubo de gelo, mas foi uma guerra inútil — relatei. — Quanto mais rezasse pedindo ajuda para modificar esse meu jeito de ser, mais parecia ficar presa dentro de mim mesma. Fiz até uma aposta com a minha melhor amiga, garantindo que o amor nunca aconteceria comigo porque, na realidade, nunca senti nada por ninguém, nem mesmo curiosidade. Além disso, o tempo todo tinha a impressão de que incomodava aos outros, de que aquele não era o lugar onde deveria estar. Nenhum lugar era onde deveria estar, nem na minha casa. Dá para acreditar? E agora, diga com sinceridade: como eu poderia acreditar que alguém seria capaz de me amar de verdade, se nem mesmo eu conseguia suportar a minha própria presença oca? E ainda que quisessem arriscar, como a mamãe dizia, o meu imenso “escudo” impediria.

Tomei fôlego outra vez, antes de continuar confessando tudo aquilo que sempre ficou preso dentro de mim.

— Esse vazio só começou a desaparecer no momento em que o vi pela primeira vez. Você me olhou de um jeito esquisito naquele dia e eu não conseguia entender por que isso me deixava tão perturbada, já que o que recebi na ocasião não foram exatamente elogios. Fiquei a noite inteira tentando compreender o motivo de não sentir raiva de você, e mais do que isso: por que estava tão ansiosa por encontrá-lo novamente e o seu rosto não me saía da cabeça? O amor já tinha plantado uma sementinha dentro do peito e foi só crescendo... Passei um bom tempo fingindo para mim mesma que não era nada, sem coragem de aceitar a verdade. Fui obrigada a admitir os meus sentimentos depois que fiquei sofrendo por acreditar que você já amava outra pessoa. Imaginá-lo beijando outra mulher foi tão... doloroso!

Pelo modo surpreso como me olhava, certamente ele jamais imaginou nada disso.

— Era por isso que eu fugia o tempo todo de lhe encontrar, por não suportar enxergar a felicidade

passando diante dos olhos e não ter a permissão de esticar as mãos para alcançá-la. Também é por isso que não posso mais admitir que fique fora da minha vida, Richard. Não agora, que finalmente encontrei o meu lugar. O meu lugar sempre foi ao seu lado. Fechei todas as portas e me guardei todo esse tempo, simplesmente porque já era destinada a ser sua. Só sua. Você é dono das células do meu corpo, de cada pensamento e de todos os meus sonhos. Prefiro acreditar que o Deus que nos uniu não irá fazer com que nos separemos. Não, depois de ter plantado essa força sobrenatural dentro de mim. Eu te amo tanto que chega a doer...

Richard mais uma vez me surpreendeu, quando seus olhos se avermelharam por uma tímida lágrima rubra que ele segurou bravamente para não deixar cair, como se considerasse vergonhoso ou um sinal de fraqueza para um representante do sexo masculino demonstrar sensibilidade.

Estava visivelmente emocionado.

— Perdão, meu amor. Não queria que você ficasse triste — desculpei-me, no intuito de consolá-lo.

— Não estou triste. É que... nunca fui feliz assim antes.

Afaguei o seu rosto enrijecido com delicadeza.

— Pensei que vampiros não pudessem chorar — falei, buscando reverter o quadro.

— Eu também — respondeu meio desconcertado. — Acredito que seja mais um sintoma daquela doença que a “médica” que consultei diagnosticou errado.

— Não se pode acertar sempre. Se bem que ela avisou que não era médica, você quis se consultar mesmo assim..

— Não acertou no diagnóstico, mas o remédio que ela prescreveu foi tiro e queda — devolveu revirando os olhos com aquela malícia que eu já conhecia.

Dessa tive que rir.

— Numa coisa você tem razão. Até que esta aliança ficou bem bonita no meu dedo, estou pensando seriamente em aceitar — brinquei.

— Falei que você estava louquinha para aceitar. Sua frequência cardíaca ficou em 138 batimentos por minuto. Deu essa volta toda só para não dar o braço a torcer? — O sorriso retornou aos seus lábios.

— Não, é que eu queria ouvir uma declaração de amor sua mesmo. Faz bem para a pele das humanas, sabe como são essas coisas... E fica aqui uma advertência: se eu aceitar, a aliança só sairá daqui para passar para o outro dedo.

— Isso é uma promessa ou uma ameaça? Prefiro que seja uma promessa, se bem que também estou aceitando uma ameaça.

— Entenda como quiser, ela já está no meu dedo mesmo... — debochei. — Agora fiquei curiosa. Como sabia o tamanho do aro?

— Peguei aquele seu anel que o Luciano ficou.. *alisando* — revelou com os dentes trincados, dando a impressão de se morder de ciúme. — E depois o levei a uma joalheria que conhecia em Londres. Eles confeccionaram de um dia para o outro. O “*forever*” foi exigência minha. — Sua expressão continuava fechada.

Como não percebi que o meu anel de família não estava comigo por todos esses dias? — indaguei-me. Nunca o tirava do dedo... Se bobeasse, do mesmo jeito que ele colocou a aliança durante a noite, devia tê-lo retirado discretamente para que eu não suspeitasse de nada. E a bobona aqui andava tão entretida com os seus problemas que nem se deu conta disso!

— Engraçado... Pensei que você não sentisse ciúme do Dr. Luciano — alfinetei.

Seu olhar me fulminou como uma lança.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra, Stephanie. Sei muito bem o que a bruxinha aí está insinuando. Sua vida vai ser sempre mais importante para mim, e não posso negar que o Luciano é um médico competente, ou não o teria trabalhando na minha equipe. Mas, se quiser saber a verdade, eu confesso: senti ciúme sim! — Frisou bem as palavras, com os músculos da face endurecidos. — E não foi pouco! Aliás, foi a primeira vez na vida que tive vontade de praticar um ato homicida consciente. Quer dizer, minto: a segunda vez. A primeira aconteceu quando o companheiro daquela sua amiga tentou machucar você. Se ele tivesse encostado num fio de cabelo seu que fosse, eu não teria conseguido conter a fúria e hipnotizado aquele infeliz para que ele sumisse dali de uma vez por todas!

— Aliás, é algo que não consegui entender até hoje. O que você estava fazendo lá?

— Aquele foi o dia em que Ava resolveu arrancar uma confissão de que havia algo errado comigo. Pura coincidência. Íamos sair para conversar em algum lugar, quando a avistei sentada naquele bar com as outras enfermeiras. Daí, preferi estacionar o carro na calçada e apontar para o verdadeiro motivo da mudança do meu comportamento... até aquele imbecil levantar a mão para agredi-la.

— Nem acreditei quando você apareceu. Pensei que iria levar uma surra.

— Ah, mas não iria mesmo! — resmungou.

— Hipnotizou o Sérgio... E quanto ao Dr. Luciano? Ainda não explicou a sua... “vontade de praticar um ato homicida”.

— Até que o Luciano deu sorte, porque esmurrei o espelho da minha sala, e não a cara dele! Com a força que um vampiro possui quando está com raiva, não consigo nem imaginar aonde a cabeça do sujeito iria parar, já que, com certeza, ela se separaria do corpo — disparou, contraindo os punhos. — E o cômico nisso tudo é que ainda tive que sair e comprar outro espelho igual para pôr no lugar, antes que alguém viesse perguntar o porquê do meu vandalismo... — rosnou, abaixando a voz. — Vamos mudar de assunto? Não gosto de falar e muito menos me lembrar disso.

— Credo! Tudo isso por causa de um anel?

— É lógico que não foi por causa do anel! Não entendeu ainda? — resmungou novamente. — Ele podia pegar na sua mão, cumprimentá-la com um beijo no rosto, falar coisas ao seu ouvido, rir com você, oferecer carona, acariciar o seu cabelo, e eu... Tive que ver tudo aquilo que desejava para mim, tendo a obrigação de me afastar e ainda por cima fingir que não sentia nada! E você não deve ter a mínima noção do que é isso, ou não insistiria em me torturar com essa conversa!

— Ah, não? Acha, por acaso que não tenho ciúme de você? O que pensa que senti quando confessou que sofreu de amor por causa da sua... *noivinha*? — imprimi um quê de desdém na voz.

A expressão dele foi de incredulidade.

— Como foi que a Juliet veio parar nessa conversa? Ela está morta e enterrada! E não tenho olhos para outra coisa na vida, que não seja você. Não consigo nem mesmo mais lembrar direito do rosto dela, se estiver interessada em saber.

— Ainda assim, não foi fácil digerir que... que a sua primeira vez foi com ela — diminuí radicalmente o volume da fala, quase arrependida por soltar essa confissão.

— A primeira vez que fiz amor na vida foi com você. Nisso somos iguais — afirmou categoricamente. — Nunca toquei na Juliet assim e muito menos senti por ela um milésimo do que sinto por você.

— Mas você disse que...

— Falei que não era virgem, não que tinha feito amor com alguém antes. São situações bastante distintas — ressaltou. — As coisas naquela época eram bem diferentes de hoje em dia. Um rapaz normalmente não se tornava homem com alguém que gostasse. Também não creio que esse assunto seja apropriado agora, ainda sou uma pessoa do outro século. — Fez uma expressão de desconforto.

— Foi mal, estou sendo ridícula mesmo — lamentei, cobrindo o rosto com as mãos.

— Você não é ridícula, e consegue ficar linda até mesmo fazendo essa carinha enciumada — elogiou. — Só acho que perdemos tempo falando de coisas que não vão nos levar a lugar algum, concorda?

— Concordo. E sobre o que o meu *noivo* gostaria de falar, afinal? — Soletrei a palavra noivo bem devagar, sentando no seu colo.

— Isso é um sim? — O brilho do seu azul-violáceo vítreo se intensificou.

— É, mas não é um sinzinho qualquer. É um SIIIIIIIM!!! — concordei, colando meus lábios nos dele.

— Já vi que vou ter que tomar cuidado com você, ou acabarei os meus dias como seu escravo, jogado num porão qualquer — retribuí, mordiscando a pintinha de nascença que eu tinha no lábio.

— Um escravo como este até que não seria uma má ideia... — sussurrei, beijando a sua boca lentamente.

— Hummm... Tem certeza de que ainda quer viajar? Parece mais que estou prestes a ser devorado por uma leoa. Não que eu tenha algo contra... — debochou, aceitando com satisfação o carinho.

— Tem razão, vou deixar para saborear a minha presa na volta. Pode sentar no seu lugar. Já vou aquecer a sua refeição. — E levantei para pôr a mesa.

— Droga! Eu tinha que ter dito isso? — grunhi baixinho, recriminando a si próprio.

Vinte e cinco

A nossa viagem de carro foi tranquila, apesar da chuva. Concluí que foi melhor dessa maneira, eu sabia que o sol e a claridade enfraqueciam o corpo dele. Sendo assim, ela se tornou até providencial.

Levei Richard para visitar alguns pontos turísticos ao entardecer. Embora ele já tivesse vindo ao Rio várias vezes, nunca teve tempo de conhecer de perto o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, a famosa praia de Copacabana. Era realmente uma paisagem de tirar o fôlego de qualquer ser humano ou não deste planeta. Logicamente, em apenas um final de tarde não daria para fazermos um tour demorado. Daí, tivemos que escolher um dos lugares para passarmos mais tempo, e o restante admiramos pelo caminho.

— Fique paradinho aí. Agora você vai sentir o potencial da minha máquina fotográfica. Sorria!— solicitei, fotografando-o no Corcovado.

Seus olhos azuis em contraste com aquela paisagem pareciam um monumento de celebração à natureza. Quis clicar aquele instante, não como uma recordação banal da primeira viagem que fizemos juntos, mas como um marco do início da nossa felicidade eterna, abençoada pelo Pai ao fundo. Até eu mesma, que nunca me senti fotogênica, fui obrigada a reconhecer que fiquei bem na foto.

O amor faz bem para a alma...

— Posso bater uma sua? — perguntou Richard.

— Se não ficar boa, não pagarei pelos seus serviços — debochei.

— E quem disse que negociarei esta? Quero uma foto sua só para mim.

O vento soprava forte e os meus cabelos esvoaçavam para todos os lados. Fiquei tentando segurá-los com as mãos, não havia jeito de ficarem quietos.

— Solte-os — pediu. — É assim que sonho com você todas as noites: linda e com os cabelos ao vento.

— Sonhou mesmo comigo ou com alguma Medusa?

— Fala assim porque não pode se enxergar através dos meus olhos — disse, analisando-me pelo visor da máquina.

— E o que você vê?

— Tanta coisa...

— Defina com uma só palavra — desafiei.

— Perfeição.

Quase engasguei com a resposta.

— Já vi que terei que fazer uma nova consulta quando voltarmos para casa — brinquei. — Você está com um baita problema de vista.

— Vampiros enxergam mil vezes melhor do que os humanos e, além disso, a visão foi o sentido que mais aguçou na minha “doença”.

— Visões distorcidas ou embaçadas?

— Ampliadas e com tecnologia de alta definição.

— Nossa! Está mais parecendo um anúncio de eletrônicos!

— Vai ter que se render e admitir que dessa vez eu ganhei a guerra. — Sorriu, triunfante.

— Se isso é tão importante para você...

— Na realidade, não é. No final, acabo sempre ganhando. Só a minha noiva que não percebeu ainda

— ironizou.

— Ah, é? Então empatamos, pois toda vez que você vence, compartilho do prêmio depois.

Richard parou por um momento, raciocinando.

— Você tinha que me tirar o gostinho da vitória, não é? — Começou a rir.

— É, mas posso dividir a recompensa com você mais tarde, se quiser. — Ri também.

— Feito. Estou perdido mesmo... — Balançou a cabeça, caçoando de si próprio.

A foto que ele bateu realmente impressionou. Diria que digna de prêmio. O efeito visual do entardecer, da paisagem e dos cabelos ao vento criou uma imagem quase que surreal. Nem parecia que era eu ali, estampada no visor da máquina.

E ele adorou. Disse que iria colocá-la na sua agenda e que a levaria para onde estivesse. Já eu, imaginei exibir na mesinha de cabeceira uma foto de nós dois juntos, sorrindo, com o Cristo Redentor ao fundo, já que, no meu entender, sozinhos não éramos completos. Essa foto foi batida por outro fotógrafo profissional, para quem pedi na hora que nos fizesse esse favor.

Depois disso, levei Richard a um ponto da cidade onde era possível enxergar ao longe o Museu de Arte Moderna de Niterói. Sempre fui fã das obras fantásticas do arquiteto Oscar Niemeyer e considerava o monumento um ponto turístico imperdível. Ele ficou fascinado com a paisagem. Creio que nunca parou para admirar as belezas naturais do nosso planeta por se encontrar num estado permanente de vigília perante aos seus pacientes. Sua mente havia sido bloqueada aos simples prazeres da vida devido às inúmeras obrigações impostas a si próprio.

Ao contrário, parecia que ali a situação tinha se invertido. Eu passei a ficar de olho em algum sinal que pudesse ser um indício do tal “vampiroma” — apelido dado por ele a essa doença maldita —, que até aquele momento não havia se manifestado. Pelo menos, nada que eu tivesse percebido.

Minha mãe ficou encantada por conhecê-lo.

E não era para menos: Richard a tratou com uma educação exemplar. Foi só aí que entendi como foi que ele conquistou o meu pai tão rapidamente...

Também pudera! Havia nascido em outro século, numa época em que a gentileza e os bons tratos eram exigidos de uma forma severa. Atos praticamente esquecidos pela sociedade de hoje — por exemplo, puxar uma cadeira para uma dama se sentar ou beijar o dorso da mão ao cumprimentar — eram feitos por ele com tamanha naturalidade que chegavam a chamar a atenção. Até quando estive à mesa, no jantar, fingia comer com tamanha naturalidade e satisfação que a minha mãe se sentiu orgulhosa por agradar ao genro, prometendo, inclusive, empenhar-se mais na nossa próxima visita.

E o engraçadinho ainda agradecia e a estimulava, dizendo que iria cobrar...

Contudo, bastava que ela saísse de perto ou que se distraísse, para que ele me empurrasse uma garfada ou outra na boca, esvaziando o seu prato e morrendo de vontade de rir da situação.

Para completar o quadro, eu é que terminei ficando com a fama de enjoada ou anoréxica, pois no meu estômago não cabiam duas refeições. Sendo assim, tive que comer a dele.

— Acho que terei que receitar umas vitaminas para você ou, talvez, um estimulador de apetite —

criticou cinicamente Richard, apontando para o meu prato ainda cheio. — Depois que ela contraiu uma virose e emagreceu, anda meio rebelde para comer, Rachel.

— Que novidade é essa, Stephanie? Você sempre jantou tão bem! Quer me deixar preocupada? Assim, vai acabar desaparecendo! — Recebi uma bronca da minha mãe.

— O Richard só esqueceu de informar, mãe, que me empurrou uns lanchinhos pela goela durante toda a viagem! — acusei, fuzilando-o com os olhos.

— Aquilo encheu o seu estômago? Nossa! Você está pior do que eu pensava! Creio que só as vitaminas não serão suficientes. Quem sabe um suplemento alimentar... — fingiu ele meditar, novamente piorando o quadro.

Ele fazia aquilo para me irritar, ficar bem na fita ou simplesmente resolvera dar início a mais um duelo?

— Você fala isso porque come demais, meu amor — praticamente rosnei.

— Ô filha! Assim ele vai ficar sem graça de comer aqui em casa! — reclamou mamãe comigo, defendendo o seu mais novo protegido. — Richard, não liga para o que ela disse não, por favor...

— *Iiiiiih!* Já nem ligo mais... Sua filha me maltrata assim desde que a conheci.

— Devo ter falhado em algum ponto na educação dessa menina — simulou ela ar de culpa. — Aguarde só um minuto, vou buscar a sobremesa. — E se levantou, indo em direção à cozinha.

— Richard, se você encher o prato com a sobremesa, juro que o mato! — ameacei baixinho.

— Chegou atrasada, amor. Já tenho os dias contados. E quem proferiu a própria sentença foi você mesma: disse para a sua mãe que eu sou guloso... — debochou.

— Estou falando sério, o meu estômago está quase explodindo! Se você não parar, vou passar a noite inteira vomitando!

— Sinto muito, hoje é o dia de agradar à minha sogra — continuou, implicante.

Levei uma das mãos à testa, buscando conter a impaciência.

— E se eu propuser a você uma troca?

— Tem que ser uma proposta muito boa para fazer com que eu mude de ideia.

O mais irritante nisso tudo era ter que engolir aquele brilhinho nos olhos dele, como se estivesse dizendo: “Venci. Agora você ficou sem saída”.

— Tudo bem. — Pensei por alguns segundos. — Prometo que, se nada acontecer a você, volto a ser sua enfermeira auxiliar no hospital.

— Acabou de aumentar o meu complexo de culpa. Trabalhar comigo é tão sacrificante assim? — indignou-se. — Além do mais, se eu realmente sobreviver, será a minha esposa e, como tal, pretendo que fique ao meu lado o tempo todo. Portanto, seu argumento foi derrubado. Arrume outra proposta melhor.

Meu pé começou a bater ritmicamente de ansiedade por baixo da mesa.

— Confesso na frente do Dr. Luciano que já era... apaixonada por você — propus, começando a falar ainda mais baixo.

— Hmmm.. Proposta tentadora — simulou avaliá-la. — Mas... não.

— Por que não?

— Por que eu ficaria feliz vendo a mulher que amo confessando uma coisa dessas a quem quer que seja, como se isso fosse um castigo ou vergonhoso?

— Não tenho vergonha do que sinto, apenas... falar da minha vida íntima para os outros é complicado para mim — argumentei. — Eu sou tímida, quase uma eremita. Não percebeu ainda?

— Última chance — eliminou por completo a sugestão.

— E já adianta que não vou aceitar nada que seja *doloroso* para você — alertou em tom de gozação.

Soltei o ar dos pulmões de uma vez só. O que mais inventar para me livrar daquela enrascada?

— Deixo a porta do meu quarto destrancada e, assim que o Juninho apagar, você vai para lá dormir comigo. Que tal?

— Isso já não é mais uma proposta, é um verdadeiro suborno! — exclamou, divertindo-se. — E fique a senhorita sabendo que não sou o corrupto que imagina. Já disse que sou um rapaz de família e você está tentando me levar para o mau caminho logo na casa da minha sogra? Enlouqueceu? Se tivesse proposto somente um beijinho, eu teria aceitado. Mas diante do insulto ao meu caráter, vou ter que recusar.

— Richard, por favor! — implorei quase chorando e ele se deliciava com a situação.

— Ora, ora... É curioso como a vida dá voltas, não? Até alguns dias atrás, eu vivia sofrendo porque não podia sequer chegar perto desta mulher, era só dar um passo adiante e ela fugia de mim. Agora ela precisa tentar me subornar e até mesmo implorar para que eu durma com ela. Estou orgulhoso de mim mesmo. Isso é que dá ser competente! — ironizou sorrindo, de olhos fechados.

Hã? Eu? Querendo suborná-lo para que dormisse comigo? Concordo que sentiria a sua falta sim...

Ok, confesso: sentiria *muito* a sua falta.

Contudo, o que imperava no presente momento era o instinto humano de evitar a tragédia que seria o meu vulcanismo estomacal noturno.

— Grrrrrrrr! Richard! — grunhi, advertindo-o.

— Tudo bem. Quebro o seu galho dizendo que sou diabético, mas ainda ficará me devendo um beijo daqueles, que cobrarei sem piedade na primeira oportunidade em que estivermos sozinhos. E terá que se empenhar muito, porque se eu não ficar satisfeito, vou comer muito mais no café da manhã. — Sorriu e disfarçou quando notou que a minha mãe retornava com um pudim nas mãos.

Ela acomodou a travessa na mesa com sutileza.

— Nossa! Se o sabor estiver correspondendo ao visual... — elogiou Richard, fingindo admirar a sobremesa na maior cara de pau. — Que pena, Rachel! Infelizmente, terei que recusar essa tentação. Sou diabético.

— Que coincidência! Parece até que eu adivinhei... Pode comer à vontade, Richard. Só usei produtos dietéticos nele. Fiquei de receber a visita de uma amiga que também é diabética, mas ela desmarcou comigo um tempinho antes de vocês chegarem — ofereceu minha mãe.

Ele me lançou uma expressão indecifrável diante da surpresa e naquele instante descobri como deveria proceder para reverter a batalha: ataque.

Essa era a melhor defesa que existia.

— Você tinha razão, mãe. Richard ficou envergonhado porque falei que ele comia muito. Mas não vai conseguir resistir a um docinho dietético, não é, meu vampirinho? Pode deixar que eu mesma lhe sirvo e fico esperando calmamente aqui, com a mamãe, até você terminar... — Sorri gloriosa, colocando um pedaço de pudim na sua frente.

— *Vampirinho?* — ela estranhou, entortando um sorriso nos lábios.

Richard arregalou os olhos, demonstrando aflição diante do deslize que cometi na presença da mamãe.

Chamá-lo de “vampirinho” realmente não estava no meu *script*.

A sorte era que a minha aptidão para a estratégia se revelava amplamente aguçada nesse dia.

— Conhece apelido mais adequado para um hematologista? — indaguei, levantando uma sobrancelha em sinal de deboche.

— Ah! Essa é boa! — Caiu mamãe na gargalhada. — Nunca havia pensado nisso, nem mesmo quando fui casada com o seu pai!

— Sou até boazinha com ele. Para quem me chama de bruxinha...

Foi a vez de Richard me fuzilar com os olhos, reagindo à acusação que acabara de receber, embora a percepção de que fiz aquele rodeio exclusivamente para dispersar a conversa tenha sido captada logo em seguida.

— Você bem que merece esse apelido. Do jeito que me maltrata o tempo inteiro... — Ele se defendeu, aliviado.

— Ah, ah! — Riu ela novamente. — Vocês têm cada uma!

— Acha que é brincadeira minha? Estou falando sério! — resolveu ele contra-atacar. — Consegue acreditar que atravessei correndo metade da cidade de São Paulo em pleno plantão de outro hospital, imobilizei o pulso torcido da sua filha com todo carinho, preocupado em não acordá-la porque sabia que ela estava exausta, e no final... ela sequer foi capaz de pensar que fui eu e ainda atribuiu o mérito ao outro apaixonado dela?

Aí fui eu quem mirou com incredulidade um olhar inquisitivo nele.

— F... Foi *you*? Mas...

— Não disse? Preciso dar mais alguma prova? — disse ele em refinado escárnio.

Ela se curvou mais uma vez para rir.

— Stephanie, será que dá para buscar o Juninho na casa do Flavinho enquanto lavo a louça? — pediu minha mãe.

— Dá, só estou esperando o Richard terminar... — Esse foi o meu tiro de misericórdia.

É claro que ele não teve saída. Foi obrigado a comer o pedaço inteiro de pudim, fingindo adorar a sobremesa.

E assim que a minha mãe se retirou para recolher a louça, ficou desesperado, fazendo cara de vômito, tentando descobrir onde ficava o banheiro.

— Segunda porta à esquerda, no fundo do corredor — indiquei, provocando-o de propósito.

Ele se levantou imediatamente, só que antes o interceptei pelo antebraço:

— Ah, só mais uma coisinha, amor... Espero que esteja preparado para se superar no meu beijo mais tarde, porque se eu não gostar, amanhã o seu café da manhã será de um atleta olímpico!

Uma rodada de aplausos para mim, please.

— Ok, você venceu. Acabou de me encurtar a vida em menos um dia. Mas eu mereci por tentar desafiar uma chantagista de primeira linha. E quanto ao beijo... Pode deixar que você não vai se arrepender, garanto. Só que antes preciso tirar isso da minha garganta. — E removeu o braço rapidamente, sumindo da minha visão periférica numa velocidade impressionante.

Alguns minutos depois, ele retornou com outra cara e insistiu para que fôssemos buscar logo o Juninho, com a desculpa de estar ansioso para conhecê-lo.

Assim que saímos pela porta da frente e contornamos a varanda, puxou-me com um pouco de violência para os seus braços e me beijou de forma tão enlouquecedora que deveria ser proibida. Foi praticamente um assalto faminto aos meus sentidos, uma provocação explícita, infame e incendiária. Precisei ser escorada no beiral da janela para não despencar com ele no chão e perder de vez a cabeça.

Quando terminou, fiquei arfando ansiosa, querendo mais.

— Negativo — respondeu ele, vingativo diante do apelo. — Só estou pagando uma dívida. Para ganhar mais um desses, somente implorando. E não vai poder mentir, dizendo que não gostou. Eu ouço muito bem o seu coração acelerado. O seu irmão também não pode ficar esperando...

Foi até gentil da parte dele dizer que o meu coração estava apenas acelerado. No meu conceito, ultrapassou todos os limites de velocidade e deveria levar multa de sete pontos na carteira.

— Você podia ter evitado isso, se quisesse — subentendi.

— Não hipnotizaria a sua mãe para tirar vantagem de uma situação — justificou, irritado.— Não me faça parecer pior do que já sou, bruxinha.

— Ok, declaro meu vampiro o vencedor dessa guerra. Agora vem dividir a vitória comigo, vem... — supliquei melosa, encostando novamente os lábios nos dele.

— Eu devia era castigá-la pela situação que me fez passar — murmurou com os dentes trincados e os olhos enegrecidos, contendo uma fúria interna. — Mas já vi que não vou conseguir. Pelo que andei percebendo, a minha noiva já aprendeu a me manipular direitinho. Só vou beijá-la mais uma vez porque fui declarado o vencedor, e não porque estou sendo atiçado por você.

— Ahã. — Fingi que concordei só para apressar o desfecho.

— Pode deixar também a porta do seu quarto trancada: não vou dormir com você na casa da sua mãe enquanto não formos casados. Isso é moderno demais para alguém que nasceu antes de Thomas Edison obter luz a partir da energia elétrica. E quanto ao café da manhã... Não se preocupe. Vou amanhecer com náusea por ter “comido” demais hoje à noite — resmungou.

— Recado dado. Só falta agora o meu beijo — sussurrei.

— Estou perdido mesmo... Você ainda vai me enlouquecer de vez! — exclamou, agarrando a minha cabeça com força para me beijar novamente, como se eu não soubesse que ele queria aquilo tanto quanto eu e não aceitava dar a mão à palmatória. Apenas precisou ser um pouco mais rápido, preocupado com a responsabilidade de buscar o meu irmão.

E como não poderia deixar de ser, a segunda etapa da conquista familiar foi um sucesso.

É lógico que com o Juninho também não seria diferente. Aliás, fiquei impressionada com a paciência e a atenção que Richard dedicou ao meu irmão. Sentou-se no chão da sala com ele e o ensinou diversas brincadeiras, coisas até extremamente simples: jogar bolinhas de gude, soltar um pião e fabricar seus próprios brinquedos, como carrinhos e catapultas, utilizando pequenos pedaços de madeira. Também contou diversas histórias, prometendo outras para a hora de dormir. Conquistou-o de tal forma que o figurinha até esquecia a minha presença. Cheguei à conclusão de que teria sido um pai nota dez, se pudesse ter seus próprios filhos.

Tudo soava tão perfeito que às vezes dava medo. Toda essa felicidade tinha mesmo que acabar? Por quê?

— O seu pai ligou — revelou minha mãe. — Fiquei muito feliz por saber que ele está vivo. Não consigo nem imaginar o que deve ter passado, ficando nas mãos de sequestradores por tanto tempo!

Coitado do Allan! Apesar disso, ele parecia estranhamente calmo... e já começou a trabalhar em alguma pesquisa urgente, como sempre.

— É até melhor que seja assim, mãe. O trabalho distrai a cabeça dele e faz com que se esqueça desse período ruim — defendi-o, embora o pensamento voasse longe, povoado pelo problema de Richard.

— O que há com você, filha?

É claro que a minha expressão de preocupação não lhe passou despercebida.

— Estou apaixonada por ele — confessei deliberadamente, não dava mais para disfarçar mesmo...

— Nossa! Não é que você finalmente desabrochou! E está apreensiva por causa disso?

Ela não entendia a minha aflição e eu também não podia falar. Aliás, o que diria? Algo do tipo: “Mãe, estou preocupada porque Richard é um vampiro e pode, de uma hora para outra, morrer, já que sugou do meu pescoço o sangue contaminado que herdei da vovó”?!
Não. Quem sabe um dia...

— É que é tão forte que estou sentindo medo — admiti. — Acabo tendo a impressão de que alguma coisa ruim vai acontecer e estragar tudo.

— Quando amamos, ficamos sempre temendo perder o que conquistamos. Se dá medo é porque é verdadeiro. Provavelmente deva ser algo parecido com o que sinto por você ou pelo Juninho.

— Também a amo, mãe — devolvi o carinho.

— Eu sei. Mas que bom gosto você tem, hein! — elogiou, mudando de assunto. — Richard só precisava tomar um pouquinho de sol. É tão branquinho!

— Falta de tempo.

— É um rapaz muito educado — completou.

— Pois é... Dei sorte — concluí, incapaz de desmanchar a expressão triste.

— Ele também deu — afirmou a mamãe coruja. — Já vi que pelo menos em alguma coisa você se parece comigo. É rápida. Quando ficou noiva?

— Ontem — respondi, contemplando a minha aliança.

— Não devia ficar tão preocupada. Esse rapaz não vai decepcioná-la.

— Como pode afirmar uma coisa dessas?

— Não é óbvio? Nenhum homem fica noivo em tão pouco tempo se não estiver apaixonado. Além disso, deu para perceber o quanto ele a ama pelo jeito como fica o tempo todo seguindo cada movimento seu com os olhos, e também... pelo modo como a beijou na varanda.

— Mãe! — reclamei, totalmente sem graça. — Ficou nos espionando?

— Eu? — protestou. — Vocês é que quase quebraram o vidro da janela da varanda. O meu vaso de avencas ficou totalmente destruído! Estavam tão ocupados que nem notaram a minha presença e a dos vizinhos.

— Ai, meu Deus! Que vergonha!

— Não precisa ter vergonha de mim. Já tive a sua idade e sei muito bem o que sentimos quando estamos apaixonados. Só espero que esteja se prevenindo. Do jeito que a coisa vai... — insinuou.

— Pode... ficar tranquila. — Escondi o rosto enrubescido entre as mãos, constrangida.

— Acho que o seu noivo quer atenção, ele não para de olhar para você — murmurou ela ao meu

ouvido, risonha.

Ele abriu um sorriso ao cruzarmos nossos olhares.

— Viu só? Não há com o que se preocupar, vocês serão felizes.

— Deus a ouça.

Abracei-a com força, desejando que aquelas palavras fossem uma promessa.

Vinte e seis

Antes de retornarmos a São Paulo, no dia subsequente, levei Richard para conhecer a minha melhor amiga Anne, que surpreendentemente surgiu ainda mais magra e bonita. Desconfiei que a terapia finalmente surtira um efeito benéfico para ela.

E como já esperava, ela resolveu cobrar por suas apostas.

— Pode pagar. E agora! — disse ela, rindo às minhas custas.

— Ninguém come sushi no café da manhã — adverti.

— Posso esperar até o almoço.

— Pare com isso, Anne! Na próxima vez que eu vier, você faz a cobrança — protestei, diminuindo o volume da voz para que ele não nos escutasse.

— Era ele o tal “doutor exigente”, não era?

— *Bingo* — tive que confessar.

— Sabia! Você não me engana nunca! E ainda dizia que não dava sorte... Quisera eu ter uma sorte dessas!

— É, admito que dessa vez ganhei na loto.

— Loto? Esse daí faz jus à mega sena, primeiro prêmio, e no acumulado! De agora em diante, fique de olho. Se encontrar outro irritadinho como ele dando sopa por lá, é só me apresentar que eu dou um jeito no mau humor do sujeito em um segundo!

— Anne, não enche!

— Tem certeza de que ele é humano? Nunca vi uma coisa dessas rodando por aí...

— Juro que cheguei a desconfiar disso também — ironizei, pensando em como ela conseguia chegar tão perto da verdade com tamanha facilidade.

— Somente um cara assim para fazer a minha amiga mudar — implicou.

— Sei que não é fácil acreditar, mas, mesmo ficando impressionada à primeira vista, não foi exatamente a beleza dele que me atraiu. Também não sei dizer o que foi, suponho que fiquei apaixonada pela sua alma. É muito mais profundo.

— Demais! Nunca pensei que ouviria logo a maior escudeira da paróquia confessando uma coisa dessas! Espere aí, ainda não contou o principal. Vocês já...? — subentendeu, fisciando de curiosidade.

Em resposta, somente contive um sorriso encabulado e revirei os olhos num suspiro, o que foi suficiente para que Anne compreendesse e soltasse um “uau” sem som, simulando se abanar com as próprias mãos.

— Stephanie, isso aí no seu dedo é o que estou pensando?

— É, fiquei noiva.

— Caraca! Você é meu ídolo! O que fez para conseguir isso?

— Sinceramente, não sei. Até agora, não entendi o que ele viu em mim. E, para ser sincera, não estou nem um pouco a fim de contestar — brinquei.

— Richard, por acaso você confundiu a Stephanie com um poste? — perguntou Anne, aproximando-se dele em provocação.

Chutei a perna dela tentando fazê-la parar.

— Não sei do que vocês estão falando, mas, se confundi, foi o poste mais bonito que já vi. Tanto que acabei levando para casa — declarou ele, encarando-me com o olhar meloso.

— Podia ter dormido sem essa — sussurrei no ouvido dela.

— Ah, é? Pois agora espere para ver. — Tomou ela como um desafio. — Richard, você sabia que a Stephanie fez uma aposta comigo? Garantiu de pés juntos que nunca ficaria apaixonada...

— É mesmo? Tomara que ela tenha perdido dessa vez, já que seria eu o beneficiado. — Ele me ajudou como num complô. — Pagaria até pela aposta dela. Aliás, o que foi que ela apostou? É alguma coisa restrita às mulheres, ou poderei compartilhar com a minha noiva?

— Apostei um rodízio de comida japonesa, meu amor. Já está com fome a esta hora da manhã? — perguntei, sarcástica.

— É, tem razão. Acho que vamos ter que deixar para pagar essa “deliciosa” aposta na próxima visita, ou não chegaremos a São Paulo no horário que combinamos — esquivou-se num lamento providencial.

— Tudo bem, já vi que estou lascada com vocês dois. A propósito, por acaso não conhece nenhum doutor assim... exigente ou irritadinho, para me apresentar lá em São Paulo? — insistiu ela, por pura implicância.

— Anne! — reclamei furiosa.

— Irritadinho? — Estreitou ele os olhos na minha direção, desconfiado. — Hmmmmmm... — fingiu pensar, abrindo um sorrisinho duvidoso. — Receio que não. Agora, se fizer o seu tipo, conheço um doutor que vai fazê-la rir um bocado.

Engraçadinho, não? Embora soasse como uma piada, bem que observei uma faísca naquela íris, como quem transparece maquirar uma vingancinha particular.

A viagem de volta foi um tanto silenciosa.

Passamos a maior parte do tempo fitando o que mais temíamos perder, ou seja, um ao outro. Esse silêncio perdido entre os nossos olhares revelava um súbito desespero que no fundo não tínhamos coragem de revelar por meio de palavras, porém fluía magneticamente a cada encontro de mãos.

Por diversas vezes durante o percurso encontrei a negação estampada no balanço da sua cabeça. Ela parecia se perguntar: “Por quê?” E não se tratava do medo da morte ou algo semelhante, mas da pressão que o amor contido fazia para se libertar, depois de tanto esperar.

Em alguns momentos, só foi possível continuar dirigindo após pararmos o carro em algum acostamento ou num restaurante de beira de estrada para matarmos a saudade e dar vazão a tanta vontade de nos beijar. Éramos como dois ímãs com cargas opostas, não havia como nos separarmos.

À medida que as horas passavam, aquele turbilhão de sentimentos ia aumentando, trazendo-me a nítida sensação de que só conseguiria impedir que algo ruim acontecesse se estivéssemos agarrados de alguma forma pelos nossos abraços ou qualquer carinho que fosse.

Eu fazia de tudo para manter a serenidade e a esperança de que o meu sangue não o afetaria, afinal, os vampiros não eram quase imortais?

Entretanto, algo por dentro apertava, especialmente por intuir que ele intimamente esperava por aquilo

como quem se acostumara a conviver com as sinas e aceitá-las. Uma lenta e temerosa feridinha no peito crescia lentamente, revelando, pouco a pouco, o tamanho da dor que anunciava o nosso porvir.

Tirei algum tempo para indagar mais sobre o resgate do meu pai, numa tentativa inútil de enganar a minha própria angústia, e ele foi relatando tudo, nos mínimos detalhes.

O tal vampiro que o hipnotizou era o seu principal colaborador financeiro em um projeto de pesquisa importante, considerado oneroso sob o ponto de vista atual e, inexplicavelmente, de uma hora para outra, exigiu o dinheiro de volta, chantageando-o.

Foi obviamente uma cilada.

Como papai não tinha mais a quantia em mãos por tê-la empenhado integralmente na pesquisa, tentou propor um acordo na cova da onça e não conseguiu mais retornar. Daí a explicação para o seu nervosismo na época. Só não foi morto porque, como pesquisador internacional, tinha livre acesso aos bancos de sangue do mundo inteiro, o que, segundo Richard, seria conveniente até demais. É lógico que ele não poderia aparecer nos hemocentros das cidades principais, pois se tratava de um homem conhecido dentro da medicina. Só o fazia em lugares mais a ermo, em horários de movimento menos acentuado e, ainda assim, sob vigilância constante.

Após resgatá-lo, Richard o levou diretamente para a França, escondendo-o em um lugar discreto até conseguir o passaporte e o visto de urgência na embaixada, o que não demorou muito para acontecer devido ao seu providencial poder de “persuasão”.

Quando chegamos ao centro comercial de São Paulo, algo chamou a atenção de Richard.

Estranhamente, estacionou o carro num local seguro e pediu que o aguardasse ali por alguns minutos. Fiquei sem entender a sua atitude. O que poderia ser tão importante para ele, numa área de comércio tão luxuosa? Tentei me lembrar de alguma coisa que estivesse faltando na casa, porém nada veio à mente.

Cerca de vinte minutos após, ele retornou com uma caixa enorme nas mãos, a qual guardou direto no porta-malas.

— O que é isso? — perguntei, curiosa.

— Qualquer hora você vai saber — respondeu de um jeito enigmático e piscou o olho.

É lógico que continuei curiosa, ainda que, ao mesmo tempo, a ansiedade não deixasse a cabeça pensar em mais nada que não fosse a sua “saúde”. Enquanto não tivesse plena certeza de que ele estaria a salvo, não ficaria sossegada. Eu sabia que deveria ficar de olhos bem abertos, atenta a qualquer sinal. Apenas não esperava que essa expectativa estivesse tão perto de acabar.

Praticamente uma semana após a viagem ao Rio, o meu suplício iniciara.

Ao acordar, percebi logo que algo havia de errado. Richard ainda estava adormecido com a expressão serena e isso seria até perfeitamente normal, se não passasse a conhecê-lo direito. Quase não dormia, principalmente se estivesse próximo demais. Em geral, era sempre ele quem ficava acordado, mexendo no meu cabelo, ansioso para que eu abrisse os olhos e iniciasse o dia com um beijo matinal.

Intuitivamente, levantei e observei o seu semblante: era lindo demais, até mesmo dormindo. Ainda mais assim, sem camisa, com aquele braço torneado por baixo da cabeça... Tinha um físico naturalmente forte, não semelhante ao daqueles malhadores inveterados e madrugadores de academia, mas parecido com o dos atletas da natação. Seu abdome era definido e afinava gradativamente em direção aos quadris, sobressaindo os ombros largos. Devia ter praticado algum tipo de esporte aquático enquanto humano...

Reprimi o impulso de acordá-lo e me aproximei ainda mais para analisar o restante do corpo.

As minhas suspeitas se confirmariam, sem dó nem piedade de mim: havia algumas manchas escuras na região posterior do pescoço, outras maiores cobrindo as costas e também as pernas. Tentei tapar a boca com as mãos para segurar o desespero que me tomava por completo, mas não consegui. Um som sofrido e agudo saiu de dentro dela, sem querer o despertando.

Ele abriu os olhos e imediatamente suspeitou da minha expressão. Não tive coragem de ficar ali para encarar aquele olhar. Saí correndo pelo corredor e me tranquei no boxe do banheiro. Foi o maior acesso de covardia que havia tido na vida. Senti uma pontada tão grande no peito que não aguentei e escorreguei pela parede ladrilhada até despencar sentada no chão frio. O que mais me corroía internamente era essa certeza cruel de ser a culpada por tudo aquilo. Se eu não tivesse entrado naquele hospital, aceitado e sucumbido a esse amor avassalador, nada disso estaria acontecendo. Só agora me dava conta de que não poderia conviver com tamanha dor.

— Stephanie? — Ele bateu à porta. — Stephanie, por favor, saia!

Sentia-me covarde demais para levantar. As pernas tremiam e as mãos não queriam obedecer ao meu comando.

— Stephanie, meu amor, não faça assim comigo! Abra esta porta! — implorou, dessa vez preocupado.

— Não dá! Não consigo! — respondi, gemendo de dor.

Ele tinha razão.

Eu não tinha o direito de fazer isso com ele, de provocar um sofrimento ainda maior, e por minha culpa. No entanto, onde encontraria forças para ficar de pé, se nem a própria cabeça conseguia mover, enterrada entre os joelhos?

— Se você não abrir esta porta agora, terei que arrombar! — ameaçou.

— Me deixe sozinha, Richard! — Quis ter o poder de desaparecer naquele momento.

Ele não aceitou o pedido e arrancou a porta do banheiro sem parecer fazer qualquer esforço. Quando viu o meu estado lastimável, abriu a porta do boxe, agachou e ficou me observando da profundidade do seu azul.

— Levanta daí, meu amor. Vem ficar comigo — pediu, amoroso.

— Não consigo, Richard. Não vou aguentar... ver...você me deixar. Não me abandone, por favor! — falei com a voz embargada. As lágrimas que eu continha passaram a escorrer sofregamente.

— Jamais faria isso se tivesse outra escolha — afirmou ele, também exprimindo sofrimento na voz.

— Por que você tinha que ter me amado? Com tanta pessoa no mundo, por que foi escolher justo a mim? Isso não estaria acontecendo agora se eu não estivesse do seu lado! Não devia ter aceitado você, não devia sequer ter nascido!

— E continuar uma eternidade vazia, sem nunca ter o direito de amar e ser amado de verdade? Stephanie, o que me deseja não é uma vida, e sim uma tortura permanente. Nós já conversamos sobre isso antes, sabe muito bem o que sinto em relação a isso. Não torne as coisas mais difíceis para mim.

— E quanto a mim? Já parou para pensar um pouquinho? Vou ser obrigada a viver uma vida inteira sem você? Não terei mais o direito de sentir o seu amor, os seus carinhos, os seus abraços? Terei que acordar todas as manhãs e perceber que não existe ninguém no travesseiro ao lado? Antes de conhecê-lo, podia conviver com o meu vazio porque ainda não acreditava no amor, mas agora...

— Stephanie, você ainda é nova e também é humana. O tempo vai passar e aos poucos vai terminar me

esquecendo. — Sua voz falhou, tomado pela emoção. — Logo um homem digno, que possa gerar filhos e construir uma família bonita, como a sua, tomará o meu lugar e isso tudo vai fazer parte do seu passado. Eu nunca poderia ser esse homem que você merece mesmo... — confessou, amargurado. — Talvez tenha me permitido sonhar demais, os vampiros não têm esse direito. Além disso, já vivi muito.

— Não o tempo suficiente para receber o amor que tenho para lhe dar! — gritei chorando, furiosa. — Richard, saia daqui se não quiser piorar as coisas! Você continua subestimando o meu amor? Droga! Não consegue enxergar a verdade diante dos seus olhos? — soluzei. — Fala como se isso fosse possível, como se houvesse algum jeito de arrancar você à força do meu coração?! Somente me matando vai conseguir isso! Talvez nem mesmo assim.. Nasci para ser sua, e de mais ninguém. Não me importo de não ter filhos, se nós quiséssemos, poderíamos pensar num jeito de adotar um... Também não me importo que não seja humano, eu te amo do jeito que você é. E nenhum outro ser neste mundo pode tomar um lugar que é somente seu! Não sabe a dor que sinto quando o ouço falar dessa forma!

— Perdoa, meu amor. — Esticou os braços para me envolver. — Não quero vê-la sofrendo. Vamos viver todos os dias que nos forem permitidos juntos e deixar que Deus decida o que é justo para nós dois. Só não me peça para lamentar ou me arrepender de tê-la amado, porque isso nunca irá acontecer. Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Não tente arrancar isso de mim.

— Não me abandone, Richard. Não posso ficar sem você — supliquei inconsolável, mesmo sabendo que seria algo em vão.

— Não vai adiantar nada ficar desse jeito. Vamos aproveitar o nosso tempo para ficarmos juntos — pediu.

— Vou lutar por você.

— Eu sei — sussurrou. — Agora, levanta desse chão frio e deixe que eu enxugue as suas lágrimas. Elas estão escondendo os olhos que tanto amo.

— As pernas não querem me obedecer — murmurei.

— Última chance: ou levanta agora para ficar comigo, ou terei que tomar uma medida mais drástica — ameaçou, mudando o tom de sofrimento na voz por um bem mais encorajador.

Demorei um tempo razoável para processar o seu pedido e ele, cumprindo a ameaça, acabou me levantando do chão com uma das mãos e abrindo o registro do chuveiro com a outra, deixando que a água caísse sob a minha cabeça, com roupa e tudo.

— É dessa maneira que pretendia secar as minhas lágrimas? Molhando ainda mais o meu rosto? — reclamei melancólica.

Ele deu um sorriso maroto e entrou no boxe, deixando-se molhar completamente também.

— Só vai ficar um pouco mais difícil de encontrá-las, mas e daí? Não tenho pressa...

E fui abraçada com força debaixo do chuveiro, numa tentativa vã de deixar que a água levasse embora a tristeza que emanava das nossas almas.

Vinte e sete

Daí por diante, os meus dias seriam angustiantes, um verdadeiro pesadelo sem fim.

A cada amanhecer, manchas novas apareciam, abrindo feridas estranhas na sua pele. Ele foi ficando com a aparência enfraquecida, com o globo ocular avermelhado, e dormia várias horas ao dia. Isso me causava certo pânico, pois enquanto dormia não costumava respirar.

— Pai, por favor, diga que isso já está pronto — exigi ao telefone.

— Ele piorou? — ele perguntou.

— Sim. Estou morrendo de medo.

— Eu sei, filha. No fundo também estou. Não posso ter certeza se irá funcionar com a espécie dele, afinal, possuímos aspectos genéticos tão diferentes... E não tenho sequer um animal semelhante para fazer os testes. Creio que precisaria ainda de mais alguns dias para me sentir seguro.

— *Dias?* Isso só pode ser brincadeira! Ele não é um animal, pai! E muito menos humano para ser mantido por aparelhos!

— Fala como se eu estivesse empurrando a pesquisa com a barriga por preconceito — reclamou. — Duvido que exista um pai no mundo que tenha sido mais compreensivo com a sua escolha do que eu. Está sendo injusta comigo!

— Eu me expressei mal.

— E não faço isso só por gratidão a ele. — continuou — Faço porque Richard foi a única pessoa capaz de trazer a felicidade que nunca enxerguei em você. Por mais que eu e a sua mãe tentássemos, você nunca reagia! Sempre pedia desculpas por tudo... Parecia que apenas suportava bravamente o suplício de ter que viver!

— Desculpa — reforcei sem querer o seu argumento. — É que o quadro está evoluindo muito rápido agora, não sei em quanto tempo irá acontecer. — Apressei-o, o coração apertando de agonia.

— Ok. — Recuperou a calma. — Acredita que ele pode suportar, pelo menos, até amanhã? Vou reunir mais esforços ainda neste experimento.

— Não sei. Não tenho como saber. Ele está muito fraco, não consegue nem mesmo ficar mais de pé.

— Agravou muito de dois dias para cá, então — lamentou.

— Muito mesmo, mas irei ligando durante o dia para informar. Salve o Richard por mim, pai, por favor! Preciso dele... — implorei.

— Estou dando tudo de mim nisso, pode ter certeza.

— Sei disso, obrigada. Eu te amo.

— Também a amo. — E finalizou a chamada.

Desliguei o telefone e pensei em fazer outra ligação para dar uma satisfação à Ava. Ela nos visitava constantemente, contudo, desde que Richard se sentiu pior e chegou à conclusão de que não conseguiria mais esconder os sintomas, passou a se esquivar de encontrá-la. Arrumava mil desculpas para que a coitada não aparecesse por aqui. Talvez não quisesse deixar a irmã apavorada, já que nunca comentou sobre esse assunto com ela antes. Devia imaginar o quanto seria difícil para Ava perceber que não poderia contar com mais ninguém da mesma espécie, caso ele...

Não! — recusei o pensamento negativo.

Bem, o fato é que eu não gostava de ter que enganá-la daquela maneira. Criei uma afinidade muito grande pela minha cunhada. Mas o que poderia fazer? Era a vontade dele.

Também fiquei em dúvida se deveria entrar em contato com o pessoal do hospital, afinal, eles continuavam pensando que a doente era eu, e a cada dia ficava mais difícil driblar o risco de uma visita inesperada, já que Richard perdera a capacidade de hipnotismo com o agravar do quadro.

Antes de decidir o que fazer, ouvi um barulho vindo lá de cima e acabei desistindo. Ele já havia acordado e por isso respirei aliviada. Ainda assim, sua expressão amanheceu muito estranha. Passou a se olhar como se estivesse com nojo de si próprio, e, ao notar a minha presença, começou a ocultar o corpo por baixo do lençol, numa tentativa clara de evitar que eu o examinasse.

— O que está me escondendo? — perguntei, desconfiada.

— Nada — respondeu ele sério.

— Richard! — grunhi, advertindo-o.

— Não estou escondendo nada. Pode voltar para os seus afazeres — resmungou mal-humorado.

— A única coisa que me interessa está aqui — afirmei, olhando-o fixamente.

— Stephanie, por favor, quero ficar um pouco sozinho.

— Não tem o direito de me pedir isso!

Ele fechou a cara e virou o rosto de lado, enraivecido. Como se não bastasse me deixar lentamente, ainda seria obrigada a aguentar essa rejeição? Isso, sim, seria difícil de tolerar! Não tinha mais forças para ficar um minuto longe dele, mas precisava manter a calma e rogar por muita sabedoria e paciência. Respeitaria a sua vontade enquanto estivesse acordado e quando dormisse o observaria melhor.

E foi justamente o que fiz de madrugada, assim que verifiquei que ele havia apagado de cansaço.

Precavido, enrolara-se firmemente na coberta como num tubo para evitar que fosse avaliado. Mesmo assim, insisti. Fui puxando o lençol com a maior delicadeza possível para descobrir o que ele fazia tanta questão de esconder de mim e, por fim, entendi: as feridas ficaram cada vez maiores, formando verdadeiros buracos — ou vazios — na sua pele e uma delas começara a aflorar no seu órgão genital.

Respirei fundo de pânico.

Isso era realmente demais para ele, acredito que nenhum homem aguentaria ver tal coisa, sendo ele humano ou não.

Cobri o seu corpo novamente bem devagar e ajoelhei aos pés da nossa cama. Orei a Deus com todas as forças mais uma vez, suplicando que Ele não deixasse o meu amor morrer. Prometi, sentindo a fé emanando, que passaria o resto dos meus dias cuidando dos enfermos necessitados ao seu lado, coisa que ele já o fazia tão bem. Devo ter orado com tanta força e por tanto tempo que acabei dormindo sentada ao lado da cama.

Ao amanhecer, senti um movimento fraquinho nos cabelos. Logo percebi o grande esforço que ele fazia, somente para tentar encostar uma das mãos no meu rosto.

Cheguei mais perto para ajudar a satisfazer o desejo dele e beijei a sua boca suavemente. Fiquei comovida por descobrir que a minha foto jazia embaixo do seu travesseiro. Seu estado decaiu vertiginosamente da noite para o dia. Algumas partes do corpo — como uma orelha e alguns dedos —, já não existiam mais, simplesmente desapareceram. Foi duro demais observar tudo aquilo e fingir que não estava abalada.

— Perdão — disse ele com emoção na voz.

— Pelo quê? — indaguei sem entender o motivo.

— Fui... grosso. Você não merecia.

— Já nem me lembrava mais disso, amor.

— Posso... Posso lhe pedir... uma coisa? — perguntou, quase sem se mexer.

— O que quiser.

— Pegue... Pegue a caixa.

Que caixa? — indaguei sozinha.

Eu quase havia esquecido, entretanto, logo me veio à lembrança a tal caixa a qual ele se referia. Procurei a chave do carro e retirei o enorme embrulho de dentro do porta-malas. Depois retornei ao quarto e o pus sobre a cama.

— Abra — pediu.

Desfiz o laço puxando a tampa e perdi a fala: era um vestido de noiva. Não daqueles imensos, com caudas longas e véus enormes — como imaginei que ele, por ser de outro século, gostaria de ver em mim —, mas um modelo branco tomara que caia de cetim, contendo um bordado suave com pérolas minúsculas, parecido com o preto que eu havia usado naquela festa em que ele dançou comigo. Tinha por cima uma tiara com florezinhas de cristais Swarovski e, ao lado dela, outra caixa menor de veludo azul.

Abri devagar a caixinha e admirei o lindo e delicado colar de crucifixo de ouro com pedrinhas azuis como pendente. A corrente era fininha, mas possuía um acabamento primoroso.

Fiquei completamente pasma.

— É a única... herança que tenho... da minha mãe — disse ele com dificuldade. — Ela... se casou usando.

— Lindo...

Não consegui pronunciar mais nada. O que dizer numa hora dessas?

— Veste para mim? — pediu novamente, exaurido.

Sabia bem no fundo o quanto isso era importante para ele. Já havia sido abandonado antes de se casar e agora, prestes a morrer, ficaria mais uma vez sem a lembrança de me ver da mesma maneira. Também sabia o quanto isso me dilaceraria por dentro, o quanto esse ato iria arrasar a minha alma, e, ainda assim, não seria capaz de negar o seu pedido.

Retirei o vestido da caixa e o vesti ali mesmo, na sua frente. Ele suspirou fraquinho, virando o rosto de lado e fechando os olhos com sofrimento. Não precisava ser muito intuitiva para ter certeza dos pensamentos que o atormentavam naquela hora: não me teria mais nos braços. E isso doía tanto em mim quanto nele.

Não preendi o cabelo, lembrando o quanto gostava deles soltos. Pelo menos os havia lavado antes de praticamente desmaiar ao lado da cama e eles amanhecera com um aspecto bonito. Apenas os pentei, colocando a tiara presa por alguns grampos. Coloquei também o colar. Decidi que ficaria o mais bonita que pudesse, Richard merecia isso. Finalizei com uma maquiagem suave e uma sandália prata nos pés.

Pousei a mão no seu rosto e falei:

— Abra os olhos, amor.

Ele fez um pouco de força para fazê-lo e pude ver um último vestígio de brilho naqueles olhos que

tanto amava.

— Como imaginei... Perfeição! — Sorriu e cerrou as pestanas novamente.

Como foi difícil ouvi-lo falando daquela maneira!

— Era como você sonhava? — perguntei, mas ele não mais respondeu. — Richard?

Esperei mais um segundo e repeti, dando-lhe um beijo no rosto:

— Richard?

O silêncio imperou.

— Richard, por favor, fala comigo!

Uma fenda foi aberta instantaneamente no local onde o beijei, bem no centro de uma das suas bochechas. A imagem foi chocante. Dei até um pequeno salto para trás, assustada. Já tinha visto outras semelhantes, mas nenhuma delas se rompeu assim, tão rápido ou diante dos meus olhos.

Perdendo o controle, liguei imediatamente para o celular do meu pai.

— Pai, venha para cá agora! — ordenei, completamente em pânico.

— Já estou quase na esquina da sua casa — respondeu ele.

— Corra, por favor! — implorei.

Ele surgiu dois minutos depois, pedindo uma daquelas bolsas de sangue de boa procedência, e entrou no quarto. Supus que Richard houvesse voltado a falar algo, pois ouvi um cochicho silencioso. Em seguida, meu pai trancou a porta, deixando-me de fora.

Por que ele tinha que fazer isso comigo? Não enxergava o meu desespero?

Longe de aceitar a situação, bati por diversas vezes na porta e ninguém respondeu.

— Pai? O que está acontecendo? Me deixa entrar, pelo amor de Deus!

Papai abriu apenas uma fresta da porta, escorando-a com o resto do corpo.

— Stephanie, desculpa, tenho que respeitar a vontade dele. Richard não quer ser visto dessa maneira por você — lamentou.

— Pai, por favor, não me exclua assim! — supliquei mais uma vez.

E apesar de tantas súplicas, ao invés de atender ao meu apelo, ele fechou a porta do quarto mais uma vez. Foram horas de angústia, desespero, apreensão... Não havia palavras suficientes para descrever aquele momento. Qualquer segundo parecia que durava uma eternidade.

E como durou...

Saindo do aposento depois do tanto que esperei e perdi a noção temporal, meu pai o trancou momentaneamente por fora.

Que droga! Fui impedida de fazer o que queria dentro da própria casa onde morava! Isso não me parecia justo!

— O que foi? — perguntei com medo de ouvir a resposta. — Pai, por favor, fala logo!

— Não sei ainda. Ele não está respirando, mas é um vampiro. E vampiros não respiram enquanto dormem, pelo menos foi o que ele me explicou... Também não posso ter certeza se o corpo dele irá reagir. As células dele, ao mesmo tempo em que parecem mortas, permanecem intactas. Vamos ter que esperar, filha. Tenha paciência!

Bah! Paciência!

Se houvesse alguma maneira de descobrir um modo de adquiri-la, alguém me avisasse, por favor. Compraria todas e pagaria a preço de ouro!

— Ele... continua desaparecendo?

— Melhor ficar sem saber — objetou.

— Preciso entrar no quarto.

— Não, filha! Respeite o momento dele. Sei que é insuportável para você também, só que foi o seu desejo. Tenho a obrigação de cumprir com o que prometi — repreendeu-me.

— Por que isso, justamente agora? — reclamei.

— Ele falou que viu como o outro vampiro morreu e que não queria que você sofresse com aquela imagem horrível, despedaçando.

— Vou sofrer muito mais a cada segundo que ficar longe dele, pai.

— Caso sirva de consolo, disse ao Richard que não sabia se a droga da minha pesquisa seria mesmo capaz de salvar um vampiro, mas que se ele realmente a amasse de verdade e não quisesse vê-la padecer de tristeza, lutaria até o último instante para ficar com você.

— Ai, não! — exclamei em pânico, imaginando que uma pressão agonizante como aquela pudesse lhe causar uma dor ainda maior. — Isso é um consolo? Ele não vai aguentar!

— Foi necessário. Ele demonstra aceitar a morte pacificamente porque no fundo não acredita que tenha direito de ser feliz, mesmo sendo correspondido.

— Pai, preciso entrar no quarto agora!

— Sinto muito, querida. Entendo você perfeitamente, mas sou médico e estou aqui como profissional. Tenho que respeitar o meu paciente. Seria antiético.

Às favas com a ética! Como podia concordar com ela, quando o que mais amava estava sendo arrancado de perto de mim à revelia? Nada do que meu pai falasse seria convincente ou passível de conformidade.

Absolutamente nada.

Epílogo

Fiquei a madrugada inteira sentada no chão do corredor, esperando por uma notícia qualquer. Parecia uma verdadeira cena de novela mexicana, a não ser pelo triste fato de que o drama era real. O único movimento que percebi ocorreu por volta das dez horas da manhã, quando ouvi o meu pai fazer várias ligações do seu celular para diversas pessoas. Não conseguia ouvir o que ele dizia, mas por que falava com todos, menos comigo? Estremeci pensando nas raras possibilidades de resposta.

Inconformada, bati pela enésima vez na porta implorando por uma mísera palavra que fosse.

Nada.

Enxerguei a vida se tornando novamente vazia, e de um jeito como nunca havia sido antes. Um verdadeiro vácuo. Eu me sentia como uma marionete, um objeto inanimado e inútil, pronto para ser carregado e despachado em algum lixão da cidade.

O silêncio passou a tomar conta da minha mente e as horas rastejavam despercebidas. Não tinha mais condições de contá-las. O tempo deixou de ser importante para mim, assim como tudo mais ao meu redor. Era como se estivesse sendo abandonada em pleno espaço sideral, flutuando sem direção, anos-luz de qualquer planeta. Também as diversas dores que sentia antes acabaram se fundindo, provocando no corpo quase que uma paralisia completa.

Um barulho vindo da sala interrompeu aquele torpor, fazendo com que saísse de mim mesma.

Levantei cambaleando e apoiei o cotovelo no corrimão da escada, descendo alguns degraus para ver o que acontecia lá embaixo. A porta da entrada estava aberta. Fixei meus olhos incrédulos e vi a minha mãe entrando com flores na mão, acompanhada pelo Juninho.

Rebobinando a fita: a mamãe se despencou do Rio? Por quê?— indaguei-me.

O pior veio depois, quando enxerguei Ava usando um vestido justo negro, fazendo as honras da casa e permitindo a entrada de Dora e do padre José na sala.

Espere aí... O padre José???

O que esse padre, primo distante do meu pai, fazia ali? Um choque intenso me percorreu quando compreendi o que somente a mim não tiveram coragem de anunciar.

Acabou. Fim da linha.

Ele me deixou. E trouxeram um padre para velar um corpo que já havia morrido antes!? Um corpo que desapareceria rápido, sem deixar vestígios de existência, a não ser em mim, que o senti com todo o meu amor.

Subi pela última vez as escadas da casa com as pernas tremendo, fitando por algum tempo aquela porta fechada.

Acabou. E nem ao menos pude me despedir, declarar que o amava novamente. Sabia que jamais seria o suficiente e ainda assim queria fazê-lo. Queria repetir ao seu ouvido mil vezes o quanto era ele importante para mim, dizer-lhe que o fato de ser um vampiro não o desmerecia em nada diante de todo o bem, determinação e dedicação que o impulsionou a curar tantas pessoas. Queria gritar aos quatro ventos que monstruoso ou desprezível era matar, roubar, enganar, fingir que não enxergamos o sentimento ou sofrimento alheio, e não ser diferente à revelia, único. Especial.

Como podia ele acreditar que alguém tão puro não tinha uma alma, se a enxergava iluminada, transparente e límpida como nenhuma outra?

Nunca as minhas lágrimas desceram tão sofridas pelo meu rosto até então. Foi um choro sem palavras, vazio, perdido. Não havia mais pelo que lutar e muito menos pelo que viver. Eu não tinha forças para respirar, um imenso abismo foi aberto debaixo dos meus pés. Talvez nisso ele realmente tivesse razão: não conseguiria vê-lo partir, não existia dor mais excruciante do que essa. Somente agora podia de fato compreender o quanto sofreu a minha mãe quando perdeu o Otávio; a Íris, quando viu seu amor desmoronando; e até o meu pai, ao se sentir trocado. O único problema era que eu não funcionava como eles, que tinham bases de sustentação ou uma razão maior — como filhos — para seguir em frente. Já me arrastava pela vida antes, fingindo viver. Acreditava ser forte, equilibrada, resistente...

Tudo balela.

Uma mentira perfeita para encobrir todas as outras. Na verdade, eu era fraca, vazia, covarde, e não estava aguentando o peso da própria culpa. Ou, quem sabe, sem querer julgar o sofrimento dos outros, o meu tivesse extrapolado o limite do suportável, ficando humanamente impossível enfrentar.

Sendo assim, a única coisa que martelava na cabeça era a convicção de que precisava fazer algo. Algo que fosse... definitivo, capaz de arrancar de uma só vez a dor que dilacerava o meu peito.

Então, sem nem titubear, entrei na sala de exames e peguei um bisturi que achei dentro da primeira gaveta. O que me passou pela cabeça foi o pior exemplo que alguém poderia dar a qualquer ser humano deste planeta. Eu queria ir embora com ele, destruir esse corpo sem vida no qual inevitavelmente havia me tornado.

Pedi perdão mentalmente a Deus e aos meus pais pelo pecado imperdoável que pretendia cometer, embora tivesse plena consciência do quão egoísta e covarde estava sendo por somente me importar com a minha própria dor. Posicionei, enfim, com as duas mãos, o bisturi na região do coração. Seria uma morte rápida para não haver jeito de ninguém me salvar.

Não queria ser salva.

Quando tentei exprimir a força necessária para a realização do ato, uma mão apressada impediu as minhas por trás. Continuei fazendo muita força, lutando com toda determinação e ainda assim ela era mais forte. Abaixei a cabeça, derrotada, intimamente revoltada com a fraqueza do punho.

Isso era tão injusto! O meu pai não tinha o direito de me impedir. A vida me pertencia e somente eu teria que prestar contas com Deus depois.

— Pai, não me impeça — falei aos prantos, num soluço inconsolável. — A vida é minha. Não posso mais viver sem Richard...

E uma voz sussurrou ao meu ouvido:

— Engano seu. Sua vida também é minha. E sou eu quem não pode viver sem você.

Paralisia completa.

A carcaça sem vida entrou em estado de choque e, por instantes, o único som que passei a escutar foi o da tremedeira que me acometeu. Isso, até ouvir um último sussurro:

— Eu a amo, bruxinha. Seria uma espécie de delírio?

Meu estado alucinatório chegara a tanto?

Não, com certeza não. Reconheceria aquela voz em qualquer lugar do universo!

E antes que eu tivesse energia suficiente para virar o corpo, a mesma mão que me segurou retirou o

bisturi das minhas e cortou o próprio pulso. Apesar de embaçada pelas próprias lágrimas, consegui girar e finalmente avistar os olhos azul-violetas que tanto amava, ainda mais lindos do que antes.

Estava totalmente curado!

Richard esticou o braço sangrando na minha direção, fitando-me intensamente e demonstrando uma mistura de emoções. Através do seu oceano azul, pude enxergar admiração, agonia, medo, felicidade, apreensão, tudo embaralhado num mar de sentimentos confusos.

— Beba meu sangue — suplicou, olhando-me fixamente nos olhos. — Sei que estou sendo egoísta demais ao lhe pedir uma coisa dessas, mas não quero nunca mais ter que pensar em me separar de você outra vez...

Ainda baratinada e afônica, apenas agarrei o seu pulso com força e suguei o máximo que pude. Eu sabia exatamente o que fazia, não me levava pela sua súplica ou por um desnorsteio momentâneo. A necessidade primária e vital de me unir a ele não deixava qualquer margem de dúvidas diante de tamanha decisão.

Escolhi o amor.

Naquele momento, dava um adeus à humanidade para viver uma vida reclusa e cheia de limitações, mas completa, feliz e eterna ao seu lado.

Ele sentiu uma espécie de frisson enquanto eu sugava o seu sangue. E quando levantei o rosto novamente, seus olhos ardiam em brasas. A impressão que tive foi que algum magnetismo do seu corpo havia passado para o meu e vice-versa, como se tivéssemos misturado as nossas almas. À medida que engolia aquele sangue gelado, parecia que este se expandia pelas minhas veias, tomando posse furiosamente da espécie humana e irradiando um tipo de eletricidade. Precisei de alguns segundos para controlar os tremores que sucederam imediatamente após, até que aquela sensação parasse de ser propagada.

A seguir, num movimento quase brusco, Richard me empurrou contra a parede da sala de exames e segurou o meu rosto com as duas mãos, limpando as minhas lágrimas e encostando os lábios no canto dos meus para lambe o resquício de sangue que deles escorria. Quase entrei em êxtase, fechando os olhos, certa de que receberia, enfim, o seu beijo. Meu coração chegou a dar um engasgo, tamanho se fazia o meu descontrole.

Ledo engano.

Ao invés disso, estranhamente ele parou. Quando dei por mim, já estava sendo carregada num abraço apertado até a beira da escada, onde meu pai me esperava de pé.

Richard desceu correndo as escadas com um sorriso estampado no rosto e me vigiando pelo canto dos olhos, que voltavam à sua cor original. Já eu, permanecia catatônica. Minha cabeça continuava girando sem entender nada.

Ele não morreu e muito menos eu...

E depois de me oferecer a eternidade, fugiu?

Será que acabara de enlouquecer de vez ou simplesmente sonhava com algo tão autêntico que parecia realidade? Do jeito que meus sonhos eram férteis, não duvidaria de nada.

Demorei ainda alguns minutos para abaixar os olhos e afinal perceber o que acontecia lá embaixo: aquilo era um casamento, não um funeral... O meu casamento?!

Só agora me dera conta de que ainda estava vestida de noiva e que Richard também usava um traje formal. Meu pai apenas havia colocado um blazer por cima de sua roupa, provavelmente emprestado. Em

seguida, enxerguei a minha mãe subindo as escadas rapidamente, após cochichar alguma coisa com Richard pelo caminho.

— Oh, filha! — exclamou ela. — Já andou chorando, emocionada, antes mesmo de chegar ao altar? Não pode descer assim, com o rosto todo borrado! Vem aqui comigo um minutinho, que eu vou dar uma ajeitada no seu cabelo e realçar essa maquiagem..

Segui os passos dela, segurando-a pelo braço, meio desorientada. Continuava muda e dessa forma fiquei indefinidamente, tendo por vantagem a desculpa do nervosismo pré-nupcial.

Também, o que poderia falar? Que eu não sabia que iria casar hoje e muito menos algum dia? Que, ao invés disso, pensava que seria velada e enterrada?

Que loucura!

Nem nos meus sonhos mais bizarros poderia me imaginar casando dessa maneira.

O mais estranho de tudo foi ter que ouvir indagações do tipo: “Por que resolveu se casar na última hora?” ou “Filha, você esqueceu de se prevenir?”

E antes que desse margem para que ela perguntasse algo mais e eu fosse obrigada a mentir, apenas argumentei que precisava escovar os dentes e tomar um banho rápido para remover o suor do pescoço para baixo — passei muitas horas desligada do mundo e não lembrava de ter feito isso ainda no dia.

Até que a mamãe foi ligeira, tinha muita habilidade com a coisa por ter sido modelo quando jovem. Fiquei pronta e perfumada em poucos minutos.

Logo que ela terminou, voltou para a sua posição de destaque na sala, deixando que meu pai retomasse o controle a partir de então. Ele me ofereceu o braço, sorrindo, provavelmente orgulhoso de si próprio por ter conseguido algo que sabia que eu desejava tanto. Eu bem que tentei agradecê-lo verbalmente, mas acredito que o meu olhar já havia dito tudo e que ele mais uma vez entendera. Nenhuma palavra seria suficientemente adequada para expressar toda a gratidão que sentia.

Somado a isso, não podia negar que continuava estranha, em pleno estado de choque. Aliás, de todos os sentidos, somente os olhos obedeciam fielmente ao meu comando, o resto agia por instinto ou no câmbio automático. Desci as escadas me sentindo anestesiada, flutuante. As mãos formigavam, não ouvia um barulho sequer, nem parecia que respirava. Podia somente perceber as pessoas no recinto através de imagens confusas que me vinham à mente.

Lá estavam: minha mãe, Juninho, Ava, Anne, Dora e seu esposo, Íris e seu namorado, algumas enfermeiras e outros médicos, como Dr. Roberto e Luciano. No centro da sala, padre José e... Richard. Sim, era o meu amor que me esperava ali, com um sorriso radiante!

Tudo parecia fazer parte de um sonho surreal.

Ele estava vivo! Mal dava para acreditar! Nunca mais teria que dizê-lo adeus. Pertenceria finalmente a ele perante Deus e a todas as pessoas que participavam efetivamente das nossas vidas.

Tive vontade de descer aquelas escadas correndo, pular no seu pescoço e abraçá-lo de tal maneira que nenhum ser humano pudesse distinguir onde começava um e terminava o outro. Queria gritar bem alto para dar vazão à alegria e ao alívio que acalentava o meu coração. Entretanto, fui obrigada a me conter por força circunstancial. Afinal, ninguém dos presentes, além do meu pai, sabia o que ocorrera conosco dentro daquela casa. Uma atitude impensada como essa poderia levantar suspeitas desnecessárias. Sendo assim, aproveitei o trajeto que me levaria ao seu encontro e fiz uma prece agradecendo, reafirmando tudo aquilo que havia prometido.

Assim que terminamos de descer as escadas, papai me deu um beijo na testa e abraçou Richard como

um ente querido, recomendando:

— Richard, entrego a você o meu bem mais precioso. Cuide bem dela para mim .

— Não se preocupe, Allan. Prometo que vou fazer de tudo para que a Stephanie seja feliz enquanto eu viver. Literalmente. — E sorriu. — De qualquer maneira, muito obrigado por tudo o que fez, por me acolher em sua família e pelas palavras que me incentivaram a lutar.

Minha mãe fez mais uma participação na cerimônia, entregando-me uma rosa vermelha, já que eu não possuía propriamente um buquê. Recolheu também as nossas alianças para colocá-las numa salva de prata que ficaria sob a posse do Juninho.

— Nem acredito — sussurrei quando Richard tomou a minha mão.

— Nem eu — devolveu no mesmo tom, encaminhando--me devagarzinho até o pequeno altar improvisado.

— Ciência, regeneração ou... milagre?

Ele balançou a cabeça, expressando dúvida.

— Talvez tudo.

Desde então, ficamos parados nos contemplando mutuamente. Havia uma onda elétrica oscilando no ar entre nós, um silêncio que dizia tudo e, embora rodeados por tantas pessoas, parecia que estávamos sozinhos, como se nada mais no mundo importasse. Pensando bem, ele continuava vivo, o que mais poderia importar?

Só consegui sair um pouco daquele transe quando, após o sermão, o padre José citou o meu nome. Mesmo assim, sua voz soava distante.

— Stephanie Ribeiro Wernyeck, aceita Richard Hacket perante Deus como seu legítimo esposo?

Ainda entorpecida, observei-o por um instante prolongado. Richard, em resposta, destilou em minha direção um olhar preocupado.

— Está me deixando ansioso, amor. Vai me recusar agora, na frente de todo mundo? — murmurou impaciente, mais parecendo um ventríloquo de tão estático.

— É claro que não! — respondi a ele, num timbre de voz um pouco mais alto.

— Não? — perguntou Padre José. — Você *não* quer se casar com Richard?

— Ah, sim... — retruquei numa lógica ilógica.

— *Sim?* — O coro foi geral.

Richard pousou as duas mãos no meu rosto e perguntou, confuso:

— Stephanie, o que houve? Você... *desistiu* de mim? Não me ama mais? — A brancura da sua face surgiu mais nítida do que nunca.

— É claro que eu te amo! — exclamei. — Que pergunta mais maluca é essa?

— Então, por que respondeu *não* ao padre?

— Não respondi *não* ao padre, respondi *não* à sua pergunta!

— Mas ele perguntou novamente se *não* queria se casar comigo e você acabou de dizer que *sim*!

— Disse que *sim* para corrigir o *não* que ele pensava que eu havia dito antes... Richard, você já está me deixando confusa!

— Ah, quer saber? Chega! Vou acabar logo com isso de uma vez por todas! — prometeu.

E então, ele balançou a cabeça daquele jeitinho que eu amava tanto, deu um sorriso largo e me puxou para os seus braços, beijando-me com paixão na frente de todos.

— Creio... que vou considerar isso como um sim... E para os dois — declarou padre José, não escondendo o riso.

A gargalhada no ambiente foi unânime e veio acompanhada de aplausos. Fui rodopiada por ele duas vezes no ar antes de desgrudarmos os nossos lábios para colocarmos as alianças na mão esquerda e ficarmos parados, rindo um do outro.

— Você é doida, sabia? Deve ser por isso que me apaixonei dessa forma. Um louco completa o outro — disse Richard, ainda sem conseguir parar de rir.

— Doida não! — adverti, brincando. — Vai me diagnosticar errado também, doutor?

— Hmmm... Creio que serei bem mais minucioso na anamnese. Jamais pretendo ignorar um sinal importante que a minha paciente apresentar. Não gosto de errar nos meus diagnósticos e tratamentos.

— E eu não sei? Já sofri muito na pele por causa disso. Só não entendo para que tanta minúcia, se, no final, o remédio acaba sendo sempre o mesmo.

— É um desafio, amor? Olha que você pode se surpreender...

— Mal posso esperar para conferir — respondi, maliciosa, e girei o corpo para cumprimentar os convidados que se amontoavam nas nossas costas.

— Estou perdido mesmo — balbuciou ele.

Richard também veio receber os cumprimentos, ainda que não conseguisse parar de me observar de soslaio, provavelmente estranhando o meu comportamento. Devia estar se perguntando se eu já sentia a transformação, que a princípio só deveria ocorrer um pouco mais tarde.

Passamos cerca de uma hora conversando com os convidados, que eram poucos. Também não havia propriamente uma festa, somente algumas bebidas e um bolo, ambos providenciados pela Ava. Fiquei perplexa por descobrir que ele já havia dado entrada nos proclames para o casamento desde que tínhamos ficado noivos, guardando o segredo para a ocasião propícia. Esse foi o tal “assunto pendente” que ele não quis me confessar um dia após o seu retorno da viagem...

Pensei em diversas explicações plausíveis que pudesse dar aos meus amigos para o fato de o nosso casamento ser tão imediato, bem como para a minha melhora repentina. Entretanto, preferi apenas dizer que foi paixão à primeira vista mesmo, o que não deixou de ser verdade. Pouco me importava com o que os outros pudessem falar ou pensar de mim, a única coisa que me interessava era o fato de que estávamos felizes e que pertenceríamos um ao outro para sempre.

Não pude estender demais a conversa porque já começava a sentir os primeiros sinais da minha vampirização eminente. Antes de partir, porém, sem notar essa ligeira mudança, Richard fez questão de completar a sua vingancinha particular.

— Parabéns, Richard! Parece que o solteiro mais convicto do hospital finalmente foi fígado — comentou o Dr. Luciano, animado.

— É, fui mesmo. Não consegui resistir ao modo como a Stephanie me olhava o tempo inteiro. Só faltou pular no meu pescoço e me beijar na frente dos pacientes... — disparou ele, com cinismo.

Não acredito! Ele estava falando mesmo isso de mim? Mas que filho da mãe! — resmunguei em pensamentos, enquanto batia um papo com a Anne. A minha antena parabólica ficou acesa desde que os dois começaram a conversar.

— Acho que também dei muita sorte em tirá-la para dançar primeiro — continuou Richard com os olhos faiscando, ainda remoendo a sua raiva antiga. — Aliás, creio que não deva existir qualquer animosidade de sua parte quanto a esse dia, não é? Afinal, até onde sei, vocês chegaram à festa apenas como amigos...

— Você não tem com o que se preocupar, a Stephanie nunca me olhou de outra forma — desculpou-se Dr. Luciano.

— Eu sei. Não estou nem um pouco preocupado com isso. — Manteve uma postura indiferente. — Por outro lado, até que foi bom. Agora posso lhe apresentar uma pessoa que considero ter muita coisa em comum com você, principalmente quanto ao senso de humor. Quem sabe você não será o próximo solteiro convicto a ser fígado naquele hospital? Quer conhecê-la?

— Claro, será um prazer!

Richard retornou trazendo a Anne pela manga da sua roupa e comigo do outro lado, agarrada à cintura.

Anne caprichou bastante no visual, estava realmente muito bonita naquele momento. Usava um vestido justo verde-bandeira de manga comprida, de um ombro só, combinando com a cor dos seus olhos e se tornando alvo dos olhares em geral.

— Anne, conhece o Luciano? Ele trabalha no mesmo hospital que eu e a sua amiga. É bom que tenha novos amigos para compartilhar quando vier nos visitar aqui, em São Paulo — sugeriu Richard, abraçando-me pelas costas e encostando o seu gelado rosto no meu.

— É a primeira vez que vem visitar a Stephanie? — perguntou Dr. Luciano, visivelmente interessado nela.

— É, embora tenha recebido outros convites da Íris também. Ela é minha prima — Anne também se mostrou receptiva com o que viu.

— Aquela maluca é sua prima? — disparou ele, já encontrando um motivo para piadas.

— Receio inevitavelmente que sim — debochou.

— Desculpe interromper... — disse Richard. — Anne, é impressão minha ou você também gosta de joias antigas? Esse brasão cravado no seu anel é de família? — interrogou, levantando o dedo dela para olhar de perto.

— É sim — respondeu ela. — Foi a minha avó que me deu.

— Muito interessante o formato. Veja só, Luciano. O que você acha? — E empurrou descaradamente a mão de Anne para que o Dr. Luciano visse o anel mais de perto.

Virei o rosto e fiquei apertando os olhos na sua direção.

— Richard! — reclamei baixinho, para que eles não ouvissem.

— Que foi? — indagou ele sorrindo, providencialmente nos afastando dos dois. — Deixe o Luciano se divertir...

— *Se divertir?* — desconfiei.

— Enquanto ele pode. Depois que eu me mudar não vai ter mais essa chance.

— Mudar? Vai se mudar para onde?

— Nós vamos nos mudar para o Rio no fim do ano — corrigiu. — Pensa que não vi o brilho nos seus olhos quando me mostrou o mar?

— Qualquer lugar ao seu lado me faz ter esse brilho nos olhos.

— Mas podemos unir o útil ao agradável, não podemos? Também venho sendo muito imprudente, ficando tanto tempo em São Paulo. Talvez tenhamos que nos fixar momentaneamente na região dos lagos ou em qualquer outro lugar que você escolher para sairmos um pouco de circulação. Já fico até sonhando em mergulhar naquela praia ao seu lado, depois que o sol se puser...

— O problema é esse mesmo, ou continua rolando um ciuminho bobo? Praticamente empurrou a minha melhor amiga para o Dr. Luciano!

— É, não vou negar. Só assim ele aproveita para tirar o olho da minha mulher. — Rastreou-me de cima a baixo, mordendo o lábio inferior. — Mas não posso julgar o Luciano deliberadamente por isso, o infeliz não tem culpa. Quem dos presentes neste recinto não a olharia com cobiça, do jeito que você está linda?

— Acha, por acaso, que as mulheres aqui presentes também não estão azarando você?

— Mulheres? Que mulheres? — Olhou ao seu redor cinicamente. — Só enxergo uma aqui. E por coincidência é a minha. *A minha* mulher. — Reforçou a palavra “minha” como se estivesse deliciado pela conquista. — Nem acredito que finalmente digo isso com todas as letras...

— Se ficar falando dessa maneira em voz alta no Rio, com certeza vão pensar que você é doido ou um tremendo mané — brinquei.

— Já presenciei diversos tipos de mudança e conceito da sociedade. Alguns melhoraram e outros simplesmente foram exterminados em detrimento da famosa modernidade. Só que nasci em outro século e posso garantir: não me envergonho de ser romântico. Na verdade, eu queria tê-la cortejado, conquistado você com palavras doces e buquês de flores, mas, por ser o que sou, as coisas entre nós aconteceram totalmente às avessas. Até o nosso noivado e o casamento ocorreram de forma inusitada, sem um pedido formal de “case-se comigo” ou um “sim” diante do padre. E, para ser sincero, não vou negar que essa situação de ficarmos juntos sem um compromisso maior ou uma bênção me incomodava um pouco. Por isso, podem me chamar do que quiser, eu não ligo. Aliás, nunca liguei. Para mim, a única coisa que importa é que eu estou feliz demais e que você esteja também.

— Eu estou. Muito — confessei. — Só não posso concordar com você quando diz não existem outras mulheres olhando para o meu marido com cobiça nesta sala. Só eu já presenciei duas.

— Sério? Talvez essa cegueira repentina também faça parte da minha doença — desfez-se.

— Você não disse que enxergava com “tecnologia de alta definição”? — desafiei.

— Disse que enxergava você assim, não os outros. A doença só me deixa cego para o que estiver ao seu redor.

— Então devo estar doente também, acho que sofro do mesmo mal.

— Provavelmente. Já se deu conta de que acabou de fazer a loucura de se unir eternamente, pelo sangue e pelo espírito, a um vampiro? — Um intenso brilho no seu oceano azul resplandeceu.

— Já. E se houvesse outros tipos de união, com certeza também estaria fazendo agora.

— Ah, é? Que ótimo! Nesta semana mesmo quero me casar no cartório para ter o prazer de ouvir os outros chamando a minha esposa de Sra. Hacket. Posso também me lembrar de pelo menos mais um tipo de união, só que esse não vou esperar tanto tempo e muito menos dá para ser feito em público — insinuou, malicioso, tremulando as sobrancelhas.

— Agora, tenho a certeza absoluta de que você ficou totalmente curado — ironizei com o rosto ruborizando, percebendo o modo intenso como ele observava os meus lábios.

— Sou o seu marido agora, Stephanie. Não precisa mais corar de vergonha.

— Pois acho que você deveria aproveitar. Talvez seja a sua última chance de me ver corando assim.

— Suponho que ainda tenhamos pouco mais de uma hora antes de... Como se sente, amor? Parece que já apresenta uma ligeira hipotermia. — Pousou a mão no meu pescoço, preocupado.

— Estranha, mas nem tanto assim. Melhor acelerar o passo e cortar logo o bolo — propus, sentindo um fogo consumindo o peito, uma queimação nos dedos...

Apesar de ter virado para o outro lado, notei que ele não havia soltado o meu braço ainda, puxando-o novamente de volta ao seu encontro.

— Ainda não terminei — continuou ele, esboçando um sorriso ligeiramente divertido.

— O quê...?

— Olhe dentro dos meus olhos.

Obedeci, consciente do estremecimento que eles me causavam.

— Quero que você saiba que essa aliança no meu dedo significa muito para mim. Que pretendo fazer de tudo para que nunca se arrependa da decisão que tomou — declarou.

— Não vou me arrepender.

— Não aguento mais de tanta saudade... — sussurrou, quase sôfrego. Sua narina escorregou pela minha têmpora, procurando aplacar uma ânsia nova que se formava.

— Não estamos sozinhos — adverti, rindo.

— Dane-se — respondeu corajoso, buscando a minha boca com a dele. — Só quero beijar a minha esposa. Não faz a mínima ideia de como foi difícil ser obrigado a me conter lá em cima.

Seus lábios se perderam nos meus por uma fração de segundos, só que, ao invés de continuar, ele instantaneamente parou, parecendo refletir no que eu havia dito antes, sobre não estarmos sozinhos.

— Você tem razão. Eu me conheço, estou ansioso demais. Se eu começar agora, não vou conseguir parar — murmurou. — Não posso deixar que percebam a mudança na cor nos meus olhos, o estado febril... Venha, vamos nos despedir logo. — E saiu me arrastando pela mão.

Antes de ir embora, reparei olhares estranhos entre os meus pais. Bem, talvez mais dele do que dela, mas deixei que eles cuidassem das suas vidas para que pudesse seguir adiante com a minha. Mamãe já estava empregada e conseguindo manter a casa praticamente sozinha. Isso por si só era motivo suficiente para me deixar despreocupada, embora estivesse disposta a continuar fazendo uma contribuição mensal até que ela se sentisse segura.

O Juninho ficou uma graça de pajem, apesar de não usar uma roupinha muito adequada para tal. Mas quem se importava? Desde quando anjos precisavam de trajes especiais?

Pedi para que tirassem algumas fotos de recordação — as básicas, brindando diante do bolo com taças de champanhe — e saímos apressados pela porta da frente da casa, fugidos de uma chuva de arroz. Fomos direto para um hotel maravilhoso que ele escolheu pelo caminho, entrando vestidos daquela forma inusitada mesmo, sem nos incomodar em sermos observados pelas pessoas ali presentes.

Lá dentro, no saguão central, aquelas sensações esquisitas se intensificaram. Eu não conseguia mais ouvir os batimentos do meu coração. Meu corpo parecia congelar e endurecer, a gengiva doía com uma intensa pressão, mas estranhamente sentia a palma da mão aquecendo e a garganta começando a arder.

Richard ficou extremamente tenso quando, ao entrarmos no elevador, captou o modo como eu encarava uma guria que ficou me observando de frente. Sua mão apertava a minha com força, advertindo o tempo todo de que eu deveria suportar o cheiro atrativo que ela exalava.

Não vou dizer que isso não me incomodou.

Eu conseguia ouvir o barulho do bombear do seu coração, bem como o som do fluxo sanguíneo circulando nas suas artérias e o aroma incrivelmente doce. Só que a sede ainda não era o sentido que mais me perturbava naquele momento.

Ainda não.

Foi o próprio perfume dele o causador de toda aquela inquietação. E a presença da menina só acelerava a situação constrangedora, porque ela, mesmo sem se dar conta disso, impedia o meu instinto de fazer o que pedia. Eu queria chegar mais perto para inspirar o pescoço do meu marido, estava virando quase uma obsessão.

Richard, prevenido, trouxe na mala quatro bolsas do seu sangue predileto, temendo que eu atacasse algum hóspede.

Mal sabia ele quem era o verdadeiro alvo da minha aflição...

Antes mesmo de abrir a porta do quarto, diversos pensamentos latentes vieram à mente, embora totalmente perturbados pelo seu aroma. Senti a necessidade repentina de tirar a limpo algo que me deixou engasgada o dia todo.

Talvez fosse a hora de fazer uma vingancinha também.

— Amor, é melhor que se alimente logo — recomendou, retirando uma bolsa de sangue da mala juntamente com duas taças, assim que entramos na nossa suíte. — Estou ficando preocupado. Pensei que atacaria aquela pobre inocente! Eu devia ter esperado para fazer a sua transformação depois da nossa lua de mel, mas você surgiu com aquele bisturi na mão e acabei entrando em desespero na hora. Só de pensar que minutos depois a teria perdido... — Sacudiu a cabeça espantando a lembrança e, praticamente sem pensar, foi enchendo as taças na intenção clara de brindarmos romanticamente à nossa união.

— Exatamente. — Foi só o que consegui balbuciar diante daquela perturbação olfativa, ainda que não eu desse passo algum em direção ao meu alimento, suspenso em suas mãos ansiosas.

Ele obviamente estranhou meu comportamento, principalmente o modo como o observava, e, quase que instintivamente, deu um passo para trás.

— Stephanie? O que foi? Não quer brindar comigo? — desconfiou. — É a nossa noite de núpcias.

— Você me deixou sofrendo a tarde inteirinha — acusei-o, sentindo-me trêmula e o empurrando com uma das mãos.

— Não queria que você me visse daquele jeito. Fiquei preocupado com que a minha imagem a chocasse demais.

Richard recuou mais um passo e colocou as taças numa mesinha de cabeceira. A sua respiração foi se tornando claramente irregular.

— Mas estava melhorando e mesmo assim... — Fui chegando mais perto, em tom de intimidação.

Agora podia enxergá-lo com uma nitidez impressionante. Uau! Tremenda tela de cinema!

— Demorou um bocado e não tínhamos como saber se era algo puramente momentâneo. Não me olhe desse jeito, amor, o seu pai também concordou — justificou ele, e deu o seu último passo para trás, ficando preso na parede.

— Foi muita crueldade sua, sabia? Cheguei a pensar que você tinha morrido! — Segurei a sua camisa e dei um rasgão com força de cima a baixo, observando aquele peito másculo definido.

Caramba! Como não o havia notado dessa maneira antes?

— *Crueldade?* — estranhou novamente. — Não tive a intenção de fazê-la sofrer, juro. Só queria que fosse uma surpresa, aparecer inteiro para você, e não aos pedaços! — Seus olhos mudaram de cor, ficando negros como o breu.

— É, e demorou demais, portanto, merece o troco. — Pressionei-o ainda mais contra a parede. Minhas mãos pareciam soltar faíscas.

— O troco? Como assim? Stephanie, isso só pode ser efeito da transformação, da instabilidade de humor inicial. Sente alguma coisa anormal? — Começou a ofegar.

— Sim. Por quê? O meu marido ficou com medo? — desafiei-o com malícia e preendi os seus braços.

Impressionante.

A força que eu havia adquirido superava muito além das minhas expectativas. Talvez mais até do que *ele* esperasse.

— Não. É claro que não. Só estou... estranhando — mencionou aos tropeços, encurralado, enquanto eu inalava ferozmente o seu pescoço perfumado.

— Não vai se importar de provar do seu próprio veneno agora, vai? — Ameacei com o olhar fixo em sua boca.

Será que o gosto dela também mudou? Eu podia apostar que sim. Do jeito que ela me atraía...

— Veneno? Que veneno? — perguntou gemendo e febril. Ele parecia confuso.

E não era para menos. Se por um lado eu o intimidava com palavras, as ações transpareciam justamente o contrário, instigando o seu desejo ainda mais.

— Esse que você me passou! O que está fazendo comigo, Richard? — indaguei, ainda observando o movimento dos seus lábios.

Que quarto de hotel mais abafado! — pensei.

— Eu? Não fiz nada! Nem consigo me mexer... Você é que está quase me esmagando!

O que eu sentia não podia ser normal. Não era para a vampira recém-transformada congelar? Por que, afinal, tanto calor? Por que não conseguia mais desviar os olhos dele, como se estivesse enfeitiçada? Por que a minha mente embaralhava daquela forma, perdendo o raciocínio? Ele devia estar me hipnotizando, só podia ser.

Aliás, do que é que eu me vingava mesmo?

— Pare de me hipnotizar! Você disse que nunca faria! — reclamei.

— Stephanie, eu nunca fiz isso com você! Diga o que sente para eu tentar lhe ajudar!

— Eu estou queimando!

— Você...? — Seus olhos se arregalaram, surpresos. — Então isso significa que ... — Sorriu e continuou. — Está amando... e me desejando com a mesma intensidade que eu?

A minha paciência se esgotou, ele falava demais. Se eu não fizesse logo o que o meu novo instinto pedia, entraria em combustão espontânea.

Prendi, enfim, o seu rosto febril entre as minhas mãos em brasas e finalizei:

— Richard, cala a boca e me beija, não estou aguentando mais!

Mas não calou. Ele foi calado.

Só que dessa vez foi diferente. Dessa vez, havia a promessa de um “para sempre”.

**Dê uma espiada em Quando a Humanidade
Prevalece, a sequência da série Adeus à
Humanidade.**

Um

Ibiza, verão europeu.

Que delícia de sensação!

Já fazia algum tempo que eu não tinha o prazer de desfrutar esse vento marítimo soprando nos meus cabelos, assim como ouvir o som magnífico que o mar, em sua plenitude, podia me proporcionar.

Aquilo era uma verdadeira sinfonia para os meus ouvidos!

Só de olhar através daquela janela de hotel, cheguei a ficar impaciente para pôr os pés na areia fofa e sentir a suavidade dos grãos em contato com a água cristalina. Depois de tantos meses trabalhando sem interrupções, confesso que, intimamente, estava desejando uma pequena pausa para repor as energias.

É claro que, falando assim, ao pé da letra, até pareceria uma redundância.

Eu não precisava disso.

O cansaço e a indisposição foram palavras literalmente riscadas do meu dicionário. Se bem que muitas outras palavras tiveram o mesmo destino, depois que tracei a minha vida ao lado de Richard. Tal como ele, eu era uma vampira agora. E não havia me arrependido um único só dia da decisão tomada.

Tivemos que tentar nos adaptar aos inúmeros aspectos e percalços que a vida com os humanos nos trazia. Consegui plenamente entender o quão difícil deve ter sido para o meu marido conviver por tantos anos entre eles, lutando contra a sede e a exposição contínua.

E o que é pior: sozinho, numa época em que não existiam bancos de sangue disponíveis.

Isso me soava como uma dessas provas de resistência que constantemente aparecem na televisão, medindo até que ponto você é capaz de suportar sentir por 24 horas o aroma daquilo que foi seu pior vício e não saboreá-lo...

O século poderia até ter mudado, porém, mesmo com o passar do tempo, o pânico da repulsa e da desconfiança alheia era algo quase que impossível de ser evitado. As nossas antenas andavam sempre em alerta a qualquer mudança. Cada vez que uma pessoa mencionava com estranheza o aspecto da nossa cor sem viço ou da falta de apetite a olhos vistos, tínhamos que reformular todas as estratégias de convivência, buscando soluções mais viáveis e desculpas convincentes para que pudessemos continuar coexistindo.

Coisas relativamente simples, como observar o noticiário para saber a temperatura do dia, ajudava-nos muito, principalmente na hora de saber o que vestir, já que o nosso corpo não sentia essas variações facilmente. Quanto a esse aspecto, eu ainda era um bebê engatinhando, sem experiência alguma. E, talvez por isso mesmo, bem mais suscetível a ser descoberta.

No início, precisei de isolamento em tempo integral para não deixar que os meus novos instintos superassem a força de vontade. Foi um período bastante complexo. Determinados humanos exalavam um odor atraente demais, e, mesmo não disposta a sucumbir a tal tentação, os meus caninos faziam o grande favor de aparecer, crescendo sem a devida permissão.

O pior de tudo foi manter um distanciamento provisório da família e dos amigos. Só de pensar que eu poderia ferir alguém sem querer, não conseguia deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz.

Para conter a curiosidade de todos, não foi muito difícil para Richard inventar uma enfermidade que comprovasse a minha necessidade de ficar em casa de “repouso” ou que justificasse a palidez repentina. E, para confirmar, tivemos o apoio do meu pai.

Dentro desse contexto, considerava que o meu maior problema não se resumia apenas à sede permanente, mas a uma terrível inconstância de humor. A nova condição de vida trazia consigo, inicialmente, uma instabilidade de sentimentos e, com certeza, intensificava cada um deles à sua maneira, dependendo do momento. Não era incomum, numa hora de irritação, perder a calma e avançar ou quebrar alguma coisa. Poderia comparar a minha situação com a de um carro de motor turbinado: tinha o poder de acelerar de zero a duzentos em questão de segundos, bastava pisar fundo no pedal. Só que o perigo morava justamente aí. Quando isso acontecia, a força corpórea aumentava numa escala descomunal, e quem estivesse por perto poderia, por infelicidade, sofrer as terríveis consequências.

Resumindo: possuir um carro veloz seria o sonho de qualquer pessoa, mas será que ele teria um freio eficiente, capaz de parar a tempo e impedir uma tragédia?

Aprender a conter tamanho desequilíbrio se tornou, no meu ponto de vista, um dos maiores desafios a ser superado, e a única solução que encontrava para o meu desespero inicial era a reclusão no refúgio do nosso lar, caindo nos braços de Richard.

E isso por si só bastava.

Todo e qualquer acesso de raiva, angústia, dificuldade, desapontamento, medo... Enfim, tudo era anulado quando eu encontrava aqueles olhos azuis e o seu sorriso de felicidade estampado no rosto.

Richard teve comigo a paciência de um monge tibetano. Ele era o meu porto seguro, a paz no meio do caos, a razão da minha existência. Acredito que nenhum ser humano teria sido tão carinhoso e perseverante diante de tantos episódios de descontrole. Vivia de olhos bem abertos para evitar que qualquer erro meu fosse fatal para alguém. Na maioria das vezes, conseguia me dominar apenas com palavras doces. Entretanto, em outros momentos, usava de inteligência e perspicácia para frear os meus impulsos instáveis. A sua capacidade de me distrair dos pensamentos era extraordinária. Não havia um só dia em que ele não aparecesse com alguma novidade, seja lá ela qual fosse: filmes, músicas, jogos, livros, passeios a dois no meio da madrugada, atividades caseiras, flores, presentes...

... e beijos, muitos beijos.

O que mais me impressionou em tudo isso foi o fato de que, em momento algum, transparecera dar sinais de incompreensão. Muito pelo contrário: a cada degrau que eu subia em direção à autossuficiência, havia um brinde regado a carinhos e muitas palavras de incentivo.

Logo ele, que sempre fora classificado como irritado e exigente!

Naquele mesmo ano da minha transformação, saímos de São Paulo e viemos para o Rio de Janeiro. Encontramos uma casa discreta e providencialmente perto do hospital onde começamos a trabalhar.

Quer dizer, ele começou a trabalhar primeiro.

Somente quase dois anos depois, senti-me suficientemente apta a voltar às atividades, suportando o cheiro forte de sangue fresco que os pacientes exalavam. Foi até fácil demais para o meu marido conseguir o mesmo posto de chefia que possuía no outro hospital. Também pudera! O currículo dele era imbatível!

Como ele praticamente exigiu que eu fosse a sua auxiliar, trabalhávamos quase que o tempo inteiro juntos. Só houve uma pequena revolução no tipo de paciente que ele se propunha a tratar: crianças. Isso se deveu a uma constante observação da minha parte, pois notei, ao longo do tempo, como Richard se portava diferente diante delas, principalmente perto do meu irmão. Supus que talvez isso ocorresse pelo fato de ter sido filho único, ou, quem sabe, precisasse suprir de alguma forma a carência de não poder ser pai um dia. Também poderia ser uma simples vocação latente.

Enfim, dúvidas à parte, essa mudança foi perfeita, e o setor de hematologia infantil lucrou demais com

isso — os pais dessas crianças que o digam.

O caso é que nunca o vi trabalhar tão exultante. Tanto que, de vez em quando, o encontrava até assobiando ou cantarolando baixinho alguma música do seu tempo durante o serviço. E isso, francamente, para alguém como ele, que sempre manteve padrões rígidos na conduta profissional, era motivo para soltar fogos de artifício.

Eu também me sentia assim. Não só por gostar e ter paciência com crianças, mas também porque a felicidade dele completava a minha. Além do mais, fiquei tão acostumada a ter aquela convivência constante junto a elas que, quando estava em dias de folga, ficava saudosa daquele burburinho.

Na realidade, trabalhávamos mais por satisfação, agradecimento ou prazer pessoal do que por obrigação ou necessidade de pagar as contas. Digo isso porque Richard, por não ter tido muitos gastos ao longo do século, tudo o que fez foi unicamente acumular posses. E sua posição confortável, por incrível que pareça, também nunca teve a mínima importância para ele. Tal como acontecia comigo havia tempos, o dinheiro jamais conseguiu suprir o seu vazio. Tratava-se basicamente de uma maneira facilitadora de fuga num caso de necessidade. Tanto isso era verdade que levávamos o nosso cotidiano de uma forma bem básica, sem grandes apegos a bens materiais. E, como pude constatar por mim mesma, não havia bem maior do que o amor que encontrávamos um no outro.

Desde que casei e me mudei para o Rio, papai resolveu voltar de vez para o Brasil, montando um enorme laboratório e um centro de pesquisas na zona sul da cidade. Seu relacionamento com Janet naufragou de vez, e eu desconfiava que essa mudança repentina de país tivesse uma forte ligação com o trauma que ele sofreu, necessitando intimamente de maior convivência familiar, ou, o que é mais provável, que quisesse ficar mais perto da minha mãe, na esperança vã de que ela tivesse uma recaída.

Bem, se foi essa a intenção dele, só poderia lamentar. Ela continuava irreduzível. Dizia-se fechada para balanço por não conseguir esquecer o seu falecido marido. Tinha uma relação pacífica de amizade com o meu pai e ponto final, não passava disso. Para falar a verdade, suspeitava que ela nunca o tivesse realmente amado, apenas se sentiu segura, protegida com a presença dele. Afinal, quando a minha avó morreu, mamãe se viu sozinha e sem direção, enquanto ele já era um homem centrado, responsável e incondicionalmente apaixonado.

Em outras palavras: uma toca no meio da tempestade.

É claro que o meu pai não é burro e acabou percebendo que isso tudo não passava de um desejo impossível, desistindo de investir. Embora ficasse com certa dose de pena dele, não podia negar que a sua presença constante me deixava contente, além de ser o único humano consciente do nosso segredo.

Papai não era o único ser a nos visitar desde o início. Ava — a minha amiga e cunhada vampira — também me oferecia a sua companhia, amizade e dedicação incondicional, algo que foi muito importante para mim, principalmente nos horários em que Richard estava trabalhando no hospital e eu ainda não podia compartilhar. Ela sabia exatamente o que eu sentia, passou pelos mesmos problemas e ansiedades, o que me transmitia mais segurança.

Ava também sabia ser uma pessoa muito divertida quando queria. Gostava de curtir o momento e fazia amizades com muita facilidade, tanto que era bem comum vê-la saindo com os colegas do tribunal numa boa, como se fosse um deles. Justificava tranquilamente sua ausência de fome como “dieta para não engordar” e mandava ver.

Ocasionalmente, era necessário até controlar um pouco os seus excessos e brincadeiras. Se deixasse, fazia qualquer um ficar de cabelo em pé. Tirando suas habituais piadinhas, o que não me incomodavam de maneira alguma, resolveu, de vez em quando, pregar umas peças em mim ou em Richard. Quando o motivo da brincadeira era banal, tudo certo. Mas quando o assunto lá em casa envolvia a palavra *abandono*... a coisa literalmente mudava de figura.

Sentir-se sozinho, rejeitado ou abandonado não eram coisas muito fáceis de serem esquecidas pelo meu marido, ainda mais por ter ficado nessa condição por mais de um século. Levei um bom tempo até que Richard se mostrasse realmente seguro quanto à recíproca do meu amor, e, mesmo assim, ele foi afetado duas vezes por essa conversa para boi dormir de que eu o havia abandonado.

A primeira vez foi algo leve e logo no início do casamento, quando ainda morávamos em São Paulo.

Richard simplesmente chegou do trabalho e ouviu essa sandice contada pela Ava, enquanto eu permanecia lá mesmo, nos fundos da casa, retirando roupas do varal por receio de encharcá-las em decorrência de uma chuva repentina. Sabe quando as pessoas ficam tão nervosas com alguma coisa que não conseguem encontrar o que procuram, estando o objeto a um palmo do próprio nariz?

Pois bem, naquela época, foi exatamente o que aconteceu.

Ele sabia que eu ainda não tinha condições de sair sozinha na rua e, quando rodou pela parte interna da casa e não me encontrou, ficou mais alvo do que o costume, a ponto de não confiar no próprio olfato. Só não se alterou mais porque imediatamente após entrei na sala, distraída, trazendo a muda de roupa na mão. Ele acabou jogando as almofadas do sofá na irmã, tentando levar na brincadeira.

Tentando.

Por mais que se esforçasse em demonstrar o contrário, percebi que ele ficou abalado. Só que ela não.

A segunda vez aconteceu três anos depois, quando eu já estava trabalhando e residindo no Rio de Janeiro. Naquele dia, resolvi fazer um desses bota-fora no armário, recolhendo o que caiu em desuso numa mala para entregar numa igreja perto da casa da minha mãe e saindo em seguida para fazer algumas compras de despensa — eu sabia que receberia visitas em breve, pela proximidade do meu aniversário. O único problema foi que havia me esquecido de avisá-lo e, quando tentei da rua, seu celular não atendia. Como lembrei que Ava passaria lá em casa mais tarde, pedi a ela que fizesse esse favor para mim.

Pronto. Foi a deixa que ela queria.

Não sei exatamente o que ela disse para Richard ficar daquele jeito, embora desconfiasse que tivesse algo a ver com a mala que levei comigo. O caso é que, quando cheguei a nossa casa, ele estava visivelmente afetado. Tanto que dessa vez não digeriu bem a brincadeira e subiu as escadas, irritado, recolhendo-se ao quarto com discrição e sem se despedir da irmã.

Não gostei de vê-lo daquele jeito, então fui obrigada a intervir:

— Ava, sabe que a considero como uma irmã e que tenho uma enorme dívida de gratidão com você, mas gostaria de pedir que não fizesse mais esse tipo de brincadeira com o Richard.

— Stephanie, convenhamos! Como você mesma acabou de dizer, aquilo era uma brincadeira! Como é que um vampiro de mais de cem anos de idade pode acreditar num absurdo desses? Só mesmo o meu irmão! — reclamou.

— É um absurdo mesmo, reconheço. Só que para ele não é — revidei. — E você deveria saber disso mais do que eu, afinal, conhece o meu marido de outros carnavais.

— Pensei que, casando com uma vampira, ele fosse ao menos relaxar um pouco, mas pelo visto...

— Não relaxou? — esbocei surpresa. — Quando conheci o Richard, ele nem sorria, Ava. As enfermeiras todas queriam saber qual era a cor dos dentes dele e agora o figura trava até guerrinhas com o meu pai! Um fica implicando com o outro, fazendo palhaçadas o dia todo!

E isso era a pura verdade. Nunca pensei que eles fossem se dar tão bem. Tirando o fato de serem ambos hematologistas, o que inegavelmente os aproximava, a afinidade entre os dois era tamanha que havia horas em que pareciam até irmãos de verdade. Inclusive nas alfinetadas.

— O problema todo é esse assunto — emendei. — Por mais que tente negar, sinto que, lá no fundo, ele ainda tem um receiozinho de me perder, entende?

— Bah! — desdenhou. — Deve sentir essa insegurança boba porque o seu amor se iniciou enquanto você ainda era humana, e não vampira, como aconteceu com ele.

— E daí?

— E daí que, *teoricamente*, isso poderia significar que existe a possibilidade de você deixar de amá-lo um dia e até mesmo de se apaixonar por outra pessoa. Mas é uma completa loucura! Qualquer um vê que vocês foram feitos um para o outro...

— Nossa! Bota loucura nisso! — exclamei, surpresa com a revelação. — Mas quem sou eu para ficar criticando o meu marido? Também não posso falar nada — admiti.

— Só pode estar brincando! Você tem medo de que ele...? — Ela quase engasgou com a taça de sangue que havia acabado de oferecê-la. — E a contadora de anedotas aqui sou eu!

— Não tenho medo de ser abandonada — resolvi expressar melhor os meus pensamentos. — Para falar a verdade, não sei bem o motivo do meu receio. Só sei que ficar longe dele por muito tempo me deixa... sufocada. — Pus a mão no pescoço, simulando um enforcamento.

Não foi brincadeira. O que acabara de dizer também era a mais pura verdade.

Ocasionalmente, sentia uma sensação estranha, como se nunca mais fosse vê-lo, e, imediatamente após, batia a agonia. Quando isso acontecia, só conseguia ficar calma quando ele me envolvia em seus braços. Embora racionalmente soubesse que essa era uma situação praticamente impossível, emocionalmente isso me perturbava. Supus que pudesse ser ainda um efeito da minha instabilidade ou, quem sabe, o meu amor por ele tivesse crescido a tal ponto que já começasse a delirar.

— Agora entendi por que vocês dois se apaixonaram. São doidos. De pedra — zombou ela.

— Talvez tenha razão.

— E ainda concorda. Jesus, o caso é bem pior do que eu pensava! — zombou novamente. — Bem, ao menos, existe um lado positivo para você nisso tudo.

— Qual?

— Richard vai passar a vida inteira tentando conquistá-la para não correr esse risco — sussurrou maliciosa, piscando um olho.

— Hmm... É uma perspectiva bem interessante — concordei, animada com a ideia, buscando sem sucesso conter a vontade de rir, e acabamos fazendo isso juntas.

— Será que ele vai ficar muito chateado comigo? — perguntou ela, começando a se preocupar.

— Vou conversar com ele, pode deixar — prometi. — Mas se quiser brincar, por favor, invente outra coisa qualquer, menos isso!

Daí por diante, não tivemos mais problemas desse tipo, pelo menos nada que tivesse um grau de importância relevante ou que fosse capaz de desestabilizar a harmonia que foi instalada entre nós. A nossa vida fluiu plenamente feliz, reinventada e renovada a cada dia. Apenas de vez em quando ficávamos envolvidos demais com a quantidade absurda de pacientes mirins que surgiam no hospital e acabávamos sentindo necessidade de tirar uns dias de férias para nos dedicarmos um pouco mais um ao outro, em tempo integral.

E é exatamente por isso mesmo que viemos parar nesse balneário maravilhoso chamado Ibiza.

Sobre a autora:



Marcia Rubim é odontóloga e pós-graduada em odontogeriatría pela UFF – Niterói – RJ.

Dotada de múltiplos talentos no campo artístico - como a pintura, o desenho e o canto - , sempre adorou ler romances e histórias sobrenaturais. A paixão pela escrita veio mais tarde, e tornou-se um vício tamanho que resolveu, em conjunto com outras escritoras, formar um grupo literário – o Entre Linhas e Letras – com o objetivo de estimular nos jovens estudantes o prazer pela leitura.

Estreou em 2012 como escritora ao lançar o primeiro livro da série que tem o mesmo título – Adeus à Humanidade -, e com ele recebeu o prêmio Destaque Literário 2012 na categoria sobrenatural nacional, por voto público.

Saiba mais sobre a autora ou entre em contato:

e-mail: mrubim@predialnet.com.br

twitter: @marcia_rubim

Blog: <http://www.marcia-rubim.blogspot.com.br>

www.facebook.com/adeusahumanidade

<https://www.facebook.com/qhpserieadeusahumanidade>

Copyright © - Todos os direitos reservados. Qualquer cópia total ou parcial é proibida.